

**Alunos, famílias, escola e comunidade: sujeitos e mediações**  
**O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação**  
**intercultural**

Dissertação de Mestrado

Volume II

Patrícia Lopes Simões

Trabalho realizado sob a orientação de

Ana Maria de Sousa Neves Vieira, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do  
Instituto Politécnico de Leiria

Leiria, setembro 2016

Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

Patrícia Lopes Simões

**Alunos, famílias, escola e comunidade: sujeitos e mediações**  
**O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação**  
**intercultural**

Dissertação de Mestrado

Volume II - Apêndices e Anexos

Dissertação apresentada na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, para obtenção do grau de Mestre em Mediação Intercultural e Intervenção Social, sob orientação da Professora Doutora Ana Maria de Sousa Neves Vieira.

Leiria, setembro 2016

# ÍNDICE DE APÊNDICES E ANEXOS

<b>Índice de Apêndices e Anexos.....</b>	<b>ii</b>
<b>Acrónimos, Códigos, Siglas e Abreviaturas .....</b>	<b>v</b>
<b>Apêndices.....</b>	<b>7</b>
<b>Apêndice A - Trabalho de campo no Agrupamento de Escolas do Oeste .....</b>	<b>9</b>
<b>A.1. Guiões das Entrevistas .....</b>	<b>11</b>
A.1.1. Alunos.....	13
A.1.2. Pais.....	19
A.1.3. Técnicos.....	25
A.1.4. Professores.....	31
A.1.5. Diretor.....	37
A.1.6. Comunidade.....	43
<b>A.2. Transcrições das Entrevistas .....</b>	<b>49</b>
A.2.1. Aluno 1 .....	51
A.2.2. Aluna 2 .....	69
A.2.3. Aluna 3 .....	79
A.2.4. Pai 1 .....	91
A.2.5. Pai 2 .....	97
A.2.6. Mãe 3 .....	107
A.2.7. Técnico de Serviço Social do GAAF.....	113
A.2.8. Psicóloga do GAAF.....	135
A.2.9. Professora 1 – Titular de Turma do 1.º Ciclo .....	149
A.2.10. Professora 2 – Diretora de Turma/ Coordenadora do TEIP .....	161
A.2.11. Professora 3 – Coordenadora do Ensino Especial .....	185
A.2.12. Diretor do Agrupamento.....	197

A.2.13. Presidente da CPCJ.....	217
A.2.14. Enfermeira Coordenadora da UCC.....	233
A.2.15. Psicóloga Coordenadora de Projeto Escolhas.....	245
<b>A.3. Sinopses das Entrevistas .....</b>	<b>263</b>
A.3.1. Aluno 1 .....	265
A.3.2. Aluna 2 .....	269
A.3.3. Aluna 3 .....	273
A.3.4. Pai 1 .....	277
A.3.5. Pai 2 .....	281
A.3.6. Mãe 3 .....	285
A.3.7. Técnico de Serviço Social do GAAF.....	289
A.3.8. Psicóloga do GAAF.....	295
A.3.9. Professora 1 – Titular de Turma do 1.º Ciclo .....	303
A.3.10. Professora 2 – Diretora de Turma/ Coordenadora do TEIP .....	309
A.3.11. Professora 3 – Coordenadora do Ensino Especial .....	317
A.3.12. Diretor do Agrupamento.....	323
A.3.13. Presidente da CPCJ.....	331
A.3.14. Enfermeira Coordenadora da UCC.....	337
A.3.15. Coordenadora de Projeto “Escolhas”.....	341
<b>Anexos.....</b>	<b>349</b>
<b>Anexo 1 – Legislação .....</b>	<b>351</b>
1.1. Despacho n.º 147-B/ME/96 - Diário da República n.º 177/1996, Série II de 1996-08-01, Ministério da Educação: define os critérios TEIP .....	353
1.2. Despacho n.º 8065/2009 - Diário da República, 2.ª série — N.º 56 — 20 de Março de 2009, Ministério da Educação: cria o TEIP 2 .....	355
1.3. Despacho Normativo n.º 20/2012 - Diário da República, 2.ª série — N.º 192 — 3 de outubro de 2012, Ministério da Educação: cria o TEIP 3.....	357

## ACRÓNIMOS, CÓDIGOS, SIGLAS E ABREVIATURAS

**AEC** – Atividades de Enriquecimento Curricular

**CEF** – Cursos de Educação e Formação

**CEI** – Currículo Específico Individual

**CERCI** – Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados

**CPCJ** – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

**CRI** – Centro de Recursos para a Inclusão

**ELI** – Equipa Local de Intervenção

**GAAF** – Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família

**GPS** – Gestão de Proximidade para a Sustentabilidade

**PES** – Programa de Educação para a Saúde

**PCA** – Percursos Curriculares Alternativos

**TEIP** – Território Educativo de Intervenção Prioritária

**UCC** – Unidade de Cuidados na Comunidade



## **APÊNDICES**

---



## **APÊNDICE A**

### Trabalho de campo no Agrupamento de Escolas do Oeste<sup>1</sup>

---

---

<sup>1</sup> Optámos por atribuir um nome fictício ao Agrupamento.



## **A.1. GUIÕES DAS ENTREVISTAS**

---



## **A.1.1. ALUNOS**

---



## **Tópico I (“Quebra-gelo”)**

### **Gostos/ interesses do(a) aluno(a)**

#### **Objetivos:**

- a) Criar um ambiente propício a uma “entrevista como conversa”.
- b) Fomentar a confiança e a espontaneidade do entrevistado.
- d) Captar alguns traços da identidade e da personalidade do entrevistado.

#### **Questões indutoras:**

##### **1. Gostos/ interesses**

**1.1. Identificação**

**1.2. Justificação**

**1.3. Exploração**

#### **Observações:**

## Tópico II

### Representações dos Alunos sobre o Agrupamento

#### Objetivos:

- a) Conhecer a opinião dos Alunos sobre o Agrupamento.
- b) Compreender as (in)satisfações dos Alunos face ao seu percurso no Agrupamento.

#### Questões indutoras:

##### 1. Caracterização da Escola

1.1. Pontos fortes

1.2. Pontos fracos

1.3. Sugestões de melhoria

(instalações, funcionários, professores,  
técnicos, colegas, aulas, gabinetes...)

#### Observações:

### Tópico III

#### O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural

##### Objetivos:

- a) Conhecer as representações que os Alunos têm sobre o GAAF.
- b) Perceber em que medida o GAAF é entendido como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural.

##### 1. Encaminhamento para o GAAF.

###### 1.1. Sentimentos e expectativas

##### 2. Relação com o GAAF.

###### 2.1. Técnicos

##### 3. Avaliação do acompanhamento.

###### 3.1. Pontos fortes

###### 3.2. Pontos fracos

###### 3.3. Sugestões de melhoria

##### Observações:

##### Dados pessoais

Nome:

Idade:

Ano escolar:

Tempo de acompanhamento pelo GAAF:



## **A.1.2. PAIS**

---



## **Tópico I (“Quebra-gelo”)**

### **Apresentação do(a) filho(a) e caracterização da relação de ambos**

#### **Objetivos:**

- a) Criar um ambiente propício a uma “entrevista como conversa”.
- b) Fomentar a confiança e a espontaneidade do entrevistado.
- d) Captar alguns traços da identidade e da personalidade do entrevistado.

#### **Questões indutoras:**

##### **1. Apresentação do(a) filho(a)**

**1.1. Qualidades**

**1.2. Defeitos**

##### **2. Caracterização da relação**

**2.1. Pontos fortes**

**2.2. Pontos fracos/ dificuldades**

**2.3. Desafios**

#### **Observações:**

## Tópico II

### Representações dos Pais sobre o Agrupamento de Escolas do Oeste

#### Objetivos:

- a) Entender as motivações dos Pais pela preferência do Agrupamento.
- b) Conhecer a opinião dos Pais sobre o Agrupamento.
- c) Compreender as (in)satisfações dos Pais face ao percurso do(a) filho(a) no Agrupamento.
- d) Contribuir para a reflexão dos Pais sobre o percurso escolar e educativo do(a) filho(a).

#### Questões indutoras:

1. **Motivações na preferência**
2. **Percurso escolar e educativo**
3. **(In)Satisfações**

#### Observações:

### Tópico III

## O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural

### Objetivos:

- a) Conhecer as representações que os Pais têm sobre o GAAF.
- b) Perceber em que medida o GAAF é entendido como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural.

### Questões indutoras:

#### 1. Conhecimento do GAAF.

- 1.1. Contextualização (descrição da situação/ encaminhamento do(a) filho(a))

#### 2. Relação com o GAAF.

- 2.1. Contactos (diálogo, acompanhamento, confiança...)

#### 3. Avaliação do acompanhamento

- 3.1. Pontos fortes/ sucessos
- 3.2. Pontos fracos/ insucessos
- 3.3. Desafios
- 3.4. Sugestões de melhoria

### Observações:

### Dados pessoais

Nome:

Idade:

Formação:

Profissão:

Idade e ano escolar do(a) filho(a):



### **A.1.3. TÉCNICOS**

---



## **Tópico I (“Quebra-gelo”)**

### **Apresentação do GAAF**

#### **Objetivos:**

- a) Criar um ambiente propício a uma “entrevista como conversa”.
- b) Fomentar a confiança e a espontaneidade do entrevistado.
- c) Conhecer o GAAF na ótica do(s) seu(s) Técnico(s).
- d) Captar alguns traços da identidade e da personalidade do entrevistado.

#### **Questões indutoras:**

##### **1. Apresentação do GAAF.**

- 1.1. Contextualização da sua criação
- 1.2. Missão e objetivos
- 1.3. Pontos fortes
- 1.4. Pontos fracos
- 1.5. Ameaças
- 1.6. Oportunidades

#### **Observações:**

## Tópico II

### Reflexão sobre o exercício da atividade enquanto técnico do GAAF

#### Objetivos:

- a) Conhecer as motivações do(s) técnico(s) do GAAF.
- b) Entender as (in)satisfações do(s) técnico(s) do GAAF.
- c) Compreender os desafios inerentes às funções do(s) técnico(s) do GAAF.
- d) Contribuir para a reflexão sobre o exercício da atividade enquanto técnico do GAAF.

#### Questões indutoras:

1. Motivações
2. (In)Satisfações
3. Desafios
4. Perfil do bom técnico
  - 4.1. Qualidades
  - 4.2. Competências

#### Observações:

### Tópico III

#### O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural

##### Objetivos:

- a) Conhecer casos/ exemplos concretos de (in)sucessos acompanhados pelo GAAF.
- b) Perceber em que medida o GAAF é entendido como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural.

##### Questões indutoras:

1. Promoção do **diálogo** entre a família, a escola e a comunidade (transformações/ sucessos/ boas práticas...).
2. **Prevenção** de situações de risco (abandono, absentismo, violência...).
3. **Inclusão** escolar e social.
4. Gestão da **diversidade**.
5. O GAAF: **sucessos e insucessos** (casos/ exemplos...).

##### Observações:

##### Dados pessoais

Nome:

Idade:

Formação:

Tempo de serviço no cargo atual:



## **A.1.4. PROFESSORES**

---



## **Tópico 1 - “Quebra-gelo”**

### **Caraterização da atividade de Professor**

#### **Objetivos:**

- a) Criar um ambiente propício a uma “entrevista como conversa”.
- b) Fomentar a confiança e a espontaneidade do entrevistado.
- d) Captar alguns traços da identidade e da personalidade do entrevistado.

#### **Questões indutoras**

##### **1. Perfil do bom Professor**

1.1. Qualidades/ competências

##### **2. Desafios ao exercício da profissão**

2.1. Motivações

2.2. (In)satisfações

##### **3. Caraterização do Agrupamento**

1.1. Pontos fortes

1.2. Pontos fracos

1.3. Ameaças

1.4. Oportunidades

#### **Observações:**

## **Tópico II**

### **Representações dos professores sobre o G.A.A.F.**

#### **Objetivos:**

- a) Conhecer as representações sociais dos professores sobre o GAAF.

#### **Questões indutoras:**

- 1. O trabalho com o GAAF.**
  - 1.1. Caracterização
  - 1.2. Articulação
  - 1.3. Sinergias
  - 1.4. Dificuldades
  - 1.5. Desafios

#### **Observações:**

### Tópico III

#### O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural

##### Objetivos:

- a) Perceber em que medida o GAAF é entendido como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural.

##### Questões indutoras:

#### 1. (In)Sucessos (casos/ exemplos)

1.1. Promoção do **diálogo** entre a família, a escola e a comunidade.

1.2. **Prevenção** de situações de risco (abandono, absentismo, violência...).

1.3. **Inclusão** escolar e social.

1.4. Gestão da **diversidade**.

##### Observações:

#### Dados pessoais

Nome:

Idade:

Formação:

Tempo de serviço no cargo atual:



## **A.1.5. DIRETOR**

---



## **Tópico 1 - “Quebra-gelo”**

### **Caraterização do Agrupamento e do seu Diretor**

#### **Objetivos:**

- a) Criar um ambiente propício a uma “entrevista como conversa”.
- b) Fomentar a confiança e a espontaneidade do entrevistado.
- c) Conhecer a caraterização do Agrupamento na ótica do seu Diretor.

#### **Questões indutoras:**

##### **1. Apresentação do Agrupamento**

- 1.1. Pontos fortes
- 1.2. Pontos fracos
- 1.3. Ameaças
- 1.4. Oportunidades

##### **2. Perfil do bom Diretor**

- 2.1. Qualidades/ competências

##### **3. Desafios ao exercício do cargo**

- 3.1. Motivações
- 3.2. (In)satisfações

#### **Observações:**

## Tópico II

### Representações sociais do Diretor do Agrupamento sobre o GAAF

#### Objetivos:

- a) Conhecer as representações sociais que o Diretor do Agrupamento tem sobre o GAAF.
- b) Entender, do ponto de vista do Diretor do Agrupamento, a missão e os objetivos do GAAF junto do aluno, da família e da escola.
- c) Compreender a opinião do Diretor do Agrupamento relativamente à equipa que compõe o GAAF.

#### Questões indutoras:

#### 4. Importância do GAAF no Agrupamento.

1.1. Contextualização  
(motivações/ razões) para a criação do Gabinete

1.2. Missão e objetivos  
(desafios, dificuldades, durabilidade do projeto...)

#### 2. Equipa técnica do GAAF.

2.1. Composição/ quantidade/ formação

2.2. Recrutamento/ vínculo/ sustentabilidade

2.3. Articulação com os professores

#### Observações:

### Tópico III

#### O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural

##### Objetivos:

- a) Perceber em que medida o GAAF é entendido como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural.

##### Questões indutoras:

1. Promoção do **diálogo** entre a família, a escola e a comunidade (transformações/ sucessos/ boas práticas...).
2. **Prevenção** de situações de risco (abandono, absentismo, violência...).
3. **Inclusão** escolar e social.
4. Gestão da **diversidade**.
5. O GAAF: **sucessos e insucessos** (casos/ exemplos...).

##### Observações:

##### Dados pessoais

Nome:

Idade:

Formação:

Tempo de serviço no cargo atual:



## **A.1.6. COMUNIDADE**

---



## **Tópico I (“Quebra-gelo”)**

### **Apresentação do serviço/ instituição/ projeto que representa**

#### **Objetivos:**

- a) Criar um ambiente propício a uma “entrevista como conversa”.
- b) Fomentar a confiança e a espontaneidade do entrevistado.
- c) Captar alguns traços da identidade e da personalidade do entrevistado.
- d) Conhecer a rede de parceiros do GAAF do Agrupamento.
- e) Compreender o contexto social em que se insere o GAAF do Agrupamento.

#### **Questões indutoras:**

##### **1. Apresentação do serviço/ instituição/ projeto**

- 1.1. Identificação
- 1.2. Justificação da sua criação
- 1.3. Importância para a  
comunidade
- 1.4. Desafios

#### **Observações:**

## **Tópico II**

### **Representações dos parceiros da comunidade sobre o GAAF**

#### **Objetivos:**

- a) Conhecer as representações sociais dos parceiros da comunidade sobre o GAAF.

#### **Questões indutoras:**

##### **1. O trabalho com o GAAF.**

**1.1.** Caraterização

**1.2.** Articulação

**1.3.** Sinergias

**1.4.** Dificuldades

**1.5.** Desafios

#### **Observações:**

### Tópico III

## O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural

#### Objetivos:

- a) Conhecer as representações sociais dos parceiros da comunidade sobre o GAAF.
- b) Perceber em que medida o GAAF é entendido como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural.

#### Questões indutoras:

##### 1. (In)Sucessos (casos/ exemplos)

1.1. Promoção do **diálogo** entre a família, a escola e a comunidade.

1.2. **Prevenção** de situações de risco (abandono, absentismo, violência...).

1.3. **Inclusão** escolar e social.

#### Observações:

#### Dados pessoais

Nome:

Idade:

Formação:

Funções desempenhadas na instituição:



## **A.2. TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS**

---



**A.2.1. ALUNO 1**

---



## **Transcrição da entrevista**

### **Aluno 1 – Lázaro<sup>2</sup>, de 17 anos, etnia cigana**

**Data:** 8 de julho de 2015

**Local:** CERCI (parceiro do Agrupamento)

**Investigadora (Inv) – Boa tarde! Estamos aqui reunidos com um ex-aluno da Escola, que neste momento tem 17 anos e com quem vamos tentar manter uma conversa sobre o percurso que teve até então. Eu vou passar a palavra.**

**Olá, boa tarde! Como estás? Tudo bem? Bem-disposto?**

**Lázaro (L) – Boa tarde! Sim.**

**Inv – Olha, eu vou começar por te pedir que me falasses um bocadinho de ti, o que é que tu gostas de fazer no dia a dia, quais são os teus interesses...**

**L – Ora bem, o que eu gosto mais de fazer... é na área de desenho... o meu ponto forte é a área de desenho. O que eu queria ser era designer, qualquer coisa relacionada com o desenho... Só que tive uns azares e só fiz o sétimo. Depois, estive a trabalhar no verão...**

**Inv – Espera lá, já lá vamos. Eu sei que tiveste uma experiência de um estágio, no verão... um projeto... Antes disso, há alguma coisa de que tu não gostes de fazer no teu dia a dia?**

**L – Não sei...**

**Inv – Vamos voltar ao desenho, como é que surgiu esse gosto pelo desenho?**

---

<sup>2</sup> Nome fictício. Por uma questão metodológica, optámos por não identificar os entrevistados pelos nomes verdadeiros.

**L** – Acho que tinha 6 anos, por aí... eu não sabia que sabia desenhar. Quem disse que eu sabia desenhar foi o meu pai.

**Inv** – **Como é que ele percebeu esse teu dom?**

**L** – Eu não tinha percebido que sabia desenhar... olhei para um desenho e copieei-o, à vista... o meu ponto forte é desenhar à vista.

**Inv** – **Consegues captar os traços?**

**L** – Sim e tinha 6 anos... desenhei, o meu pai olhou para aquilo e ficou surpreso, foi uma surpresa para ele. E ele disse-me que eu sabia desenhar. Fiquei “naquela”, não sabia se era mesmo ou se não era. Depois, com o tempo, lá na escola onde eu andava...

**Inv** – **Deixa-me só interromper-te, peço desculpa... e esse elogio da parte do teu pai foi motivador para tu continuares?**

**L** – Sim. Por acaso foi aí que eu soube...

**Inv** – **Que deste o salto para perceber que tinhas essa capacidade.**

**L** – Lá na escola, todos me conheciam pelo rapaz que sabia desenhar. Fazia vários desenhos, mas as professoras tiravam-me os desenhos, já nunca mais os via.

**Inv** – **Se calhar, eram muito bons e elas queriam ficar com eles... será que é isso?**

**L** – Tenho ali vários desenhos, ainda... fazia fotos.

**Inv** – **Retratos... tanto te interessam as pessoas como as paisagens, ou é indiferente?**

**L** – É conforme eu estiver.

**Inv** – **A tua inspiração... olha, falaste agora na escola - e ainda bem que falaste nesse assunto – porque eu gostava de saber como é que foi o teu percurso na escola, desde que te lembras até ao momento em que saíste da escola. Conta-me lá tudo.**

**L** – Ora, tinha eu 7 anos quando fui para o primeiro ano. Não consegui entrar mais cedo, porque os meus pais disseram que não tinha vaga. Eu era muito agarrado ao pai e à mãe e chumbei por faltas, no primeiro ano.

**Inv – E porquê? Por que é que dizes isso, que eras agarrado ao pai e à mãe e chumbaste por faltas?**

L – Como é que eu hei de dizer... eu fui habituado assim, com o meu pai e com a minha mãe...

**Inv – Tens mais irmãos ou és filho único?**

L – Tenho mais irmãos, mas eu era o segundo mais velho. Como sou um rapaz, na etnia é...

**Inv – É considerado o mais velho, o homem... a tua irmã mais velha é uma rapariga... na vossa comunidade, o rapaz é aquele...**

L – É aquele que é a cabeça da casa, pronto.

**Inv – Então, eras o menino querido do pai e da mãe... e és o único rapaz da família?**

L – Não, tenho um irmão mais novo. Vai fazer 15.

**Inv – E como é a vossa relação de irmãos?**

L – É entre irmãos, é normal... é uma relação tipo está bem como está mal, mas não deixamos de estar bem.

**Inv – E tu tens assim alguma preocupação em relação ao teu irmão mais novo... que ele siga algum caminho... preocupas-te... ele estuda?**

L – Sim, ele estuda. Está aqui na Escola.

**Inv – Se calhar, até o conheço de vista...**

L – É o Vítor...

**Inv – Devo conhecer, devo... ele está em que ano?**

L – Está no quinto. Ele não é assim muito interessado pela escola.

**Inv – E por que é que tu achas que ele não é muito interessado? O que é que falta para ele ter mais interesse pela escola?**

L – Não sei... ele adapta-se bem à escola, mas as companhias estragam-no.

**Inv – Ele é influenciável?**

L – É... por aí...

**Inv – E a relação com a tua irmã mais velha, como é que funciona?**

L – É a irmã de quem eu gosto mais, pronto... ajudou-me mais... dou-me melhor com ela do que com o meu irmão.

**Inv – Pensei que era ao contrário, que te desses melhor...**

L – Quando ela era mais nova, quando tinha 12 ou 13 anos, não me dava tão bem com ela, mas agora, que está mais velha, já me dou melhor com ela.

**Inv – Pois... ela entretanto já casou?**

L – Já casou.

**Inv – Já fez a vida dela. E continuam a morar perto uns dos outros?**

L – Sim.

**Inv – O que facilita bastante a relação...**

L – Sim, também...

**Inv – E depois ainda tens uma irmã mais nova, é isso?**

L – Tenho. Vai fazer 13 anos.

**Inv – E também anda na escola?**

L – Anda. Passou para o sexto.

**Inv – Se calhar, também devo conhecer...**

L – É a Barbara.

**Inv – Ah, sim, sim... é uma loirinha?**

L – Sim.

**Inv – Então, já sei quem é. Chama a atenção por ser loirinha e bonita.**

L – Depois, ainda tenho outra. Passou agora para o quinto.

**Inv – Também lá, na escola.**

L – Sim.

**Inv – Mas, se passou agora, ainda não a conheço, que eu só lá estou desde setembro.**

L – Ela passou este ano para o quinto. Ainda não entrou na escola (sede do Agrupamento).

**Inv – E como é a vossa família, a vossa relação, assim, entre todos?**

L – É boa... tem sempre aquelas coisas, como é habitual.

**Inv – Estavas a contar-me da tua entrada na escola, que sempre foste um menino apegado aos pais e, por isso, faltavas muito, no primeiro ano...**

L – Foi, no primeiro ano chumbei.

**Inv – Mas, o que é que te desgostou mais, quando chegaste à escola? Foi o ambiente, foi a maneira de ensinar... como é que foi?**

L – Eu não estava habituado àquele ambiente.

**Inv – Não tinhas feito pré-escola, não tinhas andado na escola antes de entrares para o primeiro ano?**

L – Sim, tinha. E foi cá. Depois, é que fui para lá. Eu não era de cá. Depois, fui para o primeiro ano e chumbei. Entretanto, no outro ano, fui para o primeiro, passei para o segundo, para o terceiro, para o quarto e passei para o quinto. No quinto, houve um... por acaso, a minha irmã era muito nova para casar, o meu pai não quis que ela casasse...

**Inv – Muito nova para casar é que idade?**

L – Ela queria casar, tinha 13 anos.

**Inv – E era com alguém da comunidade?**

L – Sim, era. Mas era muito nova para casar, ainda.

**Inv – O que é que consideras ser uma idade boa para se casar?**

L – Sei lá... para aí 17, já tem mais...

**Inv – Mas para rapariga... e se for rapaz, com que idade está apto?**

L – Aí 18, 19... o rapaz é mais tarde...

**Inv – Mais tarde, um bocadinho... Entretanto, estavas a dizer que chegaste ao quinto ano...**

L – Estive dois meses, por aí, ao pé de uns tios meus, em Aveiro... por causa da minha irmã, para ver se esquecia aquilo, mas não valeu de nada. Chumbei o ano, depois, vim para cá, passar férias. E nessas férias, aí, a minha irmã casou. Casou com 14. Era muito nova, mas como ela estava sempre a chorar, gostava muito dele...

**Inv – E quem é que tomou essa decisão? Partiu da parte do teu pai ou da família?**

L – Sim... isso é tudo... se estiverem de acordo, tanto ele, como a minha mãe, aí...

**Inv – Deixam que a filha dê esse passo.**

L – Então, casou. Estivemos cá de férias e... pronto, aconteceu um percalço... o meu pai teve no hospital... e eu estive na escola, foi aí que eu fiquei cá... porque nós só tínhamos vindo passar férias, mas tivemos de ficar... estive oito meses no hospital, em coma... e eu chumbei outra vez. Depois, no outro ano, que ele faleceu, eu fiquei de preto, mas entrei na escola. No primeiro dia, pus na cabeça “Este ano, vou passar”.

**Inv – O que é que te deu essa força?**

L – Sei lá... as cenas da vida... as coisas da vida... “este ano, vou passar” e passei, do quinto para o sexto e do sexto para o sétimo. Então, no sétimo...

**Inv – E antes de chegares ao sétimo, deixa-me aí explorar um bocadinho esse quinto e sexto ano... como é que foi a entrada numa escola maior?**

L – Não, a minha era ainda maior do que esta.

**Inv – Então, como é que foi essa transição? O que é que tu sentiste quando chegaste aqui e conheceste a Escola?**

L – Achei-a pequenina...

**Inv – E que diferenças é que notaste, para melhor e para pior?**

L – Não estava habituado a esta relação com as pessoas de Peniche, não estava habituado...

**C Inv – Como é que são as pessoas daqui, para ti? Conta-me lá, porque eu também não sou de cá... tenho uma opinião suspeita...**

L – É estranho... não me adapto muito às pessoas daqui.

**Inv – Mas estás a falar só da comunidade ou de todas as outras comunidades, chamemos-lhe assim...**

L – Não, estamos a falar da comunidade... porque eu, quando vim para cá, não os conhecia, só conhecia o sogro da minha irmã e o meu tio mais velho.

**Inv – Ah, então, a família do marido da tua irmã é que é daqui...**

L – Sim... A minha mãe esteve cá, quando eu era pequeno, mas...

**Inv – Tiveram outro percurso...**

L – Tivemos... fomos habituados ao lado do meu pai... estivemos cá e estive cá na escola. Quando entrei para o quinto ano, disse que ia passar e passei do quinto para o sexto e do sexto para o sétimo.

**Inv – Como é que foi a turma, sentiste-te bem na turma?**

L – Sim, gostei da turma. Até me dava bem com eles todos. Mas, normalmente, quando nos damos bem com os colegas todos, é uma algazarra... certo? Comportam-se todos mal. Mas eu não me portava mal, era um dos que se portava melhor. Era eu e um colega meu. Éramos os melhores da turma.

**Inv – Tanto em bons resultados como em comportamento?**

L – Em comportamento. Em resultados, eu não era lá muito bom...

**Inv – Onde é que sentias mais dificuldade, em que disciplina?**

L – Eu não sentia dificuldades, que eu apanhava tudo nas aulas... A coisa é que eu nunca fui virado para a cena do estudo...

**Inv – E os testes, se calhar...**

L – Eram razoáveis... Também tinha aquela coisa de faltar... faltar ou tipo chegar 10 minutos, 15 minutos atrasado... era a questão do levantar...

**Inv – Estavas a contar que entretanto chegaste ao sétimo ano, mas passou-se alguma coisa... pelo teu sorriso...**

L – [risos] Normalmente, nessas idades... tem de haver sempre alguém...

**Inv – Ah, já percebi... questões de coração...**

L – Mais ou menos... foi por causa disso que chumbei.

**Inv – E, entretanto, como é que tu conhecestes o GAAF, o Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família? Através de quem... em que contexto... recordas-te?**

L – Não me lembro bem, mas acho que estava na biblioteca... não sei quem é que me chamou, para falar comigo qualquer coisa... se precisava de ajuda da escola... acho que foi isso. Eu disse que não. Depois conheci o stor (técnico Luís), que estava sempre a falar comigo, queria que eu fosse sempre lá, se eu tivesse alguma dificuldade nas aulas, nalguma disciplina... para ir lá e ele ajudava-me.

**Inv – E tu foste logo à primeira?**

L – Não, eu podia ir lá de vez em quando...

**Inv – Aceitaste bem essa ajuda?**

L – Sim, mas eu não tinha dificuldades nenhuma...

**Inv – Não sentias dificuldades, por isso, não procuravas tanto o Gabinete. E depois, como é que evoluiu?**

L – Sim, eu só lá ia quando o stor me chamava.

**Inv – Por vontade própria, não era tão frequente.**

**L** – Sim, não era tão frequente. O stor é que dizia “Olha, logo, às 3h”. Era pontual. Punha lá a música na boa... e o stor chamava-me...

**Inv** – **Explica-me lá essa parte... às 3h, havia música no pátio, não era?**

**L** – Sempre havia música.

**Inv** – **Qual é que é a tua opinião acerca dessa situação? Gostavas?**

**L** – Gosto dessa ideia.

**Inv** – **Porquê? O que é que sentias quando chegava esse intervalo da música?**

**L** – Acho que aquilo era mais animador... era diferente, o ambiente... mudava muita coisa.

**Inv** – **E, entretanto, como é que evoluiu a relação com esse stor, que eu sei que é o técnico Luís?**

**L** – Sim, estava-me a dar muito bem com ele. Ele falou-me de uma... da questão se poderia ou queria estar relacionado a um projeto no verão. E eu perguntei o que é que era, o que não era... ele explicou-me as coisas. Eu, depois, tive férias. Já estava combinado quando era. Ele disse que quando começasse ia ligar-me um dia ou dois antes. Depois, fui para ao pé do meu avô, estar lá de férias, um tempo, enquanto o stor não me ligava. Estive lá duas ou três semanas...

**Inv** – **E foi aqui, no concelho, as férias com o avô?**

**L** – Não, para lá de Lisboa... Ligou-me, disse ao meu tio que tinha de ir trabalhar e o meu tio trouxe-me logo no outro dia.

**Inv** – **Como é que foi a reação do teu tio? Ficou feliz?**

**L** – Sim, ficou contente.

**Inv** – **Deram-te força ou nem por isso?**

**L** – Sim, eles queriam... porque eles não são tipo... eles querem tipo mais, não se contentam com pouco.

**Inv** – **E achas que isso é positivo?**

L – Sim, acho que é positivo. Nós devemos querer sempre mais e mais. Vim para cá...

**Inv – E começaste, então, esse projeto. Consistia em quê? Conta-me lá o que fazias.**

L – As duas primeiras semanas era qualquer coisa do ATL... acompanhar as crianças para a praia, pôr protetor... e irem à água... quem não fosse à água, dos miúdos, tinha de tomar conta deles.

**Inv – Gostaste da experiência de praia, de acompanhar as crianças, nas atividades? Tu tens irmãos mais novos, se calhar, não te foi muito difícil essa tarefa.**

L – Sim. Era das duas às cinco. Depois, na outra semana... ah... foi o projeto de livro...

**Inv – Da Feira do Livro. O que é que fazias lá?**

L – Tínhamos de acartar caixas da escola para a associação recreativa... Entrava, de vez em quando, para fazer turnos... entrava às nove da manhã e saía ao meio-dia, entrava às duas e saía às cinco, entrava às oito e saía à meia-noite.

**Inv – Eram turnos rígidos.**

L – Sim, mas eu estava sempre lá. Eu, até, de vez em quando, pedia ao stor para ver se podia fazer horas extra, para não estar tanto tempo sem fazer nada. Assim, estava ocupado a fazer alguma coisa. Depois, acabou essa feira... antes de acabar, tivemos de organizar livros, por datas, por editores, muita coisa... tinha, depois, de separar os títulos... a gente saía de lá cansado, exausto.

**Inv – Mas ficaste um especialista em livros, já estou a ver... editoras, autores...**

L – Sim... depois, tivemos de enfeitar as mesas para pôr os livros. Quando acabou a feira, tivemos de recolher aquilo tudo.

**Inv – Qual foi o balanço que fazes dessas semanas em que estiveste no projeto?**

L – O projeto ainda não tinha acabado aí...

**Inv – Ah, então continua... peço desculpas por ter interrompido.**

L – Mais duas ou três semanas, foi o projeto da praia, em que tínhamos de fazer jogos na praia... eu não sei os nomes das praias...

**Inv – Os nomes das praias aqui ao redor.**

L – Eram as que tinham bandeira [azul].

**Inv – Consistia em quê? Fazer limpeza, sensibilização...**

L – Chamar a atenção das pessoas para terem cuidado... tínhamos lá um puzzle... elas tinham de montar aquilo, procurar as peças que encaixavam umas nas outras. Depois, no puzzle dizia qualquer coisa. Tínhamos de ler e explicávamos o que queria dizer. Explicávamos onde é que havia mais lixo...

**Inv – E as pessoas interessavam-se por essas ideias?**

L – Sim. Depois, chamávamos as pessoas. Umas vezes, elas vinham. Entregávamos chapéus e camisolas. Depois havia um jogo... das casas... com um dado...

**Inv – Jogo da glória?**

L – Sim. Havia várias perguntas e eles tinham de responder. Umas vezes, a gente dava opções e elas escolhiam; outras, davam elas as respostas, sem opções. E havia outro jogo, que era mais ou menos a mesma coisa. Andámos duas semanas assim, em todas as praias, todos os dias numa praia. Foi isso...

**Inv – O projeto terminou aí... agora, sim, qual foi o balanço que fazes desse projeto, dessa experiência?**

L – Eu gostei! Ainda perguntei, há coisa de duas semanas se podia fazer outra vez esse projeto, mas não podia, porque estava aqui [Cerci] a trabalhar, a tirar o curso.

**Inv – Já me vais falar deste trabalho aqui... E, entretanto, mantiveste contacto com o técnico do GAAF, sempre, apesar de já não estares a frequentar a escola. Como é que foi a tua saída da escola, oficialmente? Como é que correu?**

L – Foi bem... Os stores viram como é que eu andava, nas coisas da escola... Depois, diziam que eu era um rapaz interessado, para não me desinteressar da escola. Eu pedi para tirar um curso, à minha diretora [de turma], falei com o Prof. Leonardo [Diretor do Agrupamento], dava-me bem com ele... e falei com o professor Luís [técnico do GAAF]... Nisso da praia, perguntei se havia outra... havia, mas acho que era três

meses... só que não tinha idade suficiente, que eram os 18 (e eu só tinha os 16)... não podia...

**Inv – E como é que tu chegaste aqui, à Cerci, onde estás atualmente?**

L – Através do professor [técnico do GAAP] e dos professores, que me informavam... eu estava sempre a pedir à [diretora de turma] para ver se havia algum curso relacionado com o desenho. Tinha notas boas... havia lá notas, em que eu, às vezes, não tinha tanta nota porque faltava... não davam a nota alta, mesmo... mas eu era o melhor da turma, sempre fui o melhor a desenhar lá... eu é que tinha de ir às mesas dos outros para lhes ensinar... Quando o stor estava a ensinar como desenhar uma cara, eu já tinha a cara feita, o stor olhava para mim, tipo “como é que eu já sabia?”... havia lá várias técnicas. Todas as técnicas que o stor ensinava aos outros, eu já sabia. Mas foi através de mim, ninguém me ensinou.

**Inv – Então, calculo... deduzo que a Educação Visual era a tua disciplina preferida, na escola.**

L – Era.

**Inv – E aqui, na Cerci, estás a fazer um curso... qual é que é o curso?**

L – Carpintaria.

**Inv – Como é que foi a chegada, o ambiente, a adaptação?**

L – Adaptei-me bem, gosto dos meus colegas...

**Inv – As atividades que fazem diariamente são todas mais práticas, calculo.**

L – Sim, são todas mais práticas.

**Inv – E em relação ao cumprimento dos horários... que eu já vi que antigamente tinhas, assim, uma certa dificuldade em cumprir... como é que funciona?**

L – Temos de passar o cartão, antes da hora. Mesmo que passe um minuto ou dois, não faz mal, mas convém sempre passar antes. Até há coisa de três meses, estava a cumprir, mas não cumpria à risca. Há coisa de um mês é que eu tenho tentado cumprir ao máximo, tentando não faltar.

**Inv – E porquê? Por que é que te deu, assim, esse clique para...**

L – Porque eu quero acabar o curso. Quem sabe através deste curso o que é que poderá haver? Eu não quero estar aqui em vão. Quero, sei lá, que daqui saia qualquer coisa.

**Inv – O que é que tu gostavas que saísse daqui? O próximo passo.**

L – Se fosse relacionado com o desenho, era o ideal... sei lá... quem sabe um dia mais à frente possa ter qualquer coisa...

**Inv – Portanto, sonhos não te faltam, para já... qual é que era o teu maior sonho para o futuro?**

L – Era na questão do desenho.

**Inv – Começámos por aí a conversa, com o desenho, e chegámos ao mesmo ponto, que eu já vi que é a tua paixão. Olha, e voltando, ainda, à relação com o GAAF e com o Luís, tu sentes que o facto de teres passado pelo Gabinete fez alguma mudança na tua vida, trouxe alguma mais-valia?**

L – Foi a questão dos horários. Se não fosse, se calhar, o GAAF, não me interessava mais na questão de trabalhar tanto. Foi através daí que eu ganhei o gosto de ter a minha própria independência, também, não estar à espera de alguém... acho que é isso, mais ou menos...

**Inv – Eu amanhã vou estar com o Luís... queres que eu lhe dê algum recado teu, que eu sei que vocês não têm conseguido contactar ultimamente?**

L – Não sei o que é que eu posso dizer... Não... Obrigado... Eu estou é ainda à espera, como é que se chama... do currículo, também tenho de fazer... do diploma do projeto...

**Inv – Pois, porque é importante nós irmos reunindo esse tipo de certificados para o nosso currículo... E o currículo, entretanto, consegues fazê-lo? Sabes qual é que é o modelo? Tens alguém que te oriente?**

L – Estava combinado com ele [técnico GAAF] para fazermos o currículo, mas ainda não conseguimos. Ele esteve cá, há coisa de um mês...

**Inv – Ah, ele veio cá... fazer o quê?**

L – Para me chamar, para ir a Itália. Era um projeto.

**Inv – Seria, se calhar, o projeto de intercâmbio internacional?**

L – Sim, era isso.

**Inv – E ficaste com o “bichinho” ou nem por isso?**

L – Eu fiquei, só que a questão da etnia... eles têm muito medo de sair daquele...

**Inv – Eles, quem, conta-me lá esses segredos.**

L – Eles estão fechados, naquele ambiente...

**Inv – Tu moras mesmo aqui no concelho?**

L – Agora estou aqui no concelho.

**Inv – Em casa ou no acampamento?**

L – Estou no “coiso” [acampamento]...

**Inv – E sentes que há uma ligação à comunidade... Isso de não quererem sair é mais pela parte da mãe, se calhar, ou mesmo por ti?**

L – O que eu faço é por mim. Quero, sei lá... realçar, em relação aos outros... sobressair-me, não ter as mesmas coisas... Eles, se for preciso, limitam-se àquilo... Não quero só aquilo, quero mais.

**Inv – Ao que é que eles se limitam? Quais são os objetivos dos teus familiares, dos teus amigos?**

L – É tudo mais ou menos a mesma coisa.

**Inv – E tu querias destacar-te, é isso?**

L – Queria destacar-me dos outros, sei lá...Eu queria ir para a Itália. Era para lá estar uma semana, nesse projeto. Só que a minha mãe tem medo que alguma coisa me aconteça no caminho...

**Inv – Sabes que as mães são todas iguais, têm sempre receio que os filhos... é sempre complicado para as mães desprenderem-se assim dos filhos... Mas pode ser que, com o tempo, surjam outros projetos e tu consigas uma experiência dessas...**

**L – Eu gostava de ir lá... Ia com o stor e com algumas pessoas... Depois, é ingleses... eram muitas...**

**Inv – Terias oportunidade de fazer o quê? O que é que te entusiasmava mais nessa experiência, nessa oportunidade, nessa viagem?**

**L – Era estar com pessoas diferentes.**

**Inv – Diferente... explica-me lá o que é que é, para ti, ser diferente?**

**L – Sei lá... não estou habituado a isso, a esse ambiente...talvez entrar um bocado nesses parâmetros deles...**

**Inv – Muito bem! Olha, eu agradeço-te imenso a tua disponibilidade. Já ultrapassámos um bocadinho o tempo que eu te disse que íamos precisar. Obrigada pelo teu contributo. Tenho de te dar os parabéns por essa tua força e essa tua determinação para lewares os teus projetos adiante...**

**L – A cabo...**

**Inv – ... e teres força de vontade para continuar. Obrigada!**



## **A.2.2. ALUNO 2**

---



## **Transcrição da entrevista**

### **Aluna 2 – Cadija<sup>3</sup>, 15 anos, imigrante guineense**

**Data:** 9 de julho de 2015

**Local:** Agrupamento de Escolas (escola sede)

**Investigadora (Inv) – Bom dia! Estamos aqui reunidos com uma aluna de 15 anos, que frequenta o Agrupamento e que é acompanhada pelo GAAF há cerca de um ano.**

**Cadija (C) – Bom dia.**

**Inv – Bem-disposta?**

**C – Sim.**

**Inv – Olha, eu vou começar por te pedir que tu nos falasses um bocadinho sobre ti, quem és tu, o que gostas mais de fazer... conta-nos tudo.**

**C – Eu gosto de fazer rendas em casa, de crochet, de fazer blusas. Gosto de brincar com os meus irmãos, em casa, de ajudar a minha mãe a fazer o comer, ajudar nos trabalhos domésticos.**

**Inv – Quantos irmãos é que tu tens?**

**C – Três. Somos quatro.**

**Inv – São mais novos do que tu?**

**Sim, mais novos.**

**C – Eu gosto, também, de ler livros.**

---

<sup>3</sup> Nome fictício. Por uma questão metodológica, optámos por não identificar os entrevistados pelos nomes verdadeiros.

**Inv – Outra coisa que eu achei curiosa tu dizeres é que gostas de ajudar a tua mãe a fazer a comida. Conta-nos lá qual é a comida típica do teu país. Tu és da Guiné Bissau, estás cá há cerca de quanto tempo?**

C – Dois anos.

**Inv – Conta-nos, assim, alguns pratos típicos da Guiné, que nós não conheçamos.**

C – Carne de amendoim... óleo de palma...

**Inv – Sim, nós conhecemos aqui, aquelas latinhas que encontramos no supermercado.**

C – Sim, a minha mãe adora.

**Inv – Esse é um ingrediente típico da vossa comida, na Guiné Bissau. Aqui, em Portugal, já sabes cozinhar algum dos nossos pratos? Há alguma comida que te tenha surpreendido pela positiva?**

C – Sim, porque tenho uma madrinha, que é portuguesa. E ela já me ensinou umas comidas.

**Inv – Queria perguntar-te, também, como foi a tua chegada a Portugal. Tu vieste há cerca de dois anos, não foi? Vieste logo aqui ou para outra zona?**

C – Estive em Lisboa, fiz uma semana em Lisboa e depois vim para cá, porque o meu pai morava cá já há dois anos.

**Inv – O que é que o teu pai faz, atualmente?**

C – Trabalha no mar.

**Inv – É pescador?**

C – Sim.

**Inv – E passa muito tempo no mar?**

C – Não, agora, não. Vai todo dia e volta.

**Inv – Menos mau, não é? E os teus irmãos, também andam na escola?**

C – Sim.

**Inv – Aqui, na escola?**

C – Não. Uma anda lá em cima, na Escola EB1,2,3, outra na Escola nº3, ao pé da Associação.

**Inv – E tu vieste transferida da Escola EB 1,2,3, não é? E por que motivo é que te transferiste aqui, para esta escola?**

C – Porque me disseram que havia um curso cá, que não tinha de fazer exames, porque eu tenho dificuldades na língua.

**Inv – Ah, na língua portuguesa... Na Guiné Bissau frequentaste a escola até que ano?**

C – Até ao 9º ano.

**Inv – Depois, quando voltaste, não houve equivalência?**

C – Sim... porque o ensino é diferente. Este aqui é mais evoluído.

**Inv – E dá-me lá a tua opinião, qual é o ensino que tu preferes, da tua terra natal ou o nosso?**

C – O vosso.

**Inv – E porquê? O nosso, que, agora, também é teu. Não estou a querer distinguir... Mas quais são as qualidades que tu vês no ensino português?**

C – Ensinam, têm bons professores...

**Inv – Então, e vieste aqui para a escola e integraste uma turma de CEF Vocacional...**

C – Na outra escola, eu passei do sétimo para o oitavo.

**Inv – Já me contaste que vieste para esta escola por causa do curso que estás a fazer. E como é que foi a chegada aqui à escola? O que é que tu sentiste deste Agrupamento, desta escola?**

C – No primeiro dia, não gostei.

**Inv – E porquê?**

C – Porque os alunos não são... eu não gosto dos alunos, só gosto da escola, dos professores... alguns alunos, principalmente da minha turma...

**Inv – Como é que são os alunos da tua turma? Conta-nos lá, que ninguém nos vai ouvir.**

C – São rebeldes... é esquisito, não sei...

**Inv – E tu já fizeste alguma amizade na tua turma ou fora da tua turma?**

C – Na minha turma não.

**Inv – Não te identificas com ninguém?**

C – Não.

**Inv – Mas eles receberam-te bem, uma vez que vieste transferida de outra escola?**

C – Os professores receberam-me, mas os alunos não.

**Inv – Qual é a disciplina de que tu gostas mais, atualmente? Ou as disciplinas...**

C – A disciplina de que eu gosto mais é de geografia.

**Inv – E porquê?**

C – Porque gosto...

**Inv – Gostas de viajar, de conhecer outros pontos do mundo?**

C – Sim.

**Inv – Muito bem... conta-me outra coisa, como é que foi a integração aqui, na escola? Houve alguém que te ajudou?**

C – Foi bom. Foi o Prof. Luís.

**Inv – Aqui, do GAAP? Como é que ele te recebeu? Conta-me lá.**

C – Recebeu-me bem, ajudou-me bastante... ele dá-me apoio às aulas de português.

**Inv – Ah, sim, costuma ajudar-te na língua portuguesa... como é que é esse apoio? Como é que são essas atividades?**

C – É a fazer trabalhos no computador, que ele tem muita experiência. Mas agora já estou habituada.

**Inv – Já estás uma expert nas TIC, no computador...**

C – Sim.

**Inv – E gostas?**

C – Sim. Ele ajuda-me nos verbos...

**Inv – Sim, que é muito importante. E outras coisas, que tenhas feito, aqui, no GAAF, no gabinete, recordas-te...**

C – Sim, fazer algumas fichas em português, fazer frases e ler, também.

**Inv – E, atualmente, ainda costumavas frequentar o gabinete? Costumas vir quando precisas?**

C – Sim. Às vezes eu venho. Todas as semanas tinha apoio com ele (técnico do GAAF).

**Inv – Ah, ok. Muito bem. Olha, e o que é que tu gostavas de fazer, para o futuro? Conta-me lá, assim, os teus sonhos.**

C – Não sei... mas agora estou a trabalhar com uma senhora, ali, no cabeleireiro... eu faço tranças e gosto de estar lá. Mas ainda não sei... porque eu quero ir para a secundária, depois vemos...

**Inv – Muito bem. Nós temos aqui uma escola secundária, no concelho, e esperamos que sim, que lá consigas chegar. Como é que tê sido os teus resultados, aqui, na escola? Já percebi que na língua portuguesa estás a ter um apoio, mas, nas outras disciplinas, tem corrido bem?**

C – Tem. Na língua portuguesa também, eu acho que sim, porque tive nota de 15.

**Inv – Uau! Muitos parabéns!**

C – Obrigada! Tenho amigas que me ajudam, que escolhem livros para eu ler.

**Inv – Essas tuas amigas são de onde?**

C – São de cá. Mas elas andam agora na secundária. Elas ajudam-me a português, francês e inglês.

**Inv – Muito bem. E essas tuas amigas são tuas vizinhas? Como é que as conheceste?**

C – Não. Conheci na escola.

**Inv – Já me disseste que não gostas do comportamento da tua turma, digamos assim... o que é que tu mudavas, se pudesses mudar alguma coisa na tua turma?**

C – O comportamento dos alunos com o professor.

**Inv – Achas que esse comportamento não é o mais adequado? Conta-me lá.**

C – Sim.

**Inv – O que é que costuma acontecer?**

C – Eles fazem barulho, fazem o que quiserem na sala.

**Inv – E ainda sentes muitas saudades da tua terra natal?**

C – Sim.

**Inv – O que é que tens mais saudades?**

C – Das minhas primas, dos meus primos e da minha família.

**Inv – Tens possibilidade de regressar algum dia? Ou, por agora, não está nos horizontes?**

C – Não, agora, não.

**Inv – Quem sabe um dia possas trazer as tuas primas ou alguns dos teus amigos, aqui. Gostas desta cidade?**

C – Sim, gosto. Acho que é uma cidade calma, tranquila.

**Inv – E o que é que... há alguma coisa de que não gostes, aqui, na zona?**

C – Não, acho que não.

**Inv – És uma menina feliz? Posso perguntar-te isto, atualmente?**

C – Sim.

**Inv – Ainda bem! Fico muito contente. Olha, obrigada pela tua colaboração!**



### **A.2.3. ALUNO 3**

---



## **Transcrição da entrevista**

### **Aluna 3 – Maria<sup>4</sup>, 12 anos**

**Data:** 8 de julho de 2015

**Local:** Agrupamento de Escolas (escola sede)

**Investigadora (Inv) – Bom dia! Estamos aqui reunidos no Agrupamento de Escolas. Vamos entrevistar uma aluna de 12 anos, que acabou de transitar para o 7.º ano e que é acompanhada pelo Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família há cerca de 2 anos. Bem, mas vamos passar a palavra à aluna. Olá, tudo bem?**

**Maria (M) – Sim.**

**Inv – Bem-disposta?**

**M – Sim.**

**Inv – Ótimo! Olha, eu ia pedir-te que nos falasses um bocadinho sobre ti. O que é que tu mais gostas de fazer no teu dia a dia?**

**M – De cantar, dançar e ler.**

**Inv – Não te vou pedir que dances nem que cantes, aqui à minha frente, mas estou curiosa, gostava de saber de onde vêm esses gostos, de onde vem esse interesse pela dança e pela música (já la vamos à leitura).**

**M – A música já vem da minha família. O meu pai toca, os meus irmãos. Já é a família toda assim. E dançar é uma coisa que eu gosto de fazer. Não consigo ouvir uma música e não dançar, é quase impossível.**

**Inv – Faz parte de ti, portanto.**

---

<sup>4</sup> Nome fictício. Por uma questão metodológica, optámos por não identificar os entrevistados pelos nomes verdadeiros.

M – Sim.

**Inv – E a leitura, que bocadinho é que ocupa aí, nos teus tempos livres?**

M – Gosto de ler qualquer coisa. Gosto de ler, porque aprendo mais, às vezes, tiro dúvidas sobre a língua portuguesa, aprendo mais vocabulário e, além disso, gosto, é uma coisa que me entretém muito.

**Inv – Há, assim, alguma coisa de que tu não gostes nada ou de que não gostes, particularmente? O que é que te faz, assim, mais aflição ou arrepia... na vida?**

M – Na vida? O que mais me arrepia é ir ao hospital.

**Inv – Tens ido alguma vez, ultimamente?**

M – Muitas vezes. Hospitais, centros de saúde e clínicas.

**Inv – E porquê? Por que é que não gostas? Acho que é um bocadinho óbvio, mas queria ouvir a tua opinião.**

M – Porque, agora, é só análises e uma data de coisas. Eu odeio ver agulhas.

**Inv – Não gostas, particularmente, de tirar sangue, suponho?**

M – Não.

**Inv – E o que tentas fazer para contornar esse teu receio? Em que é que tentas pensar quando tens de enfrentar alguma situação dessas?**

M – Por exemplo, ontem fui tirar análises e pus-me a cantar.

**Inv – Lá está, outra vez a música como terapia**

M – Sim.

**Inv – Olha, e conta-me um bocadinho como foi a tua chegada aqui, à escola. Já cá estás há três anos, será? Este já será o terceiro ano, aqui, na escola?**

M – Eu vou para o terceiro ano, porque eu pertencia a outro agrupamento.

**Inv – Ah!**

**M** – Estive noutro agrupamento até ao quarto. Depois, quando fui para o quinto é que vim para aqui, para este agrupamento.

**Inv** – **E porquê? Por que é que vieste para aqui? Por que é que mudaste de agrupamento?**

**M** – Eu acho que a outra escola não é, assim, tão boa como esta, porque ali há confusões todos os dias. O meu irmão andou lá no quinto ano (ele agora vai para o nono) e era confusões todos os dias. Ele vinha todos os dias com recado na caderneta. É só luta, lá, naquela escola. E, nesta escola, é tudo calminho.

**Inv** – **É tudo calminho?**

**M** – Sim.

**Inv** – **Conta-me lá, como é que é esta escola?**

**M** – É divertida. Eu gosto muito desta escola, porque temos as nossas aulas, apesar de eu não ter assim uma turma muito boa, também nos divertimos nas aulas.

**Inv** – **Porque é que tu dizes que não tens assim uma turma muito boa? O que é que é para ti uma turma boa?**

**M** – Alunos que não chumbam, alunos que se esforçam e que não gritam na sala de aula. E, na minha turma, isso é, assim, muito frequente.

**Inv** – **Estavas a dizer que acabas por te divertir com a tua turma, é isso?**

**M** – Sim.

**Inv** – **Tens bons amigos na tua turma?**

**M** – Tenho, alguns.

**Inv** – **E fora da turma, sem ser da tua turma, conseguiste fazer outras amizades, aqui, na escola?**

**M** – Sim, algumas pessoas eu já conhecia e outras conheci.

**Inv** – **Se pudesses mudar alguma coisa, aqui, na escola, o que é que tu mudarias?**

**M** – Se calhar, punha mais uns funcionários na cantina.

**Inv – Porquê? Explica-me lá essa tua opinião.**

**M** – Porque os mais velhos são um bocadinho agressivos e chegam à fila, passam à frente, não comem, a bem dizer nada, e é só mesmo para dizer que comeram, que foram lá.

**Inv – E tu achas que com mais funcionários, esse problema ficaria...**

**M** – Sim, porque, às vezes, estão lá funcionários e não os deixam passar à frente.

**Inv – Há mais controlo, digamos assim?**

**M** – Sim. Depois, às vezes, eu fico mal disposta e como tarde demais...

**Inv – Há aí um probleminha de ordem a colocar nesse refeitório...**

**M** – Sim.

**Inv – E tirando essa parte do refeitório, há, assim, alguma coisa que não te agrada, particularmente, aqui, na escola, que pudesses, se tivesses, assim, uma varinha de condão, que mudarias?**

**M** – Eu punha assim uma coisa no ar, que fizesse mais ar aqui, no bloco B, que há muito calor.

**Inv – Sobretudo, agora, no verão.**

**M** – E, às vezes, mesmo no inverno, está sempre quente, as salas estão sempre quentes, principalmente as de lá de cima.

**Inv – Relativamente à, por exemplo, agora, falaste das aulas, como é que são as aulas, aqui, na escola? Agradam-te, não te agradam?**

**M** – A mim, agradam-me, porque eu gosto da escola, mas há pessoas a quem não agrada.

**Inv – Qual é a tua disciplina preferida ou as disciplinas preferidas?**

**M** – Tenho três de que gosto muito: a primeira logo de todas é matemática, depois, ficam duas em segundo lugar, música e ciências.

**Inv – Pois, a música tinha de estar aí envolvida. Sabes que nem todas as escolas têm oportunidade de ter música. O que achas sobre essa oportunidade, aqui, na escola?**

**M –** Eu acho muito bom, porque toda a gente aprende, não faz mal nenhum aprender um bocadinho mais. E é interessante.

**Inv – Tu tens 12 anos, mas já sabes o que queres fazer, quando fores mais velha?**

**M –** Eu gostava de ser cantora, mas só que isso, assim, não é um grande futuro.

**Inv – Porquê?**

**M –** Porque não era, assim, um curso, uma coisa que eu queira mesmo muito, que não tenha grande futuro. Já que sou boa na escola, e tenho jeito, acho que devo tirar uma coisa melhor.

**Inv – Por que é que tens essa opinião? Ou quem é que te aconselha a tirar uma coisa melhor? O que é, para ti, uma coisa melhor?**

**M –** Para mim, uma coisa melhor, uma coisa que eu consiga fazer bem, que já esteja habituada, que já me dou bem com aquilo...

**Inv – Imaginas-te, assim, nalguma profissão, em particular?**

**M –** Sim. Agora é um bocadinho difícil lembrar-me do nome, porque é muito esquisito.

**Inv – Explica lá o que se faz nessa profissão, para ver se lá chegamos**

**M –** Não é arquiteta, é os que ajudam os arquitetos. No fim, só com a autorização deles, é que conseguem fazer alguma coisa.

**Inv – Será alguma engenharia?**

**M –** Engenheira...

**Inv – Civil?**

**M –** É isso mesmo. Eu esqueço-me sempre.

**Inv – Ah, muito bem! Estou aqui em frente...**

**M** – A minha irmã também é.

**Inv** – **Ah! Há aí uma referência, na família. Tens aí uma irmã engenheira, muito bem! E os teus pais, já agora, que falaste na irmã, os teus pais têm alguma profissão que te inspire?**

**M** – A minha mãe não era, assim, uma grande aluna, mas agora é que percebeu o quanto faz falta a escola, diz-nos para trabalhar muito. E o meu Pai tirou um curso de estudar os automóveis e eletricidade, mas, agora, estudou isso, aqueles senhores que põem som nas coisas.

**Inv** – **Disseste-me que também tens um irmão no nono ano. O que é que ele acha sobre a escola? Também tem, assim, essa tua visão?**

**M** – O meu irmão pensa que a escola não vale nada.

**Inv** – **Então, e qual é o teu papel? Como irmã mais nova não tentas persuadi-lo, colocar-lhe, assim, umas ideias?**

**M** – Sim, como o meu pai e a minha mãe não têm muito tempo para o ajudar, eu é que estudo com ele, tento ajudá-lo, porque ele não percebe nada.

**Inv** – **Mas, entretanto, está no nono ano e até vai passar de ano.**

**M** – Ele passou com duas negativas.

**Inv** – **Então, vai para a secundária, para o ano.**

**M** – Ele vai agora para o nono ano. Mas eu não sei se ele passa a português. Isso é que é mau.

**Inv** – **Ele anda aqui, na escola, ou noutra agrupamento?**

**M** – Ele anda aqui.

**Inv** – **E ele também sente alguma diferença entre este agrupamento e o outro?**

**M** – Sente.

**Inv** – **Gosta mais deste?**

**M** – Tinha mais amigos no outro, mas ele gosta mais deste.

**Inv – Como o meio é pequeno, conseguem estar juntos fora da escola, não é? Olha, mas conta-me como foi a tua chegada aqui, ao Gabinete, ao GAAF. Ainda te recordas? O que é que sentiste? Quem é que te disse que “a partir de amanhã, ou a partir de hoje, vais ser acompanhada pelo Gabinete ou pelo stor ou pela stora Vera”. Como é que foi esse momento? Se calhar, há dois anos, talvez.**

**M –** Sim, foi logo ao princípio do ano. Foi a minha mãe que me disse. A diretora de turma disse à minha mãe.

**Inv – A diretora de turma falou com a tua mãe. E o que é que a tua mãe te transmitiu? Conta-me lá, se ainda te recordares dessa conversa.**

**M –** Ela disse-me que eu ia ter aulas com a professora Vera, ter sessão e eu fiquei contente, porque, logo no princípio do ano, eu comecei a dançar, aqui fora, porque nos intervalos da tarde, o stor Luís põe música. E eu já conhecia o professor e fiquei feliz. É claro que fiquei um bocadinho nervosa na primeira sessão, depois, foi tudo bem.

**Inv – E que balanço é que tu fazes destes dois anos em que frequentas aqui o Gabinete? De que é que tu gostas mais? De que é que tu não gostas... conta-me tudo.**

**M –** É superdivertido. Eu adoro tudo. Não há nada de que eu não goste. Se calhar, há uma coisinha de que eu não gosto: quando os miúdos são mal-educados e começam a ser abusadores, pronto, são aqueles rapazes tontinhos.

**Inv – Pois, as meninas portam-se sempre melhor, não é?**

**M –** Pois, as meninas já têm a cabeça no lugar.

**Inv – E que atividades é que vocês costumam fazer, aqui, no GAAF?**

**M –** Fazemos muitas atividades, principalmente, agora, nas férias. Fazemos muitas coisas: canoagem; surf... Hoje vamos andar de comboio, no comboio dos turistas. Também fazemos banho de mangueira, vamos à praia... fazemos muitas coisas.

**Inv – E se, por acaso, não estivesses aqui, a frequentar as férias do GAAF, onde é que tu estarias, neste momento?**

**M** – Neste momento, se calhar, até estaria ou em casa ou com o meu pai, na loja, a tocar.

**Inv** – **E o que é que preferes?**

**M** – Estar aqui.

**Inv** – **Pergunta óbvia... Olha, e como é a tua relação com os técnicos, com o técnico e com a psicóloga, que vocês tratam como “stores”... como é a vossa relação?**

**M** – Eu adoro a stora Vera.

**Inv** – **Porquê?**

**M** – A stora Vera é superdivertida, é muito simpática e trata-nos muito bem. É claro que, para os miúdos que se portam mal, tem de ralar.

**Inv** – **E achas que ela faz bem em ralar aos meninos que se portam mal ou menos bem?**

**M** – Eu acho. Às vezes, quando a professora não rala, ralho eu.

**Inv** – **Já lhe tomaste o gosto.**

**M** – Sim. Porque eu acho que se isto existe, se estas férias são para continuar, têm de haver alunos bem comportados.

**Inv** – **E o que é que tu mais gostas de fazer com a stora Vera? Qual é que é a atividade... ou pode não ser uma atividade das férias... pode ser... qual é a característica dela que tu mais aprecias?**

**M** – O facto de ela ser muito simpática e nos deixar fazer qualquer coisa, desde que esteja certo, porque se for alguma coisa errada, ela diz para não fazermos.

**Inv** – **Ela dá-vos liberdade, mas, às vezes, se calhar...**

**M** – Tem de cortar.

**Inv** – **E porquê? Há algum exemplo que já tenha acontecido contigo ou com algum colega teu?**

**M** – Por exemplo, antes das férias... antes de começarmos, nós só temos à tarde, mas, às vezes, almoçamos juntas. Alguns alunos almoçam com ela, depois, outro dia, vão outros. Depois, às vezes, quando não pode ser, a stora diz que não pode, tem coisas para fazer.

**Inv** – **Achas que esse tipo de encontros que vocês têm, esse tipo de atividades que vocês fazem, servem para quê?**

**M** – Para ligarmo-nos mais à professora.

**Inv** – **Vou fazer-te a mesma pergunta que fiz há pouco, em relação ao agrupamento. Se tu tivesses alguma varinha de condão, se pudesses mudar alguma coisa do Gabinete, o que é que tu mudarias?**

**M** – O que eu mudaria...

**Inv** – **Alguma sugestão de melhoria...**

**M** – Se calhar, punha mais algumas coisas para nós fazermos.

**Inv** – **Tais como?**

**M** – Se calhar, até poder fazer um género de uma campanha, para podermos angariar o nosso dinheiro e podermos fazer mais coisas, mais longe.

**Inv** – **Gostavas de ir passear para paragens mais distantes, com os teus colegas e stores?**

**M** – Sim. Eu faço isso com a minha família, temos uma autocaravana e vamos sempre passear.

**Inv** – **Muito bem... Quero agradecer-te pela tua boa vontade. Eu sei que as atividades estão a decorrer, já estamos a ouvir a música e tu já deves estar em pulgas para ires dançar, portanto, obrigada por teres colaborado nesta investigação.**



**A.2.4. PAI 1**

---



## **Transcrição da entrevista**

### **Pai 1**

**Data:** 8 de julho de 2015

**Local:** GAAF

**Investigadora (Inv) – Ora, então, boa tarde! Estamos aqui reunidos com um encarregado de educação, Pai de uma aluna da escola, que tem 12 anos e transitou agora para o 7.º ano, a quem eu quero, já, agradecer ter aceiteado o nosso convite para o contributo para esta investigação acerca do papel do GAAF aqui, nesta escola. Vou passar-lhe a palavra, muito boa tarde!**

**Frederico<sup>5</sup> (F) – Boa tarde!**

**Inv – Começava por lhe pedir uma apresentação da sua filha, realçando as suas qualidades ou, eventualmente, algum defeito...**

**F – A Maria<sup>6</sup> tem 12 anos. Tem tido algumas dificuldades na aprendizagem. Ela, em minha opinião, em relação à idade que tem, está um bocado imatura, é um bocado imatura e tem algumas dificuldades em concentrar-se. Eu noto isso lá em casa, nas tarefas domésticas, nas lides. Temos de andar sempre em cima dela, a puxar por ela, porque ela, em termos de iniciativa, não tem muita iniciativa própria e é um bocado, como é que eu hei de dizer, tem um bocado de vergonha em ir, às vezes, fazer um recado, ir a um supermercado. Há, ali, um certo constrangimento.**

**Inv – Por que é que acha que isso acontece?**

---

<sup>5</sup> Nome fictício. Por uma questão metodológica, optámos por não identificar os entrevistados pelos nomes verdadeiros.

<sup>6</sup> Nome fictício

**F** – Poderá ser por nós termos sido um bocado “pais-galinha”, se calhar. Não a termos deixado, quando era mais nova, começar a fazer recados e outras coisas. Noto que ela tem sempre um bocado de dificuldade em interagir. Por exemplo, se estamos no supermercado e a deixo sozinha na caixa, ela não quer ficar sozinha. Já não é a primeira vez que ela diz “não me deixes ficar aqui sozinha”. A nível de escola, eu esperava mais da Maria.

**Inv** – **Como é que foi...**

**F** – No 2.º período, ela teve quatro negativas, mas conseguiu passar sem nenhuma negativa. Penso que aqui, também, o apoio da Dra. Vera e do GAAF terá sido importante.

**Inv** – **Era precisamente aí que eu queria chegar...**

**F** – Para a ajudar a recuperar, pronto, a motivar-se, porque ela tem um bocado de dificuldades de concentração.

**Inv** – **Disse-me, ainda em off, que a sua filha era acompanhada há cerca de dois anos.**

**F** – Sim.

**Inv** – **Recorda-se do momento em que ela foi encaminhada para o GAAF? Como é que foi esse processo?**

**F** – Eu penso que não foi por intermédio da Diretora de Turma. O irmão estava a ser acompanhado e alguma colega, se calhar. Depois, começou a frequentar, começou a estar com a Dra. Vera e, pronto, até hoje, gosta muito dela. Depois, a Dra. Vera, através do Conselho Diretivo, achou por bem, também, tendo em conta as dificuldades que apresentava no aproveitamento escolar, decidiu integrá-la, também, para a ajudar.

**Inv** – **Que tipo de atividades é que a sua filha faz, no Gabinete? Tem conhecimento? Durante o tempo letivo e, agora, durante as férias.**

**F** – Estou-me a lembrar que a Dra. Vera a ajuda na questão da leitura. A Maria tem um bocado de dificuldades em ler em voz alta e eu lembro-me de ela, pelo menos, nesse aspeto, ter ajudado a Maria a ler, a ler, mesmo, durante as sessões. Não sei se agora tem feito isso, mas lembro-me que, a nível de leitura, ajudou-a a melhorar, nesse aspeto.

**Inv – E o facto de ter tido, também, quatro negativas, no período anterior, e agora ter conseguido recuperar, teve alguma coisa a ver com o acompanhamento que é dado pelo GAAF?**

F – Eu penso que sim. Ela tem reuniões semanais e penso, tenho a certeza, que terá ajudado a Maria a subir as notas.

**Inv – Neste momento, sei que as férias letivas já iniciaram, sei que o GAAF também tem algumas atividades dirigidas para estas crianças e jovens. Qual é que é a sua opinião acerca destas atividades de verão, de Páscoa e de Natal?**

F – O GAAF não é só nas férias de verão, também faz no Natal e na Páscoa. É importante, é importante, também, para eles interagirem com outras crianças e desenvolverem algumas atividades, que, de outro modo, não seria possível estarem presentes. Penso que é muito importante, nesse sentido. Fazem brincadeiras, entre eles. Também, ao nível de cozinha, fazem bolos, aprendem a cozinhar, a nível de pastelaria e, nesse sentido, penso que é importante, muito importante. E a Maria, noto que ela está motivada, está com gosto, mesmo antes de começar as atividades, propriamente ditas, ela estava sempre com a Professora, a delinear o que iam fazer durante as férias de verão.

**Inv – Têm participação ativa no planeamento...**

F – Exatamente. Ela esteve várias vezes e falava com a Dra. Vera e deu ideias para as férias de verão.

**Inv – Voltando à pessoa da Psicóloga, da Dra. Vera, como é que é o contacto que tem com ela? Já alguma vez foi chamado a alguma reunião, a algum encontro?**

F – Sim, sim, sim. Já estive várias vezes presente em reuniões com a Dra. Vera, onde ela me fez uma resenha do progresso e desenvolvimento escolar da Maria. Sim, já estive em várias... E está sempre disponível, quando é necessário, está sempre disponível.

**Inv – Portanto, em jeito de conclusão, ia perguntar-lhe qual é o balanço que faz deste acompanhamento que é dado à sua filha?**

F – É bastante positivo, é bastante positivo. Noto que entre a Psicóloga e a minha filha há ali uma certa cumplicidade entre elas, não é só uma relação meramente, vá lá,

profissional. Noto que ali há uma amizade. Por isso, eu acho que é extremamente positivo. Espero que se mantenha.

**Inv – Era aí que eu queria chegar. Ia perguntar-lhe, exatamente, isso. Se houver oportunidade de a sua filha continuar a ser acompanhada pelo GAAF, optaria por esse acompanhamento?**

F – Sim, sem dúvida!

**Inv – Alguma sugestão de melhoria, para o Gabinete? Tem alguma sugestão a fazer, algum apontamento?**

F – Não, não. Eu sei que é complicado para o GAAF fazer melhor do que aquilo que já faz, tendo em conta os meios que tem e o número de crianças que está a ajudar. Penso que há sempre alguma coisa que pode ser melhorado, sem dúvida, mas, tendo em conta a quantidade de alunos, deve ser muito complicado para a Dra. Vera e para o Dr. Luís gerir e tentar dar um apoio, vá lá, de qualidade.

**Inv – Olhe, muito obrigada, uma vez mais, pela colaboração!**

F – De nada. Eu é que agradeço!

**A.2.5. PAI 2**

---



## **Transcrição da entrevista**

### **Pai 2**

**Data:** 15 de julho de 2015

**Local:** Agrupamento de Escolas

**Investigadora (Inv) – Boa tarde! Estamos reunidos no Agrupamento de Escolas do Oeste, com um encarregado de educação, o Pai de uma menina de 11 anos, que frequenta a escola e que transitou, agora, para o 6.º ano, a quem eu vou dar a palavra, já de seguida. Muito boa tarde!**

**Manuel<sup>7</sup> (M) – Boa tarde!**

**Inv – Ia começar por lhe pedir que me falasse um bocadinho da relação com a sua filha, que nos apresentasse a sua filha, ressaltasse as suas qualidades, os seus defeitos, enfim, esteja à vontade...**

**M – Sou o Pai da Matilde<sup>8</sup>, que anda nesta escola. Tem um irmão de 15 anos, que frequenta a mesma escola. Portanto, anda numa situação em que estou a tentar que ela seja um pouco mais responsável. Portanto, é uma situação com que eu me preocupo é a educação da Matilde, não muito... também é importante, certo, a escolaridade, ela passar de ano, mas eu interessa-me mais a educação que a Matilde poderá ter e o seu crescimento a nível de educação. Portanto, uma das coisas que eu tenho a valorizar é a situação de eu, há pouco tempo, relativamente, tornar-me cristão. Aprendi muito na igreja cristã, porque nós temos outro pensamento e há bases para nós perseguirmos... e uma das bases é não mentir e é uma das coisas que eu vejo que, na vida, é a base principal. Portanto, a mentira, muitas vezes, leva-nos a outros caminhos, que não**

---

<sup>7</sup> Nome fictício. Por uma questão metodológica, optámos por não identificar os entrevistados pelos nomes verdadeiros.

<sup>8</sup> Nome fictício.

interessam. A nível de educação, não pode frequentar a mentira. A Matilde, neste momento, penso que deve ser acompanhada por uma psicóloga, porque falta a parte feminina... a situação prolonga-se, porque ela não sente o apoio da mãe, porque já há dois anos que a mãe não a vê, apesar de viver perto dela, de vê-la muitas vezes de passagem, mas não a procura. Portanto, vive nessa situação e tenta esquecer essa situação da mãe, mas que não é fácil para uma criança que perde a mãe completamente, com a mãe viva, aos oito anos... situações em que a mãe... nota completamente que é um abandono perante a filha, ao ponto de virar a cara à filha quando a vê. Portanto, são situações em que eu, realmente, só consigo ir em frente tendo as minhas bases em cristão, porque eu tive um acompanhamento com a CPCJ... uma das ideias era que a Matilde fosse acompanhada pela mãe, ao ponto de eu reunir-me com as diretoras, chamar a mãe mais do que uma vez, várias vezes, a mãe não comparecer e chegámos ao ponto de eu receber uma carta em casa que o caso estava arquivado. E eu comecei a pensar “Bem, o que é que está arquivado... é que eles não conseguiram que a mãe acompanhasse a Matilde e as coisas estão resolvidas”. Isto não é uma maneira de eu pensar que seja vingança, mas a justiça devia funcionar de outra maneira e termos responsabilidade perante aquilo que nós deveríamos ter perante a vida de cada um, porque a Matilde e o irmão não foi por acaso que apareceram nesta vida e há responsáveis, portanto, os responsáveis é o pai e a mãe. Neste caso, qualquer criança, seja a criança que for, tem direito a um pai e à mãe, se eles, realmente, estão vivos, têm de ser acompanhadas, porque nós, adultos, não podemos estar, agora, a pôr problemas nas crianças, quando somos nós que os criamos. O divórcio é um problema de dois e as crianças não são, não têm de ter o lugar deles no divórcio. Portanto, o pai e a mãe têm de se preocupar com essa situação. É uma luta que eu estou a ter. Atualmente, não penso seguir a minha vida com outra pessoa, porque não tenho condições para isso, porque estou a preocupar-me mais com o crescimento dos meus filhos, sinto amor, porque vivo com eles, não consigo viver sem eles. Portanto, sou uma pessoa muito comovida quando me falam dos meus filhos, mas já estou mais calejado. Noutras alturas, começava já as lágrimas a virem aos olhos, mas as situações da vida fazem com que nós fiquemos mais fortes para resolver os problemas.

**Inv – Falou, há pouco, no acompanhamento que a sua filha tem, pela psicóloga, aqui, da escola. Quer-nos falar como é que surgiu esse acompanhamento?**

**M** – O acompanhamento foi através da professora da Matilde, do 4.º ano. Ela chamou-me a atenção certos pormenores... porque a Matilde, entretanto, também teve um contra, ela foi operada a um sinal, nasceu com um sinal... foi umas sete vezes operada e levou anestesia, portanto, ela começou a ser operada com cinco, seis anos e eu penso que houve ali, logo, um contra nessa situação. Depois, na escola, ela não tinha as coisas... não era organizada, portanto, era tudo desorganizado. Depois, a professora chamou-me a atenção de que havia uma hipótese de falar com a psicóloga, que é uma pessoa que eu, realmente, vejo que é muito carinhosa com as crianças, que é uma base, é muito importante lidar com as crianças e ser carinhosa... muito calma, na maneira de falar... Apareceu essa oportunidade e eu agradeci... se fosse possível, ter o mesmo acompanhamento este ano, porque eu já conheço o historial da Matilde.

**Inv – Que balanço é que faz? Segundo me diz, a Matilde é acompanhada já há dois anos, pela psicóloga... que balanço é que tem feito desse acompanhamento?**

**M** – Eu vejo que a Matilde está a ter resultados positivos.

**Inv – Quer-nos dar um exemplo do dia a dia?**

**M** – Um exemplo, que é o maior exemplo que eu tenho é que reparo que ela já não me mente tanto. É a base, é aquilo que eu falo, mentir... eu apercebo-me, que eu já tive várias conversas com a Matilde e a Matilde não está a mentir. Ela, muitas vezes, fica assim, um bocadinho assustada, quando tem de dizer a verdade, porque fez alguma coisa que não devia fazer, mas fica assustada, mas diz a verdade. E é isso que eu já lhe falei, a única coisa que poderá funcionar é o castigo, mas isso também não é... eu até sou criticado pelos castigos que eu dou... são castigos muito suaves, mas não tenho prazer em castigar a Matilde, pelo contrário, mas vejo que ela está a recuperar, mesmo, nesse caminho. Agora, a arrumação, o próprio quarto, eu vejo que ela já aceita melhor, porque o que ela diz é que “sou uma criança, de 11 anos, não tenho idade para fazer as coisas”, portanto, as desculpas “e o Tomás não faz e eu é que tenho de fazer”, portanto, são essas as tais desculpas, ela vai-se desculpar no irmão. Eu chamei-a a atenção, porque o Tomás é o Tomás e a Matilde é a Matilde, não tem nada a ver uma coisa com a outra. Ela tem de aprender a fazer as coisas... “ah, mas eu sou uma criança, preciso de brincar”... “está bem, ok, brincas”... só que não está, ainda, como deve ser, em termos de arrumação, portanto, aquela responsabilidade. Poderá ser da idade, também, tem 11 anos, mas vejo que é uma miúda que, com o correr do tempo, foi muito afetada com a

situação com a situação do divórcio, mas, atualmente, se eu falo na mãe, porque eu, de vez em quando, falo na mãe e já lhes falei a eles “pode ter muitos defeitos, mas continua a ser mãe”, ela tenta não prosseguir a conversa. Quando eu falo da mãe, “não quero saber disso, fala de outra coisa”, já não fica, como é que hei de dizer, chateada com a situação, já não vai buscar recordações, porque a Matilde não tem tantas recordações como o Tomás. O Tomás ficou um bocadinho mais afetado, até teve problemas com ele, aqui, na escola... fugia, não podia ouvir a palavra “mãe”, que era uma complicação... é outra idade, já, ele viveu muito com a mãe e ficou mais afetado. A Matilde, como foi mais criança, não teve tanta convivência com a mãe, não teve tanto tempo, talvez não a prejudicasse muito... Mas a Matilde é muito, muito despistada e é muito influenciável. Portanto, a situação que eu falei com a Diretora de Turma... numa reunião, propôs que nós déssemos uma solução para os problemas dos miúdos, muitos que não fazem os trabalhos, outros que fazem barulho... Uma das sugestões foi mudar as crianças de turma, mas as turmas são para se manter, são feitas assim, não pode haver, agora, mudança de crianças para outras turmas. Mas que, muitas vezes, as turmas têm a ver, têm. E eu falei há pouco tempo com a Vera [Psicóloga do GAAP] e ela falou-me que houve ali um pensamento da Matilde passar de ano, mesmo por causa dessa situação da turma, porque, depois, se ela apanha outras miúdas, noutra turma, porque... a turma também tem muito a ver... as próprias crianças são... e ela é muito influenciável...

**Inv – Estava a referir-me, ainda agora, que, mesmo quando fala com a Psicóloga... como é esse acompanhamento que sente da parte da Psicóloga?**

**M** – A Vera, para mim, tem sido uma pessoa que tem-me ajudado bastante em relação à ajuda com a Matilde. Porquê? Ela própria não se sente à vontade, muitas vezes, de dizer certas coisas, como chegou-me a telefonar, a respeito de certas coisas da Matilde... estava naquela que eu ficasse – como é que hei de dizer – que não aceitasse bem aquilo que ela me ia dizer. E eu agradeço muito à Vera tudo o que já tem feito pela Matilde, porque, se ela me está a contar a mim, é para melhorar a situação dela, porque nós não podemos esconder as coisas, é preferível, às vezes, sabermos as coisas para tentar resolvê-las, para tentar resolver a situação, para melhorar as coisas. E eu agradeço muito, nesse sentido. Portanto, não está a camuflar nada, não está a esconder nada, está a ser direta. Às vezes, custa um pouco ouvir certas coisas, como eu cheguei a ouvir: telefonar-me a dizer “Ó Manuel, passa-se isto – a chamar-me à atenção – a Matilde anda

com a roupa suja ou anda despenteada...”. E eu agradeço muito, que é para chamar a atenção “Não pode ser isto, não pode ser assim”. São estas situações, que é uma ajuda que eu estou a ter. Por isso, não há ninguém, aqui na escola, que faça esse acompanhamento, só a Vera, quando as coisas não estão bem. E vejo que a Matilde também gosta da Vera, porque ela contou-me que ficou muito feliz por isso, a Matilde viu-a na praia... isso é uma coisa... é bom, é bom viver assim, ser feliz dessa maneira. Mesmo a própria Matilde vê que ela é uma amiga, é uma amiga. É muito importante ter uma amiga adulta, com que nós possamos contar, no caso da Matilde, contar as coisas que estão a acontecer.

**Inv – Este é um Gabinete, o Gabinete de Apoio, que se dirige ao aluno, mas também à família. Agora falando enquanto pai e encarregado de educação, sente-se apoiado pelo Gabinete, na pessoa da Dra. Vera?**

**M –** Nós temos falado a respeito da Matilde.

**Inv – Com muita frequência?**

**M –** Não, não é a frequência que eu gostava de ter, mas eu também compreendo que a Vera tem muitos trabalhos, nesta altura, ainda mais, a altura de férias. Claro que gostava de falar muito mais e eu até falei com a Vera se havia aqui uma solução... peço a opinião dela, se a Matilde deveria ser acompanhada por uma psiquiatra ou psicóloga, para ver até que ponto se consegue melhorar as coisas, mas o que eu falo a respeito com a Vera é, essencialmente, sobre a Matilde, porque ela foi acompanhada pela Vera no quarto ano e deixou de ser acompanhada. Eu comecei a reparar que houve, ali, uma falha na Matilde e, depois, sugeri, sugeri, não, foi a Diretora de Turma que me sugeriu o ATL, qua a Matilde gostava de frequentar o ATL e ser acompanhada pela Vera. Claro que eu fiquei feliz, porque é... enquanto a Matilde estiver a ser acompanhada por pessoas que realmente estão a valorizar, isso eu fico feliz, sei que está bem entregue, que é mesmo assim. Eu prefiro... nem tão pouco reparo naquilo que dou à Matilde, não faço essas contas, porque, no ATL sou eu que estou a suportar tudo, completamente, completamente, sou eu que tenho de assumir tudo. Mas, se a Matilde me pede dinheiro para ir à piscina ou para ir a alguma visita, eu tenho de fazer o possível para que ela esteja presente, tanto na piscina, como no ATL, seja onde for, para que ela se sinta melhorar. O meu pensamento é... eu não quero receber medalhas nenhuma, mas quero que eles sejam adultos... [emociona-se]

**Inv – ... e que sejam pessoas com qualidades – está um bocadinho emocionado – eu peço desculpa de lhe estar a provocar esta situação, mas esteja à vontade, porque nota-se que fala dos seus filhos com bastante orgulho e, também, devido ao sacrifício todo que tem feito por eles e, certamente, terá a recompensa brevemente... já a tem, mas...**

**M – A recompensa é eles serem educados. É isso que eu mais pretendo, é a educação, é a base.**

**Inv – Vamos, então, mudar um bocadinho de assunto. Eu sei que o senhor, enquanto encarregado de educação, frequentou uma formação de competências parentais, aqui, através do GAAF. Pode-nos contar como é que foi essa formação? O que é que sentiu nessa formação?**

**M –** Aquilo que eu senti é que aprendi que há várias maneiras de dar educação a uma criança, porque, muitas vezes, não é como nós queremos. Nós pensamos que, muitas vezes, resolvemos as coisas à nossa maneira, mas não pensamos nas crianças. Há situações em que proibimos a criança de fazer certas coisas, mas não lhe explicamos por que é que estamos a proibir. Há situações, como adultos, somos nós que mandamos e mais nada, não admitimos mais nada. E há situações em que nós fazemos alguma coisa, também erramos e não admitimos que erramos. Uma das coisas que eu penso é que a violência não leva a lado nenhum, só leva é a haver uma distância maior quando entramos na violência, a própria criança não sente proteção. Não quer dizer que uma palmada não esteja fora disso, mas não é com uma palmada que vai resolver as coisas. Se calhar, às vezes, um castigo dói mais que a própria palmada, porque a palmada, depois, passa a dor e o castigo vai durar e vai dar que pensar, se for um castigo bem aplicado. O computador é, realmente, uma coisa de que eles gostam e que dá que pensar. Eles têm mais tempo para pensar no mal que fizeram, para melhorar aquilo que têm de fazer para o futuro. Na formação, aprendi muita coisa, essencialmente, houve muitos exemplos em que eu, realmente, tinha uma ideia diferente daquilo que é a realidade, porque nós, muitas vezes, pensamos que sabemos tudo, mas não sabemos tudo, há sempre alguma coisa a aprender. E até podemos aprender com uma criança e bastante. Uma criança, muitas vezes, ensina e bastante. É pena não haver essas formações mais vezes, para certos pais, porque, muitas vezes, as crianças têm uns maus princípios por culpa dos pais. E, nos meios piscatórios, acontece muito isso. A maneira

de falar... acham graça, uma criança, desde pequena, começar a falar mal, asneiras ou seja o que for. Aquilo é uma graça que, mais tarde, depois, vem-se a refletir. Acham graça quando uma criança dá um pontapé ao pai e uma chapada ao pai, acham graça. Depois, mais tarde, isso vai-se refletir. E, depois, eles vão ver que, quando devia ali haver um bocadinho... já é tarde, porque eles, depois, vão continuando a ter aquela força. Nessa formação aprende-se muita coisa. A escola, penso que a escola devia ter mais essa base de reunir com os pais, porque – é aquilo que acabei de dizer há pouco – não é o passar de ano, é que a escola é um ensino para a vida, é aqui que as crianças estão a aprender muitas coisas de bom para a vida e se os pais estivessem mais por dentro dos assuntos dos filhos... porque eu também não sou muito velho, também não sou muito novo, mas havia respeito pelos professores, havia respeito e fazia-se os trabalhos como deve ser. Hoje em dia, já é ao contrário, portanto, o respeito pelos professores acabou, é muito difícil ser professor, porque não há respeito. Se for preciso, chama-se a atenção a um pai, ele vem à escola, vem ainda ter desentendimentos com o professor, que não tem nada que chamar a atenção ao filho. São situações que deviam ser revistas. Eu tive uma situação, numa reunião da Matilde, em que uma das soluções que se propôs foi que, quando as crianças tivessem maus comportamentos, um castigo, entre aspas, era lavar as casas de banho. Houve uma mãe de uma miúda que “não, nem pensar, a minha filha”... a falar mal, quer dizer, a filha estava ao lado, a ouvir a conversa, outras crianças estavam na sala, outros pais... ela própria faz ali um mau ambiente, porque falou mal. Se eu não falo mal com as pessoas, não gosto que as pessoas comigo. Acho que é assim que deve ser. Se eu não trato mal as pessoas, também não têm de tratar. E são estes exemplos que, muitas vezes, não havia de acontecer, porque a educação é muito importante numa escola e respeito qualquer pessoa que esteja na escola, é muito importante.

**Inv – Só para terminarmos, gostava de lhe perguntar, em relação ao Gabinete, onde está a sua filha a ser acompanhada, pela Dra. Vera, se tem alguma sugestão de melhoria, algum ponto fraco que queira apontar...**

**M – Um ponto fraco é sempre o tempo, devia ser mais tempo...**

**Inv – Na sua opinião, qual seria o tempo ideal, para eles poderem ser acompanhados?**

**M** – Ela tem mais ou menos uma hora por semana, mas foi preciso eu, realmente, falar com a Diretora de Turma. Só que se tivesse, realmente, todas as semanas com a Matilde, via-se os resultados ao fim de um ano, de certeza absoluta, porque a Vera é uma pessoa calma, o que faz com que a outra pessoa a oiça. Portanto, a calma que ela transmite à outra pessoa é muito importante. O tom de voz faz com que a pessoa esteja mais atenta. Se está a falar calma, a pessoa está atenta e, se calhar, a ouvir mais, do que uma pessoa que esteja a falar muito alto. E eu vejo que isso é importante na Matilde, mesmo para o futuro dela, porque não se trata só... é mesmo para a própria vida da Matilde, porque o que está aqui em questão não é só aqui, na escola, mas a Matilde está a criar bases para mais tarde. Portanto, é isso que eu vejo que é muito importante e é o agradecimento que eu tenho, conseguirem ter um bocadinho de tempo para a Matilde, que isso é muito importante, porque está em jogo a vida de uma criança, que, muitas vezes, poderá ser afetada pelos adultos. O comportamento dos adultos pode prejudicar o futuro de uma criança.

**Inv** – **Bom, queria agradecer-lhe imenso a sua disponibilidade, depois de um dia de trabalho, reunir-se, aqui, comigo, na escola. Muito obrigada pelo seu contributo e maior das sortes, enquanto pai, para o futuro dos seus filhos.**

**M** – Muito obrigado!

### **A.2.6. MÃE 3**

---



## **Transcrição da entrevista**

### **Mãe 3**

**Data:** 2 de julho de 2015

**Local:** Agrupamento de Escolas – Escola sede

**Investigadora (Inv) – Estamos aqui reunidos no Agrupamento de Escolas com a Encarregada de Educação de um aluno de 12 anos, que frequenta o quinto ano e que transitou, agora, para o sexto! Ora, muito boa tarde!**

**Daniela<sup>9</sup> (D) – Boa tarde!**

**Inv – Ia começar por lhe pedir que me apresentasse o seu filho, que me falasse nas suas qualidades, nos seus defeitos...**

**D – O meu Paulo<sup>10</sup> está no quinto ano, como a senhora sabe. É uma criança meiga, calma, bem-educada, respeitadora, toda a gente gosta dele. Não tenho, assim, muito a apontar... o coiso dele é os comportamentos, aqui, na escola. Eu digo que, também, uma das partes seja para chamar a atenção, mas, de resto, não...**

**Inv – Mas ele porta-se, assim, muito mal, aqui, na escola?**

**D – Não é portar-se mal, portar-se mal... ele não é de andar à guerra, pronto, de andar metido em brigas, em problemas e isso tudo. Nas próprias aulas é que ele, em vez de tomar atenção às aulas, começa a perturbar as aulas, a fazer barulho com as cadeiras, ou a falar, ou é virar-se para um lado, virar-se para o outro... Mas isso, já na primeira classe, quando ele entrou para a escola, a professora que o estava a acompanhar que o achava um pouco “acriançado” para a idade que ele tinha e, na opinião dela, ele devia,**

---

<sup>9</sup> Nome fictício. Por uma questão metodológica, optámos por não identificar os entrevistados pelos nomes verdadeiros.

<sup>10</sup> Nome fictício.

com certeza, ter ficado mais um ano na pré-escola. Mas, é assim, mais outro tipo de problemas, não tenho tido assim... os casos que ele tem trazido na caderneta e isso tudo, tem sido baseado nisso, é dele não fazer alguns trabalhos de casa ou de ele perturbar as aulas, que ele tem de ter mais – como é que se diz – mais proveito...

**Inv – Mais aproveitamento.**

**D –** Sim, ter mais aproveitamento nas disciplinas. Às vezes, ele não faz os trabalhos de casa.

**Inv – Como é que ele é em casa? É, assim, também, desalvorado ou nem por isso?**

**D –** É. É assim, ele é uma criança calma, não estou a dizer... Eu tenho outra menina, uma menina com sete anos e, quando eles se juntam os dois, é o cão e o gato... ou é por causa dos comandos, ou é por causa do computador, ou é por causa disto, ou é por causa daquilo, às vezes, até por causa de uma troca de olhares... mais da minha filha... às vezes, o irmão está a comer e está a olhar para ela, quando estão assim mais... “o que é, por que é que estás a olhar para mim?”... Mas ele, estando sozinho, é uma criança calma, querida, não é por ser meu filho, mas não tenho nada a dizer. Mesmo as pessoas nossas conhecidas, nossas amigas, pessoas que o conhecem, têm-me falado muito bem a respeito dele, dizem que gostam muito dele, da maneira dele, que ele é uma criança muito bem-educada. Aqui, na escola, é que, de vez em quando, ando a ser chamada, por causa de ele não ter aproveitamento nas aulas, de andar a perturbar as aulas e isso...

**Inv – Já que fala aqui, na escola, por que é que escolheu este agrupamento para o seu filho estudar? Tinha boas referências?**

**D –** Não, simplesmente, eu morava aqui perto quando ele entrou para a escola. Ele foi para a escola n.º 1, quando foi para a primária e, depois, como essa escola pertencia a este agrupamento e também ficava perto de casa e isso tudo, deixei-o continuar neste agrupamento.

**Inv – Como é que tem sido o percurso educativo dele, aqui, desde o primeiro ano até agora? Que balanço é que faz, na sua opinião? Há alguma coisa que a preocupe?**

**D –** É assim, o percurso dele tem-me preocupado sempre um pouco, porque, desde a primeira classe, que ele tem dado esse tipo de problemas, mas, graças a Deus, ele tem

apanhado professores bons, eu tenho falado com eles, eles têm falado comigo e temos tentado ajudar-nos uns aos outros.

**Inv – E como é que teve conhecimento deste Gabinete, do GAAF? Como é que foi o primeiro contacto?**

**D –** Eu tomei conhecimento do GAAF na primária. Como o Paulo andava a dar este tipo de problemas, eu tinha falado com a professora dele, da primária, que me falou da Dra. Vera, psicóloga, se eu queria que ela o visse, o acompanhasse, para tentarmos perceber alguma coisa sobre a situação dele. Então, começou a ser acompanhado pela Dra. Vera, mas foi pouquinho vezes. Não sei se foi por ela ser uma senhora, o Paulo não teve, assim, grande aproveitamento com ela.

**Inv – Mas na sua opinião – desculpe interromper – ficou satisfeita por haver esse tipo de apoio na escola?**

**D –** Sim, sim, fico. Apesar de tudo, fiquei satisfeita. Eu, depois, falei com a Dra. Vera, porque o Paulo não queria vir, simplesmente, não queria vir e eu também não queria obrigá-lo. Morava, praticamente, aqui ao pé e tinha receio de o mandar vir e ele, depois, não vir. Então, falei com a Dra. Vera, que me falou do professor Luís, disse que tinha um colega, eu, então, pedi-lhe se podia falar com ele. Ela falou com ele e o professor Luís ofereceu-se em acompanhar o Paulo e não tenho razão de queixa, o Paulo gosta muito do professor Luís, têm-se dado bem um com o outro. Quando tem problemas, abre-se com o professor Luís. Pronto, não tenho nada a apontar.

**Inv – Na sua opinião, portanto, está satisfeita com o trabalho que é feito...**

**D –** Sim, sim.

**Inv – E gostava que ele continuasse a ser acompanhado pelo técnico Luís?**

**D –** Gostava, gostava.

**Inv – Muito bem! Olhe, muito obrigada pela sua colaboração, obrigada por ter vindo.**



## **A.2.7. TÉCNICO DE SERVIÇO SOCIAL DO GAAF**

---



## **Transcrição da entrevista**

### **Técnico de Serviço Social do GAAF**

**Data:** 25 de junho de 2015

**Local:** GAAF do Agrupamento de Escolas

**Investigadora (Inv) – Ora, bom dia! Estamos aqui reunidos com o técnico Luís<sup>11</sup>, técnico de serviço social aqui no GAAF da Escola, a quem vamos fazer uma entrevista no âmbito do Mestrado que estamos a realizar, em Mediação Intercultural e Intervenção Social, no que concerne o segundo ano, que é a parte da dissertação, inerente ao tema/ à temática que escolhemos para a nossa investigação, decidimos entrevistar os técnicos aqui do GAAF da Escola.**

**Ora, então, bom dia, Luís. Eu queria começar por lhe pedir que nos apresentasse o GAAF, o Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família aqui do Agrupamento.**

**Luís (L) – Ok. Pronto, o Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família tem como objetivo intervir diretamente com os alunos e com as famílias, com o objetivo de minimizar o insucesso, o absentismo e... está-me a faltar uma parte, eu sei que são três, insucesso, absentismo e...**

**Inv – Abandono escolar.**

**L – Sim, o abandono escolar dos alunos que são referenciados, ou seja, quem está no Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família tem de ter uma referenciação, seja por parte da Direção da Escola, do Agrupamento, seja pelo Diretor de Turma ou Professor Titular, no caso do primeiro ciclo, em que fazem esse encaminhamento, mediante a situação que verifiquem. Pode ser no âmbito psicológico ou no âmbito do serviço social. Pronto, basicamente, o Gabinete funciona desta forma, ou seja, com os alunos que tem, sendo**

---

<sup>11</sup> Nome fictício. Por uma questão metodológica, optámos por não identificar os entrevistados pelos nomes verdadeiros.

que, depois, a intervenção será sempre definida, no caso, por mim, no serviço social, ou pela Vera, pela psicologia.

**Inv – E, em sua opinião, Luís, quais são os pontos fortes... os pontos fracos do Gabinete.**

L – É assim, os pontos fortes é o facto dos técnicos que aqui estão não serem professores, têm uma visão diferente dos professores, que estão mais vocacionados para dar a aula e os técnicos têm uma visão que acaba por ser mais abrangente, não é? E conseguimos, muitas vezes, uma grande proximidade com os alunos, porque, pronto, não temos o papel do professor, ou o dito professor normal... Porque, muitas vezes, no meu caso, tratam-me por professor e eu também uso isso por uma questão estratégica, não é? Porque falando em técnico de serviço social ou assistente social, há sempre aquele “bicho-papão”, como eu cheguei a ouvir aqui uma vez um aluno comentar para outro que poderia pô-lo numa instituição. [risos] Os assistentes sociais estão, muitas vezes, conotados a isso. E, então, no meu caso, a maioria, acaba sempre por tratar-me por professor e isso acaba por ser benéfico, nesse sentido, apesar de a nossa metodologia ser completamente diferente e, depois, a estratégia de intervenção também. Relativamente a pontos fracos... é assim, se calhar, deveria haver... há uma articulação com os professores, mas, se calhar, com alguns professores, deveria haver com mais regularidade, pronto. De resto, não vejo... eu acho que acaba por ser sempre uma mais-valia, pelo facto de termos esta visão diferente, o nosso papel acaba por estar um bocadinho fora... um pé no contexto escolar, mas outro fora... e eu acho que isso acaba por ser muito benéfico.

**Inv – Pegando aí nas suas palavras, com certos professores, há um bocadinho de falta de articulação... Acha que isso se deve exatamente ao quê? Essa pouca articulação que existe entre...**

L – Por vezes, pode ser alguns professores que não têm tanta disponibilidade, mesmo da nossa parte, porque isto não é só a questão dos professores, também tem a ver connosco, porque, muitas vezes, temos muitas situações - e às vezes situações complicadas - que nos absorvem imenso e que também nos impossibilita de fazermos o trabalho de que gostaríamos de fazer, não é? Porque, muitas vezes, quando temos menos casos, acabamos por ter um trabalho de muito maior qualidade... E, às vezes, temos também

de “apagar fogos”, situações que surgem e que não estávamos à espera... E, muitas vezes, no meio disto, acaba por... ou porque nós não podemos ou o professor não pode e temos de nos adaptar, muitas vezes. Mas isso acontece de ambos os lados, não é dizer que são alguns professores. É óbvio que, depois, depende das sensibilidades, também.

**Inv – E, na sua opinião, Luís, que sensibilidade é que tem de se ter para se trabalhar aqui, para poder lidar com estes casos...**

**L –** O estar atentos, na minha opinião, tentarmos chegar aos alunos... muitas vezes, podemos estar com os alunos, mas não estamos a conseguir lá chegar e isso acontece, acontece muito... porque muitas vezes os alunos vêm, porque são encaminhados e são obrigados e, depois, conseguir balançar esse trabalho, é muito complicado, porque há uns que se consegue, outros que não se consegue... Mas eu acho que, sobretudo, é o estar atento, tentar criar uma relação com os alunos, também, com os professores e uma boa relação com todos os técnicos que andam à volta. No fundo, fazer uma boa articulação, também, porque isto implica, muitas vezes, termos de articular com o Centro de Saúde, com a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens, com outros serviços que existam na Comunidade, no sentido de apoiar ou a família ou o aluno, porque não podemos olhar aqui numa visão só do aluno, dentro do contexto escolar, temos de perceber também o que se passa fora do contexto escolar, no sentido de vermos o que é que se pode e consegue fazer.

**Inv – Focou, aí, uma parte, que disse “fora do contexto escolar, temos de lá chegar”... Como é que o Luís tenta lá chegar, fora do contexto escolar?**

**L –** É assim, muitas vezes, nós... o Agrupamento faz parceria com outras instituições. Uma das coisas que eu geralmente faço, quando tenho uma situação, é tentar perceber se aquele aluno está referenciado na CPCJ, pronto. Se estiver, tento perceber porquê, tento saber quem são os técnicos de acompanhamento... se frequentam outro tipo de estruturas fora do projeto, sejam um ATL, seja um projeto que exista no concelho... tentamos perceber como é que a criança ou o jovem reage neste contexto, quais são as atitudes que tem, se a problemática que nós detetámos aqui também tem impacto lá. O Agrupamento faz parte da parceria do “Projeto OJE (Olhares de Jovens Empreendedores)”, que é um Projeto Escolhas, onde temos muitos alunos que estão integrados e isso acaba por ser, também, um elemento de ajuda - não é? - porque acaba por ser uma intervenção mais informal e que se complementa com o contexto escolar.

Neste caso, do “Projeto OJE”, nós temos sempre articulado, por exemplo, no final de cada período, perceber os alunos que frequentam o Projeto, qual foi o sucesso escolar, quantas negativas tiveram aqui... é uma forma de o Projeto também poder trabalhar, dentro do contexto do Projeto, isso e nós, aqui, também tentamos perceber se eles vão ao Projeto... Pronto, basicamente, essa é a interligação com o exterior, que, na minha opinião, é fundamental. Pronto, no caso da CPCJ, mesmo muitas vezes há situações em que, dentro do contexto escolar, ou a escola esgotou todas as possibilidades, ou temos de referenciar à CPCJ, no sentido de ver se se consegue obter outros resultados, mas essa é sempre a nossa última... porque não é o Gabinete que referencia, será sempre o professor titular de turma ou o diretor de turma, mas podemos dizer a nossa opinião e dizer que nós consideramos importante que isto seja referenciado à CPCJ e procuramos, na elaboração do relatório ou da referência, de forma a que haja uma solução... E já tivemos situações dessas, em que esgotei tudo, mesmo às vezes intervenções...

**Inv – Pode...**

L – Tenho uma situação deste ano, que eu disse mesmo para mim que isto era melhor ir parar à CPCJ, porque não estamos a conseguir, investimos imenso numa situação e, depois, os resultados acabam por ser os mesmos... houve uma evolução positiva, mas depois voltou à fase inicial e, dentro do nosso contexto escolar, não conseguimos dar respostas e referenciamos... depois, o nosso papel aqui acaba por ser ir acompanhando a evolução dentro da CPCJ, porque a criança continua aqui connosco, também, para ver o que é necessário nós fazermos.

**Inv – Quando o Luís diz que esgotaram todas as possibilidades, o que é que significam todas essas possibilidades, exatamente?**

L – As possibilidades dependem da situação...

**Inv – Nesse caso específico...**

L – Neste caso específico, era uma criança que faltava imenso, que tinha problemas de saúde, mas que nós nunca percebemos muito bem que tipo de problemas de saúde eram... inclusive, articulámos com a Enfermeira do Centro de Saúde, no sentido de ver qual é que era a problemática e o que é que nós detetámos, aqui, logo de início? Detetámos que a família tinha poucas competências parentais. Não é que sejam maus

pais, porque não são, há amor, há preocupação, há cuidado, só que há um cuidado excessivo... enquanto temos muitas situações... esta situação peca pelo inverso... ou seja, é excessivo. A criança, hoje, já tem 12 anos e é tratada como uma bebê. Eu posso falar dessa situação, porque fui eu que acompanhei. Os Pais estavam desempregados, consegui encaminhá-los, no sentido de terem uma ocupação, de forma a que pudesse, também, ganhar algum rendimento, ter um maior rendimento e a possibilidade, também, de, pronto... a mãe foi para formação, esteve em formação... entretanto, com a professora, na altura, o que é que eu pensei?... esta é uma criança que não tem muitas relações pessoais, de amizade, que frequenta a escola, mas que faltando muitas vezes à escola, acaba por estar muito refugiada em casa, ou seja, o processo, o percurso desta criança era escola-casa/ casa-escola. E, pelas conversas que tínhamos com os pais, percebíamos que ela não tinha amigas nem amigos... Isto estamos a falar de um processo que acompanhei a partir dos 10... atualmente, tem 12... esta criança está a crescer dentro de uma redoma e um dia vai ter de se confrontar com a realidade... pronto... e então, o que é que se pensou? Pensou-se ocupar os pais, porque os pais estando ocupados, a criança não podia ficar em casa. E conseguimos isso, inclusive, conseguimos encaminhar a criança para um ATL, porque a mãe, frequentando uma formação, a formação, por norma, paga o ATL, que era um espaço extra escola, onde ela poderia desenvolver determinadas competências e sair do contexto de casa. Entretanto, os pais... a mãe, no início deste ano letivo, como a criança... houve vários dias que teve de faltar por estar doente, a mãe decidiu, para dar o acompanhamento necessário, despedir-se. É óbvio que eu, pessoalmente, que consegui isto, não gostei, porque acho que, no contexto que nós vivemos... e tenho situações em que não consigo obter nada disto... fiz questão, no dia em que ela foi desistir da formação, de lá ir e de dizer a minha opinião sobre o que eu achava, que achava que ela estava a ter uma atitude incorreta, que não estava a ajudar a filha e que ela é que é a responsável pela filha, mas teve o aconselhamento de vários técnicos e que estava desiludido com esta situação, porque, com esta atitude, ela não iria ajudar a filha. E nós acabámos... depois, a criança voltou à escola, mas depois voltou a faltar, porque já esperávamos... a mãe estando em casa, mais facilmente a criança queria ficar em casa... E, aí, decidimos, realmente, encaminhar para a CPCJ, quando já tínhamos avisado os pais, por diversas vezes, que, se não houvesse alguma evolução, que, eventualmente, seríamos forçados a fazer isso, no sentido de terem outro tipo de acompanhamento. E foi isso que decidimos fazer, pronto. Neste momento, tem o acompanhamento, eu sei que tem ido sempre às

consultas, aos atendimentos, sei também que a CPCJ se disponibilizou para acompanhar a família às consultas, para também tentar perceber esta situação... porque, por norma, esta criança apresentava justificações, mas das urgências, nunca do médico de família... e isto, também, aqui por parte da área da saúde, ou seja, uma criança que vai constantemente às urgências e não vai ao médico de família, para justificar faltas, não era muito viável... e, na altura, falámos com técnicos do Centro de Saúde, também, que tentaram ver e acharam que isto conseguia minimizar-se se os pais não valorizassem tanto a criança, porque a criança, também, sabendo, manipulou os pais, porque como não queria ir para a escola... e nós tentámos perceber se era alguma coisa que tivesse a ver com a escola, mas não... ela, até, quando estava na escola, estava bem, não havia bullying ou fosse o que fosse e a criança acabou por... manipulava os pais, dizia que lhe doía a garganta e os pais acabavam por ir atrás... Sendo que nós achámos que há ali um caso de saúde, realmente, mas que nós, concretamente, não conseguimos perceber o quê... porque sempre pedimos que o médico de família nos entregasse um relatório... e a última reunião que tivemos com os pais foi nesse sentido, que se houver algum documento que comprove que a criança não pode frequentar a escola, por qualquer razão, que a escola também pode tentar dar outro tipo de apoio, de forma a que a criança não fique para trás, porque a criança, faltando... e, nós, na altura, fizemos uma estimativa e só este ano letivo já tinha faltado 60 dias, só para vermos... no ano anterior, foram 73 e isto é recorrente. Nós consideramos que a criança também manipulou aqui os pais e ela reconheceu... pronto, e então temos de lidar com este tipo de situações, muitas vezes... esta é uma das situações que eu acompanhei e que investi imenso e que depois, às vezes, nós também acabamos por desmotivar... Mas, também, dentro da área social, eu também sei que isso é o que acontece, temos de viver com este tipo de frustrações, porque não conseguimos mudar o mundo. Se conseguirmos mudar alguma coisa, pelo menos, já é positivo. Nem que seja alertar, para que as pessoas também tenham consciência de que, neste caso e nesta situação concreta, que as crianças também têm de viver a sua vida, não podem estar dentro de uma redoma de vidro, porque senão não estamos a ajudar, muito pelo contrário. Eu cheguei a dizer à mãe que, um dia mais tarde, quando isto rebentar, ou a criança começar a viver de uma outra forma “você é que vai levar com isto em cima e vai-se lembrar daquilo que nós falámos”... Nos, às vezes, temos de ser um bocadinho ou mesmo muito diretos em algumas situações, porque, pronto, as pessoas, muitas vezes, também vivem numa

ilusão, não querem abrir os olhos... o nosso papel acaba, também, por ser esse, o estar atento, o alertar, o tentar mudar alguma coisa... muitas vezes, não conseguimos, muitas vezes, também, temos mais algumas dificuldades, que encontramos, mas, pronto, vamos tentando fazer o melhor.

**Inv – Falávamos, neste caso específico, que sentiu alguma frustração, em não ter, digamos assim, conseguido mudar a situação... Há mais alguma insatisfação ou desmotivação que sinta...**

L – Eu costumo dizer que, dentro das situações que eu acompanho, noventa por cento têm a ver com o contexto familiar. E é extremamente difícil mudar isso, porque se a criança ou jovem não tem uma série de regras, torna-se muito complicado... porque não é vir a um atendimento semanal, que muitas vezes é aquilo que marcamos com aqueles miúdos, com regularidade, que conseguimos... alguns conseguimos mudar e conseguimos falar com pais e eles conseguem alterar algumas coisas no contexto familiar... agora, se não houver mudança e se mantiver tudo, é óbvio que é muito complicado... e, depois, não podemos exigir que a criança mude se a família também não muda... O nosso papel direto acaba por ser com as crianças e a família, mas é óbvio que muitas vezes exigimos ou a escola exige muito aos alunos, mas também não se exige tanto à família... a família tem um papel fundamental na construção destas crianças e, muitas vezes, na minha opinião, e das situações que eu tenho, em noventa por cento das situações está o foco na família. Muitas vezes confrontamos isso, e eu tenho algumas situações em que eu digo que o problema está em casa, já disse aos pais e já me disponibilizei para, ou lá ir a casa, ou podermos conversar sobre isto... muitas vezes, há uma grande resistência, porque depois há ali problemas dentro da família que, enquanto não forem resolvidos, a criança vai manter isto, porque é uma forma de chamar a atenção e há esta resistência de não querer mudar, porque já está assim... depois queixamo-nos do comportamento da criança, mas também não fazemos nada para mudar.

**Inv – E, normalmente, é fácil chegar aos pais/ à família? Que estratégias é que vocês...**

L – É assim, por norma, quando nós chamamos, vêm. Há outras situações que não tanto. Quando não vêm... já tivemos situações de visitas domiciliárias, sem avisar... Aquela situação que eu falei há pouco, daquela miúda, que tinha estes problemas de

saúde... houve uma altura em que ela faltou dois ou três dias e eu combinei com o professor “ok, então, ela hoje não veio, por mim, vamos já a casa dela para tentarmos perceber”... e fomos... ficaram muito surpreendidos, mas, de vez em quando, fazemos quando é necessário ou quando um pai não vem, tentamos perceber se a pessoa está a trabalhar ou não está, se não estiver, tentamos ir a casa e fazemos essas visitas domiciliárias... também no sentido de que temos uma preocupação com a criança, chamámos o pai, não veio, etc... Mas, por norma, geralmente, quando marcamos, vêm.

**Inv – Normalmente, qual é a reação dos pais quando sabem que os filhos estão a ser acompanhados pelo GAAF? O que é que eles sentem? Da vossa parte...**

**L** – Nós falamos que é um Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família, mas eu acho que as famílias não percebem muito bem, pensam “é a escola”... isto é a escola, é a escola... esta é a minha imagem... e tratam-me por professor, também, apesar de eu dizer que sou técnico de serviço social e que estou aqui para dar apoio aos alunos e às famílias... por norma, agradecem, há uns que agradecem... há aqueles que vêm mais, ou que se cria outro tipo de relação... e há outros que temos mais esse tipo de dificuldade em trazê-los cá, mas, também, eu, pessoalmente, se não for cá, vou lá, não me faz diferença nenhuma... e tento adaptar-me sempre aos horários dos pais, porque sei que as pessoas trabalham e muitas vezes são pessoas que têm muitas dificuldades e não gosto de mexer nos horários das pessoas, então, mexo no meu e adapto-me eu, de forma a que não prejudique a vida das pessoas... porque eu sei que, muitas vezes, as pessoas têm de faltar uma ou duas horas e, depois, são prejudicadas... estamos a falar de famílias carenciadas e eu acho que não devemos promover isso, essa vulnerabilidade económica... e também mostrar abertura, é óbvio que, se também virmos que não há abertura do outro lado, marcamos - eu também faço isso - dentro do meu horário e quer, não quer... também depende muito da relação que se cria e também da sensibilidade que temos... porque eu acho que isto é um processo de aprendizagem para todos, seja para nós, seja para os pais, porque eu acho que aqui, independentemente da escolaridade que cada um tenha, eu tenho alguns conhecimentos, os pais têm outros, há coisas que eu não sei fazer e que eles são fantásticos, independentemente de terem a quarta classe ou de não saberem ler ou escrever. Agora, eu acho que isto é um processo de aprendizagem, andamos sempre todos a aprender. E o nosso papel aqui, tendo a base do contexto escolar, é, sobretudo, que a criança esteja bem, dentro do

contexto escolar, mas que, se pudermos refletir que isso vá para casa e que também tenha impactos em casa, tanto melhor.

**Inv – Falou há pouco na questão do tempo, dos horários, na questão de tentar sempre estar flexível à marcação desses mesmos encontros... Eu sei que o Luís aqui está a meio tempo... Como é que consegue lidar com tudo isso, com essa gestão do tempo?**

L – É assim, eu estou num outro local de trabalho, onde tenho flexibilidade e isso permite-me adaptar, assim como, a escola, quando sabe que eu dou à escola, também sabe que tem de dar no outro caso, à outra situação de trabalho que eu tenho. Tento gerir, porque eu conheço bem o concelho, conheço bem as instituições e isso é uma mais-valia, consigo mover-me muito bem nestas águas e isso acaba por não ser muito complicado, acaba por ser uma questão de gestão do tempo. Muitas vezes, acabo por ter situações em que estou no outro local de trabalho, mas vou ter de sair, porque tenho uma reunião, que fica a meio do outro horário, mas tento adaptar, porque acaba por ser tudo muito próximo... sobretudo, quando eu acho que as situações são pertinentes... quando vejo que não são pertinentes, que não há urgência, aí, tento adaptar de outra forma... mas quando há este tipo de situações, em que eu sei que temos de conciliar quatro ou cinco pessoas, eu não vou estar a dificultar, então, como tenho esta flexibilidade, consigo mover-me facilmente.

**Inv – E a sua relação aqui com a escola, com os professores, consegue articular com eles dentro do horário de trabalho?**

L – Também tem de ser... muitas vezes, acaba por ser muito “conversa de corredor”, ou porque há algo importante que queiramos transmitir ou, eventualmente, tenho muitas reuniões com diretores de turma ou professores titulares de turma, com os pais, com os alunos, depende... mas, aí, marcamos, e quando isso acontece, geralmente, também me adapto à disponibilidade do professor, dos pais... também temos esse cuidado com os diretores de turma, marcar ao fim do dia, porque as pessoas estão a trabalhar... tentar marcar 17h30, 18h, à volta disso, de forma a que não prejudique os pais.

**Inv – Já nos falou, aqui, de um caso em concreto... gostava de lhe pedir o seu comentário a outros casos de sucesso que tenham tido aqui no GAAF ou que acompanhem...**

L – Temos algumas situações, daquelas que eu acompanho... a Vera, provavelmente, depois, falará das dela, porque ela tem muito mais alunos, porque está a tempo inteiro... Há alunos que têm o nosso acompanhamento e que, depois, acabam por ter alguma evolução positiva, ao nível do sucesso escolar, porque tinham muitas negativas no primeiro período... e isso consegue-se, acaba por ser sempre uma mais-valia...

**Inv – E como é que isso se consegue, na sua opinião?**

L – Eu acho que se consegue pelo seguinte... porque nós, e eu falo por mim, quando tenho atendimentos semanais, falo com os alunos, mas vou criando materiais, porque sei que têm dificuldades a português ou a matemática, então, vou dando esse apoio. Muitas vezes, estes alunos também já têm os apoios da própria escola, mas isto acaba por ser um reforço. E eu aproveito, muitas vezes, esse encontro semanal para poder ajudar naquelas disciplinas, em que fazemos um ponto de situação, quando é que vão ter os testes, quais foram as notas que tiveram e, então, vou acompanhando sempre essa evolução. Depois, também, já conheço um pouco o aluno e já sei onde tem mais dificuldades. Pelo meio, também vou tentando perceber como vão as coisas em casa, como é que foi o fim de semana, como é que está a turma, vou tentando perceber um bocadinho, quando percebo que eles têm mais necessidade de conversar, não puxo tanto pela questão das fichas. Pronto, é mais uma conversa e refletimos um bocadinho sobre alguns comportamentos que possam ter havido que eu soube... e, às vezes, eu sei, mas espero que sejam eles a dizer... porque, às vezes, vêm dizer “ah, o stor já sabe”... eu sei, mas depois digo que não sei... pronto, porque também há aqui uma relação, para eles perceberem que, apesar de articularmos com os professores, tentamos conversar, para perceber a versão que o aluno nos diz... uma coisa é a versão do professor ou de alguém que nos transmitiu... e aqui é tentar perceber o que é que foi e refletirmos com eles o que é que aconteceu, porque é que ele teve esta atitude... Eu acho que esse espaço que nós temos acaba por ser benéfico, porque é aí que se criam as relações... e isso é uma mais-valia também, acaba por beneficiar o trabalho do GAAP e ajudar-nos, depois, a obter alguns resultados. Também temos o inverso, pronto, que é aqueles alunos que vêm e que nós percebemos que são obrigados, mas o curioso é que vêm. Nós, por vezes, temos dificuldade que venham e nem vêm, mas há aqueles que vêm e depois temos de negociar muito bem os tempos. Eu, geralmente, não gosto de... se tenho 45 minutos, às vezes, até, “olha, vais fazer isto e quando fizeres esta ficha podes ir

embora"... muitas vezes, acabam por sair um bocadinho mais cedo, alerta para terem cuidado lá fora, no intervalo, pronto... e acabam sempre por vir semanalmente, o que acaba, também, por ser benéfico. Noto que, para eles, é um bocadinho seca, porque, depois, não se abrem muito, é muito focado naquilo que é essencial, se é uma ficha, focam-se naquilo, ou se têm alguma dúvida... não se expandem muito... então, temos de saber gerir isto, porque temos aqui alunos com vários níveis, outros que vêm e que gostam muito, outros que vêm, mas que são obrigados e que detestam... acho que nem tem a ver com os técnicos, tem a ver "oh, pá, que seca que tenho de estar agora aqui este tempo"... este é o público com que nós trabalhamos e eu falo muitas vezes com a Vera, por causa das nossas frustrações, para podermos partilhar as nossas dificuldades e, às vezes, também, a opinião relativamente a como devemos agir nesta ou naquela situação, qual é que é a opinião dela, ou ela pergunta-me o que é que eu acho... e tentamos pensar em conjunto, porque temos alguma dificuldade e, como dentro da escola não temos outros técnicos, dentro da nossa área, acabamos por ser nós a partilhar as nossas experiências.

**Inv – Já que toca nesse aspeto dos técnicos, no número de técnicos, acha que a equipa do GAAF é suficiente com uma psicóloga e um técnico de serviço social a meio tempo, ou, na sua opinião, havia de existir mais técnicos... ou, dentro da escola, por exemplo, haver o espaço de algum professor se associar aqui ao gabinete... qual é que é a sua opinião?**

L – No âmbito do TEIP, a escola tem alguns professores que estão também interligados, estando o Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família integrado num TEIP... e eu acho que há aqui, também, o gabinete da saúde, na escola, que tem esse apoio. É óbvio que, quanto mais tempo tivesse, mais situações de acompanhamento poderia haver, mas não sei se por norma... temos o outro agrupamento no concelho, que também tem um técnico e meio... eu acho que não pode fugir muito disto... e eu acho que com o número de técnicos que temos tido, temos conseguido acompanhar um número já elevado de alunos... ainda ontem estivemos a ver isso e anda à volta dos 78, 80, mais ou menos, estávamos a fazer por alto, pela questão dos dados que são necessários para o relatório... por isso, já são muitos, sendo que estamos a falar de acompanhamentos semanais, não estamos a falar de acompanhamentos pontuais. Se fôssemos contabilizar os pontuais que muitas vezes acontecem, e que têm a ver com situações com que os professores têm dificuldade, ou que os pais venham à escola... aí, eu, geralmente, entro,

no sentido de ver, tento sempre por telefone essa possibilidade e, depois, se não conseguimos, temos de agir de outra forma, ou vamos a casa... porque temos urgência em ver situações com os pais, porque temos pais que também não se preocupam em vir buscar as notas, em saber como é que a criança está... e é fundamental, nem que seja uma vez, em cada período, ter esse feedback, de forma a saberem como é que a criança está no contexto escolar... ou porque a professora detetou – isto mais no primeiro ciclo – que a criança tem ali um problema e queria perceber o que se está a passar, então, nós partilhamos isto com os pais... normalmente, recebem bem e justificam por que é que não vieram, às vezes, algumas desculpas esfarrapadas, mas pronto... o que utilizo muito, quando às vezes pedimos algo é... ultimamente, tenho adotado isto, é um *timing*, porque se nós dizemos “então, vá fazer isto”, fica suspenso e eu tenho notado muito isso. São aquelas estratégias que vamos ganhando, em que digo “olhe, então, tem um espaço de duas semanas para ver isto”.

**Inv – E, normalmente, as pessoas cumprem?**

L – Sim. Uma das últimas situações que tivemos era uma questão de saúde da criança, em que alertámos a mãe, de que era importante vermos um médico, porque ela tinha uns altos por baixo do braço e estávamos preocupados, aquilo estava a crescer e a mãe dizia que era uma coisa benigna... “Então, mas quem é que lhe disse que isto era benigno?”... “Ah, foi o médico que palpou”... “Então, mas ele consegue ver assim, não fez um exame, não foi a nenhuma especialidade?”... Então, alertámos e dissemos à mãe que “no espaço de duas semanas, queremos esta situação vista”, porque já tínhamos tido uma reunião anterior, em que ela tinha ficado de ir ao médico e nunca foi. Entretanto, detetámos que aquilo não era benigno, havia ali outra situação e ela acabou por ir, no dia a seguir... quando nós lhe demos o espaço de duas semanas, no máximo, porque nós iríamos confirmar com o Centro de Saúde, dissemos-lhe mesmo isso... a mãe foi ter com a professora, no dia a seguir, a dizer que tinha ido à consulta e que estava muito preocupada... Mas acabou por ser a escola a detetar esta situação, quando já tínhamos alertado a mãe, que era importante ter uma certificação, que realmente era algo que não haveria problema... Às vezes, temos de ser assim, um bocadinho com timings, senão... Temos de fazer este acompanhamento, porque as famílias, muitas vezes, algumas não estão preparadas e pensam que não acontece nada e nós, enquanto escola, também

somos responsáveis pelas crianças e temos de dar este acompanhamento e alertar nesse sentido.

**Inv – Estava a dizer-me há pouco que eram cerca de 80 os alunos acompanhados... e são distribuídos pelos três ciclos...**

L – Não consigo dizer, se calhar, primeiro ciclo, não faço ideia... eu tenho dez e a Vera, provavelmente, deve ter uns vinte e tal...

**Inv – E notam alguma diferença entre ciclos? Acha que os problemas são diferentes ou são os mesmos?**

L – Os problemas acabam por ser muito idênticos. Qual é que é a diferença? Conseguimos trabalhar melhor com os do primeiro ciclo.

**Inv – E porquê?**

L – Nós, quando acompanhamos no primeiro ciclo, vamos buscar à sala de aula, o que não acontece no segundo e no terceiro, onde os alunos têm de vir no tempo livre. E, aí, muitas vezes, perdem-se alguns alunos, porque, depois, mesmo que eles não venham, mesmo que se fale com os pais... nós, também, não somos polícias... se temos marcações semanais e se o jovem ou a criança falta, temos de alertar o diretor de turma, temos de alertar os pais e se não há, da parte destes, uma preocupação que eles venham, é óbvio que temos de canalizar esse tempo para outra criança ou para outro jovem. Não vamos estar aqui um ano letivo, durante o horário – e eu falo por mim – porque quando isso acontece, eu tenho de tomar uma atitude, ou informo o diretor de turma que o aluno que ele referenciou não está a vir ou falo com os pais e comunico que o filho não está a vir... e vou marcar outra pessoa para esse horário.

**Inv – Normalmente, quando nos diz que há uns alunos que vêm, outros que faltam... eles, quando vêm, vêm sozinhos ou trazem amigos? Como é que funciona?**

L – Vêm sozinhos, porque, por norma, eu não atendo com amigos, se for para algo mais específico. Depois, temos sessões onde não temos sempre de fazer fichas, podemos fazer uma saída... e, às vezes, aí, se houver alguém... às vezes, acontece isso, de terem alguém, que é amigo e que quer vir... pronto, não vou estar tão focado com os problemas em casa ou o que quer que se tenha passado na turma, podemos fazer uma

sessão mais lúdica, temos jogos, outro tipo de coisas... Por exemplo, há pouco tempo tivemos o “Orientate” e houve uma aluna que veio e que estava um pouco aborrecida, não queria fazer fichas e, então, sugeri que fôssemos ao “Orientate”. Lá fui eu com ela dar uma volta, onde eu lhe expliquei o que era o “Orientate”, uma feira de formação. Ela conhecia algumas pessoas que lá estavam... Por isso, depende muito do espírito e essa é a vantagem que nós temos, é podermos ser criativos. Tanto eu como a Vera gostamos muito de trabalhar aqui, porque não temos de ser só técnico de serviço social ou psicólogo, podemos ser animadores, podemos inventar, brincar... e eu acho que isso é muito importante. O fundamental é nós gostarmos daquilo que fazemos. Ao gostarmos daquilo que fazemos é meio caminho andado para “vestirmos a camisola”, para nos sentirmos bem e isso é importante.

**Inv – De todos os casos que acompanha, Luís, queria pedir-lhe aquele que mais o surpreendeu, até hoje... pela positiva... ou, também, pela negativa...**

**L** – Tenho um aluno de etnia cigana – e nós temos muitos, aqui, no concelho – e é muito difícil de conseguirmos que venham. Aliás, já tive vários, já fui ao acampamento, pronto... é muito, muito difícil... acho que é um problema cultural, porque não se valoriza muito a questão da escolaridade. Então, tive um aluno que acompanhei, já com 16 anos, e que criou uma relação muito positiva comigo e que, inclusive, encaminhei-o, no ano passado, para integrar a Associação Juvenil do concelho, num programa do Instituto Português do Desporto e da Juventude, em que, na altura, este projeto na Associação Juvenil era possível... eu falei com ele e, primeiro, disse-me que não, mas depois voltou a aparecer e disse-me que tinha estado a pensar ... porque ele não queria estar na escola, queria ganhar dinheiro e este programa permite ganhar dinheiro. Para além daquelas questões todas que fui sempre trabalhando com ele, como a questão dos horários – porque para eles é muito complicado cumprirem horários -, fomos sempre conversando, também das relações, das namoradas que ele tinha, as jogadas que eles fazem, porque os pais não querem... criou-se uma relação muito interessante e ele acabou por ser integrado nesse programa... eu é que depois liguei para o Instituto Português do Desporto e da Juventude, porque isto tem uma burocracia que, para aqueles miúdos que não têm recursos, exclui automaticamente. Este miúdo não tinha conta, mas tinha de ter conta. E eu liguei para lá – já conheço uma técnica – e perguntei se eles faziam programas para incluir ou para excluir, porque eu tinha um miúdo de

etnia cigana, que não tinha conta e acho que não ia abrir nenhuma conta para dar dinheiro aos bancos... porque, depois, abre uma conta e o dinheiro que ganha é para pagar ao banco os custos de conta. Então, lá tive de pensar numa estratégia para ele não abrir a conta e lá sugeri ao programa e ele lá aceitou que foi ele associar o nome à conta da mãe. E lá esteve ele na organização da Feira do Livro, a conferir livros, a marcar. Este connosco aqui, na escola, no âmbito das atividades das férias de verão, também a acompanhar os outros alunos. Era um aluno que, na relação interpessoal, era muito recatado e que, com crianças, tinha alguma dificuldade, mas acompanhava-nos, levava o lanche... Tentava que ele estivesse connosco e estava. Depois, quando terminou as atividades da escola, esteve na Associação Juvenil, na Feira do Livro, a conferir, a marcar. Esteve no projeto praia, que foi muito interessante, porque as pessoas gostaram muito dele. Até tinha uma colega, na Associação, que me dizia - porque eu era um bocadinho rigoroso com os horários, quando ele faltava, eu ligava-lhe e dizia-lhe que ele não tinha vindo e que não podia ser assim – que eu não podia ser assim com ele, que tínhamos de o ajudar, porque simpatizou com ele. É um miúdo que, realmente, se estivesse num outro contexto, teria um percurso de vida muito diferente. Entretanto, no início do primeiro período deste ano, ele - era o que ele queria – integrou o CREAP (Centro de Reabilitação Profissional). Eu, entretanto, falei com as técnicas, fiz esta interligação, sendo que ele foi encaminhado aqui pela escola – já tinha dito ao diretor de turma que era isso que queria – e cheguei a fazer duas ou três visitas, posteriormente, para saber como é que ele estava. Ele gostou muito, porque não estava à espera. Tenho trocado, ainda algumas informações com as técnicas do CREAP, no sentido de perceber como é que ele tem evoluído... cheguei a sugerir, porque ele tem família em Alenquer, que vivem em casas, que trabalham, que o ideal era ele ir para lá, porque, aqui, o contexto em que ele estava, não o iria ajudar, que lá, se calhar, teria outro percurso. É um miúdo, também, que tem uma visão diferente das coisas e que, realmente, gostei muito e foi muito positivo neste sentido, porque eu acho que ele aprendeu alguma coisa e também a ver as coisas de outra forma. Por isso, foi, assim, daqueles casos que eu acompanho e de que gostei bastante. Acho que foi um sucesso, porque ele conseguiu, de facto, integrar este programa, ganhou ali perto de 200 euros e, depois, até me disse o que tinha comprado... e telefonava-me... ah, e houve uma coisa que ele me disse e isto é muito importante... ele, depois, ao integrar este programa, viu outros programas com outros jovens e mostrou-se muito interessado... chegou a ligar-me, de propósito, para me dizer “stor, se eu pudesse fazer aquele programa que o Fábio – que estava connosco

na Associação Juvenil – está a fazer, se calhar, podia ir para a escola e tirava o 9º ano”... Só que o problema é que ele tem 16 anos e esse programa é só a partir dos 18... De qualquer forma, foi muito positivo, porque refletiu sobre a importância da escola e isso foi a prova de que ele queria ganhar dinheiro, mas até nem se importava de estar na escola, se pudesse conciliar as duas coisas. Isto achei muito interessante, porque, também, não estava à espera e porque não foi imposto, foi ele que pensou por ele próprio.

### **Inv – Como é que ele chegou aqui, ao GAAP?**

**L** – Ele já estava referenciado. No ano passado, a diretora de turma encaminhou-o. Era um aluno que tinha muito jeito para o desenho, mas via-se que não tinha interesse pela escola. Então, o objetivo era nós conseguirmos integrá-lo num curso profissional, que, na altura, eu tentei ver, mesmo aqui à volta, em concelhos vizinhos, no sentido de ele poder ser integrado. Só que, também, levantei-lhe algumas questões, porque se ele não cumpria horários aqui, como é que ele os iria cumprir indo para fora? Acabou por não se concretizar, porque não havia, não conseguíamos dentro daquela área. Tentámos aqui várias alternativas e ele sempre manteve esta relação. Não vinha semanalmente, mas nós alargámos isso um bocadinho, de outra forma, mas criou essa relação. Quando lhe apresentei coisas diferentes, ele acabou por aceitar. Daí, eu considerar que seja um sucesso, dentro deste contexto.

Depois, tenho outras situações, mais no lado negativo... Tive uma situação, no ano passado, que me impressionou um pouco, porque foi um aluno que eu acompanhei muito... era um aluno que não gostava de estar na escola, acho que não era um mau aluno, só que não gostava, arranjava todos os mecanismos para sair da sala de aula, mas era um aluno muito bom a desporto. Houve uma altura, chegámos ao final do segundo período, se não estou em erro, houve aqui qualquer coisa que, na minha opinião, se fez uma tempestade... teve de se fazer uma reunião com a CPCJ (porque estava lá referenciado), com o pai, que estava desgastado com a situação – o próprio pai também tinha sido abandonado pelos pais – ou seja, acabou por preferir que o filho fosse para uma instituição. Naquele dia, o miúdo foi para uma instituição. Eu ainda disse ao pai que ele estava a fazer aquilo que lhe tinham feito a ele, mas o pai estava completamente alterado, não foi incorreto comigo, ouviu tudo o que lhe disse, mas estava, sobretudo, com a CPCJ, sendo que eu acho que a CPCJ não tinha culpa, mas ele estava desgastado

com esta situação e o jovem acabou por ir, naquele mesmo dia, para a instituição. Eu dava-lhe a medicação, cheguei a ir a uma consulta de pedopsiquiatria com ele (foi aí que ele ficou medicado), foi uma grande resistência da parte dele... e é um miúdo que eu sei que, hoje, está bem, pelo menos, o pai vê-me na rua... eu morar aqui, veem-me no supermercado, etc. e o pai fez questão de me vir dizer que ele estava bem e que estava muito melhor e continua lá, na instituição. Mas, na altura, custou-me um pouco, porque o pai, que foi vítima, acabou, também, por ter este tipo de atitude com o próprio filho, sendo que, depois, teve uma relação nova, da qual nasceu uma nova filha e valorizava essa filha em relação a ele, o que não era bom, [momento em que fomos interrompidos pelo Diretor, com quem falámos durante alguns segundos], pois não ajudava nada (compará-lo com a irmã). Ao estarmos a dizer isso, não temos a sensibilidade de perceber que estamos a valorizar uma criança em relação a outra... então, temos de lidar com isto... mas custou-me um bocadinho. No ano passado tive duas situações em que houve retirada de crianças, uma outra situação em que foi uma criança adotada, que já tinha 12/ 13 anos e que, como estava a dar problemas, “olhem, levem-me a filha”. Isto é uma coisa impressionante, mas temos de saber lidar, temos de ter um pouquinho de sangue frio, não podemos ter aqui o nosso lado emocional a trabalhar, porque, depois, não estamos a ser técnicos e, neste tipo de situações, temos de pensar naquilo que é melhor para a criança. Mas, de qualquer forma, são aquelas situações que acontecem e, este ano, também já tive situações de retirada, mas, honestamente, já estava à espera, acho que foi o melhor... foi uma situação de uma aluna do 4º ano, que passou para aqui e eu avisei a mãe de que esta mudança de ciclo não iria facilitar nada o processo da aluna com a mãe... a aluna já não respeitava a mãe, a mãe nunca lhe impôs regras e é óbvio que caiu aqui, num segundo ciclo, em que se tem um diretor de turma que se vê uma ou duas vezes por semana e que não há um professor que acompanhe o dia inteiro... é o descambar... e descambou, a todos os níveis... ao nível da aprendizagem, ela caiu completamente, muitas negativas, faltas injustificadas... tivemos de fazer reuniões da diretora de turma com a mãe... a mãe a permitir que a aluna saísse a qualquer hora, tivemos de cortar logo isso, pelo menos alertar a mãe que isso tinha de ser cortado e foi, nesse dia... arranjámos mecanismos para que aluna ficasse dentro da escola... a aluna estava no escalão B, a mãe estava desempregada, não veio atualizar o escalão, não trouxe os documentos... tivemos de ver aqui, internamente, para acelerar este processo, para a aluna comer dentro da escola, para não sair, porque era mais um motivo para sair e não voltar... as questões dos apoios... mas acabou, depois, por

descambar, tornou-se incontrolável, a situação e acabou por ser institucionalizada... acho que foi o melhor, mesmo, porque a mãe nunca se preocupou... também já tinha antecedentes de outra filha que tinha sido institucionalizada e, neste caso, a própria mãe também foi pedir ajuda à CPCJ nesse sentido... Ou seja, quando se começam a dar os problemas, alguns pais são alertados, mas, depois – não digo todos – não fazem nada para mudar, ou então, quando querem mudar, já é muito tarde e, aí, é muito complicado...

**Inv – Aqui, um bocadinho em jeito de conclusão, Luís, vamos imaginar que a escola não tinha este gabinete... Queria perguntar-lhe qual é que é a sua opinião, em que é que acha que este gabinete é importante, onde é que ele faz a diferença na vida destes jovens...**

**L** – Nalguns casos, é a relação que se cria, com os pais, com os alunos, que, de outra forma, seria mais difícil... Nós acabamos por estar aqui um bocadinho a mediar, seja dentro da família, ou mesmo entre a escola e a família. Para além disso, nós (eu e a Vera) não temos aquela vertente só de técnico, porque temos uma vertente de animação, temos uma coisa que eu acho que é positiva, as animações de pátio, em que nós passamos música – e isto é só durante 15 minutos, à tarde – mas, para nós, é importante, porque vimos o ambiente do intervalo, como é que os alunos se relacionam, que atitudes é que têm... e isso é muito importante. Eu tive uma situação, este ano, que acompanhava dois alunos e houve aí uma conversa de bulliying... e, depois, quando eu soube quem é que era o aluno que dizia que era vítima de bulliying, achei tudo muito estranho, porque eu vou aos intervalos todos os dias e vejo aquele aluno a brincar com os ditos agressores, o que não faz muito sentido, porque, normalmente, a vítima foge dos agressores... na altura, até comentei isso com a diretora de turma e achei tudo isto muito estranho, porque eu vejo isto regularmente e, então, achei que houve ali um exagero... e isso é importante, porque dá-nos uma outra visão. Se nós estivermos aqui fechados no gabinete, à espera que o aluno venha... muitas vezes, o aluno não vem no horário e eu vou procurá-lo, ver onde é que ele está, se está na biblioteca, se está lá atrás, no pavilhão, se não está, vou perguntar se o aluno saiu ou se se esqueceu, o que, às vezes, acontece, porque ia com outro e esqueceu-se completamente... se saiu, já sei que não está na escola... tenho essa preocupação de o ir procurar e sair um bocadinho.

As atividades das férias, que nós desenvolvemos, também são muito importantes, porque permitem um contexto diferente, dos individuais, para os de grupo, (importantes) para nós vermos a relação da criança num contexto de grupo. Uma coisa é quando está connosco, outra é quando está neste contexto de grupo e, às vezes, temos algumas surpresas, que é vermos o quão infantil eles são – alguns – como é que se relacionam com os outros e isso é importante. Acaba por ser aquilo que eu considero mais importante.

**Inv – Poderia dizer-nos uma palavra, na sua opinião, para definir o gabinete? Qual seria a palavra que escolheria para caracterizar o GAAF?**

L – Uma palavra... eu considero dinâmico.

**Inv – E porquê?**

L – Nós não estamos aqui fechados, a nossa ideia é sair. Nós falamos muito pelo facto de fazer as férias, as animações de pátio... são coisas de que gostamos de fazer, achamos que são importantes. Não estamos aqui circunscritos ao gabinete. É óbvio que agora, neste período em que não há aulas, nós estamos mais por aqui, não há alunos, mas andamos sempre de um lado para o outro. Geralmente, as manhãs são no primeiro ciclo, depois, as tardes são aqui. Mas andamos sempre... ou temos de ir ao outro pavilhão... ou temos de ir à procura dos alunos... por isso, eu considero que a palavra dinâmico é a mais...

**Inv – Para terminarmos, qual é o maior desafio para si, ao trabalhar neste gabinete?**

L – O maior desafio é não nos acomodarmos, porque eu acho que o acomodar é pior, estarmos acomodados implica não querermos descobrir novas coisas e querer mudar.

**Inv – Muito obrigada, Luís, pela sua colaboração!**



## **A.2.8. PSICÓLOGA DO GAAF**

---



## **Transcrição da entrevista**

### **Psicóloga do GAAF**

**Data:** 15 de julho de 2015

**Local:** GAAF do Agrupamento

**Investigadora (Inv) – Bom dia! Estamos aqui reunidos com a técnica do GAAF, a Vera<sup>12</sup>, que é Psicóloga, a quem eu vou dar a palavra já de seguida... Olá, bom dia, Vera! Começo por lhe perguntar que nos apresente este gabinete, o Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família.**

**Vera (V) –** Então, o GAAF (Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família) pretende, no fundo, contribuir para o crescimento dos alunos e, também, com o apoio das famílias. Estamos aqui, não só para apoiar os alunos, como capacitar as famílias, com competências parentais, que, muitas vezes, têm de ser estimuladas, no sentido de o aluno ficar mais motivado para frequentar a escola, diminuir o insucesso escolar, diminuir um bocadinho o absentismo (não temos assim um número de absentismo muito elevado, mas...) e a indisciplina, também. Esses são os pilares fundamentais nos quais nos baseamos: aumentar a motivação pela escola; (diminuir) a indisciplina, o absentismo e o abandono.

**Inv – De todos esses problemas, qual é aquele que acha que é mais frequente aqui nos meninos que frequentam o GAAF?**

**V –** Nos alunos que eu acompanho, acho que é a motivação pela escola. Muitas vezes, eles gostam, até, do espaço escola, mas, depois, o espaço sala de aula é um bocadinho mais difícil. Mas já é um ponto importante o gosto pelo espaço escola, porque daí para a sala de aula poderão haver estratégias para que se consiga estimular.

Também a indisciplina, ao nível dos problemas comportamentais.

---

<sup>12</sup> Nome fictício. Por uma questão metodológica, optámos por não identificar os entrevistados pelos nomes verdadeiros.

**Inv – Eu sei que o GAAF está aberto há dois/ três anos. Conte-nos como foi o contexto da abertura deste gabinete. O que é que surgiu de novo no Agrupamento?**

V – Na altura, no ano letivo 2012/ 2013, o Agrupamento ficou como TEIP (Território Educativo de Intervenção Prioritária). Então, nesse âmbito, do TEIP 3, houve a proposta de criação do Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família, que foi criado em janeiro de 2013, comigo como primeira técnica que integrei o gabinete. Como trazia um bocadinho de experiência de outros GAAF, não no âmbito TEIP, mas no âmbito de parcerias com o Instituto de Apoio à Criança (IAC), tentei adequar as metodologias e os processos que eu conhecia ao território em que estava, tentando conhecer e absorver muito do meio, para, a seguir, em contrapartida, devolver algumas estratégias que considerava importantes implementar.

**Inv – Já que fala do IAC, queria que nos tentasse explicar a sua filosofia, nesse sentido. O que é que absorveu enquanto técnica de outros GAAF orientados pelo IAC. Que estratégias, metodologias é que absorveu para...**

V – Tentar sempre sermos mais próximos do aluno, tentar uma ligação muito estreita com o aluno e com a família. Para isso, nós temos uma filosofia que, no fundo, não é só de gabinete. Temos a parte do gabinete, sim, mas, depois, para além disso, temos as atividades de animação de pátio, que fazemos, quer ao nível do primeiro ciclo, quer ao nível do segundo e do terceiro ciclos, com todos os alunos, no sentido de dar a conhecer o GAAF e que os alunos percebam que, se em algum dia tiverem a necessidade e/ ou a vontade de recorrer ao nosso gabinete, estamos completamente disponíveis e nós já não somos, se calhar, umas pessoas estranhas na escola, mas alguém que faz parte da escola, com quem, se eu tiver um problema, posso ter maior confiança em falar. Então, essa foi, se calhar, a primeira estratégia, o dar-mo-nos a conhecer aos alunos, de uma forma mais abrangente, com atividades de animação de pátio, jogos, brincadeiras, música, dança, um bocadinho por aí. Depois, enquanto IAC, nós vemos sempre, também, que os alunos com quem já trabalhamos... preocupava-nos muito o facto de eles terem acompanhamento durante o período letivo, mas durante as pausas, as férias escolares não terem qualquer tipo de acompanhamento. Então, eu bebi um bocadinho da inspiração e, aqui, também fazemos, logo desde o início (foi uma proposta minha), atividades de férias escolares, sempre, em todas as pausas letivas – Natal, Páscoa e verão – que envolvem, por exemplo, agora, no verão, praia, surf, canoagem, comboio, culinária... Vamos tentando adequar as atividades à estação do ano, ao período de férias a que se respeita.

**Inv – E como é que eles têm aderido a essas férias? Têm gostado?**

V – Muito, muito bem! Nós fazemos um grupinho de alunos que... tentamos perceber quais foram os alunos que mais evoluíram, dentro do gabinete, tentamos estimular sempre a evolução,

que haja sempre aspetos positivos e, depois, no fundo, isto, para eles, funciona como um prémio. Para eles, é a alegria, o poder pertencer àquele grupo é muito, muito bom.

**Inv – Estava a falar, há pouco, de algumas atividades que põe em prática. Eu estive, há dias, a conversar com uma professora de primeiro ciclo, que me dizia que tinham feito, em conjunto, uma ação, um projeto qualquer com a turma dela. Podia falar-nos um pouco mais acerca desse projeto?**

V – Foi um projeto de competências pessoais e sociais. Nós tentámos perceber, ao nível do primeiro ciclo, qual seria a turma, no fundo, com algumas dificuldades na relação com o outro, na assertividade, na regulação dos comportamentos positivos... e tentámos escolher uma das escolas que está referenciada, no âmbito do TEIP, como sendo de intervenção prioritária, uma escola de primeiro ciclo... também tentámos pegar nesse eixo... tentámos que fosse uma turma também de quarto ano para dar competências para que, na entrada para o segundo ciclo, eles conseguissem ser assertivos na regulação dos comportamentos, na relação com o outro, adotar comportamentos mais adequados às situações, o que nem sempre se verificava... colocá-los, também, a refletir sobre as consequências dos comportamentos negativos, sim, mas não olhar tanto para o negativo, tentar estimular sempre, também a parte positiva... ok, aquilo está mal, mas o que é que podemos, a partir de hoje, fazer de bem para...

**Inv – E que balanço é que faz desse tipo de projetos?**

V – É muito positivo, porque... os alunos adoraram, queriam que o projeto continuasse. Eu fiz em colaboração com o Técnico de Serviço Social do GAAF e sempre com a Professora da turma. Havia muita participação. Nós apoiámo-nos em material adequado para a idade. A dinâmica das sessões era a leitura de uma história, de um conto, relacionado com a temática, seguida de algumas dinâmicas de grupo, exercícios práticos. Era muito giro, porque todos os meninos queriam ler, todos queriam falar... Tentar, também, que se crie um espaço, na escola, onde possa haver partilha de experiência dos alunos, partilha de dúvidas, questões...

**Inv – Sei que, também, já fizeram alguns projetos mais direcionados para os Pais, nesse âmbito, nessa mesma escola. Tiveram uma formação parental, creio eu... Pode-nos falar um bocadinho acerca dessa iniciativa?**

V – Foi um programa de competências parentais, que decorreu no ano letivo 2013/ 2014, com alguns dos Pais, desde o pré-escolar até ao quarto ano de escolaridade, no sentido de as famílias ficarem mais capacitadas com algumas competências, para, de seguida, conseguirem resultados positivos nos filhos (e nas famílias também)... apoiar as famílias a esse nível, a capacitação de competências.

**Inv – E como é a vossa relação com as famílias? É fácil chegar às famílias? Sentem alguma dificuldade? Como é que costuma correr esse eixo, digamos assim?**

V – Aí, eu acho que depende um bocadinho da família. Há famílias que é fácil... num universo de alunos que nós acompanhamos, há famílias que é muito fácil virem à escola falarem connosco e que o fazem por iniciativa própria. Há outras famílias que têm de ser convocadas para virem à escola e, sempre que convocadas, mostram vontade em saber mais sobre o educando e em, no fundo, recolher algumas estratégias favoráveis para ultrapassarem algumas dificuldades que estejam a surgir. Temos, também, um pequenino grupo de famílias que nós convocamos e não vêm de imediato e que nós tentamos insistir a vinda deles à escola, porque nos parece fundamental. Por vezes, conseguimos que essas famílias venham à escola. Quando não conseguimos, também já ocorreu fazermos algumas visitas domiciliárias nesse sentido, de perceber o contexto e tentarmos apoiar as famílias a esse nível. Por vezes, é necessário a realização de visitas domiciliárias.

**Inv – E essas visitas são, também, comunicadas ao Diretor de Turma? Esses contactos que estabelecem com os Pais são, também, depois, dados como feedback ao Diretor de Turma? Qual é a articulação, neste sentido?**

V – Normalmente, existem atendimentos que nós fazemos em conjunto com o Diretor de Turma, com os Pais, sempre que nos parece importante estarmos ambos – Diretor de Turma e Técnico do GAAF – estamos. Quando não se torna tão relevante estar o Diretor de Turma, está um Técnico do GAAF, sempre com conhecimento do Diretor de Turma e, no fundo, de um retorno da conversa posterior, no sentido de informar o que é que ficou acordado com o aluno, o que é que ficou acordado com a família, para estimular, aqui, alguma evolução, algum desenvolvimento.

**Inv – Tenho-me apercebido, também, das conversas que já estabeleci com alguns Pais, que alguns dos alunos, algumas das crianças e jovens são sinalizadas pela escola, neste caso, pela figura do Diretor de Turma, mas também sei que há casos em que são os próprios Pais a querer que os filhos frequentem ou comecem a frequentar o Gabinete. Tem alguma ideia, algum exemplo que nos queira falar?**

V – Isso é verdade. Nós temos alguns casos em que os Pais tentam que os filhos sejam acompanhados pelo Gabinete no sentido de podermos dar um apoio muito mais próximo, um apoio direto e sermos alguém de referência na Escola. Por exemplo, tenho uma aluna que foi acompanhada por mim desde o 5.º ano, teve acompanhamento durante todo o 5.º ano, evoluiu muito favoravelmente, teve acompanhamento no 6.º ano, onde evoluiu favoravelmente. A minha proposta seria no sentido de passarmos a ter sessões ou quinzenais ou mensais e não foi

muito bem aceite [risos], porque a família entendia que... concordava completamente com a evolução da aluna, mas, se calhar, entendia que numa perspetiva semanal, que é sempre... normalmente, a maior parte dos alunos tem acompanhamento semanal, o que iria ser mais vantajoso para a aluna... tentamos perceber sempre a necessidade do outro, a necessidade da família, a necessidade do aluno e tentar encaixar aqui as diversas condicionantes.

**Inv – São esse tipo de casos que lhe dão motivação para o dia a dia, para trabalhar aqui, neste Gabinete?**

V – Muito...[risos] Todo o tipo de casos... Eu moro um bocadinho longe do local de trabalho e todos os dias, no meu caminho, venho com um sorriso.

**Inv – Exato... Nota-se. Está sempre a sorrir, é uma imagem de marca...**

V – É tão natural pensar que para mim aquele caminho é essencial, no sentido da estruturação do que vou fazer no dia a dia. Depois, não sei... É mesmo uma grande paixão. Todos os tipos de casos, mesmo os mais difíceis... Eu acho que se nós conseguimos uma entrega genuína e verdadeira, no sentido de nos colocarmos, também, no lugar do outro, e não estar só a dar estratégias que nos fazem sentido a nós, mas, depois, podem não fazer sentido ao outro, ao aluno, e podem não fazer sentido à família. E tentamos fazer um bocadinho o processo inverso, tentar que o aluno colabore e que a família colabore na definição de estratégias. Tento sempre fazer isso, colocar-me no lugar do outro. Peço-lhes sempre opinião. Eu posso ser alguém que apoia, sim, mas tentar sempre que os alunos me digam o que acham de positivo para alterar os próprios comportamentos. E eu acho que tem funcionado bem.

**Inv – Acha que essa entrega deles é fundamental para que as coisas consigam evoluir? Essa partilha que estabelece com eles, essa negociação...**

V – Com a maior parte dos alunos, eu tenho atendimentos semanais e é muito enriquecedor quando o aluno sai com um sorriso, mas também quando conseguimos que, no pátio, na hora do almoço, nos intervalos os alunos nos venham visitar... ou se nos virem no pátio que nos venham dar um abraço. Portanto, isso é...

**Inv – Pois, eu já me apercebi, da observação que tenho feito ultimamente, que chega a almoçar com alguns dos alunos que acompanha. Como é que caracteriza essa relação que estabelece com eles? Estava a falar disso agora mesmo.**

V – É no sentido de criar maior proximidade, no sentido de nos aproximarmos, percebermos, ouvirmos o aluno e, também, no fundo, sermos alguns modelos de referência. Aqui, quando eu digo modelos de referência, se calhar, ao nível do comportamento, da motivação pela escola. Mas, também, às vezes um simples almoço... nós temos alunos que nós nos apercebemos que o

almoço é batatas fritas de pacote e cola e eu acho que, mesmo aí, nós conseguimos ser um modelo de referência, se comermos uma frutinha... um bocadinho por aí, os alunos, primeiro, da minha experiência, acham um bocadinho estranho..."ó stora, fruta?"... Mas, com o passar dos dias, a fruta acaba por ser positiva. Eu acho que é fundamental o modelo, no fundo, na íntegra, por completo. Mas, também, criar laços de partilha, acho que é importante.

**Inv – Normalmente, quando atende as crianças/ os jovens, aqui, no gabinete, eles costumam aproveitar a oportunidade para desabafar consigo? O que é que eles fazem, exatamente, nessas sessões de atendimento que costuma ter com eles?**

V – Normalmente, quando um aluno é encaminhado para o GAAF, tem uma problemática específica. Com base nessa problemática, eu tento fazer um estudo das características do aluno, tento, primeiro, falar com ele, tento fazer um plano de intervenção com ele e com a família. Este plano de intervenção não é estático, porque vai sofrendo mudanças e é diferente de aluno para aluno. Tenho alunos que necessitam de uma intervenção emocional, tenho alunos que necessitam na parte das dificuldades de aprendizagem, nomeadamente, programas de promoção cognitiva, alunos que, ao nível do estudo, não têm hábitos, não têm métodos e, também, desenvolvo com eles alguns programas de competências de hábitos e métodos de estudo, programas ao nível emocional... Depois, depende, se é de primeiro ciclo, se é de segundo ciclo, se é de terceiro ciclo... Ao nível da ansiedade aos testes, também temos alunos ansiosos... Temos outros alunos que, primeiro que nós consigamos perceber na íntegra o aluno, são necessárias algumas sessões. Há alunos que chegam e conseguem estabelecer facilmente uma relação, há outros em que é um bocadinho mais difícil chegar até ao próprio aluno e é nesses casos que, se calhar, há sempre umas estratégias de gabinete, no sentido de uma maior facilitação, de criar relação com o aluno, com diversos jogos que nós temos aqui, no gabinete, quer para os mais pequeninos, quer para os mais velhinhos, como o "Mauzão", o "Pictionary", legos, puzzles, um bocadinho por aí, no sentido de fazermos dez, quinze minutos a tarefa em conjunto e percebermos que podemos construir algo juntos e tirarmos daí alguma coisa. Depois, também acompanho muitas meninas, na faixa dos 12, 13, no início da adolescência, que é muito giro, porque já não se reveem tanto assim nos jogos e, no sentido de criarmos relação, no sentido, também, de aqui tentarmos libertar alguma ansiedade, costumo fazer com elas muitos trabalhos em feltro, em eva...

**Inv – São estes que se encontram espalhados pelo gabinete, expostos?**

V – Sim [risos]... As alunas gostam muito! Eu acabo por fazer também, é um projeto a dois, no fundo, que fazemos, e tem, também, algo em comum, que se torna muito bom. Vão sempre para casa com aquele miminho e, claro, com uma nova competência. É claro que é uma nova

competência, neste caso, ao nível das artes, mas, ao nível emocional, ao nível da relação comigo, eu acho que é muito bom, porque se consegue, a partir destas pequenas estratégias, uma evolução.

**Inv – Vou pegar, agora, numas palavras que disse há pouco. Falava do acompanhamento que faz, desde o primeiro ciclo, segundo e terceiro ciclo... estamos a falar de um Agrupamento grande, com várias escolas... Como é que a Vera consegue gerir o seu tempo? [risos] Como é que consegue chegar a todos os alunos, a todas as escolas?**

V – Eu tento dividir. É assim, para mim, neste momento, é fácil, mas nem sempre foi muito fácil, porque eu vinha habituada a outro Agrupamento mais pequenino, em que tinha tempo, o tempo dava para todos. Neste momento, o que é que eu tento fazer? Tento rentabilizar as minhas manhãs com as escolas de primeiro ciclo. Portanto, todas as manhãs tenho primeiro ciclo e marco com alguns alunos de primeiro ciclo, que têm atendimento em duplas, dois alunos ao mesmo tempo, sempre que a problemática e as características do aluno se coadunem com a perspectiva. Depois, ao nível do segundo e terceiro ciclos, normalmente, como há sempre tardes livres, já não é como no primeiro ciclo. No primeiro ciclo, temos atendimentos durante o tempo letivo. No segundo e terceiro ciclos, não é durante o tempo letivo, é durante o tempo não letivo. Aproveitamos o final das tardes, em que não há aulas, ou as tardes livres dos alunos, no sentido de poder acompanhá-los. Mas é muito relevante que a assiduidade dos alunos é muito grande. Eles comparecem [risos] Tenho muito poucas faltas. Quando tenho uma falta é por doença, que, normalmente, é justificada pelo Encarregado de Educação. Normalmente, até antecipadamente avisam, já têm esse hábito de saberem que, naquele dia, esse aluno tem apoio da Psicóloga no GAAF e avisam antecipadamente, o que é bom, também, que percebam esse lado. A assiduidade dos alunos é, mesmo, muito grande, apesar de ser nas tardes livres.

**Inv – Acaba por ser no tempo livre deles. Vou só recuar um bocadinho... quando, há pouco, a Vera falava da articulação com os Pais. Normalmente, quer contar-nos, não sei se aconteceu algum caso este ano letivo, mas como já acompanha algumas crianças e jovens há algum tempo, como é a reacção dos Pais quando sabe que um filho ou uma filha vai começar a ser acompanhado pelo GAAF? Sente qua há alguma resistência, alguma curiosidade, algum... enfim, como é...**

V – A grande maioria dos Pais conhece o GAAF, o que é bom, porque, mesmo alunos que ainda não são acompanhados pelo GAAF, chegam ao GAAF pela primeira vez, através de atividades que fazemos no pátio, eles conhecem-nos, o que é bom. Em casa, vão sempre passando a mensagem que o Gabinete existe, que é um Gabinete que pode apoiar os alunos em diversas vertentes. Os Pais, quando nos chegam, a maior parte, é preocupada com a situação daquele aluno e, a maior parte, tem vontade em ajudar, não sabendo como, portanto, sentindo falta de

competências, de capacitação para tentar resolver o problema. Eu, aí, costumo, normalmente, pegar um bocadinho ao contrário, porque, está bem, aquele aluno tem dificuldades, tem um problema, mas também muitas capacidades e, se calhar, se conseguirmos valorizar aqui as capacidades que o aluno tem, o aluno passar a ser visto como bom para jogar futebol e, através disso, conseguir, se calhar, algumas regras de grupo, de trabalho em equipa. Podemos tornar essa habilidade, no fundo, essa competência que o aluno tem para outros caminhos. Algumas vezes, os Pais, quando nos chegam, vêm um bocadinho saturados com a situação. E eu acho que, culturalmente, já se vê uma parte dos Pais, não sei se a maioria, como aquele meu filho é um filho com muitas dificuldades. Se nós, a partir daí, conseguirmos ver diferente, não é, é um filho com muitas capacidades, que tem esta dificuldade e que vamos tentar ultrapassar. Tentar aqui dar uma perspetiva positiva e confiança, acima de tudo, e confiança no filho.

**Inv – Falava, há pouco, também, que nem sempre corre tudo bem, que há sempre alguns casos mais difíceis. Quer partilhar connosco algum caso que a tenha marcado mais?**

V – Tenho uma aluna que acompanhei durante um ano e meio, uma menina com 12 anos, com diabetes. A ligação sempre foi muito próxima. A aluna frequentava o Gabinete semanalmente, integrava sempre as atividades de férias – Natal, Páscoa, verão – e as coisas corriam normalmente, sempre acompanhada, em articulação, com os serviços de saúde. Tentámos, também, qua a aluna cumprisse, na escola, a parte do controlo da glicémia e a parte da toma da insulina. Esta aluna tem uma família, que ao nível de – queria encontrar uma palavra mais adequada – uma família, por vezes, desequilibrada, no sentido em que, por vezes, as coisas correm bem e apoiamos e, outras vezes, nota-se um desequilíbrio, em que as coisas não correm tão bem. A família começou a não valorizar a parte em que a escola assegurava o controlo da glicémia. Uma funcionária, específica, com formação, assegurava sempre, nos horários estipulados pelo médico, o cumprimento da menina nessa parte. Nem sempre a menina cumpria e, por vezes, a Escola tinha de procurar a menina, em vez de a menina vir diretamente para a enfermaria, os agentes educativos da escola tinham de procurar, para perceber se a menina estava no bar, se estava no refeitório, se estava no campo de jogos. Como aconteceu isso algumas vezes, tentámos reunir com a Mãe, no sentido de, também, dar aqui um retorno e fazer entender que era importante que a aluna se deslocasse à enfermaria nos horários estipulados, por ela própria, não que fosse preciso alguém estar atrás. A Mãe não entendeu a situação da mesma forma que nós, que nos preocupava, e desvalorizou, no fundo, a situação, o que fez com que a aluna passasse a ter um relacionamento com a Escola não tão favorável, porque tinha sido a ideia que a Mãe transmitiu. Então, aí, também há um bocadinho de dificuldade e tentar que esta aluna volte e cumpra as indicações médicas e que volte a ter um gosto pela Escola – que tinha, era uma aluna muito próxima com a Escola – mas, a partir do momento em que a família não vê

a Escola assim, da mesma forma, se calhar, ela passou também a não ver. Aí, foi um trabalho um bocadinho difícil, no sentido de tentar modificar, aqui, esta postura.

**Inv – Estamos a aproximar-nos do final do ano letivo. Aliás, entretanto, as aulas já terminaram. Os meninos encontram-se, neste momento, nas férias de verão. Como é que é, para si, o aproximar do fim ano letivo e o ano letivo seguinte? Como é que é essa transição? Eu sei que há um concurso nacional, que recruta os técnicos... Como é que vê essa situação?**

V – Pois, normalmente, nós somos colocados em concursos anuais, que terminam sempre a 31 de agosto. Este lugar vai terminar a 31 de agosto e, depois, tem de ser um novo concurso, em oferta de escola, que abre, normalmente, à semelhança dos anos anteriores, em meados de outubro. O que acontece é que, quando o ano letivo inicia, os nossos alunos – que eu já chamo nosso [risos] – não têm a Psicóloga, não têm o Técnico de Serviço Social a que estão tão habituados e que tiveram, mesmo após as aulas terminarem, nas atividades de férias de verão – o que estamos agora a fazer. Portanto, eu acho que entrarmos, assim, um bocadinho mais tarde é uma desvantagem, no sentido que alguns alunos, se não forem semanalmente acompanhados, nas diversas vertentes, as coisas vão caindo gradualmente. Quando chegamos é muito bom. O reinício é sempre muito bom, mas, às vezes, temos de começar a trabalhar um bocadinho mais atrás e houve aqui algum retrocesso. Por vezes, acontece, neste período de interrupção, haver algum retrocesso, que, se fôssemos colocados no início do ano letivo, poderia ser uma barreira que ficasse ultrapassada. E, mesmo na integração de novos alunos, o GAAF poderia dinamizar atividades de início do ano letivo, no sentido de acolhimento dos novos alunos e de integração, que seriam muito benéficas, sendo que, neste momento, esta minha ideia tem de ficar um bocadinho de parte [risos].

**Inv – Quem sabe! Olhe, Vera, trabalha com o Técnico de Serviço Social, que está colocado a meio tempo. Gostaria de lhe pedir opinião acerca da relação profissional que tem com este Técnico. Como é que vocês dividem as vossas tarefas? Como é que partilham outras? Conte-nos tudo.**

V – É muito positivo, o balanço com o meu colega de serviço social. É positivo e no sentido do que nós costumamos falar, da complementaridade, porque nós não vemos, nem eu nem o meu colega, os meus casos e os casos dele. Há crianças e jovens que são só acompanhados por mim e há crianças e jovens que são só acompanhados pelo serviço social. Mas eu, e o meu colega também, normalmente, partilhamos muito, algum do nosso tempo fora da escola, que não é muito, é passado a refletir, também, a estratégia e eu acho que uma visão de fora... eu, se tiver um caso em que eu estou a fazer as coisas e as coisas até podem estar a correr bem ou um bocadinho menos bem, mas mesmo que estejam a correr bem, é sempre importante termos aqui

uma visão um bocadinho externa da minha perspectiva. E mesmo o Técnico de Serviço Social... o que nós tentamos fazer é a partilha de conhecimentos, a partilha de materiais, a partilha de experiências, de estratégias, de metodologias, no sentido de trabalharmos enquanto equipa, porque nós costumamos dizer que somos uma boa equipa [risos]. Em termos de complementaridade, acho que funcionamos muito, muito bem. Não há ninguém que se tente, aqui, sobrepor, ao nível de conhecimentos. Existe partilha, que é importante.

**Inv – Eu vou confessar-lhe uma coisa, que o Técnico me disse, aquando da sua entrevista, que, às vezes, aproveitava esses momentos de partilha, também, para fazer um bocadinho de terapia com a Vera. Portanto, servia, um bocadinho, de partilha de angústias que, às vezes, se sentem. E, por falar em angústias, neste trabalho que a Vera faz diariamente... Nós olhamos para si e vemos esse sorriso constante, mas há, assim, alguma coisa que a preocupe, neste trabalho? Alguma insatisfação que gostasse de colmatar?**

V – Pois... é assim, eu acho que, às vezes, onde eu me sinto um bocadinho insatisfeita é que eu, mesmo com, se calhar, noventa e cinco por cento dos meus alunos acompanho-os semanalmente, o que eu acho muito bom. Aqueles cinco por cento que não são acompanhados semanalmente é porque não há necessidade em serem. Mas eu, se calhar, também sou um bocadinho exigente. Acompanho semanalmente e penso assim ‘*se eu acompanhasse duas vezes por semana, isto era ótimo, isto era muito bom*’. E, de vez em quando, pergunto aos alunos ‘*Gostavas de ser acompanhado?*’... ‘*Sim, professora, sim*’... Portanto, eu acho que, no fundo, podia haver mais-valias, em determinados casos, se estivermos a falar mais na parte de programas de hábitos e métodos de estudo, em que, se nós acompanharmos uma vez conseguimos fazer um trabalho, se acompanharmos duas vezes por semana, o trabalho é mais rico e, se calhar, a evolução torna-se muito mais proveitosa. Aqui, face ao número de casos que acompanho e face ao horário de trabalho, não seria possível ter esta minha idealização, mas eu acho que num cenário ideal poderia funcionar. Mas é mesmo tentar, aqui, em termos de recursos humanos, a rentabilização do recurso humano, portanto, não conseguimos de outra forma.

**Inv – Eu vou aproveitar para caracterizar um pouco... a entrevista é só áudio, mas eu vou tentar, com os meus olhos, caracterizar um pouco do vosso Gabinete e vou pegar nas frases que vocês escolheram para o decorar, que são da obra “O Príncipezinho”, de Saint-Exupéry, “*só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos*”... Porquê a temática de Saint-Exupéry para adornar o vosso Gabinete? Qual é o segredo que está por detrás destas mensagens?**

V – Tem a ver com a partilha, com o amor, com a amizade... Fui eu que tentei dar a obra [risos] e que leio em conjunto com alguns dos alunos. Para alguns dos alunos, a obra é dada no 6.º ano

e alguns dos alunos que estão no 6.º ano, vêm aqui fazer desenhos, fazer um textinho sobre esta obra, porque é importante. É mesmo assim que eu vejo o GAAF, com o coração. Ao ver o GAAF com o coração, com uma grande paixão, eu chego ao outro muito bem. Se eu visse de outra forma, eu acho que o chegar ao outro, sendo o outro o meu aluno e a pessoa em que eu estou interessada que desenvolva mais competências, podia ser um bocadinho diferente. Eu acho que é mesmo aqui. Para mim, o pilar do meu trabalho é mesmo esta parte da amizade, da partilha...

**Inv – É uma profissional realizada?**

V – Muito [risos]. São os meus pequenitos...

**Inv – Assim em jeito de conclusão, Vera, qual é o maior desafio, para o futuro?**

V – Era giro, muito giro que pudéssemos trabalhar o ano inteiro, porque eu acho que conseguiríamos, ao nível da continuidade, fazer um trabalho um bocadinho diferente do que aquele que se faz neste momento, mesmo no início do ano letivo, no sentido da motivação. Mas, no futuro, eu acho que, tanto eu como o meu colega, somos muito criativos e eu acho que esta criatividade também é um bocadinho o espírito do GAAF. Trabalhar com base na criatividade é estar sempre a par das novidades, porque se nós nos acomodarmos, no fundo, à situação, e se não tentarmos ser criativos e inovadores, na busca de alguma solução... o mesmo acontece, agora, nas férias. Nós, nas férias, à semelhança dos outros anos, o que tínhamos era praia e canoagem. Então, pensámos que seria giro o surf. Os alunos gostam. Acho que é também conseguir proporcionar estes momentos de diversão e tempos livres enriquecedores e que sejam orientadores ao mesmo tempo... e saudáveis, portanto, no fundo, é tentar essas três coisas. E eu acho que, aqui, muito com base de tentarmos aproximar-nos dos alunos, que é o nosso espírito, ser um gabinete de porta aberta, no sentido de os alunos, qualquer aluno da escola poder ter acesso a nós, no sentido de colocar alguma questão... ou também, que já aconteceu, alunos pedirem para ser acompanhados por nós, sem ser com sinalização do Diretor de Turma, porque o próprio aluno sente necessidade de... Portanto, tentarmos sempre, com base nestes pilares – criatividade, entrega, empenho, inovação, amizade, partilha, amor, coração... [risos]

**Inv – Já me roubou a última deixa... ia pedir-lhe, justamente, que, numa palavra, tentasse definir, aqui, o GAAF, mas já me disse aí uma série delas. Quer escolher apenas uma que defina o GAAF e o seu trabalho?**

V – Eu acho que é amor [risos]. Tinha de ser amor.

**Inv – Muito bem, Vera! Eu quero agradecer-lhe imenso pelo seu contributo! Muito obrigada pela sua disponibilidade!**



**A.2.9. PROFESSORA 1 – TITULAR DE TURMA DO 1.º CICLO**

---



## **Transcrição da entrevista**

### **Professora Titular de Turma do 1.º Ciclo**

**Data:** 9 de julho de 2015

**Local:** Escola de 1.º ciclo do Agrupamento de Escolas

**Investigadora (Inv) – Bom dia! Estamos aqui reunidos na Escola N°4, que pertence ao Agrupamento d Escolas do Oeste. É uma escola básica, de primeiro ciclo. Vamos entrevistar uma professora, que está aqui na escola e que esteve este ano com um quarto ano, salvo erro.**

**Susana<sup>13</sup> (S) – Sim.**

**Inv – Ora, então, muito bom dia! Bem-disposta?**

**S – Obrigada!**

**Inv – Ia começar por lhe pedir que nos traçasse o perfil de um bom professor, que nos fale um bocadinho da sua profissão, dos desafios, das motivações que a levaram a ser professora...**

**S – No tempo que decorre, é muito difícil ser professor. A primeira opinião que eu tenho de professor... É claro que todos os professores tentam dar o seu melhor, eu faço-o da mesma forma, mas o bom professor, neste momento, é muito difícil conseguir sê-lo... Porque as políticas têm mudado a nossa vida e têm sido alteradas com grande frequência, quer as leis, quer o próprio ministério... Tudo gira constantemente sem haver um fio condutor que seguisse a mesma política, para, assim, estarmos um pouco mais orientados na nossa vida de professor. É claro que gosto de dar aulas, é claro que gosto de ser professora, mas já gostei mais.**

**Inv – Já é professora há quantos anos?**

---

<sup>13</sup> Nome fictício. Por uma questão metodológica, optámos por não identificar os entrevistados pelos nomes verdadeiros.

S – Já sou professora há 18 anos.

**Inv – Já tem um balanço longo para fazer, então!**

S – Já, já, já... Mas foi o que referi anteriormente, o facto de as políticas terem alterado muito... E os programas, em si, também, terem sofrido e estão a sofrer constantemente alterações. Ainda agora o de português foi alterado novamente. Portanto, tudo isso desmotiva. Um professor, além das autonomias das escolas... pronto, temos sofrido aqui um bocadinho ao longo dos tempos algumas alterações, não para melhor, na minha opinião, não para melhor. Mas, enfim, vou continuar a ser professora, não é? Porque, neste momento, não se pode escolher muita coisa. Mas suponho que se tivesse outra hipótese – e já ponderei – abandonaria o ensino, pela forma como estão as coisas. Não é fácil, hoje em dia, não é fácil ser professor. Mas tento ser boa professora.

**Inv – Olhe, está aqui no Agrupamento há quanto tempo?**

S – Estou há dois anos.

**Inv – E como é que foi a chegada a este Agrupamento, a este contexto, a este concelho? Conhecia já a cidade?**

S – Conhecia a cidade como férias, não conhecia a realidade do concelho. É uma realidade completamente diferente daquela a que eu estava habituada.

**Inv – A professora é de onde?**

S – Eu sou da Guarda, mas também não vinha da Guarda. Tenho estado... pertenço ao quadro de Santarém, que alargou para o oeste, incluindo este concelho. Portanto, no concurso, vim parar aqui.

**Inv – E qual foi a ideia... quando cá chegou, o que é que sentiu?**

S – Hmmmm... posso ser sincera?

**Inv – Claro! É para isso que estamos aqui.**

S – É uma realidade, como eu estava a dizer, um bocadinho diferente daquela que eu conhecia como um local de férias. Ao nível económico, ao nível social, é um bocadinho diferente. Estando dentro do concelho, apercebemo-nos um pouco mais sobre as condições e a realidade da população daqui.

**Inv – Quer especificar mais um bocadinho, em relação, por exemplo, aqui, a esta escola?**

S – Em relação a esta escola, o nível económico das famílias é muito baixo. Nós estamos aqui situadas com um bairro social aqui ao lado. Portanto, esta escola agrega muitos alunos do bairro social. Logo, aí, há uma grande carência, não só monetária, não me refiro só à carência económica, mas sim social, afetiva, cultural, de tudo um pouco. Portanto, a realidade a que eu me estava a referir, mesmo, é essa. Portanto, há muito... ao nível económico existe uma grande percentagem de famílias com rendimentos mínimos, muitos bairros sociais, quer dizer, é uma realidade que eu não conhecia, não é? E não sabia que neste concelho existia. E, para quem esteve em Rabo de Peixe, sabia que essa realidade é um dos pontos em Portugal onde se destacariam essas diferenças, mas aqui também existe... Ao nível dessa situação, neste concelho, foi o que eu senti mais.

**Inv – Em relação aos alunos, notou alguma diferença?**

S – Em relação aos alunos, tive aqui um trabalho que incidiu muito sobre afetos, eu dei muito afeto, muito amor aos alunos e depois, ao longo do tempo, foi recíproco, eles foram dando... Porque eram alunos com alguns comportamentos violentos, eram alunos com várias carências afetivas, de famílias destruídas... Eu tinha um bocadinho de tudo na minha sala, portanto, o meu trabalho – e foi desenvolvido logo no início do ano – não estou a falar só sobre o trabalho desenvolvido ao nível das aprendizagens, mas um bocadinho de afeto. Foi isso, acho, que fez com que houvesse aqui uma alteração – suponho eu que houve – e quero acreditar que houve isso nos meus alunos. Eles próprios, no final, também foram... foi o que se disse... que se tenha notado um bocadinho mais.

**Inv – Tinha algum contacto, também, com as famílias? Era frequente os pais virem à escola? Ou haver reuniões?**

S – Sempre que solicitados por mim, eles (os pais) vinham à escola. Depois, vinham à escola por outro tipo de situações. Como esta é uma escola que também é nova para mim, é uma escola que não é vedada, os pais podiam entrar. Muitas vezes, só o facto de estarem ali ao intervalo, porque não trabalhavam – o rendimento mínimo, às vezes, tem destas coisas – só o facto de estarem a observar os seus educandos, no intervalo, e

aperceberem-se de alguns comportamentos quando interagem com outros alunos, manifestavam logo a sua agressividade para com os outros alunos, entravam pela escola... a gente quase tinha de os colocar fora... Mas, pronto, eles foram-se adaptando também à maneira de trabalhar da professora e houve questões que eu tive de dizer “Dali para fora, as senhoras ficam no seu lugar e aqui sou eu que trato dos assuntos da escola com os vossos educandos”. Pronto, é outra realidade. As escolas todas deste concelho não têm vedação... e nós estamos habituadas... no meu tempo de estudante, também era assim e não havia problema nenhum, mas havia uma outra formação de adultos, digamos assim, havia um outro respeito pela figura do professor... Mas, sim, vinham sempre à escola quando eram solicitados, vinham à escola sempre que era para participar em atividades para as quais eram convidados, em que nós abríamos a escola à comunidade. Eram bastante participativos, muito interessados quando eram colocadas algumas questões, porque, apesar de serem famílias desestruturadas e um bocadinho difíceis, eu pedia-lhes sempre ajuda e eles sentiam essa responsabilidade de poderem contribuir para alterar comportamentos dos seus educandos. Isso era muito bom. Portanto, acho que foi bom. Eu, muitas vezes, dizia que precisávamos de uma escola para pais, porque, pronto, só mesmo moldando aqui um bocadinho os adultos é que conseguiríamos ter as crianças com comportamentos corretos na escola. Depois, este trabalho que eu desenvolvi com os alunos, porque era uma turma conflituosa, eram alunos bastante complicados...

**Inv – Tinha níveis diferentes – desculpe interromper – ou eram de níveis diferentes?**

**S** – Eram todos do mesmo ano, mas com níveis diferentes. Mas também tinha alunos com necessidades educativas especiais. Nos intervalos, na hora do almoço e nas atividades extracurriculares é que havia sempre problemas. Isto notava-se, porque eu não podia estar todo o tempo com eles. Dentro da minha sala eu não tinha registos de ocorrências, não tinha qualquer problema de comportamento. Era uma turma bastante faladora, era, mas não havia agressividade, não havia maus comportamentos. Mas, aos intervalos, era um bocadinho difícil. Eles ferviam com os outros alunos, das outras turmas. Nas atividades extracurriculares, porque só tinham uma hora, só estavam 45 minutos com os professores, não sei o que é que... ainda não consigo perceber o que leva os alunos a terem um comportamento com a professora durante um determinado

tempo do dia e depois terem outro comportamento com outra professora... não sou capaz de explicar... não posso dizer porque é que o comportamento dos meus alunos alterava fora, não sei...

**Inv – Mas tinha essa perceção...**

S – Tinha... e os encarregados de educação também. Houve uma situação em que havia vários registos do mesmo aluno na mesma disciplina e a avó, que era a encarregada de educação, tinha o poder paternal do aluno, vinha buscá-lo à hora em que tinha essa atividade, que era para não perturbar, para não ser conflituoso. A avó também tomou consciência que ele, naquela hora, tinha um comportamento diferente e a solução foi retirá-lo dessa atividade, para que deixasse dar a aula à professora e para que os colegas pudessem ter a aula, também.

Portanto, os pais interagem. A primeira impressão que eu tive aqui dos pais é que vem eles primeiro, tentar mostrar que são eles que mandam e que são eles que têm – como é que eu hei de explicar isto por outras palavras...

**Inv – Utilize as palavras que quiser, está à vontade...**

S – ... que nós não temos autoridade nenhuma sobre os filhos deles, portanto, eles é que são os que... se houver alguma coisa “Ó professora, tem de se haver comigo”. Era mais ou menos este estilo e era este o típico pai que eu tinha. Ao longo do tempo, foram percebendo que a professora...

**Inv – Também tinha uma palavra a dizer...**

S – E também era assim um bocadinho teimosa, um bocadinho firme.

**Inv – Olhe, professora, certamente, deve ter conhecimento do gabinete que existe no Agrupamento, o GAAF, o Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família... Queria que nos falasse um bocadinho acerca da articulação que tem ou que teve com esse gabinete, como é que foi o trabalho desenvolvido no âmbito dos alunos que eram acompanhados pelo mesmo... Quer-nos falar um bocadinho acerca disso?**

S – Ora, o GAAF, primeiro, tem duas pessoas fantásticas, o Luís e a Vera, que são pessoas com quem se trabalha muito, muito bem. Depois, qualquer coisa que nós precisemos, professores, eles estão disponíveis, sempre, seja a que horas for. Estão

sempre prontos a ajudar e a resolver todas estas problemáticas que existem na escola. Portanto, eles fizeram um papel fantástico com a minha turma, porque desenvolveram um projeto... o “Entre Mãos”, suponho... não lhe sei dizer, porque estamos no final do ano...

**Inv – Não faz mal, eu depois certifico-me.**

S – Não lhe sei dizer ao certo.... “Mãos que formam um projeto” é assim, com a minha turma, em que eu disponibilizava uma hora por semana, na minha aula de formação cívica, porque eu dava a formação cívica, uma vez por semana. E, então, eles passaram a dar essa formação, essa horinha. Foi um trabalho fantástico. Elogiei o trabalho deles sempre que eles vinham apresentar, e também à direção. E sugeri que deveria ter sido um projeto ao longo do ano. Foi só um período, o que foi pena. Este projeto consistiu, na mesma forma, na formação cívica, comportamentos, emoções, tudo o que era formação cívica. Ao fim e ao cabo, a base toda era a formação cívica. E, nesta turma, foi uma mais-valia, porque era uma turma complicada, era uma turma com encarregados de educação complicados, era uma turma com casos especiais, que eles já conheciam há algum tempo. Então, fez todo o sentido que fosse feito na minha turma. Eles (técnicos do GAAF) punham os alunos a trabalhar, faziam grupos, foi um trabalho muito assertivo, porque eles conheciam os alunos, acompanhavam-nos no âmbito das outras problemáticas, de acompanhamento psicológico e social e, então, vê-los a trabalhar em conjunto - porque eles trabalhavam individualmente, com as suas especialidades - com a turma toda, foi muito bom, muito bom. Eu sugeri que fosse um projeto de longo... Foi um projeto de um período, mas que teve... surtiu aqui muito efeito nos comportamentos. Portanto, o GAAF veio ajudar a estas alterações. O mérito também é do GAAF.

**Inv – E ao nível dos desafios, acha que o gabinete tem que desafios para...**

S – Eles trabalhavam também com a escola toda. Estando esta escola situada junto a um bairro social, como já referi, que recebe muitos alunos deste bairro, eles (técnicos do GAAF) desenvolviam atividades de intervalo, ou seja, no intervalo, para que não houvesse conflitos entre alunos, para que os comportamentos não alterassem, eles (técnicos do GAAF) desenvolviam atividades para ocupar os alunos, como jogos tradicionais, jogos de... como é que eu hei de dizer, sendo eu de educação física... de

estações, em que eles (técnicos do GAAF) montavam ali. E antes de o intervalo começar, eles já vinham, iam recolher o material de educação física e iam para o intervalo e montavam as estações para fazerem com os alunos. Um trabalho fantástico. É verdade. O que estou a contar é a realidade e foi a realidade que eu vi, que trabalhei com eles ao longo do ano. Portanto, o projeto que eles (técnicos do GAAF) tiveram comigo foi de um período, mas esse trabalho foi desenvolvido ao longo do ano. E claro que acho que terá de continuar, porque os comportamentos foram ajustando nalgumas situações.

**Inv – E acha que da parte dos alunos... consegue ver um balanço feito, na ótica dos alunos, em relação ao trabalho que é feito com eles no acompanhamento do GAAF? Consegue ver uma reação por parte dos alunos, uma opinião?**

S – Sim, porque eles (alunos), qualquer problema que tenham, procuram-nos (técnicos do GAAF). eles veem-nos aqui e vão logo ter com eles, portanto, a relação que foi criada entre o Luís e a Vera com os alunos também foi uma relação muito boa, porque qualquer problema que eles sintam, os alunos, encontram-se à vontade para irem diretamente ter com eles, contar-lhes as problemáticas e pedir ajuda. Também houve essas situações de pedir ajuda, de precisar de falar. Às vezes, quando chegava a Dra. Vera à sala e dizia que naquele dia ia trabalhar com este e com aquele aluno, depois, tinha uma aluna que me pedia se podia só dar uma palavrinha, que precisava urgentemente de falar com a Professora Vera. Eram assim coisas que, se calhar, lhe tinham acontecido no dia anterior, e que ela precisava de desabafar.

Depois, havia aquela interação comigo e com o Luís, que, a qualquer momento... a gente passa bastante tempo com os alunos e apercebe as coisas. Às vezes, eles não precisam de dizer e nós já estamos em cima a perceber. Quando surgiram alguns problemas – “olha, aconteceu isto, tens de ter uma conversinha para ver se descobres mais alguma coisa... será que vamos encontrar aqui alguma solução para este caso?”; “olha, a aluna contou-me que aconteceu isto no fim de semana, se calhar, será melhor vocês falarem com ele para ver se descobrem o que é que se está a passar, porque o comportamento dela está um bocadinho alterado, está mais agitada, está mais...”. Toda essa interação existia. Portanto, foi muito bom e muito fácil trabalhar com eles (técnicos do GAAF). Quer a relação alunos, que tinham um à vontade para os procurar sempre que tivessem problemas, quer a própria professora... É uma equipa fantástica.

**Inv – Professora, agradeço-lhe imenso o tempo que nos disponibilizou, foi muito útil tê-la ouvido, muito boa a sua colaboração. Obrigada!**

[...]

## **Parte II**

**Inv – Uma vez mais, bom dia! Estamos, ainda, aqui, com a mesma professora, na Escola nº 4 deste Agrupamento. No entanto, terminada a nossa entrevista, começámos a ter aqui uma conversa mais informal, mas achámos que deveria também fazer parte daquilo que estávamos a conversar há pouco. Vou dar a palavra, novamente, à professora.**

**S –** Estávamos a falar em relação às aprendizagens, porque não foi falado. Tudo tem a ver, comportamentos com a aprendizagem. E houve todo um trabalho do GAAF, em conjunto com a professora, que fez ou que veio surtir efeito no resultado das avaliações, ou seja, sendo esta uma turma com casos complicados, com alunos especiais, foi muito bom o resultado final, porque os exames, o resultado dos exames, a nota que os alunos tiveram foi fantástica. Veio refletir todo o trabalho desenvolvido ao longo do ano, quer com a professora, comigo, quer com o Luís e a Dra. Vera. Portanto, foi mais uma valia e isso reflete-se na avaliação. Portanto, fiquei muito satisfeita. Foi um trabalho exaustivo, foi, foi um ano muito cansativo, foi, porque foi um trabalho muito, muito, digamos, desgastante, porque não era o trabalho só aqui, na escola... eu ia para casa e tinha de arranjar estratégias para mudar, eu tinha de mudar estes alunos, eu tinha de procurar situações... isto foi a realidade, portanto, eu não vivia só o tempo em que estava aqui, na escola, com os alunos, porque eu ia para casa e dizia “eu tenho de arranjar uma forma para mudar este tipo de comportamento, eu tenho de arranjar uma forma de mudar aquele aluno”... e todas estas estratégias eram, depois, discutidas com o Luís e com a Vera para resolvermos e para ajudarem, para que eu não chegasse ao final do ano tontinha da minha cabeça e para que aguentasse o barco até ao final. Foi difícil, foi. Foi um trabalho muito cansativo, mas no final deu resultados muito bons, porque ficámos todos muito satisfeitos e os meus alunos estão de parabéns por isso.

**Inv – E a professora também, como é óbvio! É sempre gratificante...**

**S** – Para a gente ver aqueles resultados. Todo o trabalho desenvolvido, no final do ano, ficamos satisfeitas, porque surtiu o efeito do trabalho desenvolvido ao longo do ano. Foi muito bom.

**Inv** – **Até estou com receio de desligar o gravador, não sei se quer dizer mais alguma coisa...**

**S** – Eu acho que houve... as pessoas que estavam na escola também articularam muito bem. Também houve aqui uma articulação muito boa entre a professora do primeiro ano, entre o professor do terceiro ano, entre a professora do segundo ano, todas éramos cúmplices para ajudar aqui o comportamento dos alunos. Portanto, houve aqui um trabalho desenvolvido por todos, nós, escola, para ajudar estes comportamentos, quer de pais, quer de alunos, porque nós, não conseguindo alterar comportamentos de pais, tínhamos de levar os alunos a... tínhamos de fazer levar os alunos a levar o recado para casa de comportamentos corretos. Portanto, isso também foi muito bom. Acho que foi muito bom. “Olha, tu dizes à tua mãe que é assim”... e isso ajudou a mudar, suponho eu, um bocadinho, algumas mentalidades.

**Inv** – **Muito obrigada, mais uma vez!**



**A.2.10. PROFESSORA 2 –**  
DIRETORA DE TURMA/ COORDENADORA DO TEIP

---



## **Transcrição da entrevista**

### **Professora Coordenadora TEIP**

**Data:** 8 de julho de 2015

**Local:** Agrupamento de Escolas (escola sede)

**Investigadora (Inv) – Bom dia! Estamos aqui reunidos, na Escola, com uma Professora de 2º e 3º Ciclos... 2º, neste caso, que é Diretora de Turma, há já alguns anos, aqui na Escola, portanto, já trabalha aqui na Escola há 29 anos e, neste momento, exerce funções de Coordenadora de TEIP aqui na Escola. Ora, então muito bom dia!**

**Lídia<sup>14</sup> (L) – Bom dia!**

**Inv – Ia começar por lhe pedir que me traçasse o perfil de um bom professor, na sua opinião. O que é que é, para si, ser um bom professor?**

**L – Um bom professor... isso é difícil, uma questão muito difícil, muito subjetiva e tem a ver com o dia em que me pergunta isso. Mas, acima de tudo, eu poderia dizer, muito simplesmente, aquilo que eu acho, que o ponto principal é gostar daquilo que se faz. Porque, se se gostar daquilo que se faz, vai-se investir cada vez mais, vai-se aceitar aqueles desafios às vezes um bocadinho difíceis, vai-se tentar ser sempre melhor... Se não se gostar do que se faz, vai ser muito difícil. A preparação do professor, por muito preparado que seja, quando chega a uma escola, vai-se confrontar com aquilo que nunca, para a maior parte das coisas para as quais nunca foi preparado e aí é a capacidade do bom professor, de se adaptar, de conseguir ultrapassar, de tentar vencer e de querer fazer melhor. Portanto, se gostar daquilo que faz, vai gostar até ao fim da vida e vai sempre empenhar-se. Depois, há aqueles pormenores, que eu acho que são importantes, são pormenores muito importantes, a estabilidade emocional do professor,**

---

<sup>14</sup> Nome fictício. Por uma questão metodológica, optámos por não identificar os entrevistados pelos nomes verdadeiros.

não é? Por algum motivo eu estou aqui há 29 anos, porque achei que era importante para ser uma boa professora, ou tentar ser, porque eu não quero ser, eu quero tentar sempre ser, é muito importante... eu estou aqui há 29 anos e não é um sítio que eu escolheria, mas escolhi para ter a estabilidade familiar, que me dava uma estabilidade emocional, que me proporcionava, de facto, o tentar ou o possibilitar ser uma boa professora. O primeiro ano em que vim para cá não era uma boa professora. Eu estava a pensar na minha casa, na roupa que tinha para passar a ferro, estava a pensar no que podia fazer em casa, nas saudades que tinha de casa, porque também estava casada há pouco tempo... Portanto, eu acho que isso é essencial. Depois, nós adaptamo-nos, onde nós temos a nossa casa. A nossa família é o nosso lar e nós adaptamo-nos. E gosto daquilo que faço, por isso, estou sempre a tentar ser uma melhor professora.

**Inv – Professora, está nesta casa há 29 anos. Quais são os pontos fortes e os pontos fracos que vê na sua casa?**

L – Vejo muita coisa boa, por isso, aqui fiquei e vejo coisas que podiam ser muito melhores. Principalmente, aquilo que me levou a ficar aqui ou aquilo que eu acho que, se calhar, cativa um bocadinho o professor, quando aqui chega - e não a primeira nem a única que aqui estou - praticamente 70 por cento... há uns tempos, fizemos uma estatística e 70 por cento dos professores que estavam cá, ninguém era daqui. Nós, ao chegar aqui, encontramos um meio ambiente muito desfavorável, socioeconomicamente muito difícil e isto, se calhar, leva-nos a pensar que podemos fazer alguma diferença aqui. Eu vinha de uma escola, onde fiz estágio, em que as condições socioeconómicas eram completamente diferentes, em Coimbra. Portanto, eu cheguei aqui e passei do 8 para o 80, mas senti que a diferença que eu fiz na outra escola foi nenhuma. E aqui não. Eu fico muito satisfeita quando consigo, no meio de 100 alunos, por ano, conseguir que um ou dois fiquem motivados para aquilo que não estavam motivados. Ou conseguir, passado 20 anos, como agora acontece, aparecerem aqui os pais dos meus alunos atuais – avós ainda não aparecerem, pronto [risos] – que me dizem “*ai, eu gostava tanto das suas aulas de ciências*”. Pronto, isto marca a diferença, coisa que nos outros sítios, às vezes, passa despercebido. Depois, o ambiente, aqui, dentro da escola, sempre me cativou muito, porque, de facto, as pessoas eram pessoas que vinham de fora e que se uniam muito. Também, era mais nova, na altura, criei muitos amigos e a pessoa começa a adaptar-se bem. Também tive uma coisa muito boa, que foi o meu marido entrar aqui,

nesta escola, por opção. E consegui que esta fosse a minha casa. Estive muitos anos na gestão, o que me levou a encarar a escola de outra maneira. E é a minha escola. Para mim, tem muitos defeitos, mas é a melhor escola de todas, embora tivesse tido a hipótese, como aconteceu com outros professores, de podermos sair para outras escolas aqui do concelho, quando abriam, nós éramos convidados a sair, mas não... também tem muito a ver com a maneira de ser. Foi para aqui que eu vim, é aqui que eu gosto de estar, eu gosto das coisas da maneira como funcionam, mas, atenção, não deixo de ver os erros e aquilo que podia ser melhorado. É claro que há anos em que as coisas são melhores e há anos em que as coisas são piores. Temos anos em que o pessoal docente é muito estável e conseguimos... achamos que o ambiente é muito melhor... neste momento, até a própria conjuntura nacional dos últimos anos não o permitiu e nós temos consciência de que há muitos professores que estão a chegar aqui e, por muito que queiram trabalhar... eu vivo a cinco minutos da escola, não é? Está bem que é de carro, mas se for a pé são 10 minutos. Há outras pessoas que fazem viagens diariamente, muitas vezes, ficam quase sem dinheiro para comer, para poder vir trabalhar e isto é muito difícil. Portanto, neste momento, esta escola precisava de voltar a ser um bocadinho aquilo que era, no sentido de as pessoas ficarem aqui, eram pessoas que estavam muito mais estáveis e o ambiente era muito bom. Agora, não é só o ambiente. Nós já tivemos muitos recursos, já tivemos muito poucos, neste momento, estamos remediados. Temos uma coisa boa, que é o corpo docente estável. Há sempre movimentações, mas são poucas. Agora, voltou aquela colega que há 15 anos esteve cá e agora vem definitivamente para cá. E, pronto, isto são coisas boas que vão acontecendo. Mas há outros que vão saindo, claro, pronto, isto é o normal da vida. Neste momento, eu estou, assim, na escola, naquela situação... a escola está naquele momento, não se apercebeu disso, mas é... este ano é praticamente o primeiro ano em que saíram os professores todos que se aposentaram, que eram aqueles que eram os meus colegas, que cá estavam todos. Eu já estou à beira de ser, daqui a pouco, das mais velhas... Pronto, mas vamo-nos adaptando, vêm outros mais novos e tal... é a mudança de geração. Por isso é que, neste momento, nós estamos a tentar adaptar-nos. O que existia era um grupo de pessoas e que era preciso fazer, fazia-se, era preciso trabalhar, trabalhava-se e estávamos todos habituados. Nós estávamos aqui na escola, se era preciso fazer uma atividade, ficávamos até às duas ou três da manhã, fazíamos festa com aquilo, mas fazíamos os trabalhos, preparávamos e fazíamos tudo com muito gosto. Depois, essas pessoas saíram. E as que vêm, umas estão temporariamente, outras não

sabem se ficam ou se não ficam, outras estão longe de casa e não era exatamente aquilo que queriam, portanto, estamos numa fase de transição. Agora, a escola tem de melhorar em muita coisa. Tem, tem de melhorar em muita coisa, mas também precisava de algumas ajudas. Esta escola vai fazer, em termos físicos, o edifício vai fazer 40 anos em novembro. E era uma escola temporária, para 10 anos, portanto, está muito bem conservada, porque a verdade é que, ao longo dos anos, tem havido sempre, sempre, porque todos os elementos da direção têm procurado, sempre, melhorar as condições físicas. Não está completa, falta muita coisa. A pouco e pouco, foi reconstruído aquele pavilhão, o refeitório, o pavilhão, que é de há 13 anos... Portanto, há uma série de coisas que foram sendo anexadas, mas, neste momento, ainda não está tudo, há muita coisa, há algumas coisas que ainda faltam. Depois, temos, até mesmo em termos de organização da escola, precisa de ser melhorada. Muitos aspetos precisam de ser melhorados, mas estão a melhorar, a pouco e pouco. Portanto, temos de ter esperança e lá está o tal bom professor, tem de ter esperança, tem de ir tentando investir nisso, depois, vem um colega que vai ficar e nós dizemos “*olha, vamos fazer isto*”, ele vai-se entusiasmando e o papel daqueles que cá estão é também tentar envolver aqueles que vêm, para ver se conseguimos fazer. Porque em termos de massa humana, vamos lá ver, matéria-prima, que são os nossos alunos, não temos esperança que melhorem muito, não é? Isto é um meio social muito complicado, temos os bairros sociais, precisávamos de mais meios. E se nós formos a ver o que funciona bem em Portugal, se nós falamos na CPCJ dizemos que não funciona bem, se falamos na polícia, não funciona bem, se falamos não sei quê... a escola não funciona bem. Portanto, tudo precisa de funcionar melhor, mas, para isso, também é preciso melhores condições. Tem de haver, assim, um bocadinho de paciência, de parte a parte, para tentar melhorar. A organização da escola, em si, vai melhorar, a pouco e pouco, eu acho que vai. Nós estamos, este ano, num processo de autoavaliação, que fazia muita falta e ainda bem que a direção decidiu implementar este ano, porque estamos a detetar muitas falhas. Eu acho que só quando nós nos confrontamos com essas falhas, com as tais evidências, com aqueles pontos fracos que estamos a encontrar, é que começamos a pensar que podíamos fazer. Às vezes, fazemos, mas de uma forma informal e há muita coisa que tem de ser melhorada. Já começámos, aliás, já começámos nos diversos setores já se começou a detetar “*isto pode ser melhorado, isto pode ser organizado de uma maneira mais eficaz...*”. Lá está, detetámos esses pontos fracos e são esses pontos que estão no nosso plano de melhoria.

O facto de estarmos no TEIP, é assim, tem-nos dado mais recursos. Nós já estivemos no TEIP 1, fomos das primeiras escolas a entrar no TEIP 1. Esse TEIP 1, para nós, foi muito bom em termos de recursos materiais e recursos humanos, principalmente, para o 1.º ciclo. Nós não éramos Agrupamento, nessa altura, mas foi um projeto conjunto desta escola com algumas escolas do 1.º ciclo, nomeadamente, com escolas do 1.º ciclo, cujos alunos, normalmente, vinham para esta escola. Porque já havia a básica integrada, portanto, as escolas do concelho, do 1.º ciclo, estavam mais ou menos, devido à localização, foi estabelecida uma divisão e, numa determinada área, os alunos vinham para esta escola, de outra área, iam para a outra escola. Então, estas escolas do 1.º ciclo, que eram escolas de origem dos alunos da nossa escola, organizaram um projeto em conjunto com a nossa escola, mas sem sermos agrupamento. Eles eram agrupamento horizontal e nós éramos uma escola única. Mas organizámos esse projeto, não fui eu que estive na origem, era outra colega que estava na direção, na altura. E esse TEIP 1 foi, assim, o TEIP da riqueza, pronto, podemos dizê-lo. Muitos professores, muita mão-de-obra, muitas atividades. Pronto, foram, praticamente, os precursores das AEC (Atividades de Enriquecimento Curricular). Os alunos passaram a ter informática, dança, inglês, música, educação física, muita coisa, aquilo que nas outras escolas de 1.º ciclo não havia. E, em termos de recursos materiais, vieram imensos. Portanto, havia tudo, tudo naquele sentido de material, havia muito dinheiro para isso. Agora, estamos a pagar esse dinheiro todo, mas, pronto, isso é outra história. Em termos, vamos lá ver, em termos de aproveitamento, foi muito rico para os alunos, porque eles experimentaram coisas que nunca tinham experimentado. Se formos ver em termos de resultados académicos, mantiveram-se na mesma, não houve evolução. E esse foi o aspeto que levou a que os professores daqui ficassem muito desmotivados relativamente ao TEIP. Foi porque, de facto, houve dois aspetos muito importantes, penso eu, um foi falta de articulação entre esta escola e o 1.º ciclo, qualquer uma das escolas do 1.º ciclo, portanto, era tudo muito bonito, mas quando chegava a altura de nós fazermos a articulação, principalmente, ao nível daquelas áreas mais importantes, do português e da matemática, nada foi feito. Depois, também, em termos de resultados académicos, não houve uma evolução na melhoria, houve em termos de competências dos alunos, pois, com certeza, eles experimentaram coisas novas, daí eu pensar que esse TEIP 1 levou, a nível nacional, que se pensasse que era importante os alunos do 1.º ciclo passassem a ter as tais atividades, como agora têm, porque, de facto, aquelas atividades enriqueciam os miúdos, chegavam aqui, já tinham visto determinadas coisas, já tinham experimentado

determinadas coisas e foi importante. Em termos da parte académica, não foi, em termos de resultados, pronto, tudo é parte académica, mas em termos de resultados, não houve. Quando houve o TEIP 2, nós estávamos todos, porque éramos os tais velhos que cá estávamos do TEIP 1, já não nos interessava o TEIP 2, porque era a mesma coisa, nós não tínhamos conseguido e tínhamos acabado de passar, também, para Agrupamento, não havia condições, isto é como o casamento, tem de haver condições para que as coisas possam resultar. Depois, houve o Agrupamento, não sei foi por vontade própria, penso que não, foi um bocado imposto, superiormente, e, quando nós tivemos a última avaliação, que foi o último ciclo avaliativo, da inspeção geral, o que é que acontece? Uma das considerações que os inspetores fizeram connosco foi que, de facto, pronto, conhecendo a realidade, sugeriram que seria bom, provavelmente, nós entrarmos num TEIP, porque, de facto, os resultados que a escola conseguia, embora com muito empenho, com muito trabalho, com muito esforço, não eram aqueles resultados esperados ou desejados. E, então, entrámos em TEIP, nós e, aqui no concelho, os dois agrupamentos entraram em TEIP. O que é certo é que, no primeiro ano, o TEIP foi assim, um bocadinho, o tentar adaptar à ideia de que íamos estar em TEIP, porque, de facto, ainda havia aqui muitos colegas, como eu, que tínhamos uma experiência, não era má, não vimos foi resultados. Depois, face àquilo que o TEIP nos ia oferecer, que era muito pouco ou nada, nós pensámos assim “*se calhar, não vale a pena*”. Portanto, no primeiro ano, não houve muito, muito, da parte dos docentes, não houve muito empenho, nem muito interesse de tentar... pronto, foi um período de adaptação. No ano passado, já se tentou fazer mais alguma coisa. Começámos a ver que, efetivamente, até tínhamos, pronto, o pobre contenta-se com pouco [risos]. Portanto, nós já tivemos, no nosso quadro, só para comparar, quando tivemos o TEIP 1, nós tínhamos dois psicólogos afetos à escola, dois, para o mesmo universo. Só para ver, agora, temos um psicólogo. Agora, temos uma e não sabemos se vamos continuar. Portanto, eu acho que é isto que leva, um bocadinho, à desmotivação. Neste momento, nós temos o plano plurianual de TEIP elaborado para os próximos três anos, 15-16, 16-17, 17-18, e não sabemos os recursos com os quais vamos contar, mas o GAAP é um dos recursos que pode, eventualmente, terminar. Temos um técnico de serviço social a meio tempo. Nós já tivemos técnicos de serviço social, no outro TEIP, tínhamos a tempo inteiro, não sei se era um ou dois, tínhamos muita coisa... e temos a psicóloga, dividida por todas as escolas do Agrupamento, que são mais do que aquelas que eram na altura e eram dois.

Portanto, em termos de meios, é o que nós temos. Na altura, tínhamos redução do número de turmas, dos alunos por número de turma, agora, não temos, temos aquilo que, legalmente, está. E, em termos materiais, continuamos na mesma, portanto, aquilo que o TEIP nos possibilita são estes recursos, que nós estamos a ter. O que é que acontece? O que é que quer que eu lhe diga mais? Quer que lhe conte mais?

**Inv – Conte, Professora. Estou a adorar ouvi-la e estou a aprender muito.**

L – Agora, anualmente, porque não é quadro, já tivemos psicóloga, depois, entretanto, abriu um quadro, depois de termos saído do TEIP, tivemos no quadro da escola uma psicóloga, que, entretanto, já se aposentou. Portanto, não temos quadro de psicólogo na escola. Significa que, se o TEIP não der esses recursos para o próximo ano, o GAAF deixa de funcionar, porque nós não temos hipóteses de ter psicólogo nem técnico de serviço social, pronto. O que é que acontece? Neste momento, estamos a tentar que os professores se empenhem no TEIP, naquele sentido de perceber que todos estamos a lutar pelo mesmo, a definir metas, tentar alcançar essas metas, mas é muito difícil. Nós podemos definir uma meta muito grande, mas se não tiver meios para lá chegar, não vou conseguir. Depois, temos o facto de, neste momento, este concelho, já há uns anos, como todo o país, estar a passar por uma crise, uma situação que é muito pior do que aquela em que estivemos no TEIP 1, não tem comparação nenhuma, não tem comparação nenhuma e não temos suporte para tentar ajudar as famílias. Portanto, cada vez mais, aquilo que notamos é a falta de empenho das famílias, relativamente aos filhos e o GAAF tem tido esse papel, que é ajudar-nos, porque não é o professor, porque não está no conselho de turma, porque não está a avaliar o aluno. E, perante as famílias, o GAAF tem esse papel, não está no conselho de turma, não avalia, pronto – *“eu, aqui, posso contar... aqui, posso dizer... aqui posso abrir-me um bocadinho mais”* – e tem feito esse papel. Depois, vamos lá ver, há o carácter sigiloso, eu não estou a dizer que isto seja, não é, de modo nenhum, não é comunicado ao diretor de turma aquilo que é trabalhado no GAAF, seja com a psicóloga, seja com o técnico. Só é comunicado aquilo que eles entendem que é importante e que podem dizer. Também posso dizer que, quando estou a conversar com eles, chegamos, muitas vezes, à conclusão, de que já sabemos os dois ou as duas aquilo que se está a passar. Mas é diferente. Eu tenho as duas situações, um aluno já integrado no GAAF e que transitou para mim, porque o aluno ficou retido no 5.º ano, portanto, passou para uma direção de turma minha. Portanto, há um primeiro contacto com o encarregado de educação e, até ganhar

confiança desse encarregado de educação, eu não sei o que se passou com o aluno, quer dizer, sei o mínimo dos mínimos, que é aquilo que eu costumo dizer aos encarregados de educação “*só quero saber aquilo que for importante para poder ajudar o seu filho*”. Neste momento, praticamente, eu sei tudo da vida familiar, porque já há um contacto ao longo do ano, muitas vezes, conversámos, não é preciso marcar a hora, a senhora aparece aí, falamos, tudo bem, e já tenho esse contacto com o encarregado de educação, já sei, já estou por dentro, tudo bem. O que é que vai acontecer? O aluno que chega aqui pela primeira vez, está na mesma situação, a encarregada de educação, e eu tenho essa situação, chegou aqui pela primeira vez e que é acompanhado pela psicóloga. O que é que acontece? Eu deixo, aliás, eu não tenho de deixar... cada um vai fazendo o seu trabalho, não é? A certa altura, nós vamos reunindo, conversando, muitas vezes, de uma forma informal, porque nos encontramos e temos facilidade nisso. E lá está, com a boa vontade – e não estou a dizer que seja só minha, também deles, principalmente deles, porque o técnico de serviço social está aqui a meio tempo e ele, do seu meio tempo livre, ele depois ocupa aqui a falar connosco, e porque já o conheço, porque já tivemos outras ligações em termos de trabalho – acabamos por conversar “*então, como é que vai fulano?*”, “*olha, aconteceu isto, aconteceu aquilo*” e estamos, praticamente, em cima do acontecimento. Eu nem sei se pai e mãe conseguem falar tanto como na escola nós fazemos. Às vezes, tenho essas dúvidas. Com a psicóloga, a mesma coisa, porque é preciso, primeiro, a psicóloga conhecer, mais facilmente vai ter esse conhecimento, porque tem outras técnicas de trabalho com o aluno, vai conseguir que o aluno se abra com ela sozinho, porque está a ter ali um apoio individual, vai falar com a encarregada de educação, que entende que não está a falar com a professora e que a professora não vai contar aos outros professores e que o conselho de turma não vai ter aquilo em conta, pronto... e conseguimos. Depois, chega a um ponto, que acho que aí é que é o importante, é que, tanto numa situação como noutra, e normalmente até mais com o técnico de serviço social, porque envolve outras situações mais complicadas, chegamos a um ponto em que acabamos por reunir juntos com o encarregado de educação, já não há ali barreira nenhuma há aquela situação em que, tanto ele como eu estamos por dentro e a encarregado de educação se sente à vontade para falar tanto com um, como com o outro. Eu acho que isto é interessante. Vamos conseguindo fazer e isto com situações muito complicadas, aquelas situações que decorrem da vida das pessoas, às vezes, de muitos erros que se vão cometendo na vida e nós, sem querer dar lições de

moral, porque não podemos, tentamos compreender, não vamos dar conselhos, porque são coisas muito complicadas, tentamos, vá lá, sobreviver e tentar que os alunos façam um bocadinho melhor. O GAAF, aí, tem um papel muito importante, nesse aspeto. Ele consegue uma ligação com os miúdos. O Técnico consegue uma ligação com os miúdos muito boa. Mas, atenção, aqui, também é preciso fazer um aparte. O GAAF funciona muito bem (ou muito mal) conforme o empenho das pessoas. Começámos com o bom professor, aqui, é o bom técnico. Bom técnico não quero dizer em termos profissionais, se ele, de facto, tem uma boa formação, se não tem, mas tem de conseguir, em primeiro, cativar os alunos. Já falou com a psicóloga e com o técnico?

**Inv – Já falei com o técnico e com a psicóloga, algumas vezes.**

L – Pronto, percebemos, pela maneira de ser. O técnico tem... Nem um nem o outro precisam que eu os elogie, nem precisam de saber que eu os elogiei, mas, de facto, quando fazem, porque, também, é a verdade, é a minha maneira de ser. Quando as pessoas erram e fazem as coisas de uma maneira menos boa, eu também gosto de chamar a atenção, para as pessoas melhorarem. E não gosto de dizer nas costas, gosto de dizer à pessoa, pronto. Acho que, tal e qual como eles, acabam de fazer um relatório, entregam-me o relatório no final do ano sobre os alunos, que vai para conselho de turma, eu sou a primeira que vai ter com eles a dizer “*gostei muito do vosso relatório, acho que está muito bem feito, muitos parabéns*”, pronto. Mas também já disse a quem não fez bem que não fez bem. É assim, não é? Tem de ser assim, para nós podermos melhorar. Eles empenham-se muito, muito. No primeiro ano, nós tivemos a mesma psicóloga, tem sido sempre a mesma neste TEIP. Ninguém é insubstituível, mas nós já temos a experiência de outros psicólogos e não vou acusar ninguém, mas vou dizer que é a primeira que faz um trabalho impecável. Pronto, acho que tem de ser dito. O Técnico de Serviço Social já cá esteve no primeiro ano outra colega, não tive qualquer relação com a colega no sentido de ter alunos apoiados, portanto, não sei, não vou pôr em causa o trabalho dela. Como eu já conheço o Luís, já de anos anteriores, quando estive na gestão, trabalhei com ele, sei que ele tem uma grande capacidade de lidar com miúdos, com jovens, porque tem lidado com jovens na Associação Juvenil do concelho e ele tem uma maneira de cativar os alunos, de os levar a fazer aquilo... um muito bom, muito bom relacionamento. Depois, há este aspeto, o masculino e o feminino, quer dizer, a psicóloga e o técnico de serviço social. Se calhar, há situações, porque eles conversam, é natural, eles comentam entre si, acredito que haja... um estará mais à-

vontade num determinado aspeto que o outro e eu sei que eles conversam entre si, porque, normalmente, estão a par das situações, dos meus dois alunos, eles são do conhecimento de um e do outro. Mas, depois, efetivamente, são apoiados durante um certo tempo, durante a semana, um pela psicóloga, outro pelo técnico. Portanto, eles próprios conseguem dividir o trabalho de acordo com as necessidades que eles sentem que os alunos têm. E é muito bom, porque há a figura masculina e, neste caso, eu tenho um aluno apoiado por ele que precisa essencialmente dessa figura masculina, que ele não tem, que não encontra no padrasto e o Luís tem feito um trabalho excelente com esse aluno, já é o segundo ano que está com ele. A psicóloga, porque precisa, trabalha com alunos com outras características, e a maneira dela abordar os miúdos e até de falar com as pessoas... são pessoas muito discretas, mas, depois, muito meigas e que fazem com que, mesmo nós, quando estamos a falar com eles, estamos à-vontade, nós conversamos. Eu acho que têm as características próprias para o local e para as tarefas que têm de desempenhar. Mas, é como eu digo, já tivemos os outros psicólogos que já passaram por aqui e não tivemos nada disto. Portanto, é um bom recurso, o GAAF é ótimo. Neste momento, podemos dizer, cem por cento, que, sem eles, alguns alunos – nem que seja só um – mas alguns alunos não teriam chegado onde chegaram. Este aluno que eu tenho era um aluno que estava retido, ficou retido o ano passado, e este ano conseguiu transitar e com sucesso a português e a matemática, que é importante, mas muito dificilmente ele conseguiria se não tivesse tido esta ajuda. É o único na turma que eu tenho nessa situação, pronto, mas porque o miúdo tem aqueles problemas todos e consegue superar alguns desses problemas precisamente pelo GAAF. Depois, o GAAF tem outras tarefas, a animação dos pátios, que aqui não é, vamos lá ver, aqui é uma idade diferente, a partir dos nove, 10, 11 anos já é uma idade diferente, já conseguem, no intervalo, adaptar, os mais pequenos para um lado, os maiores para outro, já conseguem. Mas, no 1.º ciclo, é muito importante. E, então, eu sei que, no 1º ciclo, a animação de pátios, que eles fazem, é muito mais útil, provavelmente. Mas, aqui, eles também gostam muito. A música, a dança... bem, para a música e para a dança, está tudo... claro que eles adaptam ao nível etário... vão para os joguinhos, como fazem no 1.º ciclo. Mas têm as férias. As férias eles gostam muito e porquê? Porque não há acompanhamento familiar e há miúdos que precisam, mesmo aqueles que não são apoiados pelo GAAF, porque eles não podem apoiar todos. Muitos deles nós temos de pedir aos pais ou sugerir aos pais “veja se pode mandar para cá ou para casa de alguém,

de um familiar, onde ele possa estar uma semana ou duas, veja se o pode pôr – às vezes, financeiramente, não podem – numas atividades de férias”. Porquê? Porque os pais estão a trabalhar e eles andam de manhã até à noite sozinhos. E, depois, as companhias nem sempre são boas e acaba por criar aqui muitos problemas. Durante o tempo de férias, são capazes, eles próprios de criar outros problemas, que, durante o tempo de aulas não conseguem, porque nós, no tempo de aulas, temos pais que põem os meninos às oito da manhã e saem às quatro e meia ou cinco horas da tarde daqui. Almoçam e tudo aqui e eles estão descansados. No tempo de férias, não. Andam sozinhos, pronto. Mesmo com os pais, que estão em casa, as mães, porque agora há um desemprego muito grande, o hábito das mães não é ficar em casa. Socialmente, há muitas falhas. O importante seria aquilo que o GAAF também faz muito, que é tentar que os pais... não é ensiná-los a ser pais, mas dar-lhes aquelas dicas que ninguém lhes deu e que eles nunca receberam até agora. Eles fazem o acompanhamento dos pais. Não têm tido muito sucesso, a Psicóloga não sentiu muito a abertura da parte dos pais para fazer grandes reuniões com muitos pais. Eu penso que é mais individualmente, de falar com eles, tentar dar os tais bons conselhos. Eu sei isso por uma Encarregada de Educação da minha turma, em que a Psicóloga tem tido um papel muito importante – “como é que deve fazer”, “olhe, tem de tomar esta medicação”. Ela própria tem tido essa preocupação com outros alunos. É aqui que tomam a medicação, porque, em casa, não há um ambiente para isso, não há um controlo, não há nada. Isto parece que é mentira, que é surreal, mas não é. É a realidade que nós temos. Portanto, era importante, se calhar, não haver uma psicóloga. Era uma aqui e uma no 1.º ciclo. Já não digo muita coisa... o técnico de serviço social, a tempo inteiro, era ótimo, porque dividia-se entre o 1.º ciclo e aqui. E há coisas em que não é preciso... há coisas que são específicas e eu vejo, muitas vezes, sei, ela esteve a fazer isto ou aquilo com os alunos e eu apercebo-me. Também vamos aprendendo. E eu apercebo-me, acho graça como ela... estávamos a fazer isto, depois isto despoletou isto, esta conversa... pronto, lá estão as tais técnicas... cada um sabe do seu métier. Mas eu percebo que há coisas que o técnico podia fazer, também, se tivesse mais horas. Mas, pronto, se conseguirmos continuar com isto, já não é mau. Temos esperança. O plano foi aprovado. Foi entregue, os recursos não aumentaram. No ano passado, houve um grande corte nos recursos. Há escolas que levaram 50 por cento e esta não levou nenhum corte, porque já tinha o mínimo dos mínimos. Começar com muito num ano e reduzir para metade, teria sido, com a desmotivação que já havia, teria sido muito mau. Portanto, eu estou convencida

de que, para o próximo ano, ainda se mantém. Pronto, Deus queira que sim, que eu sou a Coordenadora TEIP e, depois, caem em cima de mim, se não houver nada. Porque é uma ajuda que nós temos, os diretores de turma, temos essa ajuda, essa tal ligação... e são pessoas com quem se conversa muito bem, estão disponíveis. Agora, é assim, ninguém sabe quem vai ficar cá, isto é um concurso que é aberto, é um concurso anual. Também não vou, agora, esconder que a direção, se tem uma boa informação, desde que as pessoas que se candidatem não estejam, em termos de graduação, à frente, há sempre aquele aspeto do conhecimento anterior que vai prevalecer um bocadinho relativamente, nas entrevistas. Eu penso que isso é evidente. E o bom trabalho que têm feito e tudo... eu acho que é importante. É assim, não sou eu que vou dizer ao diretor que tem de ficar esta pessoa ou aquela. O diretor está a par disto, porque é evidente, a gente, entre si, comunica e temos termos de comparação, que é muito importante, porque, às vezes, as pessoas pretendem mudar, porque “ah, são todos assim”. Não são, não são, nem fazem. Depois, há outra coisa muito importante, que é o conhecimento da realidade, do meio. Neste caso, no primeiro ano em que a psicóloga aqui esteve – não estou a falar do Técnico, porque ele já é de cá, já conhece as famílias, conhece o ambiente e sabe que aquela fábrica fechou e que aquelas pessoas estão no desemprego, sabe que aconteceu isto, sabe que aconteceu aquilo e isso é muito importante – a Psicóloga não conhecia, mas adaptou-se muito bem, lá está, devido às suas próprias características, ela também quis conhecer, também quis saber. Via-se situações em que ela “ah, eu não imaginava que isto pudesse acontecer”, “ai, eu fiquei parva com isto”. Uma pessoa fica, fica. Eu, no primeiro ano que vim para cá, pensei escrever um livro, com aquilo que me estava a acontecer. É surreal, nunca imaginei que pudesse ser possível. É isso que faz com que, cada vez mais, se possa trabalhar melhor, porque se conhece o meio. E estamos a ver uma realidade, a conhecer uma realidade, não é igual àquilo que existe noutros pontos. Não tenho comparações com muitas escolas, é como eu digo, mas com as escolas que eu tenho, a quarta escola foi esta, portanto, tenho três referências anteriores, tudo completamente diferente disto. Mas, depois, temos sempre os colegas, os familiares, que nós sabemos, de outras escolas, de outras realidades e sabemos que não é igual. Há pior? Há. Há melhor? Há.

**Inv – Onde é que reside, na sua opinião, essa grande diferença, deste contexto?**

**L – A falta de valorização do ensino.**

**Inv – Acha que por parte dos encarregados de educação...**

L – Olhe, quando eu vim para cá, vou contar-lhe. No primeiro ano, tive uma direcção de turma. E, então, comecei logo com uma direcção de turma. Havia muitas turmas. Era o 5.º O, a minha primeira direcção de turma aqui. E o que é que acontece? Houve um encarregado de educação que me disse, estava a falar, muito simpático, muito bem e tal e eu disse, pronto, “sabe que é importante estudar”. Ele olhou para mim e diz-me assim “então, mas acha que é assim tão importante ele estudar?... para que é que ele vai estudar?... acha que eu quero que ele seja algum professor?... então, um professor ganha o quê? 100 contos, por mês?... oh, se eu não fizer isso numa semana, mal estou eu!... para que é que eu quero que ele estude, para ir trabalhar ali para as finanças, ganhar o mesmo?... ali o não sei quê das finanças ganha não sei quanto...”. Eu fiquei a olhar e pensei “Meu Deus”. Efetivamente, nós nem 100 contos ganhávamos, nessa altura, mas era o que ele achava “se eu não fizer isso numa semana”. Isso era na altura. Depois, a situação piorou, em termos da própria atividade da pesca. Na altura, os miúdos andavam aqui até ao 6.º ano, mas o objetivo deles era ir para a pesca. Portanto, não havia aquele futuro em termos académicos. “O que é que eu quero fazer? Eu quero estudar”. Eram muito poucos. Depois, a pesca acabou, acabou, praticamente. Começou a ser o que foi e, quando estávamos a tentar valorizar o ensino, que é importante o ensino e a escolaridade obrigatória foi alargando e isto é um trabalho que vai sendo feito, quando estamos a fazer isso, começam a cair em cima de nós aquelas informações “não sei quantos licenciados estão desempregados, não sei quantos...” e voltámos ao mesmo. Por muito incrível que seja, eu tive um aluno, este ano, no 5.º ano, filho de um pescador, que foi meu aluno em 1990 e e e tal, 93, 94... e eles já me veio dizer “Eu quero ser pescador para quê? Para ganharem como os professores, que nem ganham para comer? Nem pensar nisso.” E eu pensei “já estamos a voltar...”. Quer dizer, não é que o pai tenha uma boa vida, que não tem, não é um pescador que tenha uma vida estável, não tem. Também não tem, porque, psicologicamente, também não há uma grande capacidade naquela casa... psicologicamente, não estão muito bem, nem o pai, nem a mãe, mas, quer dizer, economicamente, está mau, mas o próprio miúdo já reconhece que “não, não, não quero estudar”. Agora, é assim, não lhe vou dizer que não temos excelentes alunos, aqui, no concelho, senão as pessoas ficam com a ideia... aqui há uns tempos, eu estava numa reunião e acabei por dizer isto e aquilo... o sucesso e o insucesso... nós temos tido aqui alunos muito bons, temos aí alunos que estão a

trabalhar, temos médicos, temos advogados, temos isto, temos aquilo, temos alunos que saíram daqui... uma aluna, há uns anos, dois ou três, eu soube de uma aluna que saiu daqui e que estava em Cambridge a fazer um doutoramento. Portanto, temos aqui alunos muito bons. Na semana passada, falei com uma aluna minha que vai entrar para a universidade, está à espera das notas, está com uma média de 19 da secundária, que, provavelmente, não baixará muito a nota, matemática deve andar à volta do 18... eu fiquei encantada. Pensei “uma turma tão má”, tão má em termos de comportamento, era a aluna que se destacava no meio daquilo e conseguimos que ela, pelo menos, não desmotivasse até agora. Portanto, nós temos bons alunos, mas, é assim, é uma colheita muito fraca, muito fraca [risos]. De 100, nós arranjamós, se calhar, nem 25 conseguem atingir aquilo que nós queremos. Mas, quer dizer, eu penso que não é tanto o chegar muito longe, é cada um chegar onde conseguir, mas ter vontade de lá chegar. E aquilo que se nota é que não têm vontade de chegar. E eu acho que isso é mau. É a desmotivação, a desvalorização. O encarregado de educação, aqui, entende “ah, a escola, o professor é...”. Mas também não é só estes encarregados de educação. Eu acho que, a nível da sociedade, tem havido essa própria desvalorização do próprio professor. Não é que o professor seja mais que os outros, é igual, mas nós não somos tratados da mesma forma que éramos há vinte ou há trinta anos, não somos, e somos desvalorizados diariamente, até mesmo quando há um concurso de professores, nós vimos que há falta de respeito pelo professor. E quando superiormente não há essa consideração ou esse respeito por nós, como é que nós podemos querer, que, a nível local, pessoas para quem a escola não diz nada... foi um bom passatempo, foi um sítio onde almoçavam... e este é um aspeto que a escola tem muito importante, que é o apoio económico. Há alunos que entram aqui com materiais, com livros, com almoço, com suplemento alimentar a meio da manhã e suplemento alimentar a meio da tarde. Eu acho que é isto que poucas pessoas reconhecem, porque há escolas que fazem isto. Há alunos que saem daqui à tarde, depois de terem lanchado e que já não comem nada em casa, vêm comer, no dia seguinte, o pequeno-almoço aqui, na escola. E eu não vejo ninguém, seja a nível local, seja a nível nacional, eu não vejo... às vezes, aparece uma autarquia, que está a fazer um papel muito importante, porque está a dar aos alunos isto, aquilo... e eu fico a olhar para aquilo e penso “será que ninguém percebe que há tantas escolas – não é só esta, há tantas escolas, se calhar, a maioria das escolas que, se calhar, está a fazer esse papel?”. E, se calhar, quando estamos numa sala de aula, eu faço isso – e sei

que outros professores fazem – há um aluno que diz “eu fiquei sem o lápis”, eu tenho, na minha sala, uma embalagem de lápis, que trago de casa, de canetas... felizmente, posso comprar outras melhores, pronto, trago aquelas que são menos boas – sou vaidosa nas canetas [risos], uma pessoa tem de ser vaidosa nos seus materiais – e eu trago, tenho ali, eles sabem qua vão ali buscar um lápis, uma borracha, uma caneta, porque já acabaram o dinheiro do subsídio. Se for preciso, vai comprar um caderno – “toma lá” – e cada professor faz isto na sua escola ou dentro da sua sala de aula. E isto não é valorizado. Os pais não valorizam, a população, em geral, e, depois, até os próprios *media*, porque fazem grande folclore com uma coisa e nós somos, sentimo-nos desvalorizados. Eu acho que, acima de tudo, se sente desvalorizado. Chega ao ponto de, antigamente, as pessoas tinham orgulho ou vaidade, não era? Eu lembro-me quando comecei a trabalhar, trabalhei com professores, na altura, era uma escola secundária e tinha uns colegas mais velhos, muito mais velhos do que eu, praticamente, com idade para serem minhas mães e meus pais e trabalhava muito em conjunto com eles, porque, como estava fora de Coimbra, tínhamos um sistema de boleias e tínhamos de esperar todos uns pelos outros. Depois, no ano seguinte, depois do estágio, acabei por ter a mesma coisa, portanto, isto dá uma perspetiva diferente daquilo que é. E eu lembro-me o orgulho com que elas diziam “eu sou professora”. Aquilo, para mim, aprendi muito, não é o aprender a ser vaidoso, mas pensei assim “que orgulho que elas têm em dizer que são professoras”. Mais tarde, apercebi-me que era a mesma coisa, inclusive, no estágio, porque fiz estágio integrado, os meus orientadores de estágio, um de matemática, outro de ciências... a minha orientadora de ciências era o meu modelo. Ainda hoje, eu acabo de fazer qualquer coisa que eu acho que fiz bem feito e eu penso assim “se a Regina estivesse aqui, via como eu acabei de dar esta aula e ficava muito satisfeita”, pronto, porque, de facto, era, assim, o meu modelo, aquilo que eu achava que fazia bem e quando íamos a qualquer lado, que, às vezes, saíamos, lanchar a qualquer lado, o grupo de estágio com os orientadores, dávamo-nos muito bem, eu via o orgulho que eles tinham de ser professores, “olha, aquele foi meu aluno”. E eles transmitiam muito isso. A certa altura, eu apercebi-me, nos últimos anos, não vou dizer que seja agora, no ano passado, eu não sou muito de influenciar... aquilo, se eu tinha orgulho, continuo a ter, mas vejo que colegas, às vezes, quando estamos em qualquer lado, “também são professores”, “sim, somos, somos”, mas, pronto, parece que somos, porque tem de ser, somos, porque, olhe, calhou assim. Isto não é porque as pessoas não sejam ou não tenham orgulho, têm o seu orgulho ferido, pronto, entendem que, de facto,

não há reconhecimento, pronto, não há... é complicado, é muito complicado. Diga, o que é que quer mais? Daqui a pouco fica sem bateria... Veja lá se há algum aspeto...

**Inv – Para finalizarmos, ia perguntar-lhe, enquanto coordenadora de TEIP, enquanto professora desta casa, qual é o maior desafio que sente, para o futuro, em relação à sua profissão...**

L – Vou ser-lhe sincera, o primeiro desafio é tentar chegar à reforma [risos]. Vamos lá ver, não tenho idade para me reformar e, vou ser muito sincera, até agora, até este ano, eu tenho tido sempre que, aliás, eu tenho tido... os meus sonhos (não ponha isto no seu trabalho), às vezes, são pesadelos, pensar que chegava à escola e que me diziam assim “olha, estás reformada, agora, vais-te embora, já não dás mais aulas”. E o meu pânico era, eu entrava em pânico, porque pensava “o que é que eu vou fazer?”. Isto para mostrar que era mesmo aquilo que eu gostava, que eu gosto e que eu queria fazer durante muitos anos, mas a vida não é exatamente como nós pensamos que vai ser, não é? E, às vezes, começamos a ter ou problemas de saúde, ou problemas familiares e começamos a ver... comecei a ter este ano a noção de que o tempo está a passar muito depressa e não estou a ter tempo para fazer tudo o que eu queria fazer. Depois, começamos a olhar à nossa volta, e isto é outro aspeto, que é importante, é que só se pensa nisto quando se chega... eu não imaginava que era assim. Ouvia a minha mãe dizer isto há vinte anos. A minha mãe dizia assim “Não me dava jeito morrer agora, porque ainda tenho muita coisa por fazer, não me dava jeito nenhum... agora, tenho de ver se me curo, se me trato”, porque tinha um problema de saúde grave. E eu dizia assim “ai, não diga isso”. Pronto, eu não entendi. Só se entende quando se vive, como tudo na vida. Não sabemos dar valor sem experimentar. Não vale a pena. Já cheguei a isso, é o tal conhecimento que nós vamos tendo, com a idade. E, neste momento, este ano, eu senti isso várias vezes, também por colegas se aposentarem e, passado pouco tempo, estão doentes, passado pouco tempo, estão com problemas, situações muito graves. E eu começo a pensar “então, tiveram uma vida, foram felizes naquilo que fizeram, mas acabou a escola e não houve mais nada, porque só houve o problema da doença”. E depois? Comecei a sentir, este ano, comecei a sentir que o tempo está a passar tão rápido, tão rápido. Eu achava, primeiro, que os miúdos... “já é a lição número tal, já só falta este tempo?”. Eu achava que os miúdos diziam aquilo, pronto... mas eu própria, cada semana que passava, pensava “mais uma semana, mais perto estou

do tempo em que não faço mais nada”. Portanto, eu não estou com medo de sair da escola, mas foi, pela primeira vez, este ano, que eu pensei “se saísse, eu acho que já não entrava em pânico”, que é aquilo que eu tenho sentido até agora. Colegas a aposentarem-se e a dizerem assim “ah, se tu pudesses, aposentavas-te também” e eu “ai, não... o que é que eu ia fazer para casa?”. Eu não quero ser dona de casa, não gosto de ser dona de casa. Ia fazer o quê para casa? Só se eu fosse passear, mas, para isso, tinha de ter um euromilhões, para andar a passear o tempo todo. Não há reforma que chegue a isso. E, este ano, pela primeira vez, eu disse “se fosse para casa, eu acho que já não me importava”. Eu acho que tenho tanta coisa que eu gostava de fazer e que não vou ter tempo de fazer. Por isso, eu disse, o primeiro desafio será conseguir chegar. Agora, em termos profissionais, ora, continuar a fazer o que tenho feito até agora, com a força, com a vontade e com o gosto que tenho feito. Não vou dizer que não gosto das férias, porque gosto, como toda a gente. Mas quero, quando chegar a setembro, o meu maior desafio é estar cá e conseguir fazer aquilo que eu tenho feito até agora. Tenho desafios no TEIP, queria muito que o TEIP corresse bem, queria que as pessoas estivessem envolvidas e que as coisas, para o próximo ano, fossem melhor, porque, este ano, foi um ano de preparar o projeto, embora tivéssemos um projeto para este ano, mas não foi um projeto em que eu tivesse participado, era um projeto que já estava feito. Chamaram-me e disseram-me “olha, agora vais passar a ser... importas-te?... queres?”. É um desafio. Fiquei satisfeita, neste momento, estou satisfeita com o projeto, não foi, vai ser aprovado em Conselho Geral, mas tivemos uma reunião em Lisboa, que recebeu muitos louvores. Estava lá o [risos]...

**Inv – Que louvores foram esses? Conte-me lá.**

L – Disseram que estava muito bem, elogiaram os aspetos. Não havia nada a modificar. “Se acham que é aquilo que precisam, está bem como está. Os poucos pormenores que vamos alterar são coisinhas de pormenor.” Também não tem a ver, praticamente, com aquilo que é nosso, portanto, fiquei muito satisfeita. Não vou dizer que foi “ai, que grande orgulho”, mas fiquei muito satisfeita, principalmente, porque estavam duas pessoas muito envolvidas, eu e o Professor Manuel, da direção, que tínhamos ido os dois à reunião, e estava o presidente do Conselho Geral, que vai aprovar. Eu sabia que, se houvesse muita coisa para alterar, o presidente do Conselho Geral iria dizer no Conselho Geral “pois, de facto, eu ouvi”, quando, ele próprio, é um colega que cá está há muitos anos comigo, mas quando ele próprio me diz “vocês estão de parabéns, vocês

só ouviram elogios”, aquilo cai bem, não é? Pronto, por isso, continuamos a trabalhar. Eu acho que é isto que nós precisamos. Isto era uma reunião no Ministério e acho que isto faz muita falta. Se calhar...

**Inv – Está a falar do elogio.**

**L** – Do elogio. Quando está bem, nós temos de elogiar. Aquilo que eu lhe disse há bocado, o relatório do Luís e da Vera. Eu elogiei “gostei muito do vosso relatório”, à Vera “gostei muito do teu relatório, impecável, tudo muito bem”. Ela riu-se, olhou para mim e, pronto, ficou muito envergonhada. Mas eu fui à direção e fui ter com o diretor e disse-lhe “atenção, fizeram...”, porque eu acho que são coisas que se têm de dizer. Se não estivesse bem, eu iria dizer. Isto é a minha maneira de trabalhar e eu acho que há pessoas que têm muito que aprender, não é comigo, porque eu aprendi com outros, mas, é assim, tem de se aprender. Quando as coisas estão bem, tem de se chagar ao pé das pessoas e dizer “olha, tu fizeste isto, gosto muito disto”. E nós temos muito a maneira de trabalhar uns com os outros, que é “ai, olha que isto não está assim muito bem”, mas, quando está bem, não se diz. E nós precisamos disso. Na nossa profissão, nós precisamos que nos digam o que está bem e o que está mal. E eu acho que, hoje em dia, está a perder-se muito isso. Não é toda a gente, porque a mim... eu vim de lá, de Lisboa, estoirada, depois de quatro horas de reunião e depois ainda fazer a viagem e calor, isto numa quinta-feira, chegámos aqui às oito e meia da noite, saímos daqui ao meio dia e meia hora, a um quarto para a uma... parecendo que não, as pessoas vêm cansadas, mas eu, quando cheguei, se me dissessem assim “tu agora vais pegar no projeto e alterar os pormenorzinhos”, eu ia alterar logo. Porquê? Porque tinha ouvido dizer bem, eu tinha vontade de voltar a pegar naquilo. Agora, se eu tivesse ouvido dizer “está mal, ta, ta, ta...”... Eu acho que a pouca valorização que nós próprios damos ao trabalho dos colegas, é uma coisa que tem de se incentivar, cada vez mais. Se está bem, está bem. “Olha, gostaste?”, “gostei muito”, “está muito giro”, “tu fizeste isto? Está muito bonito!”. E todos ficamos satisfeitos e, pelo menos, entre nós, que haja esse elogio. Quando há, superiormente, ótimo. Então, ainda ficamos melhor. Eu acho que isso que vai fazer com que as pessoas... Agora, se eu em setembro cá estiver, com a mesma força de vontade, ótimo, vou conseguir fazer, é o desafio TEIP. Tenho esse desafio, tenho o desafio da autoavaliação, que não vai ser pêra doce, ouvir dizer isto, isto e aquilo, que está menos bem, mas vamos tentar dar a volta, pronto, nós estamos a

descobrir que não está bem. Gosto muito da disciplina que dou, gosto muito das aulas que dou, gosto muito da minha sala e quero um bom horário [risos], porque me empenho a cem por cento e porque já dei muito a esta escola e gosto desta escola, gosto disto tudo, independentemente de ver que está muita coisa mal, que pode ser melhorada, não é que está mal, que pode ser melhorada. E, acima de tudo, gosto de, às vezes, nem tanto dos colegas, porque os colegas vão mudando, embora haja aqui muitos, ainda estão aqui alguns, aqueles que estão neste momento, os mais velhos, são todos aqueles que vieram ou no meu ano ou no ano anterior ao meu, ou no ano depois de mim, mas que já tinham mais tempo. Portanto, somos o grupo dos mais velhos. Mas, por exemplo, a nível da própria estrutura da escola, não tenho razão da direção, porque também... é assim... acho que há algum reconhecimento por aquilo que as pessoas já fizeram na escola. Mas, por exemplo, gosto muito, não vou dizer que, vamos lá ver, que reconheço muita competência a todas as pessoas da escola, não vou dizer isso, acho que poderiam melhorar em muitos aspetos, como eu poderia melhorar, como todos podem melhorar, mas vejo que as pessoas, mesmo as pessoas da escola, têm muita consideração por mim e isso é uma coisa que me cai muito bem, porque no momento em que eu disser que preciso de qualquer coisa, se houver uma pessoa, um funcionário a quem eu diga “eu precisava disto”, só não faz se não puder. E eu vejo que, com outras pessoas, não é tanto assim. Mas também sabem, porque já tiveram essa experiência, já lidei diretamente com eles, sabem que também faço tudo para, pronto, tudo aquilo que seja preciso fazer. Há bocadinho fomos ao bar e a empregada que lá estava, estava a dizer que “já viu, que estava tudo...”, tudo bem. Mas, é assim, no dia em que ela quis fazer a limpeza do laboratório de ciências, também não fui só eu, fomos nós, os professores de ciências, que conseguimos mobilizar os outros para fazermos a arrumação, escolhermos o material, deitarmos tudo fora, fazermos aquela arrumação que outros ainda não começaram a fazer, mas foi naquele dia, porque a ela dava-lhe jeito. A mim, foi um dia horrível para fazer aquilo, mas eu percebi, ela tinha de fazer a limpeza. Portanto, temos, tem de haver este saber dar para saber receber. E eu acho que, depois, eu tenho muita consideração pelo trabalho dela, mas ela também só não faz o que não puder para me ajudar. Portanto, eu acho que é isso. Depois, em termos dos professores, pronto, não tenho razão de queixa. E os alunos, é aquilo que nós temos. Agora, há muito pior do que isto, há, haverá muito melhor, provavelmente, mas aqui fazemos diferença, em meia dúzia de alunos, coisas que, em outras escolas, não fazemos. E eu, aí, sinto-me satisfeita e feliz com isso.

**Inv – Acha que esse segredo, o saber dar para saber receber, também se aplica aos seus alunos?**

L – Também, também. E é uma das coisas que não é só falar nos direitos e deveres, mas em termos de escola. É uma das coisas que eu gosto de trabalhar com eles, principalmente, ao nível da prática diária, na vida, no dia a dia, porque eles entendem melhor. O saber que nós, para recebermos dos outros, também temos de saber dar. E nós, normalmente, cometemos, um bocadinho, esse erro ou... pronto, tenta-se, é preciso explicar aos alunos que há um regulamento interno, é preciso explicar aos alunos que o regulamento interno tem direitos e deveres. Ora bem, há o regulamento interno, mas esse regulamento interno é um regulamento da vida. Agora, podemos dizer que tudo aquilo que nós aprendemos e que na vida nós fazemos, no nosso regulamento, aqui, vai-se manifestar pelo direito e pelo dever dentro da escola. Mas há direitos e deveres na vida. O relacionar não está lá escrito... por acaso, até está... o relacionamento com o funcionário, pronto, tem de haver, mas é a maneira como se diz as coisas. Não é assim “tu levas um castigo, tens direito a falar com o funcionário, tens o dever de falar bem, mas também tens o direito de falarem bem contigo”. Isto já é da vida do dia a dia e é isto que, em casa, falta e, como falta em casa, os professores, quando chegam aqui, é difícil, por muito que se diga na escola, de 100, eles captam cinco, talvez, já não digo dez por cento, cinco por cento, porque o que o pai e a mãe dizem é sagrado. Como eu costumo dizer “ninguém gosta mais de vocês do que o pai e a mãe”. É verdade... Depois, temos de tentar mudar o que o pai e a mãe dizem. Nós não estamos lá em casa para mudar a opinião do pai ou da mãe e o pai diz “ah, a professora é tonta, isso é uma mentira”, “o meu pai disse isto assim e assim”, “pois, o teu pai disse, porque percebeu de outra maneira”... pronto, é saber dar aquela volta, mas, pronto, vamos ver o que é que se pode fazer... Diga lá, o que é que lhe falta mais?

**Inv – O que é que me falta? Falta-me agradecer-lhe pela sua disponibilidade.**

L – Ah, mas isso, conversar, é o meu pão nosso de cada dia.

**Inv – Deu para perceber...**

L – Gosto muito de conversar.

**Inv – Ainda bem, sorte para mim que aprendi muito com a sua experiência e quero agradecer-lhe imenso...**

L – Ah, não é preciso agradecer.

**Inv – Só tenho pena é de ter tido esta conversa consigo, agora, no final do ano.**

L – Podia ter dito logo, mas fica já a saber. Independentemente de ser um trabalho disto ou de outra coisa qualquer, não deixar para o fim, porque as pessoas acabam por se conhecer melhor, muitas vezes, através de pequeninas coisas. Agora, foi este trabalho para si, mas podia ter sido outra coisa qualquer completamente diferente. E nós, só quando nos relacionamos com as pessoas, numa conversa que não tem a ver exatamente com aquilo que está a acontecer dentro da sala de aula, não é... porque, às vezes, fala-se muito com o professor, o colega, porque aquele aluno está a portar-se mal dentro da sala de aula e falamos só daquilo, é bom falar de outras coisas, para depois as pessoas se conhecerem melhor, porque é também o segredo das coisas é as pessoas conversarem pouco...

**Inv – Sou obrigada a concordar...**

L – Passava pouco tempo na escola, era ou não era? Mas, também, porque o horário que tinha era muito pequeno, não é isso?

**Inv – Exatamente.**



**A.2.11. PROFESSORA 3 –**  
**COORDENADORA DO ENSINO ESPECIAL**

---



## **Transcrição da entrevista**

### **Professora Coordenadora do Departamento de Ensino Especial do Agrupamento**

**Data:** 10 de julho de 2015

**Local:** Agrupamento de Escolas

**Investigadora (Inv) – Ora, boa tarde! Estamos aqui reunidos na escola sede do Agrupamento, com a Coordenadora de Departamento de Ensino Especial, cargo que exerce há já oito anos aqui, no Agrupamento e era mesmo por aí que eu gostava de começar. Boa tarde! Ia pedir-lhe que nos apresentasse o seu departamento e as funções que exerce no mesmo.**

**Manuela<sup>15</sup> (M) – Bom tarde! O meu departamento é o departamento de educação especial. Foi promovido a departamento o ano passado, porque nós éramos um grupo que fazia parte do departamento de expressões, mas como o número de elementos já é tão significativo e tem um funcionamento tão específico, não fazia sentido fazer parte de um departamento como o das expressões. Pronto, nós somos oito docentes, cinco do quadro e três contratados, porque também somos unidade de referência para a intervenção precoce ou agrupamento de referência para a intervenção precoce e temos duas unidades de apoio à multideficiência, uma no 1.º ciclo e outra no 2.º, que foi constituída o ano passado para acompanhar o desenvolvimento dos meninos, que entretanto acompanharam o grupo ao 2.º ciclo. Portanto, temos três docentes em regime de mobilidade, só para a intervenção precoce, que prestam apoio nas IPSS e em domicílio, no concelho. Os outros docentes temos... portanto, somos três, qua vamos ao 1.º ciclo, temos duas docentes no 2.º ciclo e uma no 3.º ciclo e só uma, este ano, na unidade de 2.º ciclo, porque é um atendimento muito específico, a tempo inteiro, e não**

---

<sup>15</sup> Nome fictício. Por uma questão metodológica, optámos por não identificar os entrevistados pelos nomes verdadeiros.

dá mesmo para acumular outras funções. Não sei se em termos de... Ah, as docentes que vão ao primeiro ciclo vão também ao pré-escolar, porque, neste momento, temos quatro crianças já integradas no [decreto-lei] 3/ 2008... Ah, porque é assim, o meu departamento só presta apoio a crianças que estão ao abrigo do decreto-lei 3/ 2008, ou seja, que tenham necessidades educativas especiais de carácter permanente.

**Inv – Eu sei que a Professora exerce esta profissão há vários anos...**

**M –** Muitos... 33, exatamente.

**Inv – Que balanço é que faz desta sua área?**

**M –** É assim, por acaso, estes três dias em que estivemos naquele seminário, em Caldas, sobre pensarmos estas questões e em que foi muito falada a inclusão... Eu, quando fiz a especialização, porque sempre trabalhei em educação especial, mas comecei pela CERCI, exerci vários anos estágio profissional, sempre na CERCI... Quando eu fiz a especialização, na Escola Superior de Educação, ainda o curso não era reconhecido. Só me foi reconhecido sete anos depois. Portanto, eu fui, porque mesmo cientificamente eu precisava de luzes e de saber exatamente o que estava a fazer. Foi mesmo para iluminar a minha ação, o meu conhecimento, porque acho que é uma área muito sensível e é assim, ou se gosta e se intervém como deve ser, ou então, não, não é uma profissão que se vá porque não há outra. E é assim, as questões da inclusão, quando eu fiz a especialização, exatamente em 90 e, no ano a seguir, saiu o decreto-lei 519, que já era um normativo, que nos orientava para trabalhar e orientar e sinalizar exatamente quem eram os meninos que precisavam do apoio, porque os meninos, à partida, eles precisam de estar incluídos na escola, todos, tenham dificuldade ou não. A inclusão é para todos, não é só para os meninos diferentes, com necessidades educativas especiais. Nem se devia pôr essa questão. O que eu noto é que essas questões, que foram debatidas há 20 anos, e que nós viemos cheios de “*ai, agora é que é...*”, andou muito para trás, eu penso que por pressão das metas curriculares, da pressão que os professores têm que uma criança diferente exija uma intervenção diferenciada, destabiliza uma turma e provoca... é assim, para um professor, realmente, isso cria um constrangimento muito grande à inclusão. E a tentativa de arranjar respostas diferentes, nem sempre a caminho da inclusão, não... “*é tentar que me solucionem esse problema aí, que eu preciso de trabalhar com estes 20 aqui*”, ou seja, em vez de se trabalhar a inclusão, a pressão é tão

grande em cima dos professores, em geral – em nós também – que em vez de se estar a incluir, está-se a “emburrir”... pronto, para outros caminhos que nem sempre... acho que se deram dois passos atrás na inclusão.

**Inv – E acha que isso se deve a quê, Professora?**

**M** – Exatamente à pressão que hoje se tem em relação ao ensino, as metas curriculares, aqueles objetivos que têm de se cumprir até ao quarto ano, das 383 metas no português, as trezentas e não sei quantas... E as crianças, todas têm um ritmo. Há crianças que entram sem problema nenhum e, ao fim do segundo ano, são deficientes. Só porque não se deu o tempo. E a única coisa que lhes temos de dar é tempo. Nem toda a gente tem o mesmo comprimento de perna, nem toda a gente calça o mesmo número de sapato... os caminhos são diferentes, uns vêm, têm de dar a volta ao bairro, os outros é só atravessar a estrada... e é uma dor muito grande, porque acho que há crianças que, realmente, têm dificuldades ao nível da estrutura e as outras só têm a infelicidade de ter muitos constrangimentos e muita pedra no caminho. Há umas que apanham professores compreensivos e há outras que apanham professores angustiados e nem sempre... às vezes, o problema da criança, que era temporário, e era um pormenor, uma atenção e era tempo, torna-se num bloqueio, numa dificuldade enorme e num atraso para a sua vida. É uma dor, pronto... é muito angustiante. Para quem gosta do que faz e para quem gosta de estar na educação, acho que, neste momento, a educação deu um passo atrás muito grande.

**Inv – O que é que acha que poderia ser mudado, a esse nível, Professora?**

**M** – Era cada um de nós... acho que é assim, eu, por mim falo, porque, às tantas, nós... *“ai, tenho este menino, que tem esta dificuldade”*... é assim, eu, individualmente, tento o mais possível ajudar aquela criança, mas eu sei que não é o melhor, porque é assim, aquela criança precisava de ser ajudada por mim, de ser compreendida em casa, ser ajudada na escola e ter o tempo dela, ter tempo, ter tempo para experimentar, para viver outras coisas, se calhar, para ter mais ferramentas que o outro colega do lado tem e que ela nem nunca viu. Uma criança nunca pode dar respostas sobre uma situação que nunca viveu. Como é que uma criança é sinalizada para terapia da fala, porque tem pouco vocabulário, se não falam com ela, se não sai de casa, se não lhe dão experiências. É muito estranho uma criança não saber o que é, não usar a palavra – eu vou exagerar – “prognóstico”, se nem em casa usam essa palavra. Uma criança tem dificuldades de

articulação, porque pertence a uma etnia específica, em que as palavras terminam com “i”, em qua as pessoas falam com acento espanholado e a criança tem dificuldades de articulação, porque bebe “cafei”, porque não diz... pronto, uma série de situações. Eu acho que, neste momento, inventam-se deficiências.

**Inv – E em relação às sinalizações que lhe chegam, Professora, que balanço é que faz, ao longo destes anos? O que é que tem chegado mais ao seu departamento?**

**M** – É assim, mesmo em relação a isso, eu estive a fazer o balanço das referenciações, este ano. Em relação a algumas colegas de primeiro ciclo, eu noto... e, para já, há colegas que têm uma sensibilidade, aliás, algumas até têm especialização, portanto, têm conhecimento do que é e eu noto uma grande evolução. É assim, grande parte, basta dizer que nós tivemos 11 referenciações este ano, o que é uma grande vitória, pois chegámos a ter 30, 11 referenciações e só quatro meninos é que entraram no [decreto-lei] 3. Pronto. Uma das referenciações, embora a colega tivesse consciência que o menino não era uma questão de deficiência, ao nível da estrutura, era uma questão emocional, mas foi um bocadinho em desespero de causa, para tentar arranjar uma solução para aquele menino. Embora ela tivesse essa consciência, ela fez a referenciação para se tentar fazer alguma coisa. Já vai havendo consciência. Há outra situação, que são as referenciações em anos de exame, para os que têm adequação e terem facilidade na avaliação, mas isso também já vai diminuindo, essa perspectiva... E em relação a isso, eu acho que o GAAF vem tirar um peso muito importante à educação especial. Havendo outro tipo de resposta, e o facto de não haver tanta sinalização para a educação especial, tem a ver, também, com a implementação, ou com o estabelecimento, aqui, desse Gabinete.

**Inv – Ainda bem que fala disso, Professora. Desculpe interromper o raciocínio, porque eu ia pedir-lhe, exatamente, porque a Professora está nestas funções há oito anos, assistiu ao nascimento deste gabinete.**

**M** – Sim, lembro-me perfeitamente do [Conselho] Pedagógico em que foi dada a informação que ia ser implementado o GAAF, uma vez que a escola foi constituída como agrupamento TEIP, que era uma das coisas que tínhamos, aliás, falado com a última inspeção e com os professores da monitorização da educação especial, que grande causa da referenciação... porque nos questionaram sempre porque é que nós

tínhamos tantas crianças no [decreto-lei] 3, porque temos, realmente, isto é assustador. Nós, em três anos, passámos de 47 para 80, é assustador. Mas a nossa justificação também tem a ver com o facto de este concelho, ou seja, deste agrupamento ter pré-escolar, estar numa zona central da cidade, acolher crianças, por exemplo, que estão no “Aconchego”, que é uma instituição de acolhimento temporário e, portanto, nós recebemos meninos que vêm e que vão e, quando chegam, alguns vêm com tantos compromettimentos que a primeira coisa que as técnicas fazem – e muito bem – é articular connosco e nós tentamos dar a resposta sempre que possível. Outra coisa é que nós também temos os CEF (Cursos de Educação e Formação) e recebemos alunos de outros agrupamentos. Basta dizer que cinco alunos que integraram o [decreto-lei] 3 vieram de localidades vizinhas e que estão incluídos nas turmas CEF. Isso tudo contribui para o aumento. O que se passa e eu estava a falar da implementação do GAAF, porque, pronto, a situação é que, depois de ter sido constituído agrupamento TEIP, uma das facilidades ou recursos que nos dariam seria a vinda de técnicos. Foi excelente! Acho que trabalham que nem alminhas, coitadas, são muito castigados, mas fazem um trabalho excelente. É assim, no caso da educação especial, embora o GAAF não se dirija exatamente aos alunos do [decreto-lei] 3 – isso foi logo a recomendação no Pedagógico em que foi dito... vai ser implementado aqui o gabinete, vem um psicólogo e um técnico de serviço social, a meio tempo, o que é pena, porque os constrangimentos sociais são mais que muitos... mas o Diretor, eu lembro-me, virou-se para mim e disse “atenção que isto não são para alunos de educação especial”. Mas o que é facto é que isto, como as paredes não são assim tão duras, e uma escola tem de ser mesmo flexível e se não trabalharmos todos em articulação, não vale a pena, não vale a pena ter um GAAF a funcionar muito bem, a educação especial a trabalhar muito bem, porque o que é que acontece? É que muitos dos meninos que são atendidos pelo GAAF também têm irmãos que estão na educação especial, as famílias são as mesmas. Nós temos, mesmo, de articular, até para definir estratégias, para trocar informações, para já, para rentabilizar recursos, porque não andamos uns a perguntar coisas para um lado e outros a trabalhar para o outro. Temos, mesmo, é de articular e isso acho que funciona muito bem, desde o princípio. Aliás, quando é feito um encaminhamento para o GAAF, a Psicóloga, a Vera, normalmente, como eu já cá estou há muito anos... Porque é assim, eu estou na coordenação, mas aqui, neste agrupamento, porque o nosso agrupamento horizontal integrou aqui a escola, mas já viemos de outra escola. Portanto, eu já acompanho as famílias – é a vantagem de ser velhota – há muitos anos. Aliás, eu tenho

meninos que são filhos de alunos meus da CERCÍ. Daí se vê, também, pronto, a árvore genealógica da maior parte das dificuldades que nós temos. Um menino que está na multideficiência, os pais conheceram-se na CERCÍ e são filhos de dois utentes que eu conheço desde os tempos da formação da CERCÍ. Portanto, isto já é a segunda geração, eu já estou na segunda geração das dificuldades. A articulação com o GAAF é natural. Portanto, não há nada de formal, é muito natural e que funciona. Acontece, também, que há outra situação, que é particular, que, em termos de estrutura, não devia ser assim, ou seja, pelo menos, dois ou três meninos que são do [decreto-lei] 3, mas que são atendidos/ acompanhados no GAAF e porquê? Na situação de um, é só pelo Técnico de Serviço Social, uma vez que acompanha a família. No caso dos outros três é porque os meninos são do [decreto-lei] 3, só que foram encaminhados ou pela CPCJ ou porque são crianças de alto risco ambiental. Portanto, faz todo o sentido, uma vez que a situação ou que a gestão dos casos está mais ligada à CPCJ, ser a Vera a dar continuidade a esse apoio. Não faz sentido, também, fazermos... mas nós temos de ter consciência que são exceções, porque senão... Há meninos que se justifica o apoio pelo CRI, que é o Centro de Recursos para a Inclusão, que é feito só para os meninos do [decreto-lei] 3, em que é feito um plano de acção todos os anos, que tem de se justificar as situações e aí, sim, são acompanhados pela psicóloga do CRI, que não acompanha meninos da escola que não sejam do [decreto-lei] 3. Mas nós justificamos, aqueles são do [decreto-lei] 3, sim, são acompanhados pelo GAAF, porque têm uma situação muito particular. Pronto, também nunca nos causaram... nunca nos disseram “*não, não, é do [decreto-lei] 3, não é atendido pela psicóloga do GAAF*”. Há essa compreensão...

**Inv – A Professora falou há pouco numa questão de alto risco, por fator ambiental. Pode explicar-nos?**

**M** – Alto risco, porque há crianças que em termos familiares... o meio social tem várias vertentes: pessoas que vivem há anos, terceira geração de famílias que vivem do rendimento social de inserção; temos um grande de meninos que vivem aqui no acampamento em frente, de etnia cigana; meninos que vêm de famílias de risco, ou porque – como é que eu hei de dizer – estão naquela franja da marginalidade, com padrões e com referências comportamentais que não é a escola que vai conseguir se não houver um trabalho atento, de compreensão e de alguma – como é que eu hei de dizer – de alguma maleabilidade e compreender que aquela criança está integrada num

ambiente que não é extamente, que não favorece em termos de referência... e eu podia dar exemplos do arco da velha...

**Inv – Mas pode dar.**

**M** – É assim, eu não tenho um ipod nem um ipad, porque não quero, porque já me foi oferecido – *“Professora, tome, que é para si, que lá em casa tenho mais quatro ou cinco”*; *“Professora, se quiser uma galinha, eu vou ali à fazenda da Micas e dou-lhe uma, leve um saco grande e também lhe dou abóbora e peras”* – e eu pergunto-lhe – *“Olha, mas o quintal é teu?”* – *“Não, mas eu não tenho medo, o cão morde-me, mas não faz mal, já é hábito”* – há, assim, uma vivência que para nós que temos uma vida, entre aspas, regular, assustadora. Meninos a quem a escola não diz nada, porque têm umas referências... aliás, já me disseram – *“para que é que eu quero andar na escola se o meu pai passa o dia a dormir e tem dinheiro”*. Pronto... E meninos que de parvos ou de palermas ou de alguma alteração ao nível das funções cognitivas não têm nada. Não gostam da escola, pura e simplesmente e a deficiência deles é não gostarem da escola e a escola não ter nada que lhes interesse. É a minha principal dificuldade. E há uma grande parte, cerca de um terço dos meninos, que desenvolveram incompetências ou dificuldades de aprendizagem, porque a escola é diferente e têm padrões de vida completamente diferentes.

**Inv – Acha que a escola tem um desafio grande, nesse aspeto?**

**M** – Muito grande, muito grande e tem muito que... aqui há uns anos houve uma tentativa de, ainda se implementou no primeiro ciclo uma turma de PCA, era por aí, uma resposta diferente...

**Inv – PCA...**

**M** – Turma de percurso curricular alternativo. É dirigida àqueles meninos que não são propriamente deficientes ou que não têm uma deficiência comprovada, mas que têm dificuldades de aprendizagens, que têm muitos anos de retenção e é uma forma de também de prevenir o afastamento da escola, porque são percursos que, à partida, seriam desenhados de acordo com os interesses e o perfil dos alunos e eu acho que era por aí, o caminho é por aí. Eu acho que a escola tem mesmo de encontrar caminhos alternativos, porque a escola, como está, não interessa a dois terços dos alunos.

**Inv – Na sua opinião, há, aqui, então, um grande trabalho a fazer.**

**M** – Muito... e de dentro de cada um, não temos de esperar pelo ministério, temos de ser nós a mudar... é difícil, mas temos de ser nós, porque é assim, procurar soluções lá fora é fácil, mas tem de ser cada um de nós a dar um passinho.

**Inv – E acha que toda a comunidade educativa está preparada para dar esse passinho?**

**M** – Eu acho que alguma... alguma está e já se vão tentando encontrar respostas com clubes que se fazem... e há respostas aqui, na escola, muito interessantes, já há, mas temos um constrangimento muito grande e eu, agora, posso falar pelo meu grupo, porque é um corpo docente instável. Eu, este ano, posso dizer que tive colegas a partir de novembro, com 80 alunos com necessidades educativas especiais, duas unidades de apoio à multideficiência e estivemos, pura e simplesmente, sem docentes. É assim, o que é que estes alunos fizeram? Estiveram integrados nas turmas. Há alunos com currículo específico individual (CEI), ou seja, têm uma resposta muito individualizada, que não lhes interessa estar nas turmas... não lhes interessa, não, o próprio currículo prevê que eles não estejam na turma, porque assim só vai criando ainda um distanciamento maior entre eles e a turma, porque a resposta que se dá na turma e que segue o currículo comum, como é normal... eu tive uma aluna que tem um currículo específico e eu perguntei-lhe – *“então, está tudo a correr bem?”* – *“não, eu estou a ir a inglês e a história e eu o ano passado não ia”* – Porquê? Porque ainda não tinha sido colocado o professor e a menina, pura e simplesmente, tinha de estar na escola e tinha de acompanhar o grupo. A resposta adequada àquela menina só foi dada em novembro. Foi uma menina que depois se criou, fez-se um protocolo e ela tinha umas horas, por exemplo, as horas que eram retiradas a história, ela fez um estágio num jardim de infância, que, por acaso, é aqui do Agrupamento, aqui, na colónia balnear, em que ela, pronto, desempenhou um papel, ajudava a educadora, participava no contar das histórias, na organização da sala, dentro das capacidades dela, não fazendo dela uma miniauxiliar, mas sem... de uma forma produtiva e formativa, deu-se-lhe uma resposta, ajudou-se a menina na sua autonomia, criou-se... ela tinha de criar hábitos, a ter um horário, tinha uma tarefa, tinha de organizar, isto tudo são desenvolvimentos, tudo promove o desenvolvimento pessoal, a organização, a autoestima e a autonomia, que é fundamental, porque, através destas três competências, podem-se trabalhar outras e

pode-se chegar a outro lado. Nem todos temos de saber engenharia, nem astrofísica, mas sabemos que, à noite, a lua aparece e que, de manhã, o sol nasce, não é? O sol vem com o dia e a lua vem com a noite. É básico, não é? Mas eles têm de ver e têm de perceber, não é estar na escola e dizermos – “*olha para o papel*”; “*sabes porque é que está aqui a lua?*” – é mostrar-lhes, é eles viverem. E é através das vivências que adquirem competências.

**Inv – Vou pegar há pouco numa palavras que a Professora...**

M – Eu peço desculpa se estou a falar muito...

**Inv – Não, não, está a falar maravilhosamente... Vou só pegar numa ideia, que referiu há pouco, relativamente à inclusão... Quer abordar, um pouco mais, o que é, para si, uma inclusão plena destas crianças... de todas as crianças?**

M – Pronto, a inclusão é de todas as crianças, mesmo. Não são as nossas crianças que vêm para a escola e que têm de se adaptar à escola. A escola, à partida, é um meio natural – não é? – ou deve ser um meio natural que se adapta a cada criança que vem. Há crianças que entram com nove, com 10 ou com 11, umas vêm... e, pronto, falando noutra tipo de situações, crianças que vêm, por exemplo, da Ucrânia, da Roménia, que temos, também, do Brasil, não são crianças com deficiências. A escola inclusiva adapta-se aos meninos, não são os meninos que têm de se adaptar à cultura da escola – não é? – e, para mim, isso é inclusão... fala-se, normalmente, em inclusão relacionado com deficiência e eu acho que não, porque eu sou crescida e nem sempre me sinto incluída... pronto... Uma escola inclusiva é uma escola que tem professores, com características diferentes, com mais aptidões para uma área ou para outra, uns que falam mais, outros que falam menos, mas que todos fazem parte de uma escola, que fazem parte de uma estrutura. E uma pessoa que fale menos, se calhar, é ótima a fazer estatísticas e tem uma competência muito necessária à escola, outro, se calhar, mais virado para a parte social é ótimo para dinamizar, por exemplo, um clube, o bem-estar dos alunos, criar situações de bem-estar... e é assim, uma escola inclusiva é uma escola onde as pessoas podem ser felizes, independentemente do que são, do que gostam, porque nem todos gostamos das flores para aquele lado, nem todos gostamos só de árvores... todos temos... e acho que é o conjunto das árvores e das flores que torna uma escola agradável, feliz e onde todos devem ser muito bem-vindos... não só para aqueles alunos que, à partida, já vêm com uma história familiar disfuncional e que, também, chegam ali

ao portão e sentem que, também, não são bem-vindos à escola... não é uma escola inclusiva.

**Inv – Acha que isso ainda acontece, nos dias de hoje?**

**M** – Acontece, ainda acontece, talvez pelo cansaço, pelo desgaste das pessoas e de chegarem a algum ponto e dizerem “*se calhar, não vale a pena, estou-me a desgastar e não vale a pena*”. É assim, eu estou numa fase, também, cansada, mas acho que vale a pena. Tem dias em que, não é muito o meu hábito, este ano foi muito cansativo, eu nem gosto de ter um discurso de “não vale a pena”, não é nada, acho que vale a pena encontrar respostas diferentes. Há anos particularmente difíceis, este, se calhar, foi um deles, mas acho que vale a pena.

**Inv – Pegando nas suas palavras, em jeito de conclusão, Professora, o que é que valerá a pena, para o futuro?**

**M** – O que vale a pena é mesmo, olha, é assim, há tanta situação, a nível superior, que nos tenta esmagar, que é tentar não... cada um de nós, os que estão cá, serem mais unidos e verem, realmente, as situações... contra eles, não podemos nada, só que há uma esperança... já passei por tantos governos, já levei com tanta estrutura, já vi tanta legislação passar e é assim, quem é otimista, continua otimista e quem derrotista, dificilmente sairá desse estado de espírito, porque há sempre mais qualquer coisa – “*ah, eu queria aquele copo azul, tenho o copo azul, mas, se calhar, o outro amarelo também era capaz de ser melhor*” – não, é tentarmos, com o pouco que temos, encontrar as respostas. Temos uma sala, agora, ali vazia, ao lado da multideficiência, que será uma sala para resposta de meninos que têm interesses diferentes, com os tais currículos específicos, e que estamos a organizar. Temos a sala, já nos deram um caixote com coisas, pronto, não vamos desanimar... tentar superar aqueles dias de cansaço. Sabemos que amanhã é outro dia.

**Inv – Obrigada, Professora, pela sua colaboração!**

**M** – De nada. Se calhar, isto, a uma sexta-feira à tarde, é capaz de ter saído, assim, um discurso um bocadinho de “velho do restelo”, mas não é esse o espírito, é de alguém que já passou por muita história.

**Inv – Muito obrigada, Professora!**

## **A.2.12. DIRETOR**

---



## **Transcrição da entrevista**

### **Diretor do Agrupamento de Escolas**

**Data:** 11 de novembro de 2015

**Local:** Escola sede do Agrupamento

**Investigadora (Inv) – Bom dia! No âmbito do mestrado que estamos a levar a cabo, estamos, aqui, reunidos no Agrupamento do Oeste e vamos entrevistar o Sr. Diretor do Agrupamento, a quem eu vou dar a palavra já de seguida. Bom dia, Professor! Começava por pedir-lhe que nos descrevesse o Agrupamento, que nos falasse das suas características, pontos fortes, pontos fracos, ameaças, oportunidades...**

**Raúl<sup>16</sup> (R) – Bom dia! Não é fácil falar daquilo que estamos a gerir, independentemente de termos consciência plena do que corre bem e do que corre menos bem. É um Agrupamento que eu considero grande, não é bastante grande, não é um mega-agrupamento, mas é um agrupamento grande, porque tem várias escolas do 1.º ciclo e também algumas escolas, algumas salas de pré-escolar, além da escola sede, da escola básica, são muitas turmas, são muitos alunos, são muitos professores, são muitos funcionários para gerir e eu costumo dizer que o mais fácil de gerir são os alunos. O mais difícil de gerir são os adultos. Isto não é desfazer do trabalho, mas é um pouco difícil trabalhar em equipa, porque nem sempre agradamos às pessoas, apesar de as pessoas nos verem como alguém que tem de resolver todos os problemas e existem muitos problemas que não deveriam passar por mim. Há pessoas que já estão conscientes, que têm plena consciência de que existem determinado tipo de assuntos, como problemas disciplinares que não podem passar por mim, mas, no entanto, há outras pessoas, porque, provavelmente, se sentem acanhadas ou porque, provavelmente,**

---

<sup>16</sup> Nome fictício. Por uma questão metodológica, optámos por não identificar os entrevistados pelos nomes verdadeiros.

acham que não dariam a melhor solução para aquele problema disciplinar e, então, procuram sempre ajuda. Foi o caso de hoje, em que estive aqui a gerir conflitos, não foram conflitos disciplinares, não são conflitos sociais, dos pais, no fundo, pedirem uma ajuda, porque já não sabem o que hão de fazer aos filhos. Relativamente aos pontos fortes e fracos, eu tenho plena consciência que nem tudo corre bem, não posso dizer que é tudo uma maravilha, porque não é. Existem situações que não correm tão bem, mas existem outras que correm bem. A primeira, eu, como diretor, assim como os outros são professores – porque eu também sou professor, acima de tudo – porque isto é uma passagem, é uma coisa muito efémera e o termo diretor nunca me fez sentir superior a ninguém. Achei que – ou acho que – já desempenhei as minhas funções, não é melhor ou pior. Sinto que, neste preciso momento, as coisas começam a ... começo a ter alguma dificuldade, talvez porque já esteja ligado ao cargo de diretor há muitos anos, cerca de 14, e começa a ser, não se torna violento, mas começo a ficar um pouco saturado. Agora, tenho plena consciência de que acabei com algumas situações que eu achava, enquanto professor da escola, com elas.

#### **Inv – Tais como?**

**R** – A indisciplina. Era um pouco assustador. Muitos alunos, durante o período das aulas, durante o funcionamento das aulas, uns alunos vinham para a rua e ficavam nos pátios. Apesar de hoje em dia as pessoas, como os alunos, quando saem das salas, são encaminhados para a biblioteca e as pessoas começam a querer uma resposta diferente... porque os professores têm de fazer substituições, porque os professores têm de tomar conta dos meninos que vão para a biblioteca, só que o espaço físico da escola não permite que eu arranje uma solução, porque o único espaço razoável para eu acolher esses alunos, alunos que vêm para a rua e alunos que estão sem professor, e têm, obrigatoriamente, de ser substituídos por outros professores, quando faltam, o único espaço... porque, imaginamos que temos dois professores a faltar, são logo cerca de 40 a 45 alunos e eu tenho de arranjar um espaço que consiga suportar quer os alunos, quer o professor e eu não disponho de uma sala onde possa colocá-los. A única sala que, realmente, daria para funcionar seria o espaço do refeitório, só que, a partir do meio-dia, nós servimos as refeições aos alunos do 1.º ciclo. Portanto, é uma situação que eu sei que tem de tomar medidas, mas, para já, não é fácil. Outra situação que eu luto muito, é pelo bem-estar das pessoas. Acho que sou uma pessoa extremamente compreensiva, o

problema dos outros passa a ser o meu problema. Preocupo-me com os outros e defendo muito a lealdade. Contudo, e como a Patrícia sabe, gerir não é fácil, porque, quando gerimos, nunca agradamos a todos e gerimos com base na nossa opinião, naquilo que vimos que não está muito bem e que temos de proporcionar situações melhores. Depois, neste momento, eu acho que as pessoas têm plena consciência do que é uma escola, do que é o ensino. Durante algum tempo, tive alguma dificuldade em que as pessoas todas falassem a mesma linguagem, entre aspas, devido ao projeto TEIP, porque, com o projeto TEIP, todos temos de caminhar no mesmo sentido e não foi fácil sensibilizar as pessoas que todos têm de ter as mesmas atitudes.

**Inv – E quando fala das pessoas, refere-se aos professores?**

**R** – Sim, não na globalidade, mas, pronto, havia um foco, de dois ou três. Neste momento, está tudo diluído e as pessoas fazem, pronto. Provavelmente, eu percebo-os, porque a primeira reação é nós dizermos que não a uma novidade, mas, depois, aos poucos, vai-se vendo, porque realmente, se todos caminhamos no mesmo sentido, as dificuldades vão sendo superadas e quem realmente concorda ou concordou com o projeto acabou por influenciar os outros e nisto temos de ter pessoas que têm de ter a capacidade de mobilizar os outros. E, nesse aspeto, as duas pessoas responsáveis pelo programa TEIP, fazem-no muito bem, que é o Professor Marco, o meu colega da direção, e a Professora Lígia Neves, que é a coordenadora da matemática.

**Inv – Que já tive oportunidade de entrevistar.**

**R** – É uma mulher que eu admiro muito, é uma mulher muito disponível para a escola, é uma mulher que se envolve em todas as atividades, é uma mulher que nos dá o braço e que nos dá alento, que sempre que é preciso nos dá alento. Relativamente a pontos fracos, existem, como em todas as escolas. Para eu estar aqui a nomear, esta questão da sala é um ponto fraco, o resultado dos alunos é um ponto fraco, que eu ambicionava alterar. O problema que se passa aqui é que eu acho que, independentemente dos diretores de turma e de todos os professores tentarem sensibilizar que a educação de casa é muito importante, é fundamental, hoje em dia, os pais procuram-nos a nós, escola, para que sejamos nós a resolver os problemas que têm em casa. E isso verificou-se na reunião que tive hoje de manhã. Nós não podemos substituir os pais, mas eu acho que a própria sociedade acabou por criar isto. No meu tempo, os meus pais iam com frequência à escola, porque eu não fui um aluno fácil e eu digo isto sempre. E quando

chamo alunos ao meu gabinete, para tentar perceber o que se passou, algumas situações de indisciplina, eu digo-lhes sempre isto – *“eu sei o que vocês fazem, eu também fiz algumas destas coisas e, hoje, estando deste lado, percebo que não as deveria ter feito”*. Percebo, não digo angústia, mas algum desespero dos meus pais para me tentarem encaminhar no bom sentido, de me tornarem mais responsável. Eu tenho um irmão que nunca teve rigorosamente nenhum problema na escola. Os meus pais, sim, iam à escola, porque fazia parte da cultura deles irem à escola, acompanharem os filhos, mas nunca foram à escola, com o meu irmão, porque eram chamados. Eu não era mal-educado, eu era muito endiabrado, no sentido de nunca parar quieto. Mal-educado nunca fui para nenhum professor, nunca faltei ao respeito, porque sempre que me mandavam calar, eu calava-me. Mas, depois, nos pátios, era muito de resolver os assuntos, por vezes, a partir de uma determinada idade, com questões de força, pronto. E isto tudo, porque eu era muito gordo... mas, na altura, era mesmo muito gordo e, então, eu sofri aquilo que hoje chamamos de bullying... e isto é muito difícil, é muito difícil de encarar, porque, na minha altura, não existia o bullying... havia pessoas, eu tinha colegas nos balneários de educação física, que me roubavam a roupa e eu ficava em cuecas e, depois, os funcionários, não existiam funcionários nos balneários e eu tinha de faltar, obrigatoriamente, a uma aula seguinte à de educação física ou chegava atrasadíssimo, porque, entretanto, tinha de esperar que alguém chegasse ao balneário para irem à procura da minha roupa... era completamente humilhado no pátio, porque passavam as horas todas do intervalo a chamarem-me de gordo. E, por estas questões todas, o meu pai era chamado à escola com frequência, porque, depois, havia aqui uma questão de isolamento. E havia, felizmente, professores que me marcaram para o resto da vida, uma delas foi a professora de educação física, que teve um olhar que eu sinto hoje como um olhar muito especial por mim, porque eu hoje consigo perceber como é que tive a mesma professora desde o 7.º ano ao 12.º ano de educação física e eu acho que ela própria pedia para ficar sempre com a turma onde eu estava, porque eu venci vários campeonatos, a nível regional, e mesmo a nível nacional, em badminton, porque eu era muito bom a jogar badminton e, então, aquela mulher que, para mim, foi uma mulher muito importante na minha vida, valorizou sempre muito o que eu sabia fazer. Claro que subir ao trampolim eu não fazia, correr, ao fim de vinte passos, ficava cansado, então, era chacota logo dos outros. Só que ela tinha sempre uma resposta para dar aos meus colegas e várias vezes dizia – *“ele pode não correr, mas é o melhor a*

*badminton*” – logo, eu servia como um exemplo. Essa questão marcou-me muito como aluno, pronto, acompanhou-me até ao dia em que o meu pai chegou a casa e diz-me assim – “*a partir de hoje, eu não vou mais à escola para resolver os teus problemas de isolamento; gozam contigo, defende-te*”. E, no dia em que eu senti que realmente a minha força física impunha respeito, eu passei de bobo da festa a herói, a ser o máximo da escola. A partir daí, entrei para a associação de estudantes. Eu e o meu primo tivemos uma... iniciámos um programa de rádio na escola, que existia na escola, na altura. O meu primo acabou, mesmo, por enveredar pela rádio. Ainda hoje é jornalista, especializou-se na área do desporto, que é o Paulo Cintrão, pronto... tudo isto foi um grande incentivo para mim... se me perguntar se fui uma criança, um adolescente feliz, eu digo-lhe não, não fui, porque eu nunca consegui gerir isto muito bem. Hoje em dia, preocupo-me muito com os alunos da minha escola. Estou, tento estar sempre atento nas falhas que algumas famílias têm...

**Inv – Quer-nos falar um bocadinho acerca dessas falhas, Professor?**

**R** – As falhas são um acompanhamento mais próximo, as falhas que eu acho que o próprio país está a provocar... as pessoas... o desemprego acarreta imensos problemas e um deles é a falta de dinheiro. Havendo falta de dinheiro, não há alimentação capaz e nós sentimos que, realmente, a escola, aqui, tem um papel fundamental na superação destas situações, portanto, se os pais não têm, eu tenho obrigação de dar. Felizmente, os meus superiores nunca me questionaram o número de refeições que eu dou, porque, além de dar muitas refeições a alunos que têm escalão A, dou suplementos alimentares a alunos que não têm escalão. Mas eu sei que, devido às vicissitudes da vida, os pais encontram-se em situações monetárias muito complicadas. Por isso, as pessoas vêm e vêm de forma espontânea à escola, porque é bom as pessoas saberem que eu ajudo. Pronto, eu acho que é um pouco a opinião que as pessoas têm acerca de mim. Eu acho que, no concelho, as pessoas que trabalham comigo sabem como eu sou. Sou um homem extremamente sensível e aquilo que disse logo no início da entrevista é o que eu volto a dizer: eu sou uma pessoa que vive os problemas dos outros. Eu não sou capaz de sair da escola e encarar o Raúl à porta, continuo a ser diretor, as pessoas não me são indiferentes, porque eu não consigo viver sozinho. Eu, para viver, tenho de partilhar os meus dias com os outros e daí, se calhar, sinto algumas situações como quase pessoais, porque, infelizmente, também já passei por algumas situações menos boas e, se calhar, sei valorizar o facto de terem os cêntimos contados. Sabe que eu aprendi a viver, já vivi

com muito, hoje vivo razoavelmente bem, mas já vivi sem nada, praticamente, por situações que eu não criei, nem os meus pais. Mas o meu pai era empresário e houve uma situação de incumprimento devido ao funcionário em quem confiámos plenamente, arrastou-se para os métodos da justiça, tribunais... foi muito complicado, durante um ano foi para esquecer, porque há situações... quando nos enganam e quando nós tomamos consciência do que realmente se está a passar, é muito difícil conseguirmos dar uma resposta, mas, felizmente, conseguimos dar resposta. Perdi muitas coisas que tinha, mas aprendi uma coisa, que é assim: eu já vivi com muito, mas consigo viver sem nada. E fez-me muito mais forte e fez-me ainda muito mais sensível aos outros. Hoje, quando alguém se aproxima e me diz assim “*eu não estou bem, monetariamente*”, eu consigo entender. E tento arranjar uma resposta, a melhor que possa, para a questão que me estão a levantar.

**Inv – Falou, há pouco, na questão da indisciplina e eu fiquei curiosa, porque o Professor diz que conseguiu, senão diminuir ou travar, pelo menos, tentar resolver, digamos assim, o problema da indisciplina aqui na escola. Quer-nos dizer ou partilhar como é que isso foi possível ou como é que isso é possível, diariamente?**

**R** – As estratégias foram várias e a maior parte delas foram um fracasso. Desde o facto... quando me eram relatadas, eu, automaticamente, chamava, como faço hoje, os alunos ao gabinete. Então, a postura era “*não pode fazer, não pode*” e, então, muitas vezes levantava a voz e a coisa demorava muito pouco tempo. Depois, passei, automaticamente, para outra situação, que era chamar os pais de imediato e comigo, pronto, mas também não funcionou. E, então, isto são sempre... vivemos em constantes tentativas. Então, descobri que, falando e tornando os miúdos conscientes dos atos que cometem, a coisa começou a funcionar. Claro que, com alguns, só funciona levantando a voz, mas, com a maioria, o facto de recriminá-los, mas, ao mesmo tempo, valorizá-los, funciona. Porque é assim, eu não tenho o direito de estar a levantar a voz a ninguém, assim como eles não têm o direito de estarem a provocar desacetos dentro da sala de aula. Mas, é assim, para tudo há uma justificação. Eu lembro-me perfeitamente de um aluno muito problemático, que esteve aqui, nesta escola. Então, o aluno pertencia, os pais eram de uma classe média alta e, na minha opinião, o aluno tinha tudo para ser... ele era um bom aluno, só que era muito, muito provocador, muito negativo, portanto, perante uma ordem, desobedecia, muito pouco cumpridor. Então, foi um desafio durante

meses. Até que, um dia, sem eu estar à espera, uma das vezes que foi chamado ao gabinete, ele disse-me *“tem razão em tudo o que me está a dizer”*. E aquela participação que eu tinha recebido, não era assim tão importante, não era como as outras, pronto, não era um caso tão flagrante e eu, sinceramente, Patrícia, fiquei perdido. Pensei, *“mas o que é que este rapaz me quer dizer, que, até aqui, nunca teve esta atitude”*. Então, saí do meu gabinete e vim para a sala onde estamos agora e falei com ele. Disse-lhe, *“então, mas o que é que se passa contigo?”*, *“Há algum problema financeiro, alguma coisa?”* – *“Não, não, professor, não tenho nada. Sabe qual é o problema?”* – E eu disse *“não”* – *“São os meus pais.”* – E eu disse *“Então, mas os seus pais tratam-no mal?”* – *“Não, pelo contrário, os meus pais só me dão dinheiro para não me aturarem”*. E eu acho que, pela primeira vez, fiquei sem saber o que havia de dizer. Então, ele conta-me o dia a dia e, é assim, eu... as atitudes que ele tinha não estavam desculpadas pelo facto de os pais, mas... estavam compreendidas. Então, a partir dali, naquele dia, fiz um acordo com ele e disse-lhe – *“sempre que tiver problemas, procura-me, para que eu possa tentar ajudá-lo a resolver estas questões”* – e ele disse *“a única coisa que eu quero é que me ouçam, que sintam que eu tenho opiniões, que eu tenho vontades, que eu não quero ou que quero”*. E eu, realmente, é assim, para que eu conseguisse ajudar o aluno, a alteração tinha de vir dos pais. Eu conheço os pais, no contexto fora de escola e um dia combinei com eles um café. Disse-lhes que o que lhes ia dizer era difícil para mim, mas que eles tinham de ter uma especial atenção por tudo o que eu ia dizer e que, em momento algum, divulgassem ao filho a conversa que eu estava a ter com eles, porque era mais uma pessoa em que ele perderia a confiança. Eles ouviram-me e, no final, disseram-me que, realmente, o filho tinha razão, porque a única coisa que faziam era dar-lhe dinheiro, tanto um, como o outro. Davam-lhe dinheiro no sentido de compensar a falta que eles tinham, pronto. Profissões complicadas no sentido de gerirem, também, só que, independentemente de tudo isso, nós temos de estar presentes na educação dos nossos filhos. Apesar de não ter filhos, eu costumo dizer que tenho 600, 700, 800 filhos. Pronto, cada um diferente. E, nesse aspeto, orgulho-me de uma situação: eu não sei o nome de todos os alunos desta escola, mas acredito que saiba muito mais de metade. Pronto. E, com a alteração de postura de ouvir os alunos, e tentar perceber o que se passava, e começar a incutir-lhes algum alento e responsabilizá-los, aprendi outra coisa, foi que os alunos têm de me ver. Então, os meus dias são um autêntico carrossel, porque eu ando entra e sai, sai e entra do gabinete. Vou ao pátio, quando eu passo, eles cumprimentam-me, eu cumprimento-os a todos, faço questão.

Eles desabafam comigo, eu sento-me no banco onde eles estão. Pronto, aprendi que, realmente, tudo isto são aprendizagens, o que vai resultando. Claro que existem alunos que não me devem suportar, porque existem regras e elas têm de ser cumpridas. No entanto, existem outros que, provavelmente, gostam de mim. Tanto gostam que, no inquérito que foi feito, pela empresa da avaliação externa, eu fiquei muito orgulhoso com algumas respostas, com a maior parte... eu quase que sei identificar os alunos – *“não gosto do Diretor, porque não gosto de ir ao gabinete, porque ele ralha muito”* – pronto, mas, se calhar, isso é bom, porque eles têm de perceber que alguém manda e alguém está a defendê-los e a defender outras pessoas, porque eu não posso permitir que um aluno seja mal-educado para nenhum professor, nem para nenhum funcionário, nem com os próprios colegas, porque... pronto...

**Inv – Estava a falar do inquérito...**

**R** – Ah... O inquérito fiquei muito surpreendido, porque muitos gostam muito da direção, muitos não têm a opinião que o facto de ir à direção é para ralhar e houve alguns que disseram que *“o Diretor sabe do que nós gostamos e preocupa-se connosco e fala connosco”*. E eu acredito que, se houvesse um inquérito geral aos alunos, eu acho que eles me definiriam muito bem, conhecem-me muito bem e sabem, até, quando é que eu estou bem-disposto. Tento ser, no bom sentido, um pai controlador, porque eu acho que os pais têm de ser controladores, os pais têm de saber dar e os pais têm de saber exigir, porque eu acho que, infelizmente, uma parte dos pais de hoje só sabe dar, não sabe exigir e, depois, causa-se aqui situações muito complicadas de gerir. Por exemplo, quando estamos a dar uma aula, o aluno voltar-se para o professor e dizer *“o meu pai não manda, quanto mais você”*. E isto é aquilo que eu disse logo no início, o exemplo tem de vir de casa. Hoje em dia, infelizmente, a escola substitui os pais. Eu até percebo que os alunos passam a maior parte do dia connosco, mas existem regras que só competem aos pais darem, não é? Isto é como falar, como ensinar a comer. Portanto, estas coisas aprendem-se e nascem no seio familiar e esse desenvolvimento de cada um parte de casa, porque os alunos não aprendem a comer quando vêm para a escola, já têm de ter aprendido... ou a tomar banho, as coisas básicas. As coisas básicas, como a educação, que é uma coisa que eu considero básica, tem de vir de casa, não da escola. E, infelizmente, nós verificamos que aqui – e, quando digo aqui, digo – neste Agrupamento, porque a maior parte da nossa população vem de bairros desfavorecidos e

as questões sociais, aqui, são muito, muito fortes. Felizmente que existem instituições como a CPCJ, com quem estamos de mãos dadas. Sempre que existe alguma situação, ou da nossa parte ou da parte deles, basta um telefonema, para os telemóveis particulares, porque, para resolver problemas sociais, eu não posso estar ali com ofícios, com nada formal, tem de ser resolvido, tem de ser mesmo. Depois, existe, também, aqui, uma grande cumplicidade entre todos nós e um certo reconhecimento por aquilo que fazemos, porque, realmente, nós só conseguimos alterar estes hábitos todos, se estivermos todos juntos. Porque o facto de os alunos estarem na escola não tem nada a ver com a Segurança Social ou com a CPCJ, mas, se formos a ver, se eles viverem num bairro social, estão sob a tutela, a nível da casa, da Câmara e a parte social da Câmara tem, aqui, um peso muito grande de responsabilização, ou seja, a maior parte das vezes que solicito ajuda à presidente da CPCJ, à Enfermeira Leonor, que é uma mulher magnífica, porque é uma mulher com quem se cria grandes elos de amizade e de trabalho... nós temos tudo na boca... e digo-lhe uma coisa, Patrícia, eu já me senti muitas vezes – como é que hei de dizer o termo – mal falado, por assim dizer, por esta questão, porque eu sou uma pessoa muito explosiva, porque, pronto... as pessoas, pelas coisas menos boas... se calhar, os meus colegas dizem que eu grito muito, que eu me levanto... tanto que, realmente, quando cheguei ao final do mês de julho, e vi que estava exausto, tive de procurar ajuda médica, no sentido de tentar superar todas estas questões, de me enervar facilmente, de gerir, gerir, gerir, gerir, tive de procurara ajuda médica no sentido de me tentarem avaliar e na esperança que, realmente, me receitassem um medicamento que me fizesse, se calhar, tornar um pouco mais calmo. E isso aconteceu, mas, por incrível que pareça, ainda a semana passada fui questionado por que é que eu grito tanto e eu disse “*mas eu não grito desde julho*”. Mas o facto de me terem questionado foi numa situação menos boa e, então, como, infelizmente, os portugueses têm sempre umas pedras para mandar, começaram, automaticamente, por aí. Pronto, eu acho que...

**Inv – Estava a falar da questão do trabalho em rede...**

**R** – Exatamente. Eu acho que nós articulamos e eu acho que isso é também uma das coisas positivas que eu criei, desde que sou Diretor deste Agrupamento. Eu não posso estar de portas fechadas para ninguém. Não posso virar as costas à Câmara, não posso virar as costas ao Centro de Saúde, não posso virar as costas à comunidade, não posso virar as costas a ninguém. A minha gestão é de porta aberta, independentemente de nos

últimos tempos a porta ter estado fechada, porque o trabalho tem sido muito e, para o resolver, tenho de ter momentos de tranquilidade. Mas eu nunca utilizei uma agenda para receber um encarregado de educação. Ele vem à escola, manifesta algum desagrado ou algum agrado, perguntam-me, da portaria, se o posso receber e, só mesmo em último caso, é que a pessoa se vai embora sem a ouvir, porque as pessoas têm de ser ouvidas. E eu acredito que o facto de já ter ouvido tantos encarregados de educação, acabei por apaziguar muitas situações. As pessoas, ao serem ouvidas, e quando são por coisas menos boas, as pessoas têm tendência em se exaltar, dizerem, dizerem... é só ouvi-las, depois, dar a nossa opinião e fazer compreender que, realmente, se têm ou não razão, claro. Hoje em dia, os pais – alguns pais – sobretudo pais menos instruídos, acham que os serviços centrais, fazendo queixas, resolvem os assuntos. Nos últimos, talvez, no último ano tenha tido várias exposições para justificar, para responder, porque as pessoas não entendem que os filhos não podem ter telemóveis ligados dentro das salas de aula, as pessoas não entendem que os filhos têm de ser repreendidos, as pessoas não entendem que o facto de o filho estar na escola e por um colega passar uma rasteira o pai não pode vir para a escola pedir explicações, porque na escola isso faz parte do crescimento. Quer dizer, não pode haver agressões físicas, mas um aluno empurrar outro eu acho que não é nada de anormal. Eu acho que é muito mais anormal nós chamarmos um pai e alertarmos para o facto de os comportamentos não serem, provavelmente, os mais corretos, inclusive, desconfiarmos de alguns comportamentos desviantes relativo a consumos exteriores à escola e os pais dizerem que “*não, não...*”. Não são capazes de... “*ele nem cheira a tabaco*”. Isto é que, realmente, me deixa muito preocupado. Mas, perante uma atitude dessas, eu tenho o hábito de informar sempre a CPCJ ou o Centro de Saúde. Para terminarmos a indisciplina, eu acho que é uma escola em que há, como em todas as escolas, situações de indisciplina, mas nada de grave, no sentido de dizer que isto é uma escola muito problemática. Não. E as pessoas acabam muito por associar as escolas que estão ligadas ao TEIP, aos territórios de intervenção prioritária, como sendo escolas muito problemáticas, mas nós somos, a nível de resultados... e isso verifica-se quando nós fazemos o levantamento estatístico da educação dos pais. Portanto, nós verificamos que a maioria dos pais são pessoas que têm a 4.<sup>a</sup> classe, ou têm o 6.<sup>o</sup> ano ou têm o 9.<sup>o</sup> ano, mas nonos anos, a maioria tirado nas Novas Oportunidades. Foram pessoas que optaram por estudar já em adultos. Portanto, são poucas as pessoas que têm o 12.<sup>o</sup> ano, há alguns... e cursos superiores, então, são

muito poucos. Portanto, eu costumo dizer que a maioria dos alunos é fruto daquilo que têm em casa. Mas, pronto, acho que vou conseguindo gerir, uns dias, como diz o velho ditado, umas vezes andando, outras parando, com a certeza de que nunca prejudiquei ninguém. Pelo contrário, já eu fui várias vezes prejudicado e continuo a fazer o mesmo que fiz, porque, pronto, existem situações, talvez, devido ao fluxo de trabalho, alguma resposta, por vezes, são respostas mais demoradas. Eu dou respostas imediatas a tudo o que é indisciplina. Com os papéis, para dizer a verdade, não tenho muito boa relação. A minha secretária são pilhas de papéis, participações, ou porque o aluno não trouxe o caderno, ou porque o aluno foi mal-educado, ou porque o aluno não se sentou... e isto são questões de gerência de sala de aula, que eu, como Diretor, posso... posso assistir a aulas, mas eu não sou capaz de o fazer, porque eu acho que não tenho de estar a pôr em causa os meus colegas, porque se eu estivesse no lugar deles também não ficaria nada agradado, independentemente de qualquer pessoa, quando dou aulas, abrir a porta e poder assistir à minha aula, mas eu, agora, passava num corredor, batia à porta e dizia “*olha, hoje venho assistir à tua aula*”... eu acho que isto é entrar no campo dos colegas e eu percebo, porque a inspeção vai-me dizer “*o senhor tem de fazer supervisão*”. Mas a supervisão que eu faço acaba por positiva, porque eu tenho, realmente, que supervisionar, mas eu acho que, em determinados campos, as pessoas têm de ser responsáveis por aquilo que fazem.

**Inv – Entretanto, já nos perdemos na conversa e eu gostava que o Professor nos falasse acerca do nascimento do GAAF, aqui, no Agrupamento... o contexto em que ele foi criado, se veio ou não ajudar na questão da indisciplina, na questão social, que é sempre difícil, digamos assim... a sua opinião acerca do gabinete.**

**R** – Então, é assim, para mim, portanto, o GAAF surge também com o projeto TEIP, porque, felizmente, nós temos pessoas, que nos supervisionam, com sensibilidades para estas questões. As pessoas sabem que, para resolver certo tipo de assuntos, nas escolas, têm de existir psicólogos, têm de existir técnicos sociais, entre outros, porque os professores não têm a capacidade para dar resposta a problemas que nos surgem, no dia a dia. Eu não posso exigir do professor que seja um técnico social ou um grande psicólogo. Eu exijo do professor que seja um bom professor. Eu acho que todos nós somos bons professores, porque as pessoas empenham-se, as pessoas conhecem as suas virtudes, as suas coisas menos boas, porque as pessoas fazem isso e sabem onde é que têm de alterar alguma situação. Portanto, as pessoas são conscientes. Eu não tenho aqui

ninguém que eu diga que é leviano, não... não. Eu acho que as pessoas fazem o melhor que podem. O gabinete surge, porque, quando nós fizemos a proposta dos técnicos, assim como dos professores que pretendíamos requerer, através desse projeto – tínhamos direito, são mais-valias – surge o pedido de um horário completo para um psicólogo e de meio horário para um técnico de serviço social. Pronto. Tenho a sorte de os técnicos cá colocados se completarem um ao outro. Isto, porquê? Porque são pessoas extremamente dinâmicas, são pessoas com uma sensibilidade incrível, são pessoas com que qualquer pessoa trabalha muito bem e, depois, têm uma coisa muito boa, é que são pessoas extremamente responsáveis e são pessoas com muita tarimba, ou seja, já vivenciaram muitas coisas e isso, parecendo que não, acaba por torná-los muito bons no que fazem. Portanto, são pessoas que estão diariamente, constantemente, a darem-me feedback do trabalho que fazem, não fazem nada sem eu ter conhecimento. São pessoas muito leais. São pessoas que, quando eu partilho com eles alguma situação de algum aluno, automaticamente, tratam de resolvê-la. São pessoas que, durante as horas deles, as horas vagas, as horas pessoais, se deslocam a Lisboa, acompanham alunos e isso, eu... essa parte... por exemplo, o Luís, como técnico social, o apoio que se tem de dar aos alunos que têm de recorrer, com frequência, a consultas a Lisboa... eu acho que a escola tem de ter conhecimento do que se passa e sempre que isso acontece e que vá algum técnico ao centro de saúde, eu tento que o Luís acompanhe sempre, porque a escola tem de estar em articulação com o centro de saúde e a escola tem de saber o que se passa, a nível médico, e porque é que aquele aluno ou não aprende, ou aquele aluno tem esta deficiência física... Portanto, é uma equipa que funciona muito bem. A Psicóloga Vera é uma mulher com uma sensibilidade extrema, é uma mulher que se dedica completamente aos alunos e a nós, professores, é uma mulher sempre presente. Eu acho que tenho a sorte de ter uma equipa magnífica, que faz com que a escola seja, até mesmo projetada para o exterior, no sentido de ser uma escola que se preocupa com os outros e quando digo outros, é com todos, alunos, professores, funcionários, com... Pronto, há aqui uma questão que eu quero referir. No Agrupamento existem duas salas de educação especial. Para dizer a verdade à Patrícia, neste momento, se eu pudesse, era só no que trabalhava, educação especial. Eu acho que é uma área em que tem de se ter um olhar muito, muito especial sobre esta área. Quando digo isto, digo que o Estado, os nossos superiores têm de se preocupar... e não estou a culpabilizar, estou, apenas, a dizer que o Estado tem de se preocupar muito, muito mesmo com alunos referenciados

para o [decreto-lei] 3, para a educação especial, e para muitos, que não estão referenciados, mas que, de uma forma ou de outra, acabam por receber apoio dos técnicos do ensino especial. Contudo, existem cada vez mais professores ligados à educação especial e cada vez existem mais instituições a darem formações especializadas na área. Eu acho que isto é como em tudo, há bons e menos bons e acho que o Estado tem de se preocupar com aquilo que nos chega às escolas, porque, não digo todos, mas alguns entraram para a educação especial, porque era uma forma de estarem próximos de casa e para entrarem no grupo disciplinar, neste caso, o 910, e isto não pode ser assim. Ou eu tenho perfil ou não tenho perfil. E, então, como tenho duas salas de multideficiência, uma no 1.º ciclo, com casos mais leves do que no 2.º e 3.º ciclos, eu faço questão de, diariamente, ir à sala de educação especial, à sala da multideficiência. Criei laços muito grandes com aqueles três meninos. São meninos que, mesmo não estando na escola, sobretudo, nos fins de semana e no verão, me preocupo muito com eles, penso o que estarão a fazer aqueles meninos, porque dois são oriundos de famílias com menos capacidades para gerir esta questão... eu não estou a dizer que maltratam os filhos, não, mas, se calhar, não têm a sensibilidade de uma outra encarregada de educação que sabe o que é melhor e o que é menos bom para a filha. Contudo, os outros também vão, porque eu acho que a escola tem aqui um papel fundamental para superar essas falhas dos pais e tentamos educar os pais – “*não deve fazer isto*” – porque são pessoas muito preocupadas com qualquer situação. E, então, quem eu tento colocar ali, anualmente, naquela sala, a gerir a sala... primeiro, das pessoas que são colocadas nas escolas, tento ver qual a que tem um perfil mais adequado para que possa trabalhar com aquelas crianças um ano letivo, porque não é fácil, porque desde mudar as fraldas, dar a comida à mão, colocar na cadeira, tirar da cadeira, levar à piscina, levar à sala de aula... Portanto, tudo isto é um trabalho muito desgastante e a pessoa, ou está motivada e com capacidade para dar resposta, ou, então, vale mais não estar. É preferível, então, os meninos virem para a sala e não terem ninguém. Relativamente às funcionárias, aquilo é sempre um rodopio, uma roda-viva. Quando eu vejo que a pessoa não tem perfil, tem de sair e tem de entrar outra. Este ano, houve uma preocupação, também, como nos outros anos, porque não são lugares efetivos – se calhar, têm de passar por aí – mas, dentro dos efetivos, a nível de funcionários entre os mais antigos da casa, não tenho pessoas com perfil e encontro perfil em pessoas mais novas. E, então, foi isso que fiz, pronto, e acho que foi uma boa aposta. São pessoas muito dedicadas, são pessoas que têm filhos, não quer dizer que

peessoas que não têm filhos não tenham sensibilidade – eu não os tenho e tenho sensibilidade – mas, de entre as pessoas entrevistadas, escolhi pessoas que tinham filhos, porque aquilo que me disseram, perante as questões que lhes foram colocadas, o que me disseram... ou o que é que uma criança significa para elas, foi, realmente, as duas que mais me tocaram. Pronto, porque isto, na selecção, é muito complicado, uma pessoa estar a seleccionar... não conhece, a não ser pela entrevista e isto é um pouco por aquilo que estamos a sentir, a intuição. Por vezes, enganamo-nos e eu costumo dizer, nesses casos, raramente me engano, porque, como lá diz o velho ditado – e esse meio brejeiro – já virei muitos tachos – e acabamos por... há sinais evidentes. Por exemplo, numa das entrevistas que fiz, chegou aqui uma senhora em que trazia umas unhas de meio metro e toda pintada e eu disse-lhe – “*mas a senhora vem trabalhar para aqui não pode ter essas unhas*”/ “*não posso? Mas uso luvas*” – e eu pensei – “*mas isto é impossível, eu não posso*”. Com o tamanho das unhas que a senhora tinha, ela não conseguia, sequer, torcer um esfregão ou... pronto, porque as unhas acabavam por prejudicar o trabalho. Portanto... Patrícia, mais alguma pergunta?

**Inv – Eu, por mim, ficava aqui o dia todo a falar com o Professor... Bom, concentrando, ainda, um bocadinho mais a nossa atenção na parte do GAAP... já percebi que o Professor está satisfeito com os técnicos que o compõem. Gostava que fosse um número mais alargado de técnicos, acha que é suficiente?**

**R** – Nós achamos sempre pouco o que nos dão, mas, dentro do que me dão, eu estou satisfeito, porque eles têm capacidade de dar resposta a todos os casos. Claro que seguem diretrizes minhas, existem prioridades. Um aluno mal comportado pode passar por uma avaliação por parte, quer da Psicóloga, quer do Técnico de Serviço Social, mas não se pode perder tempo. Existem questões sociais e problemas relacionados com a individualidade de cada aluno e isso preocupa-me e a isso tem de ser dada uma resposta. E os professores também têm plena consciência disso. Claro que aparece sempre alguma referência menos certa, mas mesmo aquela em que não se justifica a intervenção dos técnicos, é sempre tida em conta e é avaliado quer o aluno, quer a família. Daí eu dizer que, se calhar, os dois chegam, porque abarcam muito trabalho... porque se fossem pessoas de gabinete e de agenda, diziam-me, chegavam ao pé de mim e diziam-me – “*olhe, Professor, eu hoje já avaliei cinco e chega*”. E estas pessoas nunca me disseram isso e eu sinto que, realmente, são pessoas que, em vários momentos do

ano letivo estão muito sobrecarregadas de trabalho, mas nunca me disseram – “*eu estou cansado, eu tenho alunos a mais*” – porque eles tentam dar resposta, claro que estabelecem prioridades, articulamos, articulamos bastante, existem muitos feedbacks do trabalho que fazem e uma coisa muito positiva é que mesmo as outras instituições exteriores com quem eles trabalham, a imagem que me dão é que são dois belíssimos técnicos, quer pela postura, quer pela capacidade de resolução de problemas, porque eles resolvem problemas, eles não empatam problemas, eles não dizem “*eu vou pensar*”, eles dizem “*eu vou fazer*” e fazem. Eles sabem quais são as minhas preocupações e essas também são as preocupações deles. E, quando não vêm, agarram no telefone, ligam-me ou mandam uma mensagem para o telemóvel, ou mandam uma mensagem no facebook, alertam-me, dão-me os tais “*clicar de dedos*” no sentido “*fique desperto, que isto está a acontecer, mas nós vamos resolver*”. Pronto...

**Inv – Relativamente ao processo de recrutamento destas equipas, acha que é o mais adequado ou pensa...**

**R** – Não, não é, porque isto deveria ser como o projeto TEIP, um trabalho com continuidade e, desde que as pessoas tenham um bom percurso profissional e que, realmente, sejam bons, não deveria ter de estar a submeter candidaturas, a fazer entrevistas, a validar, porque, se eu estou satisfeito, por que não continuar? No caso de não estar, tudo bem, agora, estando, acho que acaba por criar aqui muitas situações que eu não posso dizer aqui [risos]... porque é quase impossível... mas, pronto, estou muito satisfeito.

**Inv – Para finalizarmos, mesmo, que eu sei que o Professor está com o tempo contado, projetos para o futuro, desafios, ao nível do seu Agrupamento, o que é que deseja?**

**R** – Não sei, eu acho que cada dia é um desafio. Aprendi a não fazer grandes projetos. O que tiver de fazer faço. Claro que, sonhos, tenho muitos, mas acho que uns poderão realizar-se, outros não. Há uma coisa que eu tenho em mente, que é continuar – e espero continuar – a ter a capacidade de saber olhar para os outros e quando digo saber olhar para os outros, é saber olhar na plenitude, não é só como boa pessoa, não é só como profissional, não é só pelos problemas que tem, é na íntegra, pronto, na constituição como pessoa, que eu acho que isso é fundamental. Digo-lhe, sinceramente, para terminar, que é assim, eu gosto de partilhar as coisas, mas, por incrível que pareça,

perante uma dúvida, eu remeto a minha dúvida superiormente, eu não sou capaz de questionar os meus colegas de escolas vizinhas. Não é que tenha alguma coisa contra eles, pelo contrário, mas existem pessoas e pessoas e eu acho que este mundo de direções, diretores, de organização, de liderança, é um mundo cão, é um mundo em que nos sentimos completamente sozinhos, porque eu não gosto e sinto muito, sinto quando as pessoas dizem que não gostam disto, quando as pessoas nos apontam o dedo e não tentam perceber porque é que algumas coisas tiveram de ser feitas assim. Infelizmente, o ser humano tem essa capacidade, de só culpar os outros, para se tentar defender a ele próprio. Acho que isso acontece com alguma frequência. Eu costumo dizer que não nasci para viver nos tempos de hoje. Estou a chegar à conclusão que não nasci para ser Diretor, apesar de gostar do que faço. Mas começo a questionar certo tipo de coisas. Há aqui uma coisa que acho que qualquer de nós tem de ter, que é a gratidão e o respeito pelos outros. Claro que não são todos iguais, mas existem alguns, mesmo havendo uns pequenos focos que acabam por mexer connosco, no nosso dia a dia e acabam por... eu não consigo, quando saio, ao portão, ser o Leonardo Aguiar, eu continuo a ser... então, isto, por vezes, é difícil de gerir, porque, depois, não temos uma escola só para gerir, temos uma família para gerir e o facto de termos uma família para gerir... eu tenho sido tocado por algumas situações muito negativas e o facto de ter os meus pais sob a minha responsabilidade e a viverem em Santarém, tornam os meus dias um carrossel, por isso, é que eu digo que a minha vida é um carrossel, porque eu tanto estou agora aqui, como, de repente, tenho de ir para Santarém, como, de repente, tenho de ir para Abrantes, ou, de repente, para Torres Novas, porque é lá que encontro a resposta certa para o meu pai. Portanto, a minha vida é um autêntico carrossel. E, depois, os momentos pessoais não os tenho. Pronto... e isto, nós começamos a questionar, realmente, “*o que é que eu ando a fazer à minha vida?*”, porque eu não quero que ninguém me coloque numa placa em lado nenhum, porque eu não mereço isso, mas se eu não pensar em mim, ninguém pensa em mim. E é isto que eu sinto, porque as coisas menos boas que nos dizem têm fundamento, quando nós somos uns grandes sacanas, mas quando não somos... eu acho que o que aqui me falta, para líder, é uma parte mais despegada da parte humana, que eu não consigo separar. Eu tinha de ser, não muito mais firme, mas muito mais autoritário, mas não posso, porque eu não consigo, mas o perfil é esse, controlador. Por isso eu penso que, um dia, quando for substituído, e se aparecer alguém, realmente, com esse perfil de líder a 100 por cento, as pessoas vão pensar assim “*credo, o que é que aqui*

*veio parar e onde é que está o Raúl?”*, porque isso é bom acontecer, é bom que aconteça para as pessoas poderem valorizar o que têm. Agora, de resto, isto é como em tudo na vida, é como as nossas amizades, também pensamos, durante anos, termos muitos amigos e, de repente, faltam-nos amigos e eu sinto isso perante algumas pessoas, não muitas, mas sinto, sinto... mas elas não sentem, não sentem que, quando têm um dia livre, eu não sou obrigado a dá-lo, mas acho que as pessoas merecem ter um dia livre. Quando vão a uma consulta médica, existe uma coisa que é muito simples fazer, que é uma permuta, porque as pessoas, se, infelizmente, já têm um problema de saúde, quanto mais ainda estarem a faltar ao local de trabalho, portanto, já eram dois problemas. Eu não sei se todos os colegas pensam como eu penso, isto, colegas diretores, porque, para mim, é muito mais fácil estar a dizer “*olha, põe um artigo*” do que estar ali a arranjar uma permuta, porque, depois, eu ainda tenho de controlar se, realmente, a aula foi dada. Por acaso, não controlo, porque eu sei que as pessoas o fazem, confio. Mas estas pequenas coisas devem ser valorizadas, porque eu defendo que, existindo um bom ambiente de trabalho, as pessoas produzem muito mais e eu tenho a prova disso, desde que as pessoas se sintam bem, produzem muito e eu vejo isso, eu vejo aqui pessoas que trabalham muito, muito, que dão muito a esta escola, pelas quais eu tenho de ter a maior consideração. No entanto, como em todo o lado, existem outros, que, a única coisa que fazem é o essencial e pouco mais. Mas, pronto, são professores e isso é o que me interessa, desde que eles cumpram o que têm a cumprir. A partir daí, faz parte de cada um.

**Inv – Muito bem, Professor, já lhe roubei muito do seu tempo. Obrigada!**



### **A.2.13. PRESIDENTE DA CPCJ**

---



## **Transcrição da entrevista**

### **Presidente da CPCJ**

**Data:** 8 de julho de 2015

**Local:** Câmara Municipal – Ação Social

**Investigadora (Inv) – Ora, bom dia! Estamos aqui na Câmara Municipal, mais precisamente, na CPCJ, reunidos com a sua Presidente, a Enfermeira Leonor Alves<sup>17</sup>, e, no âmbito do nosso Mestrado, vamos recolher um testemunho da Enfermeira, no sentido de nos dar o seu contributo para o tema de investigação, que elegemos para a nossa dissertação, nomeadamente, o GAAF. Nesse sentido, bom dia, Enfermeira Leonor! Antes de mais, já tínhamos começado a falar e a Enfermeira Leonor estava já – e porque também é uma pessoa muito ocupada e temos de ir diretos ao assunto – a começar por me dizer a sua opinião acerca do trabalho que esta instituição, que é a CPCJ, tem com o GAAF. Mas eu dou-lhe a palavra, que é para isso que eu aqui estou.**

**Leonor (L) –** Todas as organizações, todos os projetos têm pessoas, ponto número um. Depois, é o perfil das pessoas e é a competência das pessoas – isto, se calhar, tem a ver com questões culturais – que determinam o êxito das coisas, sendo que, naturalmente, temos chapéus. Os chapéus é território TEIP, ou seja, território prioritário para intervenção, temos os gabinetes de apoio ao aluno e à família... e depois, nós fazemos disto, de acordo com os objetivos gerais, aquilo que nós entendemos: ou burocratizamos ou somos, aqui, uns facilitadores, não no sentido do facilitismo, mas facilitadores no sentido de sermos pessoas promotoras do próprio desenvolvimento destas crianças e destas famílias, porque há muito trabalho a fazer na ligação com a família. A questão aqui é que, quando entra um subsistema dentro de um sistema – não é? – esse subsistema tem de estar conhecido pelo sistema. E o problema é que, normalmente,

---

<sup>17</sup> Nome fictício. Por uma questão metodológica, optámos por não identificar os entrevistados pelos nomes verdadeiros.

conceitualmente, as pessoas consideram que a educação é educação, o social é o social e esta questão tem de estar devidamente articulada. O que acontece muitas vezes é que – eh, pá – estão lá aqueles rapazitos, que são boas pessoas, até são os técnicos, pronto, não são os professores [ironia] – não é? pronto – são mesmo, mesmo, mesmo os da Segurança Social, os técnicos que são técnicos de serviço social, os psicólogos. Os psicólogos dão jeito [ironia], porque a gente, quando tem aqueles meninos que se portam mal, manda para lá e coisa e tal... Os técnicos da Segurança Social, que são os técnicos de serviço social, são aqueles fulanos que – eh, pá, pronto – são mesmo para os pobrezinhos [ironia] e aqueles problemas económicos não são problemas que nos digam respeito a nós, isso é um problema para as técnicas resolverem. Não percebemos que, se trabalharmos todos em conjunto, porque a criança é aluno, é filho, é intervencionado pelo Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família, é intervencionado, se for preciso, por um outro conjunto de elementos, mas ela é a mesma, não pode ser a soma das partes, mas sim alguém que precisa desta visão global. Eu estou a ser muito crítica, eu sei que estou. E eu não quero com isto dizer que não haja, às vezes, a consciência disto. Isto é outra questão. Esta crítica que eu estou aqui a apresentar, se calhar, não há tempo útil, não há uma integração dos territórios TEIP e dos GAAF, para que as pessoas percebam a vantagem que isto tem e como é que nós vamos integrar no sistema. Porque isto precisa de crescimento. Quer queiramos, quer não, nos grupos profissionais, quando alguém se introduz que não pertence ao mesmo grupo profissional, naturalmente, o que acontece é uma atitude, não de inclusão, mas de exclusão, exclusão essa que não é consciente ou que não é assumida. Pronto, é alguém que a gente até pode facilitar o trabalho deles, que eles, coitados [ironia], também têm de trabalhar, não é... pronto... percebes? Isto são questões que seriam importantes também fazer refletir... Qual é a vantagem do Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família, em que é que pode ser rentabilizado, como é que pode ser integrado no sistema educativo, na comunidade educativa, que, no fundo, abarca todos, desde alunos, professores e escola, desde a família e os próprios parceiros sociais. Toda a gente está lá metida, inclusivamente o Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família. Mas, pronto, eu acho que isto é uma questão que, se calhar, não está tão consciente assim, porque...

**Inv – O que é que falta, na sua opinião?**

L – Não sei, a disponibilidade para as pessoas sentirem que têm de se colocar no lugar do outro. Isto é muito fácil, a receita sempre foi, para mim, muito fácil, em qualquer uma das questões. Quando nós temos alguém pela nossa frente que tem algumas dificuldades, se eu me colocar no lugar dele, eu vou percebê-lo um bocadinho melhor, vou perceber porque é que ele tem dificuldades e, aí, vou tentar arranjar soluções para que se resolvam as necessidades que ele tem. E aí, eu socorro-me dos recursos que tenho à minha volta. E aí, estamos todos no mesmo barco, porque todos nós seremos parceiros da ação. Por exemplo, relação entre Comissão e organizações, Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família... Naturalmente que este Gabinete é um facilitador na questão do sistema educativo, mas eu, por exemplo, não tenho dificuldades. Mas o que é que foi preciso trabalhar? Primeiro que tudo, saber ouvir as instituições, nomeadamente, a educação, que se depara com um conjunto de insucessos, de abandono escolar, maus comportamentos, na, na, na... e nós temos de – isto falo como Comissão – nós temos de ouvir, e não temos de, numa primeira fase, rematar “isso é um problema da primeira instância, isso é um problema para vocês resolverem”. Eles não estão a ser capazes de resolver. A minha intervenção passa por uma intervenção que, muitas vezes, é no sentido de balizar a questão que está aqui à volta da criança e do jovem e, ao mesmo tempo, trabalhar com o próprio sistema educativo. Porque, muitas vezes, aquilo está de tal forma fechado que a única coisa que a gente vê é “alguém que teve maus comportamentos, ponto”. Percebes aquilo que eu estou a dizer? Por isso, esta questão do GAAF, desde o momento que não seja um GAAF burocratizado, porque também já os apanhei... Não é o caso. Comecei por te dizer que estas coisas têm a ver com perfis e com competências e há pessoas que não têm jeito para este tipo de trabalho, que é um trabalho muito comunitário, de intervenção comunitária, muito flexível, muito disponível, muito “sem escadarias”, como eu costumo dizer. Ou seja, eu não estou lá em cima, no topo da escadaria e tu estás cá em baixo, estamos todos, podemos subir as escadas ou descer, ou pular... mas estamos todos no mesmo nível. E, portanto, eu estar ao mesmo nível, não quero com isso dizer que eu tenha iguais competências às de uma família... não, estou na mesma escadaria, estamos no mesmo patamar, vamos lá conversar, vamos lá resolver, eu tenho uma responsabilidade, tu tens outra responsabilidade, vamos lá ver como é que a gente resolve... É um bocadinho isto, percebes?

Não sei se te responde ou não aos objetivos a que te propões. Eu sou uma pessoa muito crítica, nestas coisas e penso, muitas vezes... também falho, porque esta questão da intervenção, e agora muito na relação da área social, na questão da própria Comissão de Proteção de Crianças e Jovens, muitas vezes, a gente não consegue, não consegue chegar a tudo, não conseguimos resolver tudo, não conseguimos fazer face e, muitas vezes, necessitamos de uma energia, que, muitas vezes, também não temos... Porque uma coisa é eu estar, é eu ter um dia em que, enfim, até está mais ou menos livre, em que não estou preocupada aqui com um conjunto de questões burocráticas e estou disponível para falar com as pessoas e estou disponível para entrar na mesma onda que as pessoas estão, fazendo-as ver aquilo que é e chegarmos aqui a um compromisso... mas que é exigente, temos de ouvir certas coisas, temos de reformular... isto exige e, muitas vezes, a gente não consegue fazer o perfeito e há situações em que a gente não consegue [ênfase da palavra] intervir da forma que gostaríamos de intervir... Agora, quanto mais nós formos, quanto melhor nós nos articularmos, quanto mais nós tivermos uma linguagem comum [ênfase da palavra], que tem a ver com o modelo de intervenção que nós queremos... e acho que o concelho tem dado passos interessantes, que é sentarmo-nos todos na mesma mesa, conversarmos sobre isto, para percebermos de que forma é que nós vamos intervir... e, nesse sentido, acho que tem sido positivo. Agora, pronto, nem em todos os lados é perfeito. E é o que eu te digo, as organizações, muitas vezes, são mais reconhecidas ou menos reconhecidas pelo seu trabalho pelos perfis e pelas competências que, na altura, têm ao nível de organização.

**Inv – Neste caso, em concreto, do Agrupamento, acha que os perfis que habitam este Gabinete são os adequados para levarem a bom porto o seu trabalho?**

Eu tive, alias, eu até pensava que eras a Patrícia que eu tinha conhecido antes, por isso é que eu estava aqui um bocadinho nervosa com essa questão. Mas falaria da mesma forma.

**Inv – Completamente isenta...**

**L –** Falaria da mesma forma. Porque eu acho que ela se chamava Patrícia, não sei porquê...

Eu acho que há uma coisa que, neste momento, este Gabinete tem de vantagem: primeiro que tudo, tem um elemento que é da comunidade, que conhece todos os

recursos da comunidade, o que faz com que tenha uma capacidade de gestão... coloca-se no lugar do outro, percebe as necessidades, “ok, onde é que temos os recursos, vamos a isto, que é uma pressa”. Percebes? É isto, isto é tão básico. É tão básico, mas é necessário que as pessoas tenham flexibilidade na sua intervenção. Pronto. E, portanto, neste momento, há uma articulação e uma avaliação, inclusivamente, de resultados, daquilo que é a intervenção articulada entre o O.J.E. - E5G (Olhares de Jovens Empreendedores) [projeto do Programa Escolhas], o próprio elemento do Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família, aquilo que é necessário da Comissão intervir... porque, muitas vezes, a Comissão, como tem aqui uma atitude, uma visão, uma representação que é algo da autoridade, às vezes, é importante que, em certos momentos... mas, depois, há aqui um trabalho muito articulado e isto tem resultados.

**Inv – Quer partilhar um bocadinho connosco esses resultados, esses exemplos concretos?**

**L –** É assim, se nós temos uma, vamos lá ver... nem todos, como dizia alguém, são da linha de Cascais e temos famílias que não aprenderam outro modelo. Foram famílias que neste momento têm filhos, mas que, quando nasceram, é exatamente como estão neste momento: temos problemas de higiene; de alimentação; problemas de relações... mas foi assim que eles aprenderam, a ser pessoas e pais... Isto não se pode mudar de um dia para o outro. Nem se pode mudar de pasta no braço, com salto alto e a apontar dedos. Estás a perceber aquilo que eu estou a dizer? Isto tem que ser do tipo “eh, pá, eu percebo-te... eh, pá, diz-me lá, onde é que tu crescestes, o que é que te aconteceu”. E ele vai-nos contar um conjunto de histórias que nos vai magoar muito, qua a gente sabe, que levou muitos estalos, pontapés e que foi posto, até, na rua, onde dormiu algumas noites, etc., etc, etc. Então e nós queremos que estes pais tenham uma intervenção pedagógica como nós temos? Não têm. Não têm. Não podemos exigir isto. Agora, também não podemos permitir que estes pais sejam uns abusadores e sejam uns maltratantes. E têm de perceber que “maltratantes não, isso já lá vai o tempo, agora, meu amigo, isto é assim. E para isso, o que é que tu precisas? Então, vamos lá ajudar.” E eu, agora, poderia aqui falar de alguns casos, não identificando, naturalmente, em que houve este jogo, que muitas vezes é necessário... definirmos o objetivo, estarmos todos em sintonia, é este o caminho. E, portanto, cada um, depois, terá de ter o seu papel de acompanhamento e de gestão, que muitas vezes não tem de demonstrar que eu é que fui importante no processo...

Isso é outra coisa, os poderes, que é “sou eu que estou a coordenar o projeto e, portanto, sou eu que mando naquela questão... vens tu fazer alguma coisa que não passou por mim, vou-me zangar contigo”... Asneira, completamente. Porque ser o promotor é exatamente ter uma visão do global, pedir a colaboração, mas, se o outro, por algum motivo, teve aqui uma intervenção que... tem de a saber encaixar e saber gerir. Certo? Pronto.

Resumindo e concluindo, temos aqui situações nas quais temos tido algum sucesso, situações que necessitam de acompanhamento prolongado... a questão dos Gabinetes de Apoio ao Aluno e à Família passarem por soluções anuais, ora vai um, ora vem outro, é muito mau, porque lá está, aí, a valorização do que é um Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família tem de ser uma coisa integrada na própria comunidade, conhecedora dos recursos, para conseguir intervir, porque, de outra forma, é mais do mesmo. Primeiro que tudo, tem de estar integrado neste sistema educativo, tem de fazer parte daquele sistema educativo e tem de ter relações de confiança.

**Inv – E acha que, neste momento, ainda não há essa integração...**

L – Acho que se tem vindo a trabalhar bem, nesse sentido. Acho que o facto de, neste momento, no Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família, nomeadamente, no do Agrupamento, mantermos uma pessoa que já está aqui há algum tempo, a quem depois se juntou outra pessoa que já está cá há muitos anos, que é de cá (mas isso não é o facto de ser de cá ou deixar de ser), tem uma intervenção social em várias dimensões, passando por vários palcos e conhece muito bem tudo isto, é uma mais-valia, sem dúvida nenhuma. É assim, o facto de, para o ano, voltarmos a concurso, para o ano vermos como é que as coisas vão ser, naturalmente, que é determinante a escolha da escola, mas são questões de uma certa precaridade, também, de trabalho. Mas é assim, eu vejo a precaridade, às vezes, como uma coisa boa, porque permite que as pessoas tenham algum poder sobre si e de condução, às vezes, da própria vida. Porque nós, às vezes, quando estamos comodinhos num sítio, está tudo bem, vai tudo correr muito bem, não temos uma atitude empreendedora... ninguém nos exige, ninguém nos pede, às vezes, até nos cansa o juízo... para que é que eu me hei de estar a chatear... eu vou fazer o meu trabalhinho e ponto final. Não tenho aqui uma atitude empreendedora e de inovação. E não é possível fazer uma boa intervenção sem estas duas vertentes: empreendedorismo e intervenção. Isso, sem dúvida nenhuma, tem de haver. De outra

forma, não se consegue, porque é um trabalho exigente, não é igual todos os dias (que eu acho que é a vantagem), é exigente do ponto de vista mental, muitas vezes, nos resultados, nos pomos expetativas muito elevadas e somos frustrados nos nossos resultados... não é não pomos expetativas, claro que temos de pôr... claro que a gente sabe até onde é que quer ir, como é que quer levar, mas, às vezes, não chegamos lá, naquele momento, porque não é o momento daquela família. Os nossos momentos são muito diferentes dos deles, mais tarde a coisa vai acontecer, mais tarde... é preciso é nós não desistirmos daquilo que é a nossa luz ao fundo do túnel, como eu costumo dizer. Eu acho que é ter a visão daquilo que nós pretendemos e, depois, a coisa vai andando. Às vezes, demora, demora muito tempo e, às vezes, esse tempo é destruidor e multiplicador das mesmas situações, é verdade... agora, é assim, as intervenções têm de ser muito concertadas e muito pensadas e muito objetivadas e muito contratualizadas e nós, para as pessoas que estão a trabalhar connosco, que são o nosso público-alvo, nós temos de lhes dizer coisas daquilo que a gente acha, como juízos de valor, às vezes, também... “olha, tu hoje não te lavaste, cheiras mal, o que é que tu queres?” E isto tem de ser dito. “Pois não”. “E então o que é que te aconteceu para não te lavares?”. “Não tinha gás”. “Pois, ok. Então, e como é que estás a pensar resolver o problema? Porque andares, assim, dessa forma...”. “Não sei como é que vou resolver...”. “Então, e já pensaste como é que vamos resolver? Temos de resolver. Estás a ver? Eu dei conta, outros também darão”. Qual é a questão? “Oh, vou ter um atendimento com ele... cheirava tão mal...”. Mas para ele “ah, tudo bem...”. Mas o que é isto? Nós temos de ser objetivos com as pessoas, se queremos a mudança.

### **Inv – Qual é que é o seu segredo para a mudança?**

**L** – Olha, eu acho que [silêncio] ... o segredo para a mudança é – volto outra vez ao mesmo princípio – tu seres capaz de te colocar no lugar do outro. E para te colocares no lugar do outro, tu também tens de te confrontar também com aquilo que estás a pensar em relação ao outro, tens de ser objetivo. Há coisas que, muitas vezes, por medos, porque isso faz parte da avaliação técnica... isso é asneira completa, não pode ser. Nós temos de mudar isto com a comunicação, de forma a que ele possa entender que eu, de facto, estou numa relação de ajuda para com ele, com aquela pessoa, que o aceito como pessoa que ele é e que estou disponível para o ajudar a mudar, se ele quiser mudar. Agora, se ele não quiser mudar, eu também não estarei com ele por este motivo. E isto nós temos de ser muito objetivos. Porque ninguém muda... eu não posso mudar alguém

que diga “então e se for isto?”, “eh, pá, não quero”, “então e se for aquilo?”, “também não quero”... Isto não é nada... Então, vou dizer “eh, pá, não percebo, afinal, o que é que tu queres?”, “o que é que se passa, o que é que se passa?”. “Ai, quero isto...”. “É como é que tu vais fazer isso, como é que tu vais resolver isso, com quem?... precisas de alguma coisa da minha parte?... eh, pá, eu estou disponível, estou aqui para te ouvir, para... eh, pá, mas tens de me dizer”. Baralhá-los um bocadinho, fazê-los pensar. Então, quem são os primeiros? Não é a pessoa em questão? Esse é um passo importante para a mudança, isto em termos de intervenção individual e familiar. Quando tu vais para a comunitária, ohhh, tens muita coisa. Não te esqueças de uma coisa, por onde passas, em qualquer aldeia, vila e cidade, há uma coisa que tu tens sempre, que são muros, e isto é uma coisa que nós temos, culturalmente. Nós precisamos de um muro para identificarmos aquilo que é o nosso espaço, no qual nós temos a gestão e ninguém manda nesse espaço a não sermos nós. E isto é uma questão muito importante. Nós não somos capazes de fazer uma casa ou recuperarmos uma casa e partirmos os muros, porque nós precisamos desse aconchego dos muros... não é?... é ou não é?... Agora, naturalmente, tu só partes os muros se não estiveres preocupada com os outros... se tu tiveres confiança nos outros... é ou não é? Se não, tu não consegues. Não consegues fazer isso, precisas da tua privacidade, precisas do teu espaço. Quer dizer que aquilo que tu vives no dia a dia não é assim tão puro quanto isso, tu precisas deste espaço para ti... E isto é muito fácil. No dia em que tu começares a ver os muros a não serem feitos, quer dizer que começamos com a mudança, mas continuamos a ter muros novos...

**Inv – E esses muros novos...**

**L** – É exatamente a questão da lógica... falamos muito, por exemplo, em trabalho em parceria, eu acho que nós temos dado passos muito importantes, mas, muitas vezes, é preciso lá voltar, atrás. A questão da parceria... o que é que é uma parceria? Ou estamos a dizer que temos de estar todos na mesma escadaria, todos, no mesmo degrau, somos todos iguais. Tu tens uma área, eu tenho outra... a conjugação das áreas é que é o mais importante... Mas nem sempre está assim, porque há uma coisa que nós precisamos de promover. Quem é o promotor? Então, é normalmente o promotor que é... eu faço sempre o paralelismo do burro e da carroça, o promotor, normalmente, é o burro, e a carroça é aquele que leva os parceiros. Portanto, aquilo é porreiro, estás a ver? Ou temos de dar cabo da carroça e pode ser o promotor, na mesma, que seja uma figura que vai na

frente e vão os outros todos ao lado. Agora, claro que isto é mexer em poderes institucionais. E claro que é assim, depende dos subsistemas. Se estamos a falar de autarquias locais, estamos a falar de coisas diferentes, porque é necessário fazer um trabalho de proximidade, porque temos essa responsabilidade. Quer queiramos, quer não, os órgãos eleitos têm aqui uma (responsabilidade). É diferente. Mas se nós formos para um sistema de emprego, qual é a sensação que isto tem? Se formos para um sistema da saúde, qual é a sensação que isto tem? Se formos para um sistema da segurança social, qual é a sensação que isto tem? Meu Deus... não é?... Resta-nos o sistema educativo, que, aparentemente, até nesta relação das escolas promotoras da saúde, abriu-se aqui um bocadinho, mas... Agora, é preciso saber juntar estas pessoas e, sobretudo, juntar no sentido de ver quais são as dificuldades que eu tenho, mas também quais são as dificuldades que o outro tem e vamos perceber que as dificuldades são as mesmas, então, se calhar, temos de partilhar isto tudo para tentar resolver. Nós, neste momento, estamos aqui com uma coisa que se chama “Discussão de Casos”. Temos um espaço, às terças quintas-feiras do mês, no período da manhã, em que fazemos discussão de casos, de casos sociais, que têm aqui contornos de tudo e mais alguma coisa que tu possas imaginar.

**Inv – E o GAAF é chamado para a discussão desses casos?**

L – O que ele quiser. Ou seja, sabemos que o espaço é aqui, está o espaço e o horário. Eu tenho um caso, posso trazer esse caso, agendo-o e convidando-te a ti, a ti e a ti, porque acho que és um parceiro importante para resolver a situação. Mas tu acreditas que é preciso um coordenador para isto?

**Inv – A tal questão da hierarquização, da burocratização...**

L – Pronto... A minha primeira fase foi “*olha, nós temos espaço, temos horário – a terceira quinta-feira do mês – é pá, não esperem mais nada*”. Vocês inscrevam-se, partilhem e convidem quem vocês quiserem.

**Inv – Tem tido algum sucesso?**

L – Depois, a seguir, teve de renascer, porque tive de voltar a ser coordenadora da questão. Agora, reanimou novamente. A questão, aqui, é que tem de haver autonomização, isto é que é uma parceria. Eu sei que tenho um espaço e um dia. Eu não preciso de andar à perguntar ao pai ou à mãe se posso. Eu vou trazer aquele caso. Quem

vai estar a gerir a reunião, tem de dizer “meninos, o que é tu trazes, o que é que tu...”. Sim, senhora. Escrevemos todos. Ora, temos aqui 20 casos, temos duas horas. Para isto, temos de ser diretivos e tentar resolver a situação. Mas isto demorou... e vai demorar... e no dia em que a gente deixar de mandar um email, não sei o que é que vai acontecer... se as pessoas vão estar aqui àquela quinta-feira, de acordo com os parceiros. Portanto, toda a gente sabe isto. Quem não sabe, tem de partilhar. É este o nosso dever, cruzarmos os recursos, percebes? Muitas vezes, não é fácil...

**Inv – É um desafio, a gestão de recursos humanos?**

L – Desafio... gestão... Claro que cada uma das equipas tem os seus recursos humanos, cada organização fala por si, não é? Isto é mais a questão... voltas outra vez ao mesmo, que é perfil, competências e depois poderes institucionais. Batalhas nisto. É nesta franja que tu andas. Se conseguires fazer com que isto esteja sincronizado, tudo corre bem. Agora, naturalmente, eu considero, por exemplo, que se a autarquia se quiser posicionar na liderança deste tipo de processo, tem aqui muita matéria para intervir. E penso que, nesse sentido, poderá ficar um bocadinho mal vista. Mas, considero ter feito um trabalho positivo nesse sentido.

**Inv – Sim, porque eu ainda não disse que a Enfermeira Leonor, além de ser Presidente da CPCJ, possui o cargo de Vereadora na Câmara Municipal. Nesse âmbito, tem outro tipo de responsabilidades, também...**

L – Eu acho que aumentarmos a relação, aumentarmos a confiança, criarmos formas de nós intervirmos em conjunto, deixarmo-nos de poderes institucionais... muitas vezes, a gente tem de dar o primeiro passo, para que o outro também se sinta confiante para dar o segundo passo. A questão da liderança, acho que é uma coisa também muito importante.

**Inv – Mas nem toda a gente tem perfil para ser líder...**

L – Pronto, também não se pode baralhar liderança com chefias. Aqui, ninguém está a chefiar ninguém. Não pode. Temos de liderar. Ou lideramos ou não lideramos.

**Inv – E qual é o segredo para uma boa liderança, na sua opinião?**

L – O segredo para uma boa liderança... olha, seres humilde. Eu acho que este é o primeiro. Seres capaz de reconhecer os teus erros... seres confiante, confiares... seres

capaz de ter uma visão do global... estar disponível para seres impulsionadora, motivadora, porque a tua energia positiva é que faz com que sejas capaz de liderar ou não. Não é? Se tiveres uma atitude negativista, não vais lá.

**Inv – Onde é que a Enfermeira Leonor vai buscar a sua motivação diária?**

**L** – Sabes que nós, quando temos coisas que não gostamos de ver e que sentimos que são injustas em termos sociais... isto tem muito a ver com princípios... eu não estou a falar isto como se fosse aqui uma cassete política, não é isso... há coisas em que eu acho que sou sensível... a questão da justiça tem a ver com a igualdade de oportunidades e acho que ninguém, ninguém deve ser posto de lado, porque não tem isto, percebes? Agora, podemos perceber o que é que eu fiz para ter a minha igualdade de oportunidades. Se os fatores forem externos, ninguém tem este direito. Não deve ser penalizado de maneira nenhuma. E isto é algo que me faz andar... e que me faz fazer. Recordo-me, no âmbito do centro de saúde, nós tivemos um projeto que tinha a ver com ajudas técnicas, uma equipa multidisciplinar, com acompanhamento a situações de dependência. E o que me fez fazer isso, foi porque eu, todos os dias, lidava, por exemplo, com a questão do apoio domiciliário, com pessoas que cuidavam de gente, que tinham as mesmas idades, que tinham muitas dificuldades e que cuidavam 24h e que precisavam de ajuda. Eu tinha gente que sofria com situações de dores muito complicadas. Eu tinha gente que não tinha as ajudas técnicas, porque não tinha dinheiro para comprar a cama articulada, o colchão de pressão alternada, a cadeira de rodas, o andarilho... e, portanto, não tinham condições. Se a gente tem um projeto que melhorar isto, qual é o problema? Agora, o que me dá gozo é eu receber alguém que veio do hospital, com uma situação complicada, em termos clínicos, mas que foi enviado, e no mesmo dia a gente ter colocado cama articulado, ter posto fisioterapia, termos posto o médico que o foi ver, termos posto a equipa de enfermagem e saber que esta pessoa ainda está viva ao fim de muitos anos e que aquele momento foi extremamente importante. E isto faz a motivação, pronto! Logicamente que eu não sou nenhuma Madre Teresa de Calcutá, não é, como deves calcular... Mas isto dá-me gozo, na minha vida. Sou-te sincera, percebes? Não tenhas dúvidas. Isto cria-me motivação. É exatamente como... acho que a nossa vida tem de ter um objetivo e quem se liga às áreas sociais, às áreas da saúde, às áreas que têm a ver com a tua massa crítica são pessoas... não temos de ser madres teresas de Calcutá, mas temos de ter princípios muito objetivos de vida e temos de perceber exatamente o que é que nós queremos

mudar na vida e o que é que nós queremos contribuir para isso. Eu sei que, por exemplo, no âmbito da Comissão, eu tenho certas famílias que nem me podem ver... matam-me muitas vezes, da parte da ação social, também me matam muitas vezes... eu assumo a situação, mas eu sei que eles não me querem nada matar, aquilo não é assim...

**Inv – No fundo, será uma resistência à mudança, por parte dessas pessoas?**

L – Não houve aprendizagem, não houve modelo... Nós tivemos aqui muitas coisas, para todas as situações... agora, estamos noutra, “não tens comida, não tens não sei o quê, a gente arranja-te comidinha”. Neste momento, as crianças já estão nisto há cinco anos... dez anos, daqui a cinco, já estão autónomas, na vida delas... alguém tem de lhes dar de comer... temos um direito na vida, que é não passarmos fome... percebes? As políticas, muitas vezes, são seguidas, em termos de assistencialismo, sem analisar o global, sem objetividade, sem esta capacidade de criarmos outros mecanismos. Por exemplo, na questão da educação, não pode haver absentismo escolar, não pode haver abandono escolar. Não é facilitarmos o processo, que a escola tem de exercer aquilo que é o seu papel de escola, mas, não se retirando aquilo que tem de ser o seu papel de escola, que também tem de ter uma atitude de autoridade, com certeza, para não ser desvalorizada, mas que se sirva de outros meios, que não se desautorizando, possa ter aqui alguém que não é menos, que não está no patamar de baixo, que está exatamente ao mesmo nível, mas que pode ter aqui um papel diferente.

**Inv – Acha que a Escola está preparada para essa mudança, que ouço nas suas entrelinhas?**

L – Se ela está preparada? É assim, sabes que ser professor é um estatuto... toda a gente pode ter esse estatuto, basta ter uma licenciatura, depois concorre a umas coisas e tal... mas, depois, perfil [risos] olha, vamos parar ao mesmo... perfil. Depois, depende muito, dos próprios conselhos directivos, das próprias escolas, da visão que têm, da confiança que têm da própria comunidade. E isso também nos cabe, a todos nós, fazer essa gestão. Nós, ao nível da Comissão, eu não proibi ninguém de tomar... mas tudo o que tenha a ver com poderes institucionais, sou eu que os faço. E quando uma instituição vem para cima da Comissão, com unhas e dentes, deixa-a vir, ela tem os seus motivos, nós temos é de trabalhar esses motivos e reposicionar papéis. Mas tem de ser com os cinco, como eu costumo dizer, tem de ser lado a lado. Se calhar, temos de nos envolver, “ora vamos

lá pensar”... Claro que isto dá muito trabalho... “ora, vamos lá pensar um bocadinho”... nós estamos disponíveis para aquilo que for necessário fazer, mas temos de pensar um bocadinho... “se calhar, não é esse o caminho”... pronto, voltamos ao mesmo, tem a ver com a capacidade de liderança, com a capacidade de fazer a gestão, das relações interinstitucionais, que é preciso, muitas vezes, ter paciência, para sermos capazes de ouvir, para sermos humildes, naturalmente, para pormos as coisas conforme elas são, porque todos nós... Por exemplo, quando a Escola está no limite da relação com um aluno, em que já entrou o Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família, toda a gente entrou, que aquilo está de tal forma que a corda já esticou... o que é que aquele miúdo faz naquela escola? Zero.

**Inv – Qual é a sugestão?**

L – Aquilo nem é para eles, nem é para o outro. A sugestão é muita coisa, isso depende muito da situação. Mas se tu não consegues recuperar a relação, não vale a pena manteres a relação. Tens de ter a noção de se és capaz de recuperar a relação ou não.

**Inv – E como é que se recupera essa relação?**

L – Tens de ter objetividade na própria ligação entre as pessoas que estão aqui no meio envolvidas e claro que se aquele que está a fazer asneira for capaz de ter o compromisso, não vale a pena ter objetivos muito grandes que ele não vai ser capaz de cumprir, tem de ser muito curtinho. O outro não tem de ser facilitista, mas tem de ser facilitador. Isso é outra coisa. E, portanto, se a gente, no primeiro passo, deita tudo a perder, não vamos lá, não é?

**Inv – Muito bem, Enf. Leonor. O sino está a tocar... Muito obrigada pela sua colaboração!**



## **A.2.14. ENFERMEIRA COORDENADORA DA UCC**

---



## **Transcrição da entrevista**

### **Coordenadora da UCC**

**Data:** 14 de julho de 2015

**Local:** Centro de Saúde – Unidade de Cuidados na Comunidade

**Investigadora (Inv) – Boa tarde! Estamos aqui reunidos no Centro de Saúde e vamos entrevistar a Coordenadora da Unidade de Cuidados para a Comunidade, a quem vamos pedir, desde já, que nos comece por apresentar a Unidade e por nos descrever as funções que desempenha aqui. A palavra é sua.**

**Fátima<sup>18</sup> (F)** – Então, a UCC no concelho existe há cerca de quatro anos. É uma Unidade que intervém diretamente com a comunidade, tal como o nome indica – Unidade de Cuidados na Comunidade – e, a cargo dela, tem vários programas, todos eles de intervenção comunitária. O objetivo é que haja uma intervenção direcionada às pessoas, às famílias, grupos, e muito em contexto familiar, domiciliário e comunidade. Portanto, nós não fazemos muitos atendimentos nem muita intervenção aqui, no centro de saúde. Somos nós que nos deslocamos onde as pessoas estão, porque é nesse sentido que estas Unidades foram criadas, na última reforma que houve nos cuidados de saúde primários, que tem cerca de cinco – é uma reforma recente – cinco, seis anos, em que houve a criação destas Unidades. Portanto, na UCC deste concelho – as UCC não são todas iguais, faz sentido que tenham as características de acordo com as características da população – na altura, fui eu que fiz a candidatura e que me informei junto de quem estava e conhecia o terreno, quais as necessidades, para, assim, abirmos alguns programas que fariam mais sentido aqui. Então, como tal, temos o Programa de Saúde Escolar, um programa importante, que é uma parceria que existe, está muito efetiva, entre o Ministério da Saúde e o Ministério da Educação, onde os enfermeiros vão à

---

<sup>18</sup> Nome fictício. Por uma questão metodológica, optámos por não identificar os entrevistados pelos nomes verdadeiros.

escola, no sentido da promoção da saúde das crianças, com sessões, com intervenções em grupo e, também, nas necessidades que são encontradas nas crianças, necessidades em saúde, necessidades especiais, que nos são, de alguma forma, remetidas a nós, ou ao contrário, quando a criança vem, por exemplo, ao seu médico de família, à consulta de saúde infantil, e que é detetada uma necessidade especial, essa criança deverá ser identificada, para que nós, saúde, possamos ajudar na inclusão escolar. Pronto. E este é um trabalho de grande importância, que, às vezes, não se verifica, nem se reconhece no dia a dia, mas que é importante para ajudar a inclusão destas crianças. E articular com os técnicos que estão com elas, porque não somos nós que, depois, estamos lá com elas. Isto pode ser uma necessidade que pode ser da parte mais física à parte mais emocional. Estou-me a lembrar que podemos ter uma criança com diabetes e que necessita de se picar várias vezes durante o dia e que tem de ter o seu tempo, a sua privacidade, apesar de estar em aulas, poder sair para fazer isto. Quem diz a picadela, diz o lanche, diz a medicação. Tal como temos aquela criança, que tem, por exemplo, uma perturbação do desenvolvimento e que tem uma agitação e que é importante que, quem está com ela, os professores, os auxiliares, conheçam isto para perceber “esta criança não é só desadequada, não é só falta de regras, tem um problema na sua saúde emocional, que não a permite ser melhor”. É neste sentido que há a articulação muito entre a saúde e a escola. Depois, há outros programas que a UCC dá resposta. Estou-me a lembrar, por exemplo, do Programa de Saúde Mental, onde o grande objetivo é melhorar a acessibilidade das pessoas aos cuidados de saúde mental, de uma forma geral, na comunidade, ou seja, enquanto cuidados de saúde primários, podemos detetar, precocemente, necessidades e encaminhá-las para consultas de especialidade. É, basicamente, isto. E dar, às vezes, algum acompanhamento no sentido da gestão do caso, por assim dizer, não tanto à pessoa, às vezes, à família. Se nós detetamos uma alteração, um problema de saúde mental num elemento da família, desde o mais idoso, que pode ter uma demência, ao jovem, que pode ter uma alteração de comportamento, o nosso papel é este, trazê-lo aos cuidados de saúde, ser avaliado pelo médico de família, referenciar uma consulta de especialidade, ser medicado, ser acompanhado e nós, de alguma forma, monitorizarmos este acompanhamento, porque, às vezes, as pessoas vão com muita energia à primeira consulta, depois, perdem-na e deixam de aderir ou não aderem à medicação, ou a receita é passada e fica na gaveta, ninguém a levanta. E este nosso papel muito de intervenção, diretamente com as famílias, é neste sentido, de os

ajudar a aderir às intervenções que lhes são propostas. Depois, desenvolvo, também, os programas que são parcerias entre a comunidade e o centro de saúde, a UCC, nomeadamente, o Projeto do Programa “Escolhas”, nomeadamente, também, a...a ... ai, que disparate, que me esqueci... tenho de ir ver...

### **Inv – À vontade...**

**F** – O GPS (Gestão de Proximidade para a Sustentabilidade) e todas as outras parcerias, em que, alguma coisa que seja necessário, enquanto parceria entre a comunidade e a saúde, geralmente, é comigo que articulam, porque eu desenvolvo os programas e também enquanto coordenadora da Unidade. Temos, também, um espaço de atendimento aos jovens, que funciona às quartas-feiras, na Casa da Juventude. É uma parceria formal, com a Câmara Municipal, nós damos os técnicos, eles dão-nos o espaço, onde está sempre uma enfermeira, às quartas-feiras, ou eu ou a Enfermeira Carla, onde atendemos os jovens, dos 14 aos 17, um atendimento anónimo, confidencial, gratuito, que surgiu muito da necessidade de os apoiar nas questões da sexualidade, de disponibilizar preservativos, pílulas, ajudá-los, precocemente, a encaminhá-los ao médico de família sempre que necessário, mas têm surgido outras questões. Temos jovens que vão ter connosco por questões alimentares, por questões de relação com os colegas, de relação com os pares. Temos alguns pais a encaminhar os jovens para nós, porque sabem que, à quarta-feira, estamos lá. Não temos, assim, se calhar, a adesão que nós gostaríamos de ter neste espaço, que achamos muito importante, mas a que temos tem sido muito interessante e criam-se laços muito importantes entre os jovens e os técnicos e que, depois, os vamos acompanhando, eles vão crescendo. Esta é uma área que eu acho que articula muito bem com a escola. É um espaço que eu divulgo sempre nas sessões da escola, porque é normal, se eles estão habituados a ver a Enfermeira, se eles começam a ver a Enfermeira, quando é sempre a mesma. Eles começam a ver a Enfermeira, às vezes, no pré-escolar e aparece, sempre, pelo menos, uma vez por ano, em cada ano letivo. Ora, é normal que uma jovem... Ainda na semana passada, eu recebi uma jovem que veio buscar pílula. Eu estava a reforçar algumas questões relativamente à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, mas que já me ouviu aos 14, aos 13, aos 12, com esta linguagem na escola. Portanto, esta jovem não tem qualquer prurido em vir ter comigo e dizer-me “Ó Enfermeira, preciso de não sei quê”, porque esta relação está construída. E é isto que eu acho que é importante. E a nossa UCC é bebé, também, tem só quatro anos e eu acho

que ainda vai dar muitos frutos bons daqui para a frente. Não tem sido fácil este trabalho de semear, já começámos a colher, mas ainda temos muito para colher. Pronto, falei, basicamente, nos programas, mas, depois, há outros, que são desenvolvidos por outras colegas, muito importantes, também, na UCC. Estou a falar, por exemplo, da ELI, a Equipa Local de Intervenção Precoce, onde é feita... as crianças são sinalizadas ao Serviço Nacional de Intervenção Precoce e, depois, há um trabalho que é feito, essencialmente, por educadoras de ensino especial, a intervenção, também, das famílias, nas crianças, com dificuldades, que interessa serem encontradas o mais precocemente possível e há uma enfermeira que articula com esta equipa e que faz a articulação com a saúde. Temos o rendimento social de inserção. Neste caso, é a Enfermeira Carla, da mesma forma que a ELI, que acompanha a articulação com a saúde. É, também, uma parceria formal que existe com a Segurança Social. Depois, temos a nossa equipa de cuidados continuados integrados, que é, que pertence à Rede Nacional de Cuidados Integrados. Atualmente, temos 10 camas, temos 10 vagas. É como se tivéssemos 10 camas, em vez de ser no hospital, é no domicílio. Temos 10 doentes que são referenciados através da plataforma nacional, com necessidades de enfermagem, médicas, de saúde e sociais. Reunidos determinados critérios, a pessoa é colocada na tal plataforma e, depois, chega à equipa local, que somos nós. O objetivo é apoiar a família, reabilitar a situação o mais possível, o doente está connosco durante algum tempo e, depois, tem alta. Este é o objetivo. Cuidados integrados é integrar o doente, a família e reabilitá-lo. Depois, aparecem, também, muitas situações terminais e, aí, o objetivo não é dar alta, o objetivo será acompanhar aquela família, aquele doente naquela fase final da vida, que é, também, na minha opinião, um trabalho muito, muito importante, uma mais-valia para as famílias, quando, cada vez mais, são colocados nos domicílios. Às vezes, as famílias estão disponíveis e com competências, outras não. Aqui, qual é o grande papel desta equipa? Dar competências à família. E se, às vezes, dar competências instrumentais, ajudar a levantar, a fazer a higiene, a trocar um saco, é relativamente fácil, às vezes, dar competências emocionais não é assim tão fácil. Por isso, temos, aqui, também, um trabalho árduo nesse equipa, onde, ao fim e ao cabo, todos os elementos da UCC colaboram.

**Inv – São muitos os elementos que compõem a UCC?**

**F** – Não. Na UCC somos, neste momento, só quatro enfermeiras. Temos uma técnica de serviço social, mas que está connosco só dois dias por semana e não está o tempo inteiro para a UCC, porque ainda dá uma ajuda... ainda dá um apoio a outro concelho... e é o que temos. Depois, temos 20 horas de administrativa e é o que temos.

**Inv** – **E é nesse âmbito que as parcerias surgem como uma mais-valia?**

**F** – Sim, sim, também, porque, por exemplo, temos uma parceria formal com a Câmara Municipal, em que os nossos utentes são avaliados por uma técnica da ação social, em troca de outras atividades que nós fazemos com a comunidade. É um trabalho de troca. A UCC, inicialmente, quando se preconizou o seu início de atividade, havia, aqui, a perspetiva de haver outros técnicos, a psicologia, a terapia da fala, a fisioterapia, uma série deles... dentista, uma série de técnicos, que nunca se concretizou. Não quer dizer que, a pouco e pouco, a gente não venha a ter mais técnicos, temos essa esperança. Mas, pronto!

**Inv** – **Enfermeira, ia dirigir, agora, a sua opinião acerca da intervenção que faz em parceria com as escolas, nomeadamente, com o Agrupamento de Escolas do Oeste. Qual é a sua experiência, até ao momento? Quem são as pessoas com quem estabelece essa parceria? Fale-nos, um bocadinho, acerca dessa parceria que estabelece com o Agrupamento.**

**F** – A parceria com o Agrupamento, pronto, eu dei início logo, se calhar, até antes da UCC estar constituída, porque, desde que eu vim para Peniche, foi há cerca de sete anos, já, havia algumas atividades de saúde escolar, que não estavam tão organizadas na equipa, havia uma colega responsável e logo, desde cedo, se começou a verificar que nós fazíamos a ligação às escolas, conforme um bocadinho, também, o desenvolvimento da nossa atividade e, então, antes, ainda, da UCC ser constituída, eu comecei a fazer intervenção em saúde escolar. A minha ligação é sempre, primariamente, com o professor responsável pelo PES (Programa de Educação para a Saúde), com quem eu consigo articular logo no início do ano letivo, onde nós temos de colher alguns dados, saber o número de alunos, o número de turmas, que necessidades é que a escola detetou e combinamos, logo ali, como é que vai ser o desenrolar daquele ano e que tipo de atividades que se perspetivam fazer, isto em conjunto. Eu dou umas ideias, ele dá outras e tentamos criar, aqui, um plano de trabalho. Esta é uma parte, a parte da promoção da saúde, em que tentamos ir ao máximo de turmas, fazer, pelo menos, uma sessão por

ano, portanto, porque é o Agrupamento, a escola E, B, 2, 3, a básica número um, número dois, número quatro e número seis, portanto, cinco escolas, mais o pré-escolar e as prés que estão incluídas nos edifícios do primeiro ciclo. Nós tentamos abranger estes meninos todos. E, este ano, posso-lhe dizer que foram abrangidos quase todos, quase todos, porque, a nível de pré-escolar, para lhe dar um exemplo, todos os meninos foram alvo de uma intervenção na saúde, na prevenção de acidentes domésticos. Foi desenvolvido por uma técnica de saúde ambiental, que colabora connosco, que pertence a um concelho vizinho, mas que se disponibilizou para trabalhar connosco, que fez estas sessões aos meninos. Depois, todo o primeiro ciclo, primeiro, segundo, terceiro e quarto ano, foram todos alvos de intervenção. Eu desenvolvi um plano, no sentido de levar às crianças conteúdos que eu e a escola, em articulação com professores, porque vou sempre ouvindo o feedback deles, portanto, os aspetos mais importantes... Vou desenvolvendo, a cada ano faço uma intervenção diferente, mas que, às vezes, tem muitas coisas em comum com o que desenvolvi o ano anterior. Para não ser repetitiva, e no primeiro ano não falar o mesmo que vou falar no segundo, mas há aspetos que são semelhantes. E são aspetos de quê? Essencialmente, de cuidar o corpo: higiene; alimentação; exercício físico; sono; repouso e lazer. Estas cinco áreas são o chavão que eu desenvolvo no primeiro ano, no segundo e no quarto ano. Por exemplo, no primeiro ano, é muito relacionado à alimentação e ao exercício. No segundo, é mesmo do cuidar do corpo, da higiene e reforço a alimentação, que já foi abordada no primeiro. E, no quarto ano, até lhe costumo chamar de prevenção da saúde, que é tudo isto enquanto promotor da saúde e como é que eles podem desenvolver. No terceiro ano, costumo fazer uma sessão diferente, uma sessão de promoção de afetos, um bocadinho mais direcionada até à minha área... isto tudo é interligado, nós não podemos cuidar do corpo sem pensar um bocadinho na nossa parte emocional. Mas faço a promoção dos afetos, um bocadinho para os ajudar a perceber as diferenças que existem entre todos nós e entre as famílias, o papel das famílias e dou, ali, uma tónica na prevenção do abuso. Faço isto no terceiro ano, porque vi, em conjunto com a escola, que era o ideal, para já, porque é o ano que dão a maturação e o desenvolvimento masculino e feminino. Geralmente, eu apareço depois de isto já ter sido dado, porque faz sentido que seja assim. Ou seja, é importante, também, reconhecermos que as sessões, na escola, não podem aparecer avulso. A Enfermeira não veio cá hoje lembrar-se de falar não sei o quê. Vem falar não sei de quê, porque faz sentido, porque é naquela altura. Tudo isto é

pré-combinado, os momentos também. Achámos que o terceiro ano era a idade ideal, sendo, se calhar, às vezes, importante falar mais cedo, mas, mesmo a nível da maturação das crianças, falar-lhes, aqui, nestas questões e até de como fazer em caso de saberem, de algum abuso, de alguém, deles próprios... o respeito pelo próprio corpo, “no meu corpo, ninguém toca, a não ser que seja autorizado”. Coisas muito simples, mas que eu acho que os ajudam e que, às vezes, nos abordam, posteriormente, para falar de alguma coisa. Depois... falei de primeiro ciclo e este ano é como lhe digo, todos foram alvo. Depois, segundo e terceiro ciclo, que é na escola E, B, 2, 3, a intervenção centra-se muito, também, na área relacionada aos afetos e à sexualidade, muito direcionado ao sétimo e, depois, nono ano, prevenção de doenças, prevenção de gravidez, ensino de utilização do preservativo, estimulação à utilização do preservativo, porque, às vezes, por mais que tenham conhecimento, depois, na hora, não usam. Eu costumo levar manequins, com pénis. Eles colocam, aprendem a pôr. Eu comecei a fazer logo aos sétimos, só que, às vezes, o sétimo tem meninos muito imaturos, mas, no nono é tarde. No nono, já tenho meninos muito espigadotes, pensam “ah, isto já devia ter sido mais cedo”. Houve uma altura, quando comecei, que tive algum receio de alguma vez ser abordada por algum pai ou alguma mãe, que não achasse interessante a ideia. Tenho-lhe a dizer, nunca.

#### **Inv – Eu ia perguntar-lhe isso mesmo...**

**F** – Eu acho que, às vezes, há um bocadinho este receio, por parte dos pais, mas que eu, sempre que tenho oportunidade, clarifico, porque o problema com as nossas... eu não estou a incentivá-los a utilizar, eu estou-lhes a tirar as curiosidades e, muitas vezes, o que leva a que as crianças iniciem a atividade sexual demasiado cedo, são curiosidades... querem saber como é que é. Quanto mais nós os esclarecermos... eu não lhes vou para lá... eu vou, essencialmente, tirar-lhes as dúvidas que eles têm, responder a tudo que eles me possam colocar, da forma mais mirabolante, sem tabus, eu costumo-lhes dizer isso. Às vezes, utilizamos, até, aquela caixa de perguntas, eles perguntam, nós esclarecemos, isto no sétimo. No nono, vamos muito mais para os métodos anticoncetivos – são mais crescidos – prevenção da gravidez na adolescência e, felizmente, ultimamente, não tem havido, assim, muitos casos de gravidez na adolescência, que é um aspeto que nos preocupa... depois, são duas crianças, a mãe... os pais e o bebé. Pronto, isto é todo o trabalho que é projetado com o professor do PES. Depois, todas as situações que o professor do PES identifica na área da intervenção na

saúde, articula comigo, por telefone, por e-mail e eu, sempre que possa, dou a resposta melhor e mais adequada ao assunto, consoante a situação. E, depois, faço a articulação, também, com o Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família, que é um trabalho, na minha opinião, também, bastante interessante, um trabalho muito de proximidade com a família... e estou disponível para articular com esta equipa sempre que necessário. Já tem sido, às vezes, necessário reunirmos, em conjunto, com a família e eu acho que é uma mais-valia, isto para quê? Para que a família perceba que os técnicos falam todos a mesma língua, estão todos do mesmo lado, não é irem ao gabinete, falarem com o educador social um assunto, depois, falarem com a enfermeira e é um bocadinho diferente. Se estivermos todos juntos, falamos todos a mesma língua. Não o temos feito muitas vezes, é verdade, porque, se calhar, as situações também não surgem ou porque, também, o nosso tempo, às vezes, não é muito e é difícil a articulação. A comunicação entre mim e os técnicos, às vezes, não é tão fácil como poderia ser ou como seria desejável, porque há constrangimentos de tempo, é essencialmente isso. Eu sei que, às vezes, me tentam contactar, mas não conseguem, porque eu, antigamente, tinha um telefone móvel, que dava a toda a gente. Todos os meus utentes tinham o meu telefone e as famílias – e interessante que não me chateavam por isso, porque só me ligavam quando, realmente, precisavam – e o telefone foi-me retirado, por contenção de gastos – penso que até já lhe tinha dito. Atualmente, eu sei que as pessoas têm dificuldade em contactar comigo, têm de telefonar para o Centro de Saúde e procurar se eu estou, se não estiver, deixar recado. O que digo sempre é “mandem-me e-mail”, porque eu monitorizo o e-mail diariamente e as coisas importantes, eu respondo logo, mesmo com os técnicos do GAAF acaba por ser muito a articulação por e-mail. Eu penso que este trabalho tem sido importante, no sentido de me sinalizarem algumas situações que necessitam de vir à saúde, de ir à consulta, de se referenciar para consulta de especialidade e, depois, também, o retorno da própria consulta, tanto para mim, como para o GAAF e monitorizar um bocadinho esta situação, porque há questões, também, da área mais social, à qual eu poderei ter mais dificuldade em dar resposta, depois, o técnico da escola consegue, há questões na área da psicologia e da psicopedagogia, em que também não sou eu que vou intervir com a criança e que faz sentido ser a psicóloga da escola. A mim, fará, aqui, mais sentido, acompanhar um bocadinho as questões e as dúvidas da família, propriamente uma intervenção direta, com as crianças, no sentido do problema da criança, não tenho, só tenho em situações específicas, porque há outros

técnicos que o devem fazer. Eu faço as intervenções em grupo e faço a intervenção direccionada à família. É claro, se vou à família e se a criança está lá, se a criança tem alguma dúvida que me coloca ou se precisa de alguma coisa no momento, eu respondo, dentro da minha capacidade ou quando são coisas muito instrumentais, de cuidados de saúde. Agora, por exemplo, treino de competências com as crianças, não sou eu que faço, há muitos técnicos que o poderão fazer e que estão direccionados para isso. O meu trabalho é mais, aqui, de acompanhamento e de articulação e de poder permitir, também, ventilar alguma informação entre a escola e a saúde, informação que é pertinente que os técnicos saibam, no sentido de acompanhar aquela criança no seu projeto de vida e melhorar as suas capacidades e as suas competências.

**Inv – Tendo em conta a parceria já existente, que avaliação é que a Enfermeira faz dessa articulação, em prol da criança e da família?**

F – Eu acho que é muito importante. A minha avaliação é boa, é muito positiva. Espero que estes gabinetes se possam manter com os técnicos. Todos os anos, no fim do ano letivo, ficamos sempre com a interrogação “será que para o ano vamos ou não dar continuidade a este trabalho”. Na minha opinião, fazia sentido dar continuidade e com os mesmos técnicos, porque conhecem os casos, conhecem as situações e nós vamos construindo um trabalho de proximidade com as pessoas é diferente eu agarrar no telefone e falar com uma pessoa com quem já falei, já articulei “n” de coisas o ano passado, que já conhece aquela situação, do que uma pessoa de novo, que vai ter de se integrar na família, na criança, nos problemas, na escola, com tudo... Até para os técnicos isto é difícil. Um trabalho de continuidade é sempre uma mais-valia, porque também avalio as dificuldades que eu tive no primeiro ano, na escola, e como eu me posiciono agora, não tem nada a ver, nós fazemos um trabalho de crescimento.

**Inv – Assim em jeito de conclusão, Enfermeira, qual é o maior desafio, para o seu futuro profissional, enquanto coordenadora desta Unidade? Que desafios é que tem?**

F – Olhe, o desafio é melhorar, ao fim e ao cabo, a saúde, na comunidade, em geral. Conseguirmos ter jovens, de uma forma geral, mais saudáveis, mais integrados, a trabalhar, organizados para as suas famílias... que isto é transversal, não é só saúde, é transversal a todas as necessidades da comunidade... e termos uma comunidade produtiva, aqui, se calhar, menos agarrada aos subsídios, mais a trabalhar, mais a

produzir e só conseguimos isso se tivermos comunidades saudáveis... promover, aqui, os aspetos mais relacionados com a promoção da saúde: a alimentação saudável; o exercício físico; poder tratar quem está com abuso de substâncias; poder prevenir quem ainda não começou os consumos; detetar e intervir, precocemente, quando eles aparecem, pois sabemos que são, depois, inibidores de toda uma vida saudável que poderá vir pela frente, quando eles aparecem logo na infância ou juventude. Eu penso que o desafio é este, relativamente à UCC, o grande desafio é manter esta Unidade e eu acho que sim, que se vai conseguir manter, não tem de ser comigo na coordenação, a coordenação pode ser rotativa e eu estou à espera de... mas estou disposta a trabalhar com os colegas, com a comunidade, porque, pronto, para mim, isso é um desafio.

**Inv – Muito bem, resta-me agradecer-lhe, Enfermeira. Muito obrigada pela sua disponibilidade e pelo seu precioso contributo!**

**F – De nada.**

## **A.2.15. COORDENADORA DO PROJETO “ESCOLHAS”**

---



## **Transcrição da entrevista**

### **Coordenadora do Projeto do Programa “Escolhas”**

**Data:** 6 de agosto de 2015

**Local:** ADEPE – Associação de Desenvolvimento Local – Sede do Projeto

**Investigadora (Inv) – Bom dia! Estamos aqui reunidas na ADEPE, a Associação para o Desenvolvimento Local, com a Dra. Alexandra<sup>19</sup>, que é Coordenadora do Projeto OJE, do Programa Escolhas, a quem eu vou dar a palavra já de seguida, para termos, aqui, uma conversa. Bom dia, Alexandra!**

**Alexandra (A) – Olá, Patrícia! Bom dia!**

**Inv – Ia começar por lhe pedir – vou tratá-la por você – que nos apresentasse o projeto que coordena, que nos falasse da sua missão, dos seus objetivos... pronto, apresente-nos, para quem não conhece, o Projeto OJE.**

**A – Então, o Projeto OJE... O Projeto OJE são as iniciais de *Olhares de Jovens Empreendedores* e é exatamente essa a nossa visão. Aquilo que nós pretendemos é, de alguma forma, abrir horizontes dos nossos jovens, que são jovens de contextos mais vulneráveis, a nível económico, a nível social, a nível cultural. São jovens que têm algumas dificuldades, não só ao nível da integração social no seu contexto, mas também, ao nível escolar. São jovens com percursos de insucesso repetidos, com também algumas histórias familiares não muito felizes e que encontram aqui, ou que nós pretendemos que eles encontrem aqui modelos um bocadinho diferentes, que possam, de alguma forma, melhorar as suas competências, para, depois, no futuro, se integrarem, se inserirem no mundo que os rodeia. Basicamente, nós temos três objetivos gerais. Um que tem a ver com a questão do sucesso escolar, por isso, será a promoção do sucesso escolar para os jovens que frequentam a escola. Depois, tem a ver com**

---

<sup>19</sup> Nome fictício. Por uma questão metodológica, optámos por não identificar os entrevistados pelos nomes verdadeiros.

umentar as competências escolares dos jovens que já não estão na escola, mas que, lá está, com os tais percursos de insucesso, porque abandonaram a escola ou por questões de terem necessidade de trabalhar ou por insucessos repetidos e, por isso, deixaram a escola. Depois, temos um outro objetivo, que tem a ver com as questões de empreendedorismo e da participação cívica, que também pretendemos que os nossos jovens sejam mais participativos na sociedade que os rodeia, que digam aquilo que têm para dizer e que, de alguma forma, sejam... utilizem as suas capacidades, as suas competências. E o nosso projeto tem isto, é criar oportunidades para que os nossos jovens façam o seu percurso. Não pretendemos substituir nem as famílias nem a escola, pretendemos ser aqui um apoio, um colo, para que estes jovens possam, eles próprios, encontrar o seu caminho. Sucessos, alguns [suspiro]... insucessos, também alguns [risos]... Por isso, nem sempre é um trabalho fácil, porque não é uma missão fácil, porque... E não estamos sozinhos. Por isso é que estes projetos têm estas parcerias, que fazem toda a diferença... porque os projetos têm um início e um fim, têm aqui uma missão, mas uma missão temporalmente marcada. E, com esta necessidade de algumas evidências, de alguns resultados evidentes... o que nem sempre é fácil tornar isso visível, não só para os financiadores, como para a comunidade, como para os próprios jovens... e, por isso mesmo, é um trabalho que só pode ser feito em parceria. Por isso, este projeto tem um consórcio, que é constituído pela ADEPE, que é a entidade promotora, que é uma associação de desenvolvimento local e regional, que tem, também, na sua missão, esta questão da intervenção na comunidade; temos, depois, a CERCI; a Associação Juvenil do concelho; o Município; a Freguesia; a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens; o Agrupamento de Escolas do Oeste, porque é o agrupamento que abrange a zona geográfica a que o nosso projeto pretende responder; a ACOMPANHA, também; e falta-me um, que tem a ver com a questão da saúde, o ACES-Oeste Norte, na pessoa da Unidade de Cuidados na Comunidade, aqui do Centro de Saúde. Isto porquê? Porque o projeto tem uma intervenção local, é uma intervenção muito localizada, em dois bairros, em três bairros do concelho: o Bairro 3, vulgo “Arco-Íris”, como nós, carinhosamente, chamamos; o Bairro do Calvário; e o Bairro de Santa Maria. Por isso, nós temos aqui dois locais de intervenção, basicamente com as mesmas atividades e que pretendemos que, de alguma forma, estes jovens também se aproximem, apesar de viverem muito perto, existem aqui algumas rivalidades entre os bairros. Isto não é saudável e por isso mesmo é importante que nós trabalhemos,

também, esta questão. Com o GAAF tem sido uma articulação muito próxima e muito presente, o que para nós, que estamos fora da escola, é muito importante, porque as escolas não são contextos muito fáceis de entrar e o GAAF acaba por ser aqui um ponto de interação, porque em termos de missão e de objetivos, temos muitas coisas em comum. Só que o GAAF faz parte da escola e nós temos uma intervenção mais de base comunitária. E eu acho que esta sinergia, esta ligação entre a escola e a comunidade, acaba por ser aqui o ponto nevrálgico da nossa ligação. E temos tido uma boa ligação com os técnicos que trabalham no GAAF, porque o nosso objetivo é de promover o sucesso escolar, se calhar, de uma forma mais abrangente, não só do aproveitamento escolar, mas acabamos por trabalhar muito em conjunto. Também acho que podemos ser uma mais-valia, porque, como estamos nos bairros, e a nossa intervenção é no bairro, acabamos por ter uma ligação mais próxima às famílias, às crianças e aos jovens. Nós temos crianças dos seis a jovens com 24 anos e por isso mesmo é importante que haja também esta ligação, ao sair da escola, mas também ao entrar na escola. Para alguns destes jovens, a escola acaba por ter um ambiente um bocadinho sentido como hostil, não é um ambiente que, para eles, seja fácil de entrar e, então, acabam por arranjar aqui alguns mecanismos de defesa que os protejam. E esta proteção acaba por os afastar da escola. Depois, isto acaba por ser, como se costuma dizer, e peço desculpa pela expressão, mas “o ovo no cu da galinha”, porque, para se protegerem, afastam-se e ficam cada vez mais afastados. E a escola tem de ser, obrigatoriamente, um percurso de vida, um objetivo de vida, um projeto de vida para estes jovens, tal como para outros. Eu falo daqueles com quem diariamente acabamos por contactar e perceber que têm de passar pela escola, não só por ser obrigatória, mas porque pretende ser um contexto que lhes permita ganhar algumas competências. Por isso, é importante a escola ter esta ligação à comunidade. Através do GAAF temos conseguido, também, trabalhar um bocadinho as famílias, não só em casos individualizados, como também em grupos. Fizemos algumas ações de formação em conjunto, os técnicos do projeto e os técnicos do GAAF. E temos trabalhado muito nas questões da mediação familiar e mediação escolar, que acabamos por envolver aqui a escola, a família, a criança/ jovem e o projeto. E temos feito aqui alguns acordos, nós chamamos compromissos educativos [risos], onde acabamos por definir qual é o papel de cada um dos intervenientes. Alguns temos tido algum sucesso, outros, nem por isso. Em algumas situações, é sempre necessário articular com outros parceiros, nomeadamente, a saúde, algumas situações mais graves, com a CPCJ. Muitas vezes, são situações de habitação social, por isso, o

município também tem aqui um papel a desenvolver. Eu acho que, não diria o segredo, mas a mais-valia destes projetos é esta questão de como não é efetivamente uma instituição, é uma missão e esta missão acaba por aproximar todos os intervenientes educativos. Por isso mesmo, acho que a mais-valia deste tipo de intervenção é essa. Em algumas situações, a intervenção dita tradicional, dos atendimentos, não encaixa, não funciona, temos de ir por outro caminho, até porque estamos a falar de famílias, algumas, que já estão há muitos anos com intervenção, da segurança social, da habitação social, já têm o discurso montado para, já sabem o que os técnicos querem ouvir. No ambiente de atendimento, de gabinete, há coisas que não se percebem e há coisas que se dizem e que não são verdade ou, às vezes, eu não diria que são mentira, mas são não verdades, porque, às vezes, quando nos dizem algumas coisas, eu acredito que eles acreditam no que nos estão a dizer [risos]. A questão é que, depois, a realidade não tem nada a ver. Também é importante os técnicos estarem no terreno e a intervenção de proximidade acho que é a grande mais-valia da nossa intervenção. Não é uma inovação, porque nós, pelo menos, no Programa Escolhas, existem mais 129, com certeza com realidades diferentes, mas com as mesmas problemáticas e eu costumo dizer que a roda está inventada, por isso, o que é importante é pô-la a rolar, porque se a roda estiver quietinha, no gabinete, não faz nada. Está inventada, existe, mas o que é importante é que ela role. E, pronto, é o que nós tentamos fazer. Nem sempre conseguimos, não só por incapacidade da nossa parte, porque somos pessoas, porque não fazemos sempre tudo bem, mas também porque, às vezes, não é fácil entrar na vida das pessoas e fazer com que sintam esta necessidade de mudar. Eu imagino alguém, fora do meu contexto, a dizer que eu tenho de mudar alguma coisa [risos] Não é fácil nem mudar nem entender que é necessário a mudança e eu acho que o nosso trabalho é um bocadinho este, é fazer sentir a necessidade da mudança. Ainda ontem, por exemplo, levámos os meninos à praia e costumamos ir sempre para uma praia, mas como o vento não estava a favor daquela praia, fomos a outra e continuamos a ter meninos que nunca tinham isso àquela praia... Cada vez mais, eu como técnica, aquilo que eu sinto é que, o que é importante, é criar oportunidades de ver outras coisas a estas crianças e jovens, porque são mais 500 metros... Mas os modelos são estes, os padrões familiares são estes e o caminho é este e se nós não temos escolhas que possamos fazer, vamos sempre continuar a fazer a mesma coisa... É isto que às vezes nos leva a continuar a fazer este trabalho, porque... moram a um quilómetro, no máximo, da praia e uma é do lado norte,

a outra é do lado sul e continuam... nunca tinham isso àquela praia... uma coisa tão simples. Tivemos, também, há pouco tempo, a oportunidade de fazer umas aulas de surf e nunca tinham ido ao Baleal...

**Inv – Nesse aspeto, sente que o projeto faz toda a diferença na vida destes jovens e destas crianças?**

A – Ah, não tenho dúvidas.

**Inv – Porque a intervenção não se dedica só a momentos dentro da localidade. Eu sei que vocês, também, sempre que podem e que têm oportunidade, vão com as crianças e jovens fora do concelho. Quer-nos falar um bocadinho acerca dessas experiências, que, para eles, são sempre novidade?**

A – Sim, normalmente nos períodos de férias escolares, fazemos sempre algumas saídas. A última que fizemos foi ao Pavilhão do Conhecimento e também foi uma experiência muito enriquecedora. Já os levámos, também, a Lisboa. Agora, a próxima semana, vamos aqui, a Alcobaça, ao Parque dos Monges e vamos também fazer com os jovens... eles estão a fazer um curso de monitores de atividades com crianças... tentar aqui dar-lhes também alguma responsabilidade e também como forma de os motivar para a participação, porque é difícil competir com a falta de regras e o poder fazer tudo [risos] Às vezes, a dificuldade, com este público, não é levá-los, é fazer com que cumpram as regras, porque eles podem ir sozinhos fazer algumas coisas, sem regras (hora de digestão, protetor solar...), quer dizer, se eles podem fazer isso sozinhos, nós temos de fazer a diferença por outras coisas [risos]. Agora, estamos a tentar, então, dar-lhes esta responsabilidade. No âmbito destas atividades, hoje, por exemplo, vamos fazer geocaching. Amanhã, vamos ter uma sessão de taças tibetanas. Ou seja, a ideia é criar oportunidades, abrir horizontes, tentar que estes jovens vejam um bocadinho mais além do seu bairro, da sua casa, que saiam um bocadinho fora do seu contexto. Por exemplo, intercâmbios com outros jovens também é uma prática que temos com alguma frequência, não só nós irmos a outros sítios, como também outros jovens virem conhecer a nossa realidade. É um bocadinho isto. E eu acho que, por exemplo, em termos de ocupação de atividades das crianças e jovens, eu diria que grande parte das crianças e jovens que participam nas nossas atividades, se não o fizessem, estariam em casa ou no bairro sem fazer nada, porque eu não diria só por dificuldades financeiras, mas, se calhar, por dificuldades de gestão financeira, acabam por não participar num

desporto, numa atividade artística qualquer e acabam por se cingir ali um bocadinho às suas rotinas. Por isso, a necessidade de mostrar que é possível ser de outra maneira. É possível, não temos de ser todos assim. Mas também não podemos fazer isto de uma forma que eles se sintam diferentes... porque senão há rejeição... nós não podemos negar a nossa natureza, por isso, nós não podemos dizer “está tudo mal do teu lado e tu tens que...”. Não, não pode ser por aqui. E a dificuldade, às vezes, é um bocadinho essa, é perceber onde é que nós podemos ir [risos]... de que forma é que podemos abordar... porque senão, não criamos mudança, não somos eficazes e, por isso, acho que é isso a nossa procura.

**Inv – Vou voltar um bocadinho atrás, quando há pouco falou no consórcio, na questão das parcerias, que é muito importante, falou no Agrupamento de Escolas do Oeste, do qual o GAAF faz parte e era aí que eu queria chegar, justamente para perguntar à Alexandra, que eu sei que a Alexandra já está nestes projetos do Programa Escolhas há algumas gerações... e ia perguntar-lhe se sentiu alguma diferença com o surgimento do GAAF... portanto, a Alexandra assistiu ao antes GAAF, ao durante GAAF e, portanto, vamos ver se, no futuro, teremos GAAF ou não... mas queria perguntar-lhe se sentiu alguma diferença na vossa articulação com a escola com o aparecimento deste gabinete.**

**A –** Eu penso que facilitou, porque, de facto, já havia articulação com a escola, mas com os diretores de turma, ou seja, para nós, projeto, facilitou, porque, assim, temos uma pessoa de referência... neste caso, tínhamos o representante, que era aqui a pessoa de ligação e que acabava, depois, por estabelecer a ligação com os professores, com a direção da escola, com os serviços que fossem necessários... e, desse modo, facilitou, porque não temos de, para falar de uma situação, não temos de falar com três ou quatro pessoas e isto facilita, porque o tempo passa a correr, porque é importante, também... e, às vezes, também é importante na escola de onde vem a informação, porque se for de um técnico da escola é diferente de um técnico fora da escola. Eu tenho a ideia de que – não é uma ideia científica, nem nada que se pareça, é uma opinião pessoal – que é mais valorizado se for de alguém de dentro da escola do que se for de fora da escola. E eu considero que, realmente, facilitou muito nesse sentido. Por outro lado, acho que houve aqui uma maior atenção para algumas situações de crianças e de jovens que efetivamente precisavam de uma intervenção diferente, não só a nível das suas

dificuldades de aprendizagem, porque existem apoios nesta disciplina ou na outra... e eu penso que a escola atual está... tem muitas alternativas para as crianças que têm dificuldades na aprendizagem. Contudo, para as crianças que, por vezes, as dificuldades que têm são ao nível do seu ambiente, do seu contexto, eu penso que esta intervenção do GAAF é muito importante nesse sentido, porque existe alguém que está mais atento, para já, pela sua formação académica, mas também formação pessoal, porque, às vezes, é um bocadinho isto, estarmos mais sensibilizados para esta ou para outra área e eu entendo que estas pessoas estão mais direcionadas para este tipo de problemática e, por isso mesmo, estão mais sensíveis, também, a alguns sinais. E acho que faz toda a diferença, ainda por cima, num contexto como este, que, apesar de ser uma cidade pacata, pequena, mas que, não sei porquê, não sei qual é que é a razão, mas é muito difícil intervir e que existem muitos problemas que, aparentemente, estão escondidos, ou que, aparentemente, não existem, digamos assim e que é, de facto muito importante... a questão da valorização da escola, a questão da valorização do sucesso escolar são questões que fazem toda a diferença para a criança estudar ou não estudar.

**Inv – Ainda sente, por parte, sobretudo, das famílias, que há pouco essa questão da valorização da escola?**

A – Eu acho que sim. Eu acho que tem de ser por aí. A escola tem de deixar de ser um “bicho-papão”, porque se nós formos perguntar às famílias se é importante ou não andar na escola, eles dizem-nos que sim, é importante andar na escola, agora, ter resultados, depois, ou não ter resultados... a causalidade que nós atribuímos... é importante, mas não é importante o suficiente para eu mudar o meu comportamento. E eu acho que é por aí, a valorização da escola tem de ser de tal forma que eu, como mãe ou familiar, eu tenho mesmo de mudar, se calhar, algumas coisas, nomeadamente, o acompanhamento aos trabalhos escolares, o acompanhamento à realização dos testes, se tem material escolar... coisas simples, mas que estas crianças não têm. E, se por um lado, são desculpados pelo facto de não terem bons resultados, por outro lado, não têm o devido acompanhamento que acaba por...se levo ou não levo material para a escola, a minha mãe não sabe, se eu vou ter teste amanhã... não é um assunto falado em casa com normalidade, não faz parte do dia a dia, faz parte do dia a dia ir para escola, o que lá se faz, o professor é que tem de saber... quando a coisa corre mal, então, eu vou lá, porque o professor não esteve bem [risos].

**Inv – Eu falava há pouco, há poucos dias com uma professora lá da escola que me dizia como é que estes miúdos não de ter alguma visão da escola diferente, quando um miúdo diz à professora “ah, se o meu pai passa o dia todo a dormir e tem dinheiro ao fim do mês, para que é que eu hei de ir para a escola?”. Quer fazer algum comentário a esta afirmação? É também esta a realidade de alguns dos meninos do Projeto OJE?**

A – Não diria de todos, mas alguns. Temos pessoas e temos vidas muito difíceis. Há situações assim, claro, mas também há vidas muito difíceis, que depois não é fácil dar a volta. Há situações, não só familiares, mas do próprio percurso de vida, em que o importante é ter comida na mesa. O ir à escola ou não ir à escola acaba por ser acessório. Às vezes, há problemáticas que são de tal forma fortes e grandes, que o facto de a criança ir ou não ir à escola é um bocadinho secundário. Quando falamos... Eu acho que há uma grande diferença, a nível do primeiro ciclo, e a nível do segundo e do terceiro ciclos, porque a nível do primeiro ciclo são mais novos, é mais fácil também os pais imporem a sua autoridade, é mais fácil os professores também controlarem tudo o resto. Quando passam para o segundo ciclo, é uma grande mudança, pode ser uma escola maior, com mais professores... muitas, se não houver o devido acompanhamento, não corre bem. Ainda ontem eu falava com uma mãe, que tem uma menina com oito anos e que, ao telefone, eu perguntava se a menina vinha ou não vinha às atividades do Projeto e ela disse “ah, então, fale aqui com ela, que ela é que sabe”... a menina tinha oito anos [risos e suspiros]... e isto é muito... acho que isto é um sinal. Esta miúda, quando tiver 10 ou 12 anos, não vai ouvir o que a mãe lhe vai dizer. O ónus da questão está aqui invertido. Não quer dizer que os pais tenham de voltar a ser aqueles pais autoritários, mas as crianças precisam de alguém que os oriente e nós não podemos passar as decisões, porque eles são crianças, não têm, ainda, a maturidade suficiente para tomar algumas decisões. Ir ou não ir à escola, não pode ser uma opção. Sim, se há alguma doença, alguma questão mais forte, agora... há coisas que não fazem sentido. Mas não fazem sentido, às vezes, para os técnicos, porque para as famílias aquilo é normal e, por isso, temos de... às vezes, o exercício, como técnico, é de “eu não posso pensar como se fosse eu”, é um bocadinho vestir a pele do outro, tomar a perspectiva do outro, para que, depois, não façamos... não sejamos incorretos e tudo isso. É engraçado, ainda esta semana vi uma reportagem na televisão de um bairro... não, de uma rua, em Londres, que era... a reportagem chamava-se “os subsidiados” e era uma rua, só uma

rua, em Londres, onde viviam 99 famílias e só cinco por cento daquelas pessoas trabalhavam, de resto, todas as pessoas viviam por subsídios... e depois abordavam algumas histórias daquelas famílias e é engraçado que a perspectiva daquelas pessoas era que aquele era o caminho correto. E de que forma dizer que o trabalho tem coisas positivas? Por isso, o trabalho tem coisas positivas e a escola também poderá ter. E, por outro lado, eu acho que a escola, há uns anos, era vista como uma forma de ascensão social... tens estudos, vais ter um emprego melhor, vais ter um melhor nível de vida... e, depois, atualmente, efetivamente, os níveis de desemprego são muito altos, até para os jovens com alguma formação e depois isto pode ser revertido... então, não vale a pena estudar, porque os que estudam também estão no desemprego. A questão é que, neste percurso, há muitas outras coisas que se perdem, não é só ter um emprego, é vivenciar um conjunto de experiências que enriquecem e que fazem parte da construção da identidade, da personalidade, dessas coisas todas. Por isso, eu acho, o nosso trabalho é este... é possível, podemos ser diferentes, não é ser diferentes de uns e de outros, mas cada um encontrar a sua individualidade e perceber que pode ir um bocadinho mais além.

**Inv – Queria só falar... há pouco disse que, no âmbito da parceria com o GAAF tem estabelecido algumas formações parentais, mas sei que há outro tipo de atividades que, frequentemente, por exemplo, a Alexandra faz, lá na escola, no âmbito da promoção de competências pessoais e sociais. Creio que já teve algumas experiências do próprio Projeto ir à escola trabalhar com aqueles jovens. Quer-nos falar um bocadinho acerca dessa experiência?**

A – No âmbito do empreendedorismo e da participação cívica, nós temos também algumas atividades que fazemos. Já tivemos experiências de ser fora da escola, de ser dentro da escola, com grupos já definidos, e também tem sido uma experiência positiva. Acho que os resultados também têm sido positivos, porque também está muito na moda a questão do empreendedorismo (“*vamos ser empreendedores*”), mas depois, será que os jovens – e nós – sabemos o que é o empreendedorismo, do que é que estamos a falar, o que é ser uma pessoa empreendedora, é criar o seu próprio emprego ou não. E temos feito, então, alguns cursos com jovens, que já estão, também, numa fase ou de progressão de estudos (estamos a falar ao nível do básico, não da universidade) ou, também, até de integração no mercado de trabalho e temos feito algumas formações, ao nível do que é o empreendedorismo, que características é que tem o empreendedor...

depois, também, esta linguagem de gestão financeira, das despesas, das receitas, o que é ter um recibo verde, o que é ter um contrato de trabalho, esta ligação ao mundo do trabalho e que exigências, que direitos e que deveres é que tem um trabalhador e uma entidade patronal... também tem sido uma experiência engraçada, acho que é também muito importante esta vertente, da escola, de alguma forma, se deixar permeabilizar por este tipo de conceitos, porque, depois, mesmo aqueles jovens que prosseguem estudos, quando vão para o mundo do trabalho, acabam por não ter consciência do que é que o patrão espera deles.

**Inv – Acha que aí a escola falha um bocadinho, ao não preparar mais ativamente estes conceitos, estas temáticas?**

A – Eu não conheço os currículos de todas as disciplinas. Também não tenho conhecimento de causa para dizer se falha, se não falha, porque nós também trabalhamos com grupos específicos e, às vezes, também não é fácil captar a atenção destes jovens e fazê-los participar, fazê-los empenhar-se nas atividades. Quando eu digo que é criar oportunidades, sim, mas eles também têm de querer participar, eles têm de escolher estar nestas oportunidades, porque há jovens que não querem e estão no seu direito. Por isso, não sei se a escola... provavelmente, até promove essas atividades, mas acho que é importante estar alerta para estas situações e acho que poderá ser este o caminho, até para uma via mais profissionalizante da escola, que antigamente havia... agora, se calhar, também já existe aqui alguma mudança a este nível, nomeadamente, o Agrupamento de Escolas do Oeste tem tido boas experiências a esse nível e acho que é por aí, porque há jovens que precisam de uma vertente mais prática e a aprendizagem tem esta vertente... e há miúdos que precisam desta vertente mais prática para poderem continuar o seu processo de aprendizagem e eu, pessoalmente, acho que as vertentes profissionalizantes são muito importantes. É importante valorizar a infância, a adolescência, mas é também importante preparar os jovens para o mundo e é bom que os jovens trabalhem e que saibam trabalhar... acho que tem sido uma experiência interessante e valorizada, também, pelos jovens e isso é uma questão que eu acho que é importante. Muitos jovens, quando falávamos de empreendedorismo, diziam que era ajudar alguém, que era... ou seja, tinham ideias erradas sobre o que é... ou que era criar a sua própria empresa. E, infelizmente, atualmente, criar a sua própria empresa também não é fácil e, muitas vezes, entrar sem saber, sem ser uma coisa preparada, estamos a

criar insucessos e endividamentos e muitas outras coisas. Por isso, aquilo que eu acho importante é tornar a informação acessível aos jovens e acessível no sentido de eles a compreenderem. Efetivamente, há muita informação. Agora, até que ponto é que os jovens a conseguem apreender, torná-la sua... é aquela história da assimilação, da acomodação e dos processos da aprendizagem e dessas coisas todas... até porque nós só aprendemos quando conseguimos generalizar a informação e eu acho que é um bocadinho por aí, se calhar, estamos a passar muita informação sem ter em conta se ela está ou não a ser apreendida, mas, pronto, isso levava-nos aqui agora à função da escola e a muitas outras coisas e, se calhar, não é esse o objetivo...

**Inv – Queria só pedir-lhe para falar de outra situação, que é a questão da promoção do sucesso escolar, de que há pouco falávamos, que é um dos grandes objetivos quer do Projeto, quer do gabinete, do GAAP. Como é que vocês estabelecem essa articulação, essas sinergias, para que consigam, ambos, tentar promover esse mesmo sucesso escolar?**

A – A nossa forma de promovermos o sucesso escolar é, não só termos atividades de acompanhamento à realização dos trabalhos escolares, de apoio ao estudo, também, de ajudar os jovens a estudar, de organização dos tempos, por exemplo, nas alturas dos testes – *“quando é que vais ter testes?/ o que é que tens de estudar?”* – fazer um resumo, esse tipo de coisas, após a escola, nos períodos de tempos livres deles, a utilização desse tempo livre de uma forma útil. Por outro lado, temos também atividades de promoção de competências pessoais e sociais, a questão do saber ouvir, do saber expressar as suas ideias, os seus pensamentos. A questão da comunicação é básica, é essencial. Se eu não consigo ouvir o que outro me diz, eu não consigo ouvir o que o professor me está a tentar transmitir. Ou se eu entendo, até de uma forma, às vezes, persecutória, que cada vez que olham para mim, que estão a dizer mal de mim ou que me estão a apontar alguma coisa, eu não estou disponível para a aprendizagem e, por isso, trabalhamos também muito esta questão, da disponibilidade para a aprendizagem, de compreensão, até, dos contextos, do ponto de vista do outro... porque, às vezes, chegam ao pé de nós muito chateados – *“ah, o professor fez e aconteceu...”* – e, pronto, tentamos, aqui, de alguma forma, restabelecer os canais de comunicação entre a escola, a família e os jovens e também é um trabalho que nós fazemos. Por outro lado, também, a questão da articulação com a família, de, em algumas situações, não em todas, é necessário, mesmo, falar com a família, ou no espaço do Projeto, ou em casa, ou na

escola. Temos feito, também, no âmbito da mediação escolar, alguns atendimentos conjuntos, conosco, com o diretor de turma, com o técnico do GAAF, onde conversamos um pouco sobre a situação, porque, muitas vezes, também, o jovem é o *go-between* e, muitas vezes, a informação do professor não chega à família da mesma forma, porque os jovens não dizem sempre a verdade e, por isso, é importante haver esta confiança e trabalhamos muito isto, porque alguns pais também acham que só vão à escola quando alguma coisa está mal e não tem de ser assim. Tivemos alguns sucessos exatamente por isso, porque pusemos a escola e a família em sintonia e cada um (quer a família quer a escola) percebeu qual era o papel, o que tinham de fazer para que aquela criança ou aquele jovem estar e conseguir fazer o seu percurso. Porque os jovens, depois, acabam por jogar um bocadinho com isto, dizem aos pais aquilo que acham que os pais querem ouvir, dizem aos professores... e tivemos situações em que o sucesso foi só isto, pôr as pessoas a conversar e percebermos os contextos e as condicionantes de vida. Tínhamos uma menina, por exemplo, não levava material escolar, ficava, muitas vezes, a dormir em casa, tinha algumas faltas também por isso... lá está, era uma família monoparental, onde só havia o pai, havia uma questão difícil de lidar em relação à mãe, um abandono, ou seja, a figura feminina estava aqui um bocadinho fragilizada, o pai, como andava a trabalhar, não tinha conhecimento das faltas... e foi só colocar no mesmo espaço, sem reservas, e a menina conseguiu fazer o seu percurso, estava muito empo sozinha e conseguiu encaminhar-se para um espaço de ocupação de tempos livres mais estruturado, porque era isso que era necessário. Não foi só para as atividades do Projeto, porque tem algumas características, naquela situação era necessário outro tipo de intervenção e, neste momento, a situação está bem. Tivemos outras situações em que foram necessários encaminhamentos para terapias específicas, nomeadamente, a questão da terapia familiar... nomeadamente, estou a lembrar-me de outra situação de um encaminhamento para as questões da saúde... porque, depois, às vezes, acontece, também, as pessoas não saberem movimentar-se nesta rede social e, depois, se nós estamos sempre a bater na porta errada, não temos a nossa resposta, mas, do outro lado, também ninguém ouviu a nossa pergunta e acaba por ser uma bola de neve. Eu acho que o nosso papel, tal como é o papel do GAAF, é a facilitação da relação, porque é aqui que... se calhar, estou aqui a ver numa perspetiva mais individualista, por achar que a relação... pronto, mas entendo isso e, na minha experiência, o que tenho visto também é isto, porque às vezes o que nós estudamos é uma coisa e depois a realidade é outra, mas,

de facto, aquilo que eu tenho tido oportunidade de ver é isto, é na relação que acaba por crescer tudo o resto e, às vezes, é a questão da facilitação, muitos encaminhamentos para a CPCJ, encaminhamentos não só de nós sinalizarmos situações, de crianças e jovens que estão em acompanhamento e que nos são sinalizados, para nós estarmos atentos a algumas questões...

**Inv – Eu esqueci-me de referir, peço desculpa, que a Alexandra também já foi presidente da CPCJ e tem, então, também, uma visão privilegiada dessas situações. Nesse âmbito, está à vontade...**

A – Foram alguns... foi uma experiência também enriquecedora, nesse sentido... não é fácil, não é fácil. O trabalho que a CPCJ tem não é um trabalho nada fácil e, de facto, tem mesmo de haver esta articulação. Mas, tal como na CPCJ, na saúde, eu também acho muito importante haver esta articulação. E a mais-valia, se calhar, aquilo que às vezes pode ser uma história, aquilo que pode diferenciar o sucesso do insucesso é um bocadinho esta comunicação entre os serviços, porque sabemos que não existem as respostas todas que nós queremos, sabemos que é tempo de crise, que as coisas às vezes não funcionam, mas podemos fazer alguma coisa e é esta visão um bocadinho mais positiva, de que podemos fazer alguma diferença. Claro que isto também é aquilo que nos faz continuar no dia a dia, não é?

**Inv – Eu ia perguntar-lhe isso mesmo, onde é que vai buscar motivação para continuar assim, positiva, confiante para o futuro?**

A – Nem sempre estou assim [risos]... às vezes achamos que o que fazemos não é útil, não é reconhecido, mas eu tenho para mim que, se eu estiver bem comigo, que é mais fácil levar para a frente e, pronto... vamos fazendo, não existem aqui soluções para motivações, não existem e há períodos em que estamos mais motivados, outros que nem por isso. A nossa vida pessoal e familiar também conta muito com estas questões, mas, às vezes, eu também acho que isto é quase como uma terapia, porque, às vezes, queixamo-nos de algumas coisas, depois vemos situações tão diferentes e tão mais difíceis de lidar, que *“porque é que eu me estou a queixar?”* [risos]... Mas, por outro lado, também vemos outras situações, que é *“porque é que eu me esfalfo a trabalhar e depois as coisas não correm da melhor maneira?”*. Mas vamos fazendo e vamos tentando. Agora, acho, sinceramente, que devia haver mais intervenções deste cariz, porque é na proximidade, é na relação, é no terreno que as coisas acontecem e, se não

sairmos dos gabinetes, não vamos dar conta. Por acaso, isso é uma questão. O GAAF não tem assim um nome muito feliz, porque é gabinete de atendimento e de apoio...

**Inv – Gabinete de apoio ao aluno e à família.**

A – Gabinete... mas este gabinete, pronto, lá está... sai muito fora. Se o gabinete for volante, móvel, acho que sim... agora, o nome, realmente, não é assim muito feliz...

**Inv – Mas é engraçado! Agora, um aparte, que eu não devo opinar, mas, quer o técnico, quer a técnica do GAAF diziam isso nas entrevistas, que é um gabinete de portas abertas, que o que eles gostam é de estar no terreno. Efetivamente, nesse aspeto, corroboram com a sua opinião.**

A – Pois...

**Inv – Em jeito de conclusão, até porque o nosso tempo já vai longo, ia perguntar-lhe, assim, um desafio para o futuro, por exemplo, quando alguma criança, algum jovem lhe chega às mãos, quase literalmente, qual é que é o maior desafio para si, ao intervir com essa criança, com essa família?**

A – Aquilo que eu acho que é o maior desafio é o conhecimento, o tentar conhecer aquela criança, aquela realidade, tentar perceber quais é que são os seus interesses, as suas aptidões, o que é que ela pode contar, qual é que é a sua rede social, ou seja, fazer um bom diagnóstico, tecnicamente falando... e estabelecer alguns pontos de ligação. Eu costumo dizer que nós não temos de ser os melhores amigos das crianças. Não é esse o nosso papel. O nosso papel também não é substituir a família, também não é substituir a escola, é sermos um modelo que eles podem recorrer quando eles acharem que é necessário. Não temos de impor, às vezes, a nossa presença e a nossa intervenção. E temos tido, também, algumas situações – e é giro, isto – de agora jovens que participavam nas nossas atividades do Projeto, enquanto crianças, enquanto adolescentes, mas que depois recorrem a nós, mais tarde, porque estão a entrar no mercado de trabalho, porque não sabem que curso hão de seguir e precisam aqui de uma orientação... e é giro, porque recorrem, continuam a recorrer... e eu acho que é um bocadinho isto. Não é com todos que conseguimos fazer isto, como é óbvio, até porque há empatias, mas por isso é que é uma equipa, porque uns criam mais empatia com este,

os outros com o outro e, por isso, é importante, também, essa questão. Mas isso, por exemplo, é um fator de motivação...

**Inv – Quer dizer que alguma coisa ficou lá...**

**A –** Exatamente. Conseguimos chegar lá. Nem sempre com todos fazemos isso, mas...

**Inv – Uns vão compensando os outros... Ok, Alexandra, muito obrigada pela sua colaboração!**



### **A.3. SINOPSES DAS ENTREVISTAS**

---



### **A.3.1. ALUNO 1**

---



## Sinopse da entrevista - Aluno 1 - Lázaro, de 17 anos, etnia cigana

Categoria de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/ Análise
Representações sobre o Agrupamento	Opinião sobre a Escola	<p><i>“Eu não sentia dificuldades, que eu apanhava tudo nas aulas [...] A coisa é que eu nunca fui virado para a cena do estudo [...]”</i></p> <p><i>“ [...] gostei da turma. Até me dava bem com eles todos.”</i></p> <p><i>“Também tinha aquela coisa de faltar [...] faltar ou tipo chegar 10 minutos, 15 minutos atrasado [...] era a questão do levantar [...]”</i></p> <p><i>“[...] havia lá notas, em que eu, às vezes, não tinha tanta nota porque faltava [...] não davam a nota alta, mesmo [...] mas eu era o melhor da turma, sempre fui o melhor a desenhar [...]”</i></p>	<p>Boa adaptação à Escola e à turma.</p> <p>A falta de assiduidade como justificção das notas baixas (caraterística comum à comunidade cigana).</p>
O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural	Encaminhamento	<p><i>“Depois conheci o stor (técnico do GAAF), que estava sempre a falar comigo, queria que eu fosse sempre lá, se eu tivesse alguma dificuldade nas aulas, nalguma disciplina [...] para ir lá e ele ajudava-me.”</i></p>	<p>Grande disponibilidade dos técnicos.</p> <p>Acompanhamento dos técnicos nas dificuldades escolares.</p>
	Relação com os técnicos	<p><i>“Punha lá a música na boa [...] Gosto dessa ideia.”</i></p> <p><i>“[...]estava-me a dar muito bem com ele [...]”</i></p> <p><i>“Ele falou-me da questão se poderia ou queria estar relacionado a um projeto no verão [...]”</i></p> <p><i>“[...] mas eu estava sempre lá. Eu, até, de vez em quando, pedia ao stor para ver se podia fazer horas extra, para não estar tanto tempo sem fazer nada. Assim, estava ocupado a fazer alguma coisa.”</i></p>	<p>Estratégias de motivação por parte do GAAF.</p> <p>Bom relacionamento com os técnicos.</p> <p>Encaminhamento do jovem para</p>

	<p>Avaliação do acompanhamento</p>	<p><i>“Eu gostei! Ainda perguntei, há coisa de duas semanas, se podia fazer outra vez esse projeto, mas não podia, porque estava aqui a trabalhar, a tirar o curso [...]”</i></p> <p><i>“[...] eu quero acabar o curso. Quem sabe através deste curso o que é que poderá haver? Eu não quero estar aqui em vão. Quero, sei lá, que daqui saia qualquer coisa.”</i></p> <p><i>“[...] quem sabe um dia mais à frente possa ter qualquer coisa [...]”</i></p> <p><i>“[...] Se não fosse, se calhar, o GAAF, não me interessava mais na questão de trabalhar tanto. Foi através daí que eu ganhei o gosto de ter a minha própria independência, também, não estar à espera de alguém [...]”</i></p>	<p>uma atividade/ projeto de verão (Feira do Livro).</p> <p>Balço positivo feito por parte do jovem.</p> <p>Jovem com perspetivas para o futuro.</p> <p>O jovem reconhece o trabalho/ a ajuda do GAAF no desenvolvimento da sua independência.</p>
--	------------------------------------	---	--

### **A.3.2. ALUNA 2**

---



**Sinopse da entrevista - Aluna 2 - Cadija, 15 anos, imigrante**

<b>Categoria de Análise</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Excertos da Entrevista</b>	<b>Interpretação/ Análise</b>
Representações sobre o Agrupamento	Opinião sobre a Escola	<p><i>“ [...] eu não gosto dos alunos, só gosto da escola, dos professores [...]”</i></p> <p><i>“Os professores receberam-me, mas os alunos não [...]”</i></p>	Dificuldades na adaptação aos pares.
O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural	Encaminhamento	<i>“Recebeu-me bem [o técnico do GAAF], ajudou-me bastante [...]”</i>	Acolhimento feito pelo GAAF, a fim de facilitar a integração na nova escola.  Acompanhamento regular por parte do técnico.
	Relação com os técnicos	<i>“ [...] ele dá-me apoio às aulas de português [...]”</i>	
	Avaliação do acompanhamento	<i>“Todas as semanas tinha apoio com ele [técnico do GAAF].”</i>	



### **A.3.3. ALUNA 3**

---



## Sinopse da entrevista a Maria, aluna de 11 anos

Categoria de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/ Análise
Representações sobre o Agrupamento	Opinião sobre a Escola	<p><i>“É divertida. Eu gosto muito desta escola [...]”.</i></p> <p><i>“[...] eu gosto da escola [...]”</i></p>	Opinião muito favorável da escola/ do agrupamento.
O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural	Encaminhamento	<p><i>“A diretora de turma disse à minha mãe.”</i></p> <p><i>“[...] fiquei contente [...] É claro que fiquei um bocadinho nervosa na primeira sessão, depois, foi tudo bem.”</i></p>	Articulação entre a diretora de turma, o GAAF e a família.
	Relação com os técnicos	<p><i>“[...] logo no princípio do ano, eu comecei a dançar, aqui fora, porque nos intervalos da tarde, o stor Luís põe música.”</i></p> <p><i>“Eu adoro a stora Vera. A stora Vera é superdivertida, é muito simpática e trata-nos muito bem. É claro que, para os miúdos que se portam mal, tem de ralhar.”</i></p> <p><i>“[...] às vezes, almoçamos juntas. Alguns alunos almoçam com ela, depois, outro dia, vão outros.”</i></p>	Entusiasmo pelas atividades de pátio.  Opinião muito favorável da psicóloga.
	Avaliação do acompanhamento	<p><i>“Fazemos muitas atividades, principalmente, agora, nas férias. Fazemos muitas coisas: canoagem; surf... Hoje vamos andar de comboio, no comboio dos turistas. Também fazemos banho de</i></p>	Grande diversidade de atividades dinamizadas pelo GAAF.

Alunos, famílias, escola e comunidade: sujeitos e mediações  
O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural

---

		<p><i>mangueira, vamos à praia... fazemos muitas coisas.”</i></p> <p><i>“É superdivertido. Eu adoro tudo. Não há nada de que eu não goste. Se calhar, há uma coisinha de que eu não gosto: quando os miúdos são mal-educados e começam a ser abusadores, pronto, são aqueles rapazes tontinhos.”</i></p>	Balanço positivo do acompanhamento.
--	--	--	-------------------------------------

## **A.3.4. PAI 1**

---



## Sinopse da entrevista a um Pai de uma aluna de 12 anos

Categoria de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/ Análise
Representações sobre o GAAF	Relação/ Articulação	<i>“Já estive presente em várias reuniões com a Dra. Vera, onde ela me fez uma resenha do progresso e do desenvolvimento escolar da minha filha [...] Está sempre disponível, quando é necessário [...]”</i>	Facilidade de articulação com a Psicóloga do GAAF.  Grande disponibilidade da Psicóloga do GAAF.
	Acompanhamento	<i>“ [as atividades de férias] do GAAF não é só nas férias do verão, também faz no Natal, na Páscoa... é importante. É importante, também, para eles interagirem com outras crianças e desenvolverem atividades, que, doutro modo, não seria possível [...] Penso que é muito importante nesse sentido.”</i>	Reconhecimento da importância das atividades dinamizadas pelo GAAF.
	Sugestões de melhoria	<i>“Eu sei que é complicado para o GAAF fazer melhor do que aquilo que já faz, tendo em conta os meios que tem e o número de crianças que está a ajudar. Penso que há sempre alguma coisa que pode ser melhorado, sem dúvida, mas, tendo em conta a quantidade de alunos, deve ser muito complicado para a Dra. Vera e para o Dr. Luís gerir e tentar dar um apoio, vá lá, de qualidade.”</i>	Constatação da dificuldade em apontar sugestões de melhoria ao trabalho do GAAF.
O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural	Transformações Sucessos Boas práticas	<i>“O balanço é bastante positivo. Noto que entre a Psicóloga e a minha filha há ali uma certa cumplicidade entre elas, não é só uma relação meramente, vá lá, profissional. Noto que ali há uma amizade. Por isso, eu acho que é extremamente positivo.”</i>  <i>“Espero que se mantenha.”</i>  <i>“No 2.º período, ela teve quatro negativas, mas conseguiu passar sem</i>	Reconhecimento das mais-valias do acompanhamento do GAAF.  Expetativa na continuidade do GAAF.

Alunos, famílias, escola e comunidade: sujeitos e mediações  
O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural

---

		<i>nenhuma negativa. Penso que aqui, também, o apoio da Dra. Vera e do GAAF terá sido importante.”</i>	
--	--	--	--

**A.3.5. PAI 2**

---



## Sinopse da entrevista a um Pai de uma aluna de 11 anos

Categoria de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/ Análise
Representações sobre o GAAF	Relação/ Articulação	<p><i>“Não está a camuflar nada [a Psicóloga], não está a esconder nada, está a ser direta. Às vezes, custa um pouco ouvir certas coisas, como eu cheguei a ouvir: telefonar-me a dizer ‘Ó Manuel, passa-se isto – a chamar-me à atenção – a Matilde anda com a roupa suja...’ E eu agradeço muito.”</i></p>	Relação empática com o GAAF.
	Acompanhamento	<p><i>“A Vera é uma pessoa calma, o que faz com que a outra pessoa a oiça. Portanto, a calma que ela transmite à outra pessoa é muito importante. O tom de voz faz com que a pessoa esteja mais atenta [...] eu vejo que isso é importante para a minha filha.”</i></p> <p><i>“É uma ajuda que eu estou a ter. Não há ninguém, aqui na escola, que faça esse acompanhamento, só a Vera.”</i></p> <p><i>“Vejo que a Matilde também gosta da Vera. É uma amiga e isso é muito importante, ter uma amiga adulta com quem nós possamos contar. É isso que está a acontecer.”</i></p>	Reconhecimento das qualidades da Psicóloga do GAAF.
	Sugestões de melhoria	<p><i>“Nessa formação [de competências parentais ministrada pelo GAAF] aprende-se muita coisa. A escola, penso que a escola devia ter mais essa base de reunir com os pais, porque – é aquilo que acabei de</i></p>	Reconhecimento da importância da formação de competências

		<p><i>dizer há pouco – não é o passar de ano, é que a escola é um ensino para a vida, é aqui que as crianças estão a aprender muitas coisas de bom para a vida e se os pais estivessem mais por dentro dos assuntos dos filhos [...] É pena não haver essas formações mais vezes.”</i></p>	<p>parentais ministrada pelo GAAF.                  Sugestão para a Escola investir mais nestes encontros com os Pais.</p>
<p>O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural</p>	<p>Transformações                  Sucessos                  Boas práticas</p>	<p><i>“Eu vejo que a Matilde está a ter resultados positivos.”</i></p> <p><i>“Eu agradeço muito à Vera tudo o que já tem feito pela minha filha.”</i></p> <p><i>“Na formação aprendi muita coisa, porque houve essencialmente muitos exemplos, em que eu tinha uma ideia realmente diferente da realidade. Nós, por vezes, pensamos que sabemos tudo, mas há sempre alguma coisa a aprender [...].”</i></p> <p><i>“ [...] é muito importante e é o agradecimento que eu tenho, conseguirem ter um bocadinho de tempo para a minha filha [...]”.</i></p>	<p>Constatação de resultados positivos.</p> <p>Agradecimento ao GAAF.</p>

### **A.3.6. MÃE 3**

---



## Sinopse da entrevista a uma Mãe de um aluno de 12 anos

Categoria de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/ Análise
Representações sobre o GAAF	Relação/ Articulação	<p><i>“Eu tomei conhecimento do GAAF na primária. Como o meu filho andava a dar este tipo de problemas, eu tinha falado com a professora dele, da primária, que me falou da Dra. Vera, psicóloga, se eu queria que ela o visse, o acompanhasse, para tentarmos perceber alguma coisa sobre a situação dele. Então, começou a ser acompanhado pela Dra. Vera [...]”</i></p> <p><i>“Não sei se foi por ela ser uma senhora, o meu filho não teve, assim, grande aproveitamento com ela.”</i></p> <p><i>“Eu, depois, falei com a Dra. Vera [psicóloga do GAAF], porque o meu filho não queria vir, simplesmente, não queria vir e eu também não queria obrigá-lo. [...] que me falou do professor Luís [...] Ela falou com ele e o professor Luís ofereceu-se em acompanhar o meu filho [...]”</i></p>	<p>Primeiros contactos com a psicóloga do GAAF, com quem o jovem não criou grande afinidade.</p> <p>Facilidade na articulação entre GAAF e família, na procura de uma solução.</p> <p>Capacidade de trabalho em equipa por parte dos técnicos do GAAF.</p>
	Acompanhamento	<p><i>[...] o meu filho gosta muito do professor Luís [técnico do GAAF], têm-se dado bem um com o outro. Quando tem problemas, abre-se com o professor Luís.”</i></p>	<p>Afinidade com o técnico de serviço social do GAAF (figura masculina que está ausente no contexto familiar do jovem).</p>
	Sugestões de melhoria	<p><i>“[...] não tenho razão de queixa [...]”</i></p> <p><i>“[...] não tenho nada a apontar [...]”</i></p>	<p>Satisfação pelo acompanhamento que é dado ao filho.</p>

Alunos, famílias, escola e comunidade: sujeitos e mediações  
O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural

---

O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural	Transformações Sucessos Boas práticas	<i>“Sim, sim [está satisfeita com o trabalho que é feito pelo GAAF].”</i> <i>“Gostava, gostava. [que o filho continuasse a ser acompanhado pelo GAAF].”</i>	Manifestação da vontade de continuidade do trabalho do GAAF, no acompanhamento ao filho.
---	---	--	--

### **A.3.7. TÉCNICO DE SERVIÇO SOCIAL DO GAAF**

---



## Sinopse da entrevista a Luís, Técnico de Serviço Social do GAAF

Categoria de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/ Análise
Apresentação do GAAF	Missão e objetivos	<p><i>“[...] o Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família tem como objetivo intervir diretamente com os alunos e com as famílias, com o objetivo de minimizar o insucesso, o absentismo e [...] o abandono escolar dos alunos que são referenciados, ou seja, quem está no Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família tem de ter uma referência, seja por parte da Direção da Escola, do Agrupamento, seja pelo Diretor de Turma ou Professor Titular, no caso do primeiro ciclo, em que fazem esse encaminhamento, mediante a situação que verifiquem. Pode ser no âmbito psicológico ou no âmbito do serviço social.”</i></p> <p><i>“Não estamos aqui circunscritos ao gabinete.”</i></p>	<p>Discurso convicto e seguro do Técnico quando explica a missão do GAAF.</p> <p>Referência ao trabalho desenvolvido fora de “portas”.</p>
	Pontos Fortes Oportunidades	<p><i>“[...]conseguimos, muitas vezes, uma grande proximidade com os alunos [...]”</i></p> <p><i>“[...]o nosso papel acaba por estar um bocadinho fora... um pé no contexto escolar, mas outro fora... e eu acho que isso acaba por ser muito benéfico [...]”</i></p> <p><i>“[...]o nosso papel aqui acaba por ser ir acompanhando [...]”</i></p> <p><i>“[...]esse espaço que nós temos acaba por ser benéfico, porque é aí que se criam as relações [...] e isso é uma mais-valia também, acaba por beneficiar o trabalho do GAAF e ajudar-nos, depois, a obter alguns resultados [...]”</i></p>	<p>Aposta na proximidade com os alunos.</p> <p>Acompanhamento dentro e fora do contexto escolar, com a afirmação da relação entre ambos ser positiva.</p> <p>Reconhecimento do papel da relação como mais-valia na obtenção de resultados.</p>

		<p>“[...] temos uma coisa que eu acho que é positiva, as animações de pátio, em que nós passamos música – e isto é só durante 15 minutos, à tarde – mas, para nós, é importante, porque vimos o ambiente do intervalo, como é que os alunos se relacionam, que atitudes é que têm [...] e isso é muito importante.”</p> <p>“As atividades das férias, que nós desenvolvemos, também são muito importantes [...]”</p>	<p>A animação de pátios, com música que vai ao encontro da preferência dos jovens, como estratégia de sucesso.</p>
	<p>Pontos Fracos Ameaças</p>	<p>“[...] há uma articulação com os professores, mas, se calhar, com alguns professores, deveria haver com mais regularidade [...]”</p>	<p>Sugestão de maior regularidade na articulação com alguns professores.</p>
<p>Reflexão sobre o exercício da profissão</p>	<p>Motivações (In)satisfações Desafios Perfil do bom técnico</p>	<p>“[...] falando em técnico de serviço social ou assistente social, há sempre aquele “bicho-papão”, como eu cheguei a ouvir aqui uma vez um aluno comentar para outro que poderia pô-lo numa instituição. [risos] Os assistentes sociais estão, muitas vezes, conotados a isso.”</p>	<p>Representações algo estigmatizadas sobre a profissão.</p>
		<p>“[...]às vezes, nós também acabamos por desmotivar [...] Mas, também, dentro da área social, eu sei que isso é o que acontece, temos de viver com este tipo de frustrações, porque não conseguimos mudar o mundo. Se conseguirmos mudar alguma coisa, pelo menos, já é positivo. Nem que seja alertar[...].”</p>	<p>Insatisfações/ frustrações inerentes ao contexto de trabalho.</p>
		<p>“[...] falo muitas vezes com a Psicóloga, por causa das nossas frustrações, para podermos partilhar as nossas dificuldades [...]”</p>	<p>A partilha das frustrações e dificuldades aproxima o Técnico e a Psicóloga.</p>
		<p>“[...] muitas vezes os alunos vêm, porque são encaminhados e são obrigados e, depois, conseguir balançar esse trabalho, é muito complicado, porque há uns que se consegue, outros que não se consegue [...]”</p>	<p>Reconhecimento da dificuldade que advém, em alguns casos, do cariz obrigatório do acompanhamento.</p>
		<p>“Eu dava-lhe a medicação, cheguei a ir a uma consulta de</p>	<p>Acompanhamento fora do</p>

		<p><i>pedopsiquiatria com ele [...]”</i></p> <p><i>“[...]dentro das situações que eu acompanho, noventa por cento têm a ver com o contexto familiar. E é extremamente difícil mudar isso [...]”</i></p> <p><i>“O maior desafio é não nos acomodarmos, porque eu acho que o acomodar é pior, estarmos acomodados implica não quereremos descobrir novas coisas e não querer mudar.”</i></p>	<p>contexto escolar.</p> <p>Constatação da dificuldade/desafio de transformar o contexto familiar, que, está na origem das situações acompanhadas.</p> <p>A acomodação não gera mudança.</p>
		<p><i>“O estar atentos, na minha opinião, tentarmos chegar aos alunos [...]”</i></p> <p><i>“[...] o nosso papel acaba, também, por ser esse, o estar atento, o alertar, o tentar mudar alguma coisa [...]muitas vezes, não conseguimos, muitas vezes, também, temos mais algumas dificuldades, que encontramos, mas, pronto, vamos tentando fazer o melhor.”</i></p> <p><i>“[...]o estar atento, tentar criar uma relação com os alunos, também, com os professores e uma boa relação com todos os técnicos que andam à volta [...] fazer uma boa articulação[...]</i>”</p> <p><i>“[...] tento adaptar-me sempre aos horários dos pais, porque sei que as pessoas trabalham [...]”</i></p> <p><i>“Tanto eu como a Psicóloga gostamos muito de trabalhar aqui, porque não temos de ser só técnico de serviço social ou psicólogo, podemos ser animadores, podemos inventar, brincar [...]e eu acho que isso é muito importante. O fundamental é nós gostarmos daquilo que fazemos. Ao gostarmos daquilo que fazemos é meio caminho</i></p>	<p>Qualidades de um bom técnico: a utilização da escuta ativa; a capacidade de dar sempre o melhor de si; a competência de criar relação; a disponibilidade e flexibilidade na gestão do tempo; o gosto pelo que se faz.</p>

		<p><i>andado para ‘vestirmos a camisola’, para nos sentirmos bem e isso é importante.”</i></p>	
<p>O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural</p>	<p>Transformações                  Sucessos                  Boas práticas</p>	<p><i>“[...] não podemos olhar aqui numa visão só do aluno, dentro do contexto escolar, temos de perceber também o que se passa fora do contexto escolar [...]”</i></p> <p><i>“Há alunos que têm o nosso acompanhamento e que, depois, acabam por ter alguma evolução positiva, ao nível do sucesso escolar [...]”</i></p> <p><i>“Pensou-se ocupar os pais, porque os pais estando ocupados, a criança não podia ficar em casa. E conseguimos isso, inclusive, conseguimos encaminhar a criança para um ATL, porque a mãe, frequentando uma formação, a formação, por norma, paga o ATL, que era um espaço extra escola, onde ela poderia desenvolver determinadas competências e sair do contexto de casa.”</i></p> <p><i>“Tenho um aluno de etnia cigana que acompanhei, já com 16 anos, e que criou uma relação muito positiva comigo e que, inclusive, encaminhei-o, no ano passado, para integrar a Associação Juvenil, num programa do Instituto Português do Desporto e da Juventude [...]”</i></p> <p><i>“Nós acabamos por estar aqui um bocadinho a mediar, seja dentro da família, ou mesmo entre a escola e a família.”</i></p>	<p>Conclusão de que o jovem é muito mais do que o aluno.</p> <p>Acompanhamento que se traduz, também, em sucesso escolar.</p> <p>Acompanhamento e encaminhamento do aluno e da família.</p> <p>Encaminhamento = oportunidade = inclusão</p> <p>Mediação.</p>

### **A.3.8. PSICÓLOGA DO GAAF**

---



## Sinopse da entrevista a Vera, Psicóloga do GAAF

Categoria de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/ Análise
Apresentação do GAAF	Missão e objetivos	<p><i>“Estamos aqui, não só para apoiar os alunos, como capacitar as famílias, com competências parentais, que, muitas vezes, têm de ser estimuladas, no sentido de o aluno ficar mais motivado para frequentar a escola, diminuir o insucesso escolar, diminuir um bocadinho o absentismo [...] e a indisciplina, também. Esses são os pilares fundamentais nos quais nos baseamos [...]”</i></p> <p><i>“Normalmente, quando um aluno é encaminhado para o GAAF, tem uma problemática específica. Com base nessa problemática, eu tento fazer um estudo das características do aluno, tento, primeiro, falar com ele, tento fazer um plano de intervenção com ele e com a família. Este plano de intervenção não é estático, porque vai sofrendo mudanças e é diferente de aluno para aluno. Tenho alunos que necessitam de uma intervenção emocional, tenho alunos que necessitam na parte das dificuldades de aprendizagem, nomeadamente, programas de promoção cognitiva, alunos que, ao nível do estudo, não têm hábitos, não têm métodos e, também, desenvolvo com eles alguns programas de competências de hábitos e métodos de estudo, programas ao nível emocional [...]”</i></p> <p><i>“ [...] tentarmos sempre, com base nestes pilares – criatividade, entrega, empenho, inovação, amizade, partilha, amor, coração...”</i></p>	<p>Pilares em que assenta a missão do GAAF.</p> <p>Definição do acompanhamento de um aluno.</p> <p>Pilares em que assenta a missão do GAAF.</p>
		<p><i>“Nós temos alguns casos em que os Pais tentam que os filhos sejam acompanhados pelo Gabinete no sentido de podermos dar um apoio muito mais próximo, um apoio direto e sermos alguém de referência na Escola.”</i></p> <p><i>“Mas é muito relevante que a assiduidade dos alunos é muito grande. Eles</i></p>	<p>Reconhecimento dos Pais.</p> <p>Grande assiduidade dos alunos.</p>

	<p>Pontos Fortes Oportunidades</p>	<p><i>comparecem [risos] Tenho muito poucas faltas. Quando tenho uma falta é por doença, que, normalmente, é justificada pelo Encarregado de Educação. Normalmente, até antecipadamente avisam, já têm esse hábito de saberem que, naquele dia, esse aluno tem apoio da Psicóloga no GAAF e avisam antecipadamente, o que é bom, também, que percebam esse lado. A assiduidade dos alunos é, mesmo, muito grande, apesar de ser nas tardes livres.”</i></p> <p><i>“ [...] nós não vemos, nem eu nem o meu colega, os meus casos e os casos dele. Há crianças e jovens que são só acompanhados por mim e há crianças e jovens que são só acompanhados pelo serviço social. Mas eu, e o meu colega também, normalmente, partilhamos muito, algum do nosso tempo fora da escola, que não é muito, é passado a refletir, também, a estratégia [...] é sempre importante termos aqui uma visão um bocadinho externa da minha perspetiva [...] o que nós tentamos fazer é a partilha de conhecimentos, a partilha de materiais, a partilha de experiências, de estratégias, de metodologias, no sentido de trabalharmos enquanto equipa [...]”</i></p> <p><i>“ [...] tanto eu como o meu colega, somos muito criativos e eu acho que esta criatividade também é um bocadinho o espírito do GAAF.”</i></p>	<p>Complementaridade entre os dois Técnicos do GAAF.</p> <p>Reflexão permanente sobre a estratégia a seguir.</p> <p>Partilha constante.</p> <p>Criatividade.</p>
	<p>Pontos Fracos Ameaças</p>	<p><i>“Pois, normalmente, nós somos colocados em concursos anuais, que terminam sempre a 31 de agosto. Este lugar vai terminar a 31 de agosto e, depois, tem de ser um novo concurso, em oferta de escola, que abre, normalmente, à semelhança dos anos anteriores, em meados de outubro. O que acontece é que, quando o ano letivo inicia, os nossos alunos – que eu já chamo nossos [risos] – não têm a Psicóloga, não têm o Técnico de Serviço Social a que estão tão habituados e que tiveram, mesmo após as aulas terminarem, nas atividades de férias de verão – o que estamos agora a fazer. Portanto, eu acho que entrarmos, assim, um bocadinho mais tarde é uma desvantagem, no sentido que alguns alunos, se não forem</i></p>	<p>Vínculo laboral precário e instável, por parte dos técnicos que constituem o GAAF.</p> <p>Colocação tardia dos mesmos (outubro), um mês após o início do ano letivo.</p> <p>Retrocesso no acompanhamento de alunos.</p>

		<i>semanalmente acompanhados, nas diversas vertentes, as coisas vão caindo gradualmente.[...] Por vezes, acontece, neste período de interrupção, haver algum retrocesso, que, se fôssemos colocados no início do ano letivo, poderia ser uma barreira que ficasse ultrapassada. E, mesmo na integração de novos alunos, o GAAF poderia dinamizar atividades de início do ano letivo, no sentido de acolhimento dos novos alunos e de integração, que seriam muito benéficas [...]</i>	Ausência no acolhimento e integração de novos alunos.
Reflexão sobre o exercício da profissão	Motivações (In)satisfações Desafios Perfil do bom técnico	<i>“Eu moro um bocadinho longe do local de trabalho e todos os dias, no meu caminho, venho com um sorriso. [...] É mesmo uma grande paixão. Todos os tipos de casos, mesmo os mais difíceis [...] Eu acho que é amor.”</i>	Gosto pela atividade profissional que se exerce.
		<i>“Com a maior parte dos alunos, eu tenho atendimentos semanais e é muito enriquecedor quando o aluno sai com um sorriso, mas também quando conseguimos que, no pátio, na hora do almoço, nos intervalos os alunos nos venham visitar... ou se nos virem no pátio que nos venham dar um abraço.”</i>	Retorno emocional dos alunos.
		<i>“[...] se acompanharmos duas vezes por semana, o trabalho é mais rico e, se calhar, a evolução torna-se muito mais proveitosa. Aqui, face ao número de casos que acompanho e face ao horário de trabalho, não seria possível ter esta minha idealização [...]</i>	Impossibilidade de acompanhar os alunos com mais frequência.
		<i>“Era giro, muito giro que pudéssemos trabalhar o ano inteiro, porque eu acho que conseguiríamos, ao nível da continuidade, fazer um trabalho um bocadinho diferente do que aquele que se faz neste momento, mesmo no início do ano letivo, no sentido da motivação.”</i>	Desejo de trabalhar o ano inteiro.
		<i>“Temos outros alunos que, primeiro que nós consigamos perceber na íntegra o aluno, são necessárias algumas sessões. Há alunos que chegam e conseguem estabelecer facilmente uma relação, há outros em que é um bocadinho mais difícil chegar até ao próprio aluno e é nesses casos que, se calhar, há sempre umas estratégias de gabinete, no sentido de uma maior</i>	Aposta na relação com o aluno como estratégia para o entender/compreender na íntegra.

		<p><i>facilitação, de criar relação com o aluno [...]”</i></p> <p><i>“Eu acho que nós conseguimos uma entrega genuína e verdadeira, no sentido de nos colocarmos, também, no lugar do outro, e não estar só a dar estratégias que nos fazem sentido a nós, mas, depois, podem não fazer sentido ao outro, ao aluno, e podem não fazer sentido à família. E tentarmos fazer um bocadinho o processo inverso, tentar que o aluno colabore e que a família colabore na definição de estratégias. Tento sempre fazer isso, colocar-me no lugar do outro. Peço-lhes sempre opinião. Eu posso ser alguém que apoia, sim, mas tentar sempre que os alunos me digam o que acham de positivo para alterar os próprios comportamentos. E eu acho que tem funcionado bem.”</i></p> <p><i>“[...] criar maior proximidade, no sentido de nos aproximarmos, percebermos, ouvirmos o aluno e, também, no fundo, sermos alguns modelos de referência. Aqui, quando eu digo modelos de referência, se calhar, ao nível do comportamento, da motivação pela escola.”</i></p> <p><i>“Mas, também, criar laços de partilha, acho que é importante.”</i></p> <p><i>“É mesmo assim que eu vejo o GAAF, com o coração. Ao ver o GAAF com o coração, com uma grande paixão, eu chego ao outro muito bem. Se eu visse de outra forma, eu acho que o chegar ao outro, sendo o outro o meu aluno e a pessoa em que eu estou interessada que desenvolva mais competências, podia ser um bocadinho diferente. Eu acho que é mesmo aqui. Para mim, o pilar do meu trabalho é mesmo esta parte da amizade, da partilha [...]”</i></p> <p><i>“[...] tentarmos ser criativos e inovadores, na busca de alguma solução [...]”</i></p> <p><i>“[...] tentarmos aproximar-nos dos alunos, que é o nosso espírito, ser um gabinete de porta aberta, no sentido de os alunos, qualquer aluno da escola poder ter acesso a nós [...]”</i></p>	<p>A capacidade de se colocar no lugar do outro.</p> <p>O técnico enquanto modelo de referência para o aluno.</p> <p>A qualidade de criar laços.</p> <p>A capacidade de ver com o coração.</p> <p>Criatividade e inovação na busca de soluções.</p> <p>Gabinete de porta aberta.</p>
--	--	---	--

<p>O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural</p>	<p>Transformações Sucessos Boas práticas</p>	<p><i>“ [...] um projeto de competências pessoais e sociais [...] com uma turma de quarto ano, para dar competências para que, na entrada para o segundo ciclo, eles conseguissem ser assertivos na regulação dos comportamentos, na relação com o outro, adotar comportamentos mais adequados às situações [...] os alunos adoraram [...] Havia muita participação.”</i></p> <p><i>“ [...] um programa de competências parentais, que decorreu no ano letivo 2013/ 2014, com alguns dos Pais, desde o pré-escolar até ao quarto ano de escolaridade, no sentido de as famílias ficarem mais capacitadas com algumas competências, para, de seguida, conseguirem resultados positivos nos filhos [...]”</i></p> <p><i>“ [...]ao nível emocional, ao nível da relação comigo, eu acho que é muito bom, porque se consegue, a partir destas pequenas estratégias, uma evolução [...]”</i></p> <p><i>“Os Pais, quando nos chegam, a maior parte, é preocupada com a situação daquele aluno e, a maior parte, tem vontade em ajudar, não sabendo como, portanto, sentindo falta de competências, de capacitação para tentar resolver o problema. Eu, aí, costumo, normalmente, pegar um bocadinho ao contrário, porque, está bem, aquele aluno tem dificuldades, tem um problema, mas também muitas capacidades e, se calhar, se conseguirmos valorizar aqui as capacidades que o aluno tem, o aluno passar a ser visto como bom para jogar futebol e, através disso, conseguir, se calhar, algumas regras de grupo, de trabalho em equipa. Podemos tornar essa habilidade, no fundo, essa competência que o aluno tem para outros caminhos. [...] Se nós, a partir daí, conseguirmos ver diferente, não é, é um filho com muitas capacidades, que tem esta dificuldade e que vamos tentar ultrapassar. Tentar aqui dar uma perspetiva positiva e confiança [...]”</i></p> <p><i>“ [...] já aconteceu alunos pedirem para ser acompanhados por nós, sem ser com sinalização do Diretor de Turma, porque o próprio aluno sente necessidade de...”</i></p>	<p>Trabalho de prevenção.</p> <p>Transformações que advêm do fomento da relação.</p> <p>Empoderamento.</p> <p>Alunos sem sinalização que solicitaram acompanhamento.</p>
--	--	--	--



### **A.3.9. PROFESSOR 1 – TITULAR DE TURMA DO 1.º CICLO**

---



## Sinopse da entrevista a Susana, Professora do 1.º Ciclo

Categoria de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/ Análise
Reflexão sobre o exercício da profissão	Motivações (In)satisfações	<p><i>“No tempo que decorre, é muito difícil ser professor. A primeira opinião que eu tenho de professor... É claro que todos os professores tentam dar o seu melhor, eu faço-o da mesma forma, mas o bom professor, neste momento, é muito difícil conseguir sê-lo... Porque as políticas têm mudado a nossa vida e têm sido alteradas com grande frequência, quer as leis, quer o próprio ministério... Tudo gira constantemente sem haver um fio condutor que seguisse a mesma política, para, assim, estarmos um pouco mais orientados na nossa vida de professor. É claro que gosto de dar aulas, é claro que gosto de ser professora, mas já gostei mais.”</i></p> <p><i>“E os programas, em si, também, terem sofrido e estão a sofrer constantemente alterações. Ainda agora o de português foi alterado novamente. Portanto, tudo isso desmotiva.”</i></p> <p><i>“Mas, enfim, vou continuar a ser professora, não é? Porque, neste momento, não se pode escolher muita coisa. Mas suponho que se tivesse outra hipótese – e já ponderei – abandonaria o ensino, pela forma como estão as coisas. Não é fácil, hoje em dia, não é fácil ser professor. Mas tento ser boa professora.”</i></p>	<p>Manifestação de algum desânimo pela profissão docente, atualmente.</p> <p>Constatação de algumas dificuldades que desmotivam o professor, hoje em dia.</p>

Alunos, famílias, escola e comunidade: sujeitos e mediações  
 O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural

	<p>Desafios          Perfil do bom professor</p>	<p><i>“Em relação aos alunos, tive aqui um trabalho que incidiu muito sobre afetos, eu dei muito afeto, muito amor aos alunos e depois, ao longo do tempo, foi recíproco, eles foram dando... Porque eram alunos com alguns comportamentos violentos, eram alunos com várias carências afetivas, de famílias destruídas... Eu tinha um bocadinho de tudo na minha sala, portanto, o meu trabalho – e foi desenvolvido logo no início do ano – não estou a falar só sobre o trabalho desenvolvido ao nível das aprendizagens, mas um bocadinho de afeto. Foi isso, acho, que fez com que houvesse aqui uma alteração [...]”.</i></p>	<p>Caraterização da turma e da prática sociopedagógica exercida ao longo do ano.</p> <p>Constatação de que o afeto/ a relação ajudam a mudar comportamentos.</p>
<p>Representações sobre o GAAF</p>	<p>Caraterização          Articulação          Sinergias</p>	<p><i>“Ora, o GAAF, primeiro, tem duas pessoas fantásticas, o Luís e a Vera, que são pessoas com quem se trabalha muito, muito bem. Depois, qualquer coisa que nós precisemos, professores, eles estão disponíveis, sempre, seja a que horas for. Estão sempre prontos a ajudar e a resolver todas estas problemáticas que existem na escola. Portanto, eles fizeram um papel fantástico com a minha turma, porque desenvolveram um projeto [...]”.</i></p> <p><i>“ [...] a relação que foi criada entre o Luís e a Vera com os alunos também foi uma relação muito boa, porque qualquer problema que eles sintam, os alunos, encontram-se à vontade para irem diretamente ter com eles, contar-lhes as problemáticas e pedir ajuda [...]”</i></p> <p><i>“Toda essa interação existia. Portanto, foi muito bom e muito fácil trabalhar com eles (técnicos do GAAF). Quer a relação alunos, que tinham um à vontade para os procurar sempre que tivessem problemas, quer a própria professora... É uma equipa fantástica.”</i></p>	<p>Reconhecimento das virtudes da equipa que compõe o GAAF.</p> <p>Caraterização da relação cúmplice existente entre os técnicos do GAAF e os alunos e a sinergia entre professora e técnicos.</p>

	Dificuldades Desafios	<p><i>“Foi um trabalho exaustivo, foi, foi um ano muito cansativo, foi, porque foi um trabalho muito, muito, digamos, desgastante, porque não era o trabalho só aqui, na escola... eu ia para casa e tinha de arranjar estratégias para mudar, eu tinha de mudar estes alunos, eu tinha de procurar situações... isto foi a realidade, portanto, eu não vivia só o tempo em que estava aqui, na escola, com os alunos, porque eu ia para casa e dizia “eu tenho de arranjar uma forma para mudar este tipo de comportamento, eu tenho de arranjar uma forma de mudar aquele aluno”... e todas estas estratégias eram, depois, discutidas com o Luís e com a Vera para resolvermos e para ajudarem, para que eu não chegasse ao final do ano tontinha da minha cabeça e para que aguentasse o barco até ao final. Foi difícil, foi. Foi um trabalho muito cansativo, mas no final deu resultados muito bons, porque ficámos todos muito satisfeitos e os meus alunos estão de parabéns por isso.”</i></p>	Reconhecimento das dificuldades inerentes ao exercício da profissão docente e do desafio constante no desenvolvimento de estratégias, onde o GAAF também era auscultado.
O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural	Transformações Sucessos Boas práticas	<p><i>“[...] eu disponibilizava uma hora por semana, na minha aula de formação cívica [...] E, então, eles passaram a dar essa formação, essa horinha. Foi um trabalho fantástico. Elogiei o trabalho deles sempre que eles vinham apresentar, e também à direção. E sugeri que deveria ter sido um projeto ao longo do ano. [...] Este projeto consistiu, na mesma forma, na formação cívica, comportamentos, emoções, tudo o que era formação cívica. Ao fim e ao cabo, a base toda era a formação cívica. E, nesta turma, foi uma mais-valia, porque era uma turma complicada, era uma turma com encarregados de educação complicados, era uma turma com casos especiais, que eles já conheciam há algum tempo. Então, fez todo o sentido que fosse feito na minha turma. Eles (técnicos do GAAF) punham os alunos a trabalhar, faziam grupos, foi um trabalho muito assertivo, porque eles conheciam os alunos, acompanhavam-nos no âmbito das outras problemáticas, de acompanhamento psicológico e social. [...] Foi um projeto de um período, mas que teve... surtiu aqui muito efeito nos comportamentos. Portanto, o GAAF veio ajudar a estas alterações. O mérito também é do GAAF.”</i></p>	Opinião muito favorável relativamente ao trabalho desenvolvido pelo GAAF, com resultados bastante positivos.

Alunos, famílias, escola e comunidade: sujeitos e mediações  
O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural

---

		<p><i>“E houve todo um trabalho do GAAF, em conjunto com a professora, que fez ou que veio surtir efeito no resultado das avaliações, ou seja, sendo esta uma turma com casos complicados, com alunos especiais, foi muito bom o resultado final, porque os exames, o resultado dos exames, a nota que os alunos tiveram foi fantástica. Veio refletir todo o trabalho desenvolvido ao longo do ano, quer com a professora, comigo, quer com o Luís e a Dra. Vera.”</i></p>	<p>Reconhecimento da intervenção do GAAF na melhoria do sucesso escolar.</p>
--	--	---	--

**A.3.10. PROFESSOR 2 – DIRETORA DE TURMA/  
COORDENADORA DO TEIP**

---



## Sinopse da entrevista a Lídia, Professora Coordenadora do TEIP

Categoria de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/ Análise
Reflexão sobre o exercício da profissão	Motivações (In)satisfações Desafios Perfil do bom professor	<p>“ [...] o ponto principal é gostar daquilo que se faz. Porque, se se gostar daquilo que se faz, vai-se investir cada vez mais, vai-se aceitar aqueles desafios às vezes um bocadinho difíceis, vai-se tentar ser sempre melhor... Se não se gostar do que se faz, vai ser muito difícil.”</p>	Motivação para o exercício da profissão: gostar daquilo que se faz.
		<p>“Nós temos bons alunos, mas é uma colheita muito fraca [risos]. De 100, nós arranjamos, se calhar, nem 25 que conseguem atingir aquilo que nós queremos. Quer dizer, eu penso que nem é tanto o chegar muito longe, é cada um chegar onde conseguir, mas ter vontade de lá chegar. E aquilo que se nota é que não têm vontade de chegar. E eu acho que isso é mau, é a desmotivação, a desvalorização.”</p>	Desmotivação – desvalorização da Escola.
		<p>“Nós não somos tratados da mesma forma que éramos há 20 anos ou há 30. Somos desvalorizados diariamente, até mesmo quando há algum concurso de professores, nós vemos que há falta de respeito pelo professor. Quando superiormente não há essa consideração, ou esse respeito por nós, como é que nós podemos querer que a nível local, pessoas para quem a escola não diz nada [...]”</p> <p>“E os alunos, é aquilo que nós temos. Agora, há muito pior do que isto, há, haverá muito melhor, provavelmente, mas aqui fazemos diferença, em meia dúzia de alunos, coisas que, em outras escolas, não fazemos. E eu, aí, sinto-me satisfeita e feliz com isso.”</p>	Motivação: conseguir fazer a diferença.
		<p>“[...] em termos profissionais, ora, continuar a fazer o que tenho feito até agora, com a força, com a vontade e com o gosto que tenho feito[...].”</p>	Desafio: continuar a gostar daquilo que faz.

Alunos, famílias, escola e comunidade: sujeitos e mediações  
 O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural

		<p><i>“[...] queria muito que o TEIP corresse bem, queria que as pessoas estivessem envolvidas e que as coisas, para o próximo ano, fossem melhor, porque, este ano, foi um ano de preparar o projeto [...]”</i></p>	<p>Expetativas para o TEIP.</p>
		<p><i>“ [...] para ser uma boa professora, ou tentar ser, porque eu não quero ser, eu quero tentar sempre ser [...]”</i></p>	<p>Disponibilidade para a mudança, para o aperfeiçoamento profissional.</p>
<p>Representações sobre o GAAF</p>	<p>Caraterização</p>	<p><i>“O GAAF tem um papel muito importante. O Técnico consegue uma ligação com os miúdos muito boa. Mas, atenção, aqui, também é preciso fazer um aparte. O GAAF funciona muito bem (ou muito mal) conforme o empenho das pessoas. Começámos com o bom professor, aqui, é o bom técnico. Bom técnico não quero dizer em termos profissionais, se ele, de facto, tem uma boa formação, se não tem, mas tem de conseguir, em primeiro, cativar os alunos [...] Percebemos, pela maneira de ser [...] Nem um nem o outro precisam que eu os elogie. [...] Eles empenham-se muito, muito. [...] Ninguém é insubstituível, mas nós já temos a experiência de outros psicólogos e não vou acusar ninguém, mas vou dizer que é a primeira que faz um trabalho impecável. Pronto, acho que tem de ser dito. O Técnico de Serviço Social [...] tem uma grande capacidade de lidar com miúdos e com jovens. Ele tem uma maneira de cativar os alunos, de os levar a fazer aquilo... muito, muito bom relacionamento [...] Têm as caraterísticas próprias para o local e para as tarefas que têm de desempenhar.”</i></p> <p><i>“São pessoas muito discretas, mas, depois, muito meigas, que fazem com que, mesmo nós (professores), quando estamos a falar com eles, estejamos à vontade.”</i></p> <p><i>“Há outra coisa muito importante, que é o conhecimento da realidade, do meio. Neste caso, no primeiro ano em que a Psicóloga aqui esteve – não estou a falar do Técnico, porque ele já é de cá, já conhece as famílias, conhece o ambiente e sabe que aquela fábrica fechou e que aquelas pessoas</i></p>	<p>Reflexão sobre a importância do perfil dos técnicos do GAAF e do seu empenho para a obtenção de resultados positivos.</p> <p>Qualidades dos técnicos do GAAF.</p> <p>Constatação da importância do conhecimento da realidade, do contexto.</p>

		<p><i>estão no desemprego, sabe que aconteceu isto, sabe que aconteceu aquilo e isso é muito importante – a Psicóloga não conhecia, mas adaptou-se muito bem, lá está, devido às suas próprias características, ela também quis conhecer, também quis saber. Via-se situações em que ela ‘ah, eu não imaginava que isto pudesse acontecer’, ‘ai, eu fiquei parva com isto’. Uma pessoa fica, fica. Eu, no primeiro ano que vim para cá, pensei escrever um livro, com aquilo que me estava a acontecer. É surreal, nunca imaginei que pudesse ser possível. É isso que faz com que, cada vez mais, se possa trabalhar melhor, porque se conhece o meio.”</i></p> <p><i>“[...]são pessoas com quem se conversa muito bem, estão disponíveis [...]”</i></p>	Reconhecimento da disponibilidade dos técnicos do GAAF.
	Articulação	<p><i>“Cada um [professor e técnico] vai fazendo o seu trabalho. A certa altura, nós vamos reunindo, conversando, muitas vezes, de uma forma informal, porque nos encontramos e temos facilidade nisso. E lá está, com a boa vontade – e não estou a dizer que seja só minha, também deles, principalmente deles, porque o Técnico de Serviço Social está aqui a meio tempo e ele, do seu meio tempo livre, ele depois ocupa aqui a falar connosco, e porque já o conheço, porque já tivemos outras ligações em termos de trabalho – acabamos por conversar ‘então, como é que vai fulano?’, ‘olha, aconteceu isto, aconteceu aquilo’ e estamos, praticamente, em cima do acontecimento. Eu nem sei se pai e mãe conseguem falar tanto como na escola nós fazemos. Às vezes, tenho essas dúvidas.”</i></p>	Facilidade na articulação com os técnicos do GAAF.
	Sinergias	<p><i>“Depois chega a um ponto, que acho que aí é que é importante, em que chegamos a reunir juntos com o encarregado de educação. Já não há ali barreira nenhuma, há aquela situação em que, tanto ele como eu estamos por dentro e a encarregado de educação se sente à vontade para falar tanto com um, como com o outro. Eu acho que isto é interessante.”</i></p> <p><i>“[...]é uma ajuda que nós temos, os diretores de turma, temos essa ajuda, essa tal ligação [...]”</i></p>	Reconhecimento da mais-valia da realização de reuniões conjuntas, entre diretora de turma, encarregado de educação e técnicos do GAAF.

	Dificuldades	<p><i>“O Técnico de Serviço Social a tempo inteiro era ótimo! Há coisas que o Técnico poderia fazer, também, se tivesse mais horas. Mas, pronto, se conseguirmos continuar com isto, já não é mau.”</i></p> <p><i>“[A principal diferença deste contexto reside] na falta de valorização do ensino.”</i></p>	Idealização da presença, a tempo inteiro, do Técnico de Serviço Social, no Agrupamento.
O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural	Transformações Sucessos Boas práticas	<p><i>“Cada vez mais aquilo que notamos é a falta de empenho das famílias, relativamente aos filhos, e o GAAF tem tido esse papel, que é ajudar-nos, porque não é o professor, porque não está no conselho de turma, porque não está a avaliar o aluno.”</i></p> <p><i>“Eu tenho um caso de um aluno acompanhado pelo Técnico que precisa dessa figura masculina que ele não tem, não encontra no padrasto. E o Técnico tem feito um trabalho excelente com esse aluno, já é o segundo ano que está com ele. [...] Este aluno tinha ficado retido o ano passado e este ano conseguiu transitar, mas muito dificilmente ele teria conseguido se não tivesse tido esta ajuda. O miúdo tem aqueles problemas todos e consegue superar alguns desses problemas precisamente pelo GAAF.”</i></p> <p><i>“Socialmente, há muitas falhas [...] O importante seria aquilo que o GAAF também faz muito, que é tentar que os pais... não é ensiná-los a ser pais, mas dar-lhes aquelas dicas que ninguém lhes deu e que eles nunca receberam até agora. Eles fazem o acompanhamento dos pais. Não têm tido muito sucesso, a Psicóloga não sentiu muito a abertura da parte dos pais para fazer grandes reuniões com muitos pais. Eu penso que é mais individualmente, de falar com eles, tentar dar os tais bons conselhos. Eu sei isso por uma Encarregada de Educação da minha turma, em que a Psicóloga tem tido um papel muito importante – ‘como é que deve fazer’, ‘olhe, tem de tomar esta medicação’”. Ela própria tem tido essa preocupação com outros alunos. É aqui que tomam a medicação, porque, em casa, não há um ambiente para isso. Isto parece que é mentira, que é</i></p>	<p>Crítica à falta de acompanhamento/ de empenho por parte de algumas famílias, lacuna onde o GAAF intervém diretamente.</p> <p>Reconhecimento de casos de sucesso (alunos e famílias acompanhados pelo GAAF).</p>

		<p><i>surreal, mas não é. É a realidade que nós temos”.</i></p> <p><i>“Portanto, é um bom recurso. O GAAF é ótimo! Neste momento, podemos dizer a cem por cento que sem eles, alguns alunos – nem que seja só um – mas alguns alunos não teriam chegado onde chegaram.”</i></p>	<p>Constatação da importância do GAAF na obtenção de resultados positivos.</p>
--	--	---	--



**A.3.11. PROFESSOR 3 – COORDENADORA DO ENSINO  
ESPECIAL**

---



## Sinopse da entrevista a Manuela, Professora Coordenadora do Ensino Especial

Categoria de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/ Análise
Reflexão sobre o exercício da profissão	Motivações (In)satisfações Desafios Perfil do bom professor	<i>“ [...] os meninos, à partida, eles precisam de estar incluídos na escola, todos, tenham dificuldade ou não. A inclusão é para todos, não é só para os meninos diferentes, com necessidades educativas especiais. Nem se devia pôr essa questão.”</i>	Inferência sobre a inclusão.
		<i>“O que eu noto é que essas questões, que foram debatidas há 20 anos, [...] andaram muito para trás, eu penso que por pressão das metas curriculares, da pressão que os professores têm que uma criança diferente exija uma intervenção diferenciada, destabiliza uma turma e provoca... é assim, para um professor, realmente, isso cria um constrangimento muito grande à inclusão. E a tentativa de arranjar respostas diferentes, nem sempre a caminho da inclusão, não... “é tentar que me solucionem esse problema aí, que eu preciso de trabalhar com estes 20 aqui”, ou seja, em vez de se trabalhar a inclusão, a pressão é tão grande em cima dos professores, em geral – em nós também – que em vez de se estar a incluir, está-se a “emburrir”[...]”.</i>	Críticas à pressão que os professores, em geral, sentem, relativamente à inclusão.
		<i>“E as crianças, todas têm um ritmo. Há crianças que entram sem problema nenhum e, ao fim do segundo ano, são deficientes. Só porque não se deu o tempo. E a única coisa que lhes temos de dar é tempo. Nem toda a gente tem o mesmo comprimento de perna, nem toda a gente calça o mesmo número de sapato... os caminhos são diferentes, uns vêm, têm de dar a volta ao bairro, os outros é só atravessar a estrada... e é uma dor muito grande, porque acho que há crianças que, realmente, têm dificuldades ao nível da estrutura e as outras só têm a infelicidade de ter muitos constrangimentos e muita pedra no caminho. Há umas que apanham professores compreensivos e há outras que apanham professores angustiados e nem sempre... às vezes,</i>	Reflexão sobre a(s) diferença(s) de todas as crianças e sobre a necessidade de se dar o tempo certo e devido a cada uma.

Alunos, famílias, escola e comunidade: sujeitos e mediações  
 O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural

		<p><i>o problema da criança, que era temporário, e era um pormenor, uma atenção e era tempo, torna-se num bloqueio, numa dificuldade enorme e num atraso para a sua vida. É uma dor, pronto... é muito angustiante. Para quem gosta do que faz e para quem gosta de estar na educação, acho que, neste momento, a educação deu um passo atrás muito grande.”</i></p> <p><i>“ [...] é tentarmos, com o pouco que temos, encontrar as respostas”</i></p>	Desafio na educação especial.
Representações sobre o GAAF	Caraterização	<p><i>“O GAAF vem tirar um peso muito importante à educação especial. Havendo outro tipo de resposta, e o facto de não haver tanta sinalização para a educação especial, tem a ver, também, com a implementação, aqui, desse Gabinete.”</i></p>	Constatação da importância do GAAF para a não sobrelotação da educação especial.
	Articulação	<p><i>“Mas o que é facto é que isto, como as paredes não são assim tão duras, e uma escola tem de ser mesmo flexível e se não trabalharmos todos em articulação, não vale a pena, não vale a pena ter um GAAF a funcionar muito bem, a educação especial a trabalhar muito bem, porque o que é que acontece? É que muitos dos meninos que são atendidos pelo GAAF também têm irmãos que estão na educação especial, as famílias são as mesmas. Nós temos, mesmo, de articular, até para definir estratégias, para trocar informações, para já, para rentabilizar recursos, porque não andamos uns a perguntar coisas para um lado e outros a trabalhar para o outro. Temos, mesmo, é de articular e isso acho que funciona muito bem, desde o início.”</i></p>	Fundamentação para uma articulação com o GAAF, quase de necessidade obrigatória.
	Sinergias	<p><i>“A vinda de técnicos foi excelente. Acho que trabalham que nem alminhas, coitados, são muito castigadas, mas fazem um trabalho excelente.”</i></p>	Reconhecimento do valor dos técnicos do GAAF e da excelência do seu trabalho.

	<p>Dificuldades Desafios</p>	<p><i>“ [um técnico de serviço social] a meio tempo, é pena, porque os constrangimentos sociais são mais que muitos”</i></p>	<p>Constatação da necessidade de o técnico de serviço social ter um horário mais alargado.</p>
--	----------------------------------	--	--



### **A.3.12. DIRETOR DO AGRUPAMENTO**

---



## Sinopse da entrevista a Raúl, Diretor do Agrupamento

Categoria de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/ Análise
Reflexão sobre o exercício da profissão	Motivações (In)satisfações Desafios Perfil do bom professor	<p><i>“É um Agrupamento que eu considero grande, não é bastante grande, não é um mega-agrupamento, mas é um agrupamento grande, porque tem várias escolas do 1.º ciclo e também algumas escolas, algumas salas de pré-escolar, além da escola sede, da escola básica, são muitas turmas, são muitos alunos, são muitos professores, são muitos funcionários para gerir e eu costumo dizer que o mais fácil de gerir são os alunos. O mais difícil de gerir são os adultos. Isto não é desfazer do trabalho, mas é um pouco difícil trabalhar em equipa, porque nem sempre agradamos às pessoas, apesar de as pessoas nos verem como alguém que tem de resolver todos os problemas e existem muitos problemas que não deveriam passar por mim.”</i></p>	<p>Caraterização do Agrupamento.</p> <p>Reflexão sobre a dificuldade de gerir, sobretudo, os adultos.</p>
		<p><i>“Durante algum tempo, tive alguma dificuldade em que as pessoas todas falassem a mesma linguagem, entre aspas, devido ao projeto TEIP, porque, com o projeto TEIP, todos temos de caminhar no mesmo sentido e não foi fácil sensibilizar as pessoas que todos têm de ter as mesmas atitudes.”</i></p>	<p>Reconhecimento da dificuldade que houve em sensibilizar as pessoas para o projeto TEIP.</p>
		<p><i>“[...] a primeira reação é nós dizermos que não a uma novidade, mas, depois, aos poucos, vai-se vendo, porque realmente, se todos caminarmos no mesmo sentido, as dificuldades vão sendo superadas e quem realmente concorda ou concordou com o projeto acabou por influenciar os outros e nisto temos de ter pessoas que têm de ter a capacidade de mobilizar os outros. E, nesse aspeto, as duas pessoas responsáveis pelo programa TEIP, fazem-no muito bem [...]”</i></p> <p><i>“[...] eu acho que é uma escola em que há, como em todas as escolas, situações de indisciplina, mas nada de grave, no sentido de dizer que isto é uma escola muito problemática. Não. E as pessoas acabam muito por associar as escolas que estão ligadas ao TEIP, aos territórios de</i></p>	<p>Constatação de que as dificuldades se superam quando todos caminham no mesmo sentido.</p> <p>Perdura alguma estigmatização, por</p>

		<p><i>intervenção prioritária, como sendo escolas muito problemáticas [...]”</i></p> <p><i>“[...] o resultado dos alunos é um ponto fraco, que eu ambicionava alterar. O problema que se passa aqui é que eu acho que, independentemente dos diretores de turma e de todos os professores tentarem sensibilizar que a educação de casa é muito importante, é fundamental, hoje em dia, os pais procuram-nos a nós, escola, para que sejamos nós a resolver os problemas que têm em casa.”</i></p> <p><i>“Hoje em dia, preocupo-me muito com os alunos da minha escola. Estou, tento estar sempre atento nas falhas que algumas famílias têm [...] um acompanhamento mais próximo, as falhas que eu acho que o próprio país está a provocar... as pessoas... o desemprego acarreta imensos problemas e um deles é a falta de dinheiro. Havendo falta de dinheiro, não há alimentação capaz e nós sentimos que, realmente, a escola, aqui, tem um papel fundamental na superação destas situações, portanto, se os pais não têm, eu tenho obrigação de dar. Felizmente, os meus superiores nunca me questionaram o número de refeições que eu dou, porque, além de dar muitas refeições a alunos que têm escalão A, dou suplementos alimentares a alunos que não têm escalão. Mas eu sei que, devido às vicissitudes da vida, os pais encontram-se em situações monetárias muito complicadas.”</i></p> <p><i>“[Na questão da indisciplina] vivemos em constantes tentativas. Então, descobri que, falando e tornando os miúdos conscientes dos atos que cometem, a coisa começou a funcionar. Claro que, com alguns, só funciona levantando a voz, mas, com a maioria, o facto de recriminá-los, mas, ao mesmo tempo, valorizá-los, funciona. Porque é assim, eu não tenho o direito de estar a levantar a voz a ninguém, assim como eles não têm o direito de estarem a provocar desacetos dentro da sala de aula. Mas, é assim, para tudo há uma justificação.”</i></p> <p><i>“Tento ser, no bom sentido, um pai controlador, porque eu acho que os pais têm de ser controladores, os pais têm de saber dar e os pais têm de</i></p>	<p>parte da população, em geral, relativamente aos TEIP.</p> <p>Desafio de melhorar os resultados dos alunos.</p> <p>Preocupação com as falhas de algumas famílias, atualmente.</p> <p>Constatação de que o reforço positivo e o elogio, a par da recriminação, resultam de uma forma mais satisfatória na questão da indisciplina.</p>
--	--	--	---

		<p><i>saber exigir, porque eu acho que, infelizmente, uma parte dos pais de hoje só sabe dar, não sabe exigir e, depois, causa-se aqui situações muito complicadas de gerir. Por exemplo, quando estamos a dar uma aula, o aluno voltar-se para o professor e dizer ‘o meu pai não manda, quanto mais você’. E isto é aquilo que eu disse logo no início, o exemplo tem de vir de casa. Hoje em dia, infelizmente, a escola substitui os pais. Eu até percebo que os alunos passam a maior parte do dia connosco, mas existem regras que só competem aos pais darem, não é? Isto é como falar, como ensinar a comer. Portanto, estas coisas aprendem-se e nascem no seio familiar [...]”</i></p> <p><i>“A minha gestão é de porta aberta, independentemente de nos últimos tempos a porta ter estado fechada, porque o trabalho tem sido muito e, para o resolver, tenho de ter momentos de tranquilidade. Mas eu nunca utilizei uma agenda para receber um encarregado de educação. Ele vem à escola, manifesta algum desagrado ou algum agrado, perguntam-me, da portaria, se o posso receber e, só mesmo em último caso, é que a pessoa se vai embora sem a ouvir, porque as pessoas têm de ser ouvidas. E eu acredito que o facto de já ter ouvido tantos encarregados de educação, acabei por apaziguar muitas situações.”</i></p>	<p>Reconhecimento de lacunas ao nível da educação, por parte de algumas famílias.</p> <p>Gestão de “porta aberta”, de respeito pelo que o outro tem a dizer.</p>
Representações sobre o GAAF	Caraterização	<p><i>“[...] o GAAF surge também com o projeto TEIP, porque, felizmente, nós temos pessoas, que nos supervisionam, com sensibilidades para estas questões [...]”</i></p> <p><i>“O gabinete surge, porque, quando nós fizemos a proposta dos técnicos, assim como dos professores que pretendíamos requerer, através desse projeto – tínhamos direito, são mais-valias – surge o pedido de um horário completo para um psicólogo e de meio horário para um técnico de serviço social.”</i></p> <p><i>“As pessoas sabem que, para resolver certo tipo de assuntos, nas escolas, têm de existir psicólogos, têm de existir técnicos sociais, entre outros, porque os professores não têm a capacidade para dar resposta a problemas que nos surgem, no dia a dia. Eu não posso exigir do professor que seja um</i></p>	<p>Nascimento do GAAF.</p> <p>Reconhecimento da importância da existência de psicólogos e técnicos sociais nas escolas.</p>

		<p><i>técnico social ou um grande psicólogo. Eu exijo do professor que seja um bom professor.”</i></p> <p><i>“Tenho a sorte de os técnicos cá colocados se completarem um ao outro. Isto, porquê? Porque são pessoas extremamente dinâmicas, são pessoas com uma sensibilidade incrível, são pessoas com que qualquer pessoa trabalha muito bem e, depois, têm uma coisa muito boa, é que são pessoas extremamente responsáveis e são pessoas com muita tarimba, ou seja, já vivenciaram muitas coisas e isso, parecendo que não, acaba por torná-los muito bons no que fazem. Portanto, são pessoas que estão diariamente, constantemente, a darem-me feedback do trabalho que fazem, não fazem nada sem eu ter conhecimento. São pessoas muito leais. São pessoas que, quando eu partilho com eles alguma situação de algum aluno, automaticamente, tratam de resolvê-la. São pessoas que, durante as horas deles, as horas vagas, as horas pessoais, se deslocam a Lisboa, acompanham alunos [...]”</i></p> <p><i>“[...] se fossem pessoas de gabinete e de agenda, diziam-me, chegavam ao pé de mim e diziam-me – ‘olhe, Professor, eu hoje já avaliei cinco e chega’. E estas pessoas nunca me disseram isso e eu sinto que, realmente, são pessoas que, em vários momentos do ano letivo estão muito sobrecarregadas de trabalho, mas nunca me disseram – ‘eu estou cansado, eu tenho alunos a mais’ – porque eles tentam dar resposta, claro que estabelecem prioridades, articulamos, articulamos bastante, existem muitos feedbacks do trabalho que fazem e uma coisa muito positiva é que mesmo as outras instituições exteriores com quem eles trabalham, a imagem que me dão é que são dois belíssimos técnicos, quer pela postura, quer pela capacidade de resolução de problemas, porque eles resolvem problemas, eles não empatam problemas, eles não dizem ‘eu vou pensar’, eles dizem ‘eu vou fazer’ e fazem. Eles sabem quais são as minhas preocupações e essas também são as preocupações deles. E, quando não vêm, agarram no telefone, ligam-me ou mandam uma mensagem para o telemóvel, ou mandam uma mensagem no facebook, alertam-me, dão-me os tais ‘clicar de</i></p>	<p>Caraterização das competências pessoais e profissionais dos técnicos do GAAP.</p>
--	--	--	--

		<i>dedos' no sentido 'fique desperto, que isto está a acontecer, mas nós vamos resolver'.</i>	
	Articulação Sinergias Dificuldades Desafios	<p><i>"[...] a maior parte da nossa população vem de bairros desfavorecidos e as questões sociais, aqui, são muito, muito fortes. Felizmente que existem instituições como a CPCJ, com quem estamos de mãos dadas. Sempre que existe alguma situação, ou da nossa parte ou da parte deles, basta um telefonema, para os telemóveis particulares, porque, para resolver problemas sociais, eu não posso estar ali com ofícios, com nada formal, tem de ser resolvido, tem de ser mesmo."</i></p> <p><i>"Depois, existe, também, aqui, uma grande cumplicidade entre todos nós e um certo reconhecimento por aquilo que fazemos, porque, realmente, nós só conseguimos alterar estes hábitos todos, se estivermos todos juntos."</i></p> <p><i>"Existem questões sociais e problemas relacionados com a individualidade de cada aluno e isso preocupa-me e a isso tem de ser dada uma resposta. E os professores também têm plena consciência disso. Claro que aparece sempre alguma referência menos certa, mas mesmo aquela em que não se justifica a intervenção dos técnicos, é sempre tida em conta e é avaliado quer o aluno, quer a família."</i></p> <p><i>"[...] isto [processo de recrutamento das equipas do GAAF] deveria ser como o projeto TEIP, um trabalho com continuidade e, desde que as pessoas tenham um bom percurso profissional e que, realmente, sejam bons, não deveria ter de estar a submeter candidaturas, a fazer entrevistas, a validar, porque, se eu estou satisfeito, por que não continuar?"</i></p>	<p>Constatação da facilidade na articulação com parceiros do Agrupamento.</p> <p>Ausência de formalidades no tratamento de questões sociais.</p> <p>Reconhecimento das mais-valias do trabalho em parceria.</p> <p>Constatação de que qualquer situação referenciada ao GAAF é sempre tida em conta pelos técnicos.</p> <p>Reconhecimento de que o processo de recrutamento das equipas do GAAF dificulta o trabalho de continuidade que se propõe inicialmente.</p>

Alunos, famílias, escola e comunidade: sujeitos e mediações  
O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural

---

<p>O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural</p>	<p>Transformações Sucessos Boas práticas</p>	<p><i>“Portanto, é uma equipa que funciona muito bem.”</i></p> <p><i>“Eu acho que tenho a sorte de ter uma equipa magnífica, que faz com que a escola seja, até mesmo projetada para o exterior, no sentido de ser uma escola que se preocupa com os outros [...]”</i></p>	<p>Reconhecimento pelo trabalho desenvolvido pelo GAAF.</p>
--	--	--	---

### **A.3.13. PRESIDENTE DA CPCJ**

---



## Sinopse da entrevista a Leonor, Presidente da CPCJ

Categoria de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/ Análise
Apresentação da instituição	Caraterização	<p><i>“A minha intervenção passa por uma intervenção que, muitas vezes, é no sentido de balizar a questão que está aqui à volta da criança e do jovem e, ao mesmo tempo, trabalhar com o próprio sistema educativo. Porque, muitas vezes, aquilo está de tal forma fechado que a única coisa que a gente vê é ‘alguém que teve maus comportamentos, ponto’ [...]”</i></p>	Apresentação do papel da CPCJ como facilitador.
Representações sobre o GAAF	Caraterização	<p><i>“ [...] nós fazemos disto, de acordo com os objetivos gerais, aquilo que nós entendemos: ou burocratizamos ou somos, aqui, uns facilitadores, não no sentido do facilitismo, mas facilitadores no sentido de sermos pessoas promotoras do próprio desenvolvimento destas crianças e destas famílias, porque há muito trabalho a fazer na ligação com a família.”</i></p> <p><i>“Isto são questões que seriam importantes também fazer refletir... Qual é a vantagem do Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família, em que é que pode ser rentabilizado, como é que pode ser integrado no sistema educativo, na comunidade educativa, que, no fundo, abarca todos, desde alunos, professores e escola, desde a família e os próprios parceiros sociais.”</i></p> <p><i>“Acho que o facto de, neste momento, no Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família [...] mantermos uma pessoa que já está aqui há algum tempo, a quem depois se juntou outra pessoa que já está cá há muitos anos, que é de cá [...], tem uma intervenção social em várias dimensões, passando por vários palcos e conhece muito bem tudo isto, é uma mais-valia, sem dúvida nenhuma.”</i></p>	<p>O GAAF como facilitador.</p> <p>Reflexão sobre a vantagem do GAAF.</p>
	Articulação	<p><i>“ [...] há aqui um trabalho muito articulado e isto tem resultados.”</i></p>	A articulação gera resultados positivos.

	Sinergias	<p><i>“ [...] aumentarmos a relação, aumentarmos a confiança, criarmos formas de nós intervirmos em conjunto, deixarmo-nos de poderes institucionais [...]”</i></p>	A fomentação do trabalho em rede.
	Dificuldades	<p><i>“E o problema é que, normalmente, concetualmente, as pessoas consideram que a educação é educação, o social é o social e esta questão tem de estar devidamente articulada.”</i></p> <p><i>“ [...] o facto de, para o ano, voltarmos a concurso, para o ano vermos como é que as coisas vão ser, naturalmente, que é determinante a escolha da escola, mas são questões de uma certa precaridade, também, de trabalho.”</i></p> <p><i>“ [...] se calhar, não há tempo útil, não há uma integração dos territórios TEIP e dos GAAF, para que as pessoas percebam a vantagem que isto tem e como é que nós vamos integrar no sistema. Porque isto precisa de crescimento.”</i></p>	<p>Crítica a uma certa precariedade ao nível do concurso anual a que os técnicos do GAAF têm de se submeter, comprometendo a continuidade dos mesmos.</p> <p>Falta integração dos TEIP e dos GAAF na comunidade, para que as pessoas percebam as suas vantagens.</p>
	Desafios	<p><i>“ [...] se trabalharmos todos em conjunto, porque a criança é aluno, é filho, é intervencionado pelo Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família, é intervencionado, se for preciso, por um outro conjunto de elementos, mas ela é a mesma, não pode ser a soma das partes, mas sim alguém que precisa desta visão global.”</i></p> <p><i>“Mas é assim, eu vejo a precaridade, às vezes, como uma coisa boa, porque permite que as pessoas tenham algum poder sobre si e de condução, às vezes, da própria vida. Porque nós, às vezes, quando estamos comodinhos num sítio, está tudo bem, vai tudo correr muito bem, não temos uma atitude empreendedora... ninguém nos exige, ninguém nos pede, às vezes, até nos cansa o juízo... para que é que eu me hei de estar a chatear... eu vou fazer o meu trabalhinho e ponto final. Não tenho aqui uma atitude empreendedora e de inovação. E não é possível fazer uma boa</i></p>	<p>Desafio ao trabalho em conjunto.</p> <p>Desafio ao rompimento com a comodidade. Incitação à atitude empreendedora e de inovação.</p>

		<p><i>intervenção sem estas duas vertentes: empreendedorismo e intervenção. Isso, sem dúvida nenhuma, tem de haver.”</i></p> <p><i>“[...] [falta] a disponibilidade para as pessoas sentirem que têm de se colocar no lugar do outro. [...] Quando nós temos alguém pela nossa frente que tem algumas dificuldades, se eu me colocar no lugar dele, eu vou percebê-lo um bocadinho melhor, vou perceber porque é que ele tem dificuldades e, aí, vou tentar arranjar soluções para que se resolvam as necessidades que ele tem. E aí, eu socorro-me dos recursos que tenho à minha volta. E aí, estamos todos no mesmo barco, porque todos nós seremos parceiros da ação.”</i></p> <p><i>“As políticas, muitas vezes, são seguidas, em termos de assistencialismo, sem analisar o global, sem objetividade, sem esta capacidade de criarmos outros mecanismos. Por exemplo, na questão da educação, não pode haver absentismo escolar, não pode haver abandono escolar. Não é facilitarmos o processo, [...] mas, não se retirando aquilo que tem de ser o seu papel de escola, que também tem de ter uma atitude de autoridade, com certeza, para não ser desvalorizada, mas que se sirva de outros meios, que não se desautorizando, possa ter aqui alguém que não é menos, que não está no patamar de baixo, que está exatamente ao mesmo nível, mas que pode ter aqui um papel diferente.”</i></p> <p><i>“[...] quando a Escola está no limite da relação com um aluno [...] se não se consegue recuperar a relação, não vale a pena [...] O outro não tem de ser facilitista, mas tem de ser facilitador. Isso é outra coisa. E, portanto, se a gente, no primeiro passo, deita tudo a perder, não vamos lá [...]”</i></p>	<p>Necessidade de nos colocarmos no lugar do outro.</p> <p>Abertura da Escola a outros atores.</p> <p>A aposta na relação como base para a recuperação de um aluno.</p>
--	--	---	---



### **A.3.14. ENFERMEIRA COORDENADORA DA UCC**

---



## Sinopse da entrevista a Fátima, Coordenadora da UCC

Categoria de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/ Análise
Apresentação da instituição	Caraterização	<p>“[...] já me ouviu aos 14, aos 13, aos 12, com esta linguagem na escola. Portanto, esta jovem não tem qualquer prurido em vir ter comigo e dizer-me “Ó Enfermeira, preciso de não sei quê”, porque esta relação está construída. E é isto que eu acho que é importante.”</p> <p>“E a nossa UCC é bebé, também, tem só quatro anos e eu acho que ainda vai dar muitos frutos bons daqui para a frente. Não tem sido fácil este trabalho de semear, já começámos a colher, mas ainda temos muito para colher.”</p>	Trabalho de proximidade, de aposta na relação.
Representações sobre o GAAF	Caraterização	“[...] é um trabalho, na minha opinião, também, bastante interessante, um trabalho muito de proximidade com a família [...]”	A importância do trabalho do GAAF: proximidade com a família.
	Articulação	<p>“[...] faço a articulação, também, com o Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família [...]”</p> <p>“[...] mesmo com os técnicos do GAAF acaba por ser muito a articulação por e-mail.”</p>	Articulação com o GAAF sempre que necessário.
	Sinergias	<p>“Já tem sido, às vezes, necessário reunirmos, em conjunto, com a família e eu acho que é uma mais-valia, isto para quê? Para que a família perceba que os técnicos falam todos a mesma língua, estão todos do mesmo lado, não é ir ao gabinete, falarem com o educador social um assunto, depois, falarem com a enfermeira e é um bocadinho diferente. Se estivermos todos juntos, falamos todos a mesma língua.”</p> <p>“Eu penso que este trabalho tem sido importante, no sentido de me sinalizarem algumas situações que necessitam de vir à saúde, de ir à consulta, de se referenciar para consulta de especialidade e, depois,</p>	A vantagem de todos os técnicos falarem a mesma língua.

Alunos, famílias, escola e comunidade: sujeitos e mediações  
 O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural

		<p><i>também, o retorno da própria consulta, tanto para mim, como para o GAAF e monitorizar um bocadinho esta situação, porque há questões, também, da área mais social, à qual eu poderei ter mais dificuldade em dar resposta, depois, o técnico da escola consegue, há questões na área da psicologia e da psicopedagogia, em que também não sou eu que vou intervir com a criança e que faz sentido ser a psicóloga da escola.”</i></p>	<p>Valorização do trabalho em parceria com o GAAF.</p>
	<p>Dificuldades Desafios</p>	<p><i>“A comunicação entre mim e os técnicos, às vezes, não é tão fácil como poderia ser ou como seria desejável, porque há constrangimentos de tempo, é essencialmente isso.”</i></p> <p><i>“Espero que estes gabinetes se possam manter com os técnicos. Todos os anos, no fim do ano letivo, ficamos sempre com a interrogação “será que para o ano vamos ou não dar continuidade a este trabalho”. Na minha opinião, fazia sentido dar continuidade e com os mesmos técnicos, porque conhecem os casos, conhecem as situações e nós vamos construindo um trabalho de proximidade com as pessoas é diferente eu agarrar no telefone e falar com uma pessoa com quem já falei, já articulei “n” de coisas o ano passado, que já conhece aquela situação, do que uma pessoa de novo, que vai ter de se integrar na família, na criança, nos problemas, na escola, com tudo... Até para os técnicos isto é difícil. Um trabalho de continuidade é sempre uma mais-valia [...]”.</i></p>	<p>Constrangimentos de tempo dificultam a comunicação.</p> <p>Esperança na continuidade dos GAAF com a mesma equipa técnica.</p>

### **A.3.15. COORDENADORA DO PROJETO “ESCOLHAS”**

---



## Sinopse da entrevista a Alexandra, Coordenadora de um Projeto do Programa Escolhas

Categoria de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/ Análise
Apresentação da instituição/ do projeto	Caraterização Pontos Fortes Oportunidades Pontos Fracos Ameaças Desafios	<p><i>“Aquilo que nós pretendemos é, de alguma forma, abrir horizontes dos nossos jovens, que são jovens de contextos mais vulneráveis, a nível económico, a nível social, a nível cultural. São jovens que têm algumas dificuldades, não só ao nível da integração social no seu contexto, mas também, ao nível escolar. São jovens com percursos de insucesso repetidos, com também algumas histórias familiares não muito felizes e que encontram aqui, ou que nós pretendemos que eles encontrem aqui modelos um bocadinho diferentes, que possam, de alguma forma, melhorar as suas competências, para, depois, no futuro, se integrarem, se inserirem no mundo que os rodeia.”</i></p> <p><i>“Não pretendemos substituir nem as famílias nem a escola, pretendemos ser aqui um apoio, um colo, para que estes jovens possam, eles próprios, encontrar o seu caminho. Sucessos, alguns [suspiro]... insucessos, também alguns [risos]... Por isso, nem sempre é um trabalho fácil, porque não é uma missão fácil [...]”</i></p> <p><i>“[...]necessidade de algumas evidências, de alguns resultados evidentes... o que nem sempre é fácil tornar isso visível, não só para os financiadores, como para a comunidade, como para os próprios jovens... e, por isso mesmo, é um trabalho que só pode ser feito em parceria.”</i></p> <p><i>“Nem sempre conseguimos, não só por incapacidade da nossa parte, porque somos pessoas, porque não fazemos sempre tudo bem, mas também porque, às vezes, não é fácil entrar na vida das pessoas e fazer com que sintam esta necessidade de mudar. Eu imagino alguém, fora do meu contexto, a dizer que eu tenho de mudar alguma coisa [risos] Não é fácil</i></p>	<p>Acompanhamento de jovens provenientes de contextos mais vulneráveis, no âmbito do seu percurso educativo, cívico e social.</p> <p>Reconhecimento da dificuldade da missão.</p>

		<p><i>nem mudar nem entender que é necessário a mudança e eu acho que o nosso trabalho é um bocadinho este, é fazer sentir a necessidade da mudança.”</i></p>	
<p>Representações sobre o GAAF</p>	<p>Caraterização                  Articulação                  Sinergias                  Dificuldades                  Desafios</p>	<p><i>“Eu acho que o nosso papel, tal como é o papel do GAAF, é a facilitação da relação, porque é aqui que [...] acaba por crescer tudo o resto [...]”.</i></p> <p><i>“Com o GAAF tem sido uma articulação muito próxima e muito presente, o que para nós, que estamos fora da escola, é muito importante, porque as escolas não são contextos muito fáceis de entrar e o GAAF acaba por ser aqui um ponto de interação, porque em termos de missão e de objetivos, temos muitas coisas em comum. Só que o GAAF faz parte da escola e nós temos uma intervenção mais de base comunitária. E eu acho que esta sinergia, esta ligação entre a escola e a comunidade, acaba por ser aqui o ponto nevrálgico da nossa ligação. E temos tido uma boa ligação com os técnicos que trabalham no GAAF, porque o nosso objetivo é de promover o sucesso escolar, se calhar, de uma forma mais abrangente, não só do aproveitamento escolar, mas acabamos por trabalhar muito em conjunto.”</i></p> <p><i>“Temos feito, também, no âmbito da mediação escolar, alguns atendimentos conjuntos, connosco, com o diretor de turma, com o técnico do GAAF, onde conversamos um pouco sobre a situação, porque, muitas vezes, também, o jovem é o ‘go-between’ e, muitas vezes, a informação do professor não chega à família da mesma forma, porque os jovens não dizem sempre a verdade e, por isso, é importante haver esta confiança e trabalhamos muito isto, porque alguns pais também acham que só vão à escola quando alguma coisa está mal e não tem de ser assim. Tivemos</i></p>	<p>Aposta na relação.</p> <p>O GAAF como porta de entrada para a Escola, por parte dos parceiros.</p> <p>Sinergia entre a escola e a comunidade.</p> <p>Articulação com a escola, o GAAF e as famílias.</p>

		<p><i>alguns sucessos exatamente por isso, porque pusemos a escola e a família em sintonia e cada um (quer a família quer a escola) percebeu qual era o papel, o que tinham de fazer para que aquela criança ou aquele jovem estar e conseguir fazer o seu percurso. Porque os jovens, depois, acabam por jogar um bocadinho com isto, dizem aos pais aquilo que acham que os pais querem ouvir, dizem aos professores... e tivemos situações em que o sucesso foi só isto, pôr as pessoas a conversar e percebermos os contextos e as condicionantes de vida.”</i></p> <p><i>“Agora, acho, sinceramente, que devia haver mais intervenções deste cariz, porque é na proximidade, é na relação, é no terreno que as coisas acontecem e, se não sairmos dos gabinetes, não vamos dar conta.”</i></p>	<p>Constatação da importância destas intervenções, que apostam a sua ação na relação, na proximidade.</p>
--	--	---	---

<p>O GAAF como campo de possibilidade(s) para a mediação intercultural</p>	<p>Transformações                  Sucessos                  Boas práticas</p>	<p><i>“Através do GAAF temos conseguido, também, trabalhar um bocadinho as famílias, não só em casos individualizados, como também em grupos. Fizemos algumas ações de formação em conjunto, os técnicos do projeto e os técnicos do GAAF. E temos trabalhado muito nas questões da mediação familiar e mediação escolar, que acabamos por envolver aqui a escola, a família, a criança/ jovem e o projeto.”</i></p> <p><i>“Por outro lado, acho que houve aqui uma maior atenção para algumas situações de crianças e de jovens que efetivamente precisavam de uma intervenção diferente, não só a nível das suas dificuldades de aprendizagem, porque existem apoios nesta disciplina ou na outra... e eu penso que a escola atual está... tem muitas alternativas para as crianças que têm dificuldades na aprendizagem. Contudo, para as crianças que, por vezes, as dificuldades que têm são ao nível do seu ambiente, do seu contexto, eu penso que esta intervenção do GAAF é muito importante nesse sentido, porque existe alguém que está mais atento, para já, pela sua formação académica, mas também formação pessoal, porque, às vezes, é um bocadinho isto, estarmos mais sensibilizados para esta ou para outra área e eu entendo que estas pessoas estão mais direcionadas para este tipo de problemática e, por isso mesmo, estão mais sensíveis, também, a alguns sinais. E acho que faz toda a diferença, ainda por cima, num contexto como este, que, apesar de ser uma cidade pacata, pequena, mas que, não sei porquê, não sei qual é que é a razão, mas é muito difícil intervir e que existem muitos problemas que, aparentemente, estão escondidos, ou que, aparentemente, não existem, digamos assim e que é, de facto muito importante... a questão da valorização da escola, a questão da valorização do sucesso escolar são questões que fazem toda a diferença para a criança estudar ou não estudar.”</i></p> <p><i>“No âmbito do empreendedorismo e da participação cívica, nós temos também algumas atividades que fazemos. Já tivemos experiências de ser fora da escola, de ser dentro da escola, com grupos já definidos, e também tem sido uma experiência positiva. [...] E temos feito, então, alguns cursos</i></p>	<p>Realização de ações de formação em conjunto com o GAAF, dirigidas às famílias, com resultados positivos.</p> <p>Reconhecimento da importância do GAAF na resposta, na intervenção relativa às dificuldades de âmbito social.</p> <p>Realização de cursos, no âmbito do</p>
--	--	---	---

		<p><i>com jovens, que já estão, também, numa fase ou de progressão de estudos (estamos a falar ao nível do básico, não da universidade) ou, também, até de integração no mercado de trabalho e temos feito algumas formações, ao nível do que é o empreendedorismo, que características é que tem o empreendedor... depois, também, esta linguagem de gestão financeira, das despesas, das receitas, o que é ter um recibo verde, o que é ter um contrato de trabalho, esta ligação ao mundo do trabalho e que exigências, que direitos e que deveres é que tem um trabalhador e uma entidade patronal... também tem sido uma experiência engraçada, acho que é também muito importante esta vertente, da escola, de alguma forma, se deixar permeabilizar por este tipo de conceitos, porque, depois, mesmo aqueles jovens que prosseguem estudos, quando vão para o mundo do trabalho, acabam por não ter consciência do que é que o patrão espera deles.”</i></p>	<p>empreendedorismo e participação cívica, dirigido aos jovens, em parceria com o GAAF, com resultados positivos.</p>
--	--	--	---



## **ANEXOS**

---



## **ANEXO 1 – LEGISLAÇÃO**

---



## 1.1. Despacho n.º 147-B/ME/96 - Diário da República n.º 177/1996, Série II de 1996-08-01, Ministério da Educação: define os critérios TEIP

N.º 177 — 1-8-1996

DIÁRIO DA REPÚBLICA — II SÉRIE

10 719

### MINISTÉRIO DA ECONOMIA

Instituto Português da Qualidade

Por despachos de 16-7-96 do presidente do Instituto Português da Qualidade:

Isabel Maria Delgado Cardoso, técnica auxiliar de 2.ª classe do quadro de pessoal do Instituto Português da Qualidade (área funcional: secretariado, documentação, informação e relações públicas) — nomeada definitivamente, precedendo concurso, técnica auxiliar de 1.ª classe do mesmo quadro, escalão 1, índice 200, considerando-se exonerada do seu anterior cargo a partir da data de aceitação do novo lugar.

Maria Emília Martins de Matos Canudo e Maria de Lourdes de Almeida Simões Aires Martins, técnicas auxiliares de 2.ª classe do quadro de pessoal do Instituto Português da Qualidade (área funcional: secretariado, documentação, informação e relações públicas) — nomeadas definitivamente, precedendo concurso, técnicas auxiliares de 1.ª classe do mesmo quadro, escalão 5, índice 240, considerando-se exoneradas dos seus anteriores cargos a partir da data de aceitação dos novos lugares.

(Não carecem de fiscalização prévia do TC.)

17-7-96. — O Director de Serviços, *Vicente Martins*.

### MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

GABINETE DO MINISTRO

**Desp. 147-B/ME/96.** — O processo educativo nas sociedades democráticas tem como finalidade o desenvolvimento e a formação de todos os cidadãos em condições de igualdade de oportunidades e no respeito pela diferença e autonomia de cada um.

Tal linha de orientação encontra-se expressa nos princípios consagrados no Programa do Governo, importando, por isso, criar condições que permitam garantir a universalização da educação básica de qualidade e promover o sucesso educativo de todos os alunos e, muito particularmente, das crianças e dos jovens que hoje se encontram em situações de risco de exclusão social e escolar.

Com efeito, os contextos sociais em que as escolas se inserem condicionam a atitude dos alunos face ao processo educativo institucional e formal, verificando-se que em áreas social e economicamente carenciadas ou integradas em processos de transformação sócio-económica o sucesso educativo é muitas vezes reduzido, situação igualmente constatável em zonas com número significativo de alunos de diferentes etnias, filhos de migrantes ou filhos de populações itinerantes.

Na sequência das medidas que vêm sendo adoptadas no sentido da introdução de mecanismos de apoio às populações mais carenciadas, importa continuar a aprofundar os esforços tendentes à criação, nas escolas, de condições geradoras de sucesso escolar e educativo dos seus alunos, definindo-se as medidas a desenvolver, com vista a atingir-se o objectivo primordial de promover a igualdade do acesso e do sucesso educativo da população escolar do ensino básico.

Por outro lado, parece ser manifesto que a rede e o parque escolares, fruto de sucessivas adições, exigem uma reorganização e adaptação às necessidades das crianças e dos jovens que frequentam nove anos de escolaridade básica, quer no mesmo estabelecimento de ensino quer em estabelecimentos diferentes que funcionem em rede.

Esta reorganização deve implicar uma reflexão que viabilize uma clara afirmação das escolas enquanto unidades de um determinado território educativo. No território educativo ajustam-se as condições espaciais da oferta educativa aos projectos das comunidades integrando os três ciclos do ensino básico e outras vertentes e intervenções educativas, designadamente a educação pré-escolar, a educação de adultos, a iniciação profissional, a educação especial, bem como os serviços de psicologia e orientação, de acção social e de saúde.

Este processo implica, de igual modo, o estabelecimento de relações de parceria com outras entidades que concorrem para a existência de uma efectiva articulação de espaços e recursos e para a construção de uma efectiva igualdade de oportunidades de formação. Por outro lado, a optimização dos meios humanos e materiais disponíveis em cada território educativo favorece a dinâmica de associação de escolas e de projectos e pode contribuir para uma visão integrada da intervenção educativa, com consequente rentabilização de recursos, em função de um projecto de território educativo e não de intervenções avulsas e, muitas vezes, desarticuladas.

Contrapõe-se assim o conceito de escola-organização ao conceito tradicional de escola-edifício. A nuclearização das escolas do 1.º ciclo

e dos jardins-de-infância contrapõe-se, no presente despacho, a possibilidade de relacionamento dos diversos ciclos do ensino básico e da educação pré-escolar, que se tem vindo a revelar como valorizadora da noção global de educação, facilitando simultaneamente uma mais eficiente gestão de recursos.

A experiência pedagógica a desenvolver a partir do próximo ano lectivo, que se deverá materializar na apresentação e desenvolvimento de projectos plurianuais dos territórios educativos de intervenção prioritária, visa, sem prejuízo da autonomia das escolas que os integram, a consecução de quatro objectivos centrais:

- 1.º A melhoria do ambiente educativo e da qualidade das aprendizagens dos alunos;
- 2.º Uma visão integrada e articulada da escolaridade obrigatória que favoreça a aproximação dos seus vários ciclos, bem como da educação pré-escolar;
- 3.º A criação de condições que favoreçam a ligação escola-vida activa;
- 4.º A progressiva coordenação das políticas educativas e a articulação da vivência das escolas de uma determinada área geográfica com as comunidades em que se inserem.

Neste contexto, a flexibilidade organizacional que se preconiza para as escolas que irão integrar-se, no ano lectivo de 1996-1997, na experiência dos territórios educativos de intervenção prioritária vai ao encontro do disposto no art. 39.º da Lei de Bases do Sistema Educativo e converge com os objectivos da realização pessoal e comunitária de cada indivíduo que a mesma lei preconiza no seu art. 3.º

Assim, determino:

1 — São considerados territórios educativos de intervenção prioritária os agrupamentos de escolas, nos quais se procederá, a partir do ano lectivo de 1996-1997, ao desenvolvimento de projectos que visem a melhoria da qualidade educativa e a promoção da inovação.

2 — As escolas integrantes de um território educativo de intervenção prioritária desenvolverão um trabalho conjunto com vista à elaboração de um projecto educativo, no qual deverá estar contemplada a intervenção de vários parceiros, designadamente professores, alunos, pessoal não docente, associações de pais, autarquias locais, associações culturais e associações recreativas.

3 — Sem prejuízo da autonomia dos estabelecimentos de educação e ensino que integram um território educativo de intervenção prioritária na concepção e organização do respectivo projecto educativo, este deverá contemplar, obrigatoriamente, a formulação das seguintes prioridades de desenvolvimento pedagógico:

- a) Criação de condições para a promoção do sucesso educativo e escolar das crianças e dos jovens, prevenindo, do mesmo modo, o absentismo e o abandono escolar, através da diversificação das ofertas formativas, designadamente do recurso a currículos alternativos que, sem prejuízo de um núcleo de aprendizagens fundamentais, tome em consideração as características específicas da população escolar, e do desenvolvimento de componentes inovadoras nos domínios da educação ambiental, artística e tecnológica e do ensino experimental das ciências;
- b) Definição das necessidades de formação do pessoal docente e não docente, bem como da comunidade, apresentando propostas de intervenção que possam dar resposta às necessidades identificadas, designadamente em articulação com os centros de formação das associações de escolas e com as instituições de formação inicial de docentes;
- c) Articulação estreita com a comunidade local, promovendo a gestão integrada de recursos e o desenvolvimento de actividades de âmbito educativo, cultural, desportivo e de ocupação de tempos livres, quer quanto às crianças e aos jovens inscritos nas escolas quer quanto ao desenvolvimento de actividades de educação permanente, nomeadamente de educação de adultos.

4 — O projecto educativo será apresentado à respectiva direcção regional de educação, entidade com a qual será negociado o seu desenvolvimento, quer na vertente pedagógica quer na vertente financeira.

5 — O acompanhamento ao desenvolvimento dos projectos é competência da respectiva direcção regional de educação, cabendo ao Departamento da Educação Básica a coordenação e o apoio técnico-científico ao processo e ao Instituto de Inovação Educacional a respectiva avaliação formativa, bem como a avaliação externa e global da experiência.

6 — As direcções regionais de educação, em articulação com o Departamento da Educação Básica e com o Instituto de Inovação Educacional, elaborarão relatórios intermédios do progresso da experiência no final do 1.º e do 2.º períodos do ano escolar e globais no final do mês de Junho.

7 — A coordenação nacional da experiência é assegurada por uma comissão, presidida pela directora do Departamento da Educação Básica, integrando representantes do Departamento da Educação Básica, do Instituto de Inovação Educacional, do Departamento de Programação e Gestão Financeira, da Inspeção-Geral da Educação e das direcções regionais de educação, a qual deverá articular a sua acção com os responsáveis de programas, equipas de missão e gabinetes existentes no Ministério da Educação cujo âmbito de intervenção se relacione com o desenvolvimento dos projectos.

8 — Os territórios educativos de intervenção prioritária beneficiarão de condições especiais para o desenvolvimento dos respectivos projectos no que se refere a:

- Relação professor-aluno;
- Dispensa de serviço lectivo dos directores de jardins-de-infância e de escolas do 1.º ciclo do ensino básico;
- Redução da componente lectiva dos professores do 2.º e 3.º ciclos do ensino básico, a qual deve revestir a forma de um crédito global de horas a atribuir a cada escola;
- Colocação de um ou mais professores de áreas específicas para a realização de actividades de complemento educativo e complemento curricular;
- Apoio especial por equipas dos Serviços de Psicologia e Orientação e de Educação Especial;
- Possibilidade de recurso ao apoio de animadores/mediadores.

9 — Para assegurar a coordenação das várias intervenções e a articulação entre a educação pré-escolar e os diferentes ciclos do ensino básico, é criado, em cada território educativo de intervenção prioritária, um conselho pedagógico do território educativo, cuja composição deverá incluir, de forma equilibrada, representantes dos vários níveis, modalidades e ciclos de ensino, podendo agregar, de acordo com o projecto apresentado, representantes das associações de pais, dos serviços locais de saúde e de segurança social, bem como da autarquia local.

10 — O projecto de território educativo de intervenção prioritária será sediado num dos estabelecimentos de educação ou de ensino que o integram, sendo a sua coordenação assegurada pelo respectivo órgão de gestão.

11 — A gestão administrativa e financeira dos projectos será apoiada pelos serviços administrativos de uma das escolas básicas integradas ou escolas básicas do 2.º e 3.º ciclos que integram o território educativo de intervenção prioritária.

12 — O desenvolvimento do disposto no presente despacho será definido por despacho conjunto dos Secretários de Estado da Administração Educativa e da Educação e Inovação.

8-7-96. — O Ministro da Educação, *Eduardo Carrega Marçal Grilo*.

## MINISTÉRIO DA SAÚDE

### Inspeção-Geral da Saúde

**Aviso.** — Nos termos do art. 33.º do Dec.-Lei 498/88, de 30-12, conjugado com o disposto na al. a) do n.º 2 do art. 24.º do mesmo diploma, faz-se pública a lista de classificação final do concurso externo de ingresso para admissão de seis estagiários com vista ao posterior preenchimento de seis vagas de inspector da carreira de inspeção superior de regime especial do quadro de pessoal da Inspeção-Geral da Saúde, aberto por aviso publicado no DR, 2.ª, 246, de 24-10-95, homologada por despacho de 19-7-96 do inspector-geral da Saúde:

	Valores
1.º Paulo Alexandre Cotrim de Almeida	16,499
2.º Maria Edite Ferreira Alves Pereira Soares Correia	16,400
3.º António Carlos Caeiro Carapeto	15,950
4.º Belmira do Rosário Faisco Vieira Fialho	15,899
5.º Sérgio Miguel Farinha Gomes de Abreu	15,698
6.º João Luis da Graça Marques	15,398
7.º Paulo Jorge Mantas Parreira	15,299
8.º Gaspar Luís Bento Gonçalves	15,200
9.º Maria da Conceição de Almeida Baptista Mendes	14,998
10.º Maria Helena Rocha Sequeira	14,900
11.º Pedro Manuel Martins Roque Delgado Carreira	14,800
12.º António Manuel da Rocha Soares	14,764
13.º Daphnie Eurélia Gomes Góis	14,763
14.º Rui Jorge de Freitas Serra	14,698
15.º Susana Rita Oliveira Vale Gonçalves Guerreiro	14,563
16.º Teresa Maria Lopes Duarte	14,431
17.º Patrícia de Oliveira Carvalho	14,300
18.º Teresa Alexandra Meça Valverde Gouveia Coelho	14,299
19.º Cristina Maria da Silva Lopes	14,200
20.º António Manuel Dias Videira	14,199
21.º Maria de Fátima da Silva	14,062
22.º Raquel Lemos de Azevedo de Mendonça Horta	13,962
23.º Fernanda Paula Castro Fonseca Barros da Costa	13,799
24.º Maria Teresa Esteves de Campos Romão	13,731
25.º António Pires Sargento	13,700
26.º Filomena Antunes Tiago da Silva	13,631
27.º Fernando Augusto Gomes da Assunção	13,599
28.º Fernando Carlos da Costa Pereira	13,514
29.º Jorge Manuel Ferreira	13,425
30.º Maria da Conceição Lourenço Afonso dos Santos Horta	13,398
31.º Cristina Lourenço Martins	13,361
32.º António Alberto Amaro Rodrigues	13,331
33.º Silvína Rosa Ripado Ribeiro Pena	13,330
34.º Ana Maria Pereira Lopes	13,300
35.º João Guilherme Gargalo Melo	13,299
36.º Pedro Miguel de Oliveira Martins	13,298
37.º Maria Teresa Ferreira da Costa	13,262
38.º Helena Cristina da Silva Lopes	13,200
39.º Ana Maria de Abreu e Lima Pereira Marques	13,199
40.º Mário Alberto Benrós Silva	13,198
41.º Mafalda Margarida Gomes de Figueiredo Falcão de Bettencourt	13,197
42.º Susana Raposo Letras da Luz	13,162
43.º Maria Leonor Cardoso Sérgio Pinto	13,130
44.º Pedro Miguel Pereira Carmona	13,100
45.º Maria Elisabete Alves Simões Rolo	13,098
46.º Isabel Alexandra Mota Juncqueira	13,063
47.º João Paulo Oleiro Mendes da Fonseca	13,049
48.º Nelson Nobre Saramago da Silva Escórcio	13,031
49.º Carla Cristina de Sousa Morais	13
50.º Francisco José Nunes Galvão Correia	12,999
51.º Luís Manuel Veloso Cruz	12,998
52.º Jorge Alberto Cardoso Pereira Lúcio	12,996
53.º José Alberto de Jesus Pereira Peixoto	12,962
54.º Maria Teresa Henriques de Almeida	12,932
55.º Alexandrina Gameiro Pereira	12,931
56.º Florbela Adozinda Garcia Alves	12,929
57.º Eugénio Mamede Correia Guerreiro	12,900
58.º Ana Maria Estreito Padrão Gonçalves Miranda	12,899
59.º Mário Ferreira da Silva	12,898
60.º Paulo Jorge Baptista da Silva Leitão	12,897
61.º Susana de Cintra Epaminondas Alves Dias	12,864
62.º Pedro Manuel Ribeiro Coimbra	12,863
63.º José Eduardo Barroso Almeida Cruz	12,862
64.º José Gabriel Relego Molarinho Jacinto	12,830
65.º Maria do Céu Anjos Sousa Saldanha	12,825
66.º Paula Cristina Oliveira dos Santos Silva	12,800
67.º Francisco Manuel Cardoso de Sousa Moreira	12,799
68.º Sónia Teresa Grácio Gomes Santos	12,798
69.º João Manuel Pires Ribeiro	12,764
70.º Maria de Fátima Baptista Fernandes	12,762
71.º Carla Maria Lopes Ribeiro	12,749
72.º Agostinho Nuno Pereira Lopes	12,730
73.º Nuno Filipe Amaral Antunes da Costa	12,700
74.º Vitor Manuel dos Santos Castanheira	12,699
75.º Carla Alexandra Correia Batista	12,698
76.º Teresa Maria Miranda de Freitas	12,696
77.º Júlio César Figueiredo Vila Santos	12,685
78.º Paula Cristina Barros Pinto	12,664
79.º Maria do Rosário Costa Fernandes Madaleno dos Santos	12,662
80.º Maria João Gamboa Marques	12,648
81.º Sara Maria Calado da Silva	12,630
82.º Maria de Fátima Pereira de Almeida Duarte	12,612
83.º Renata Maria Antunes Viegas Rosário de Oliveira	12,599
84.º Fernanda Maria Pinto Machado	12,598
85.º João Carlos Escaleira Vaz	12,597
86.º Carla Maria Correia Pedrosa	12,562
87.º Maria de Lurdes Nunes Mendes da Costa	12,530
88.º João Alexandre Abreu Tavares Beirão	12,500
89.º Teresa Cristina Arsénio Gomes Lares	12,498
90.º Paula Alexandra Barata Mendes Cabaco	12,496
91.º Maria de Fátima Castanheira Pedrosa da Fonseca Lima	12,462
92.º Paula Cristina do Paço Videira	12,461
93.º João Mário Ruivo Carrapiço	12,400
94.º Maria José Fernandes da Silva	12,396
95.º Maria Ema Fuentes Morais	12,362
96.º Conceição Maria Santos de Carvalho da Cruz	12,330

## 1.2. Despacho n.º 8065/2009 - Diário da República, 2.ª série — N.º 56 — 20 de Março de 2009, Ministério da Educação: cria o TEIP 2

*Diário da República, 2.ª série — N.º 56 — 20 de Março de 2009*

10747

seja titular, da actividade que executa e do órgão ou serviço onde exerce funções;

Os relativos ao nível habilitacional e à área de formação académica ou profissional;

A formação ou experiência profissional que possa substituir o nível habilitacional, sendo o caso;

c) Identificação do procedimento concursal, com indicação da carreira, categoria e actividade caracterizadoras do posto de trabalho a ocupar, bem como, a identificação do n.º do aviso, do *Diário da República* e respectiva data de publicação;

d) Opção por métodos de selecção nos termos do n.º 2 do artigo 53.º da Lei n.º 12-A/2008 de 27 de Fevereiro, quando aplicável;

e) Quaisquer outros elementos que os candidatos entendam dever apresentar que possam ser relevantes para apreciação do seu mérito ou constituam motivo de preferência legal e, neste caso devidamente comprovados.

f) Declaração, sob compromisso de honra, sobre a veracidade dos factos constantes da candidatura.

5.2 — O requerimento de admissão deve ser acompanhado dos seguintes documentos, sob pena de exclusão:

a) Um exemplar do Curriculum Profissional, assinado e datado, do qual deverão constar, de forma expressa e inequívoca a experiência profissional do candidato, relevante para o posto de trabalho a que se candidata e a formação profissional específica, que deverão ser comprovadas;

b) Fotocópia de documento comprovativo das Habilitações Literárias/Profissionais;

c) Fotocópia do Bilhete de Identidade e do Cartão de Identificação Fiscal.

6 — Os métodos de selecção a utilizar e as respectivas ponderações são:

6.1 — Prova de Conhecimentos — 75 %

Avaliação Psicológica — 25 %

6.2 — Nos casos previstos no n.º 2 do artigo 53.º da Lei 12-A/2008 de 27 de Fevereiro, e quando os candidatos, por escrito, no Requerimento de Admissão, tenham afastado os métodos de selecção obrigatórios referidos no ponto 6.1, os métodos de selecção e as ponderações passam a ser os seguintes:

Avaliação Curricular — 60 %

Entrevista de Avaliação de Competências — 40 %

6.3 — De acordo com o previsto no n.º 4 do artigo 53.º e no caso de as candidaturas apresentadas vierem a ser em número superior a 50, o método de selecção a utilizar será:

Prova de Conhecimentos — 100 % — para as situações referidas no ponto 6.1; e ou

Avaliação Curricular — 100 % — para as situações referidas no ponto 6.2;

6.4 — O sistema de valoração é o constante no artigo 18.º da Portaria n.º 83-A/2009 de 22 de Janeiro.

6.5 — A prova de conhecimentos terá a forma escrita e será constituída de seis questões, duas questões sobre um procedimento prático do posto de trabalho a ocupar (cada uma vale 6 valores) e quatro questões de resposta múltipla sobre a orgânica e actividade do IPSangue, IP (cada uma vale 2 valores). A prova terá a duração de uma hora e trinta minutos.

7 — O júri do procedimento será constituído pelos seguintes elementos:

Presidente — António Silva Rodrigues — Coordenador Técnico do IPSangue, IP

1.º Vogal Efectivo — Paula Cristina Reis Toscano — Assistente Técnico do IPSangue, IP

2.º Vogal Efectivo — Dr.ª Silvana Maria Veiga Santos — Técnica Superior do IPSangue, IP

1.º Vogal Suplente — Dr. José António Sousa Ribeiro — Técnico Superior do IPSangue, IP

2.º Vogal Suplente — Dr.ª Delia Maria Falcão Barbosa, Técnica Superior do IPSangue, IP

O 1.º Vogal Efectivo substitui o Presidente nas suas faltas e impedimentos.

8 — Os parâmetros de avaliação e respectiva ponderação de cada um dos métodos de selecção a utilizar, a grelha classificativa e o sistema de valoração final do método, constam de actas do Júri do procedimento, sendo as mesmas facultadas aos candidatos sempre que solicitadas.

9 — A publicitação dos resultados obtidos em cada método de selecção é efectuada através de lista, ordenada alfabeticamente, afixada no placard da Assessoria de Recursos Humanos deste Instituto e disponibilizada na nossa página electrónica [www.ipsangue.org](http://www.ipsangue.org).

10 — Em cumprimento da alínea h) do artigo 9.º da Constituição, a Administração Pública, enquanto entidade empregadora, promove activamente uma política de igualdade entre homens e mulheres ao acesso ao emprego e na profissão, providenciando escrupulosamente no sentido de evitar toda e qualquer forma de discriminação.

5 de Março de 2009. — O Presidente do Conselho Directivo, *Gabriel de Olim*.

### Despacho n.º 8063/2009

Por despacho do Presidente do Conselho Directivo de 22/01/2009: Foi autorizada a Mobilidade Intercarreiras, nos termos do artigo 60.º da Lei 12-A/2008, de 27 de Fevereiro, do Enfermeiro Graduado, Edgar Manuel dos Prazeres Duarte Canais, a exercer funções neste Instituto, para o exercício de funções docentes no Instituto Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Beja, com efeitos a 01/02/2009, pelo prazo de um ano.

12 de Março de 2009. — O Presidente do Conselho Directivo, *Gabriel Arcanjo Branco de Olim*.

### Despacho n.º 8064/2009

Por despacho do Presidente do Conselho Directivo de 23/01/2009: Foi autorizada a Mobilidade Intercarreiras, nos termos do artigo 60.º da Lei 12-A/2008, de 27 de Fevereiro, da Técnica de 1.ª classe de Análises Clínicas e Saúde Pública, Maria do Céu Gomes Mendes Lopes Leitão, a exercer funções neste Instituto, para o exercício de funções docentes no Instituto Superior de Tecnologias da Saúde de Lisboa, com efeitos a 01/02/2009, pelo prazo de um ano.

12 de Março de 2009. — O Presidente do Conselho Directivo, *Gabriel Arcanjo Branco de Olim*.

## MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Gabinete da Ministra

### Despacho n.º 8065/2009

Os contextos sociais em que as escolas se inserem podem constituir-se como factores potenciadores de risco de insucesso no âmbito do sistema educativo normal, verificando-se que em territórios social e economicamente degradados o sucesso educativo é muitas vezes mais reduzido do que a nível nacional, sendo a violência, a indisciplina, o abandono, o insucesso escolar e o trabalho infantil alguns exemplos da forma como essa degradação se manifesta.

Na sequência das medidas que vêm sendo adoptadas no sentido da introdução de mecanismos de apoio às populações mais carenciadas e como resposta às necessidades e às expectativas dos alunos e das suas famílias, tal como a escola a tempo inteiro, a educação especial, os apoios educativos previstos no Despacho Normativo n.º 50/2005, de 20 de Outubro, a aposta na diversificação de ofertas educativas e formativas, foi criado um segundo Programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP2), que promove a territorialização de políticas educativas segundo critérios de prioridade e discriminação positiva.

Tal programa foi concretizado através do Despacho Normativo n.º 55/2008, de 14 de Outubro, que contém um conjunto de objectivos gerais convergente com os objectivos de realização pessoal e comunitária de cada individuo consagrados no artigo 39.º da Lei de Bases do Sistema Educativo, aprovada pela Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro, com as alterações introduzidas pela Lei n.º 115/97, de 19 de Setembro, e com as alterações e aditamentos introduzidos pela Lei n.º 49/2005, de 30 de Agosto, e que teve, ainda, em consideração os princípios consignados nos artigos 3.º e 4.º do regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de Abril.

Por esta via foi introduzido o princípio da discriminação positiva na afectação de recursos às escolas que deve ser alargado à generalidade dos projectos e das medidas do Ministério da Educação.

Importa, agora, identificar as escolas que se devem considerar escolas prioritárias para efeitos de atribuição de recursos no âmbito dos diversos projectos deste Ministério.

Assim, tendo presente o disposto no n.º 1 do artigo 64.º-A do Decreto-Lei n.º 51/2009, de 27 de Fevereiro, determino:

1 — As escolas adiante identificadas são consideradas escolas prioritárias para efeitos de atribuição de recursos no âmbito dos diversos projectos deste Ministério:

**Direcção Regional de Educação do Norte**

Agrupamento de Escolas de Oeste da Colina — 150721.  
Agrupamento de Escolas de Pedome — 150629.  
Agrupamento de Escolas do Território de Calendário — 150642.  
Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches — 150988.  
Agrupamento de Escolas Vale de S. Torcato — 150307.  
Agrupamento de Escolas da Areosa — 152237.  
Agrupamento de Escolas de D. Pedro I — 152500.  
Agrupamento de Escolas de Matosinhos — 152109.  
Agrupamento de Escolas de Miragaia — 150435.  
Agrupamento de Escolas de Pedrouços — 152043.  
Agrupamento de Escolas de Perafita — 150757.  
Agrupamento de Escolas de Ramalho Ortigão — 151415.  
Agrupamento de Escolas de Vila d'Este — 152493.  
Agrupamento de Escolas do Amial — 152160.  
Agrupamento de Escolas do Cerco — 152158.  
Agrupamento de Escolas do Viso — 150400.  
Agrupamento de Escolas Leonardo Coimbra Filho — 152213.  
Agrupamento de Escolas Matosinhos Sul — 152122.  
Agrupamento de Escolas Santa Bárbara — Fânzeres — 151956.  
ES/3 Inês de Castro — 401936.  
Agrupamento de Escolas de Darque — 150010.  
Agrupamento de Escolas de Peso da Régua — 152780.

**Direcção Regional de Educação do Centro**

Agrupamento de Escolas de Pardilhó — 160519.  
Agrupamento de Escolas de Idanha-a-Nova — 160805.  
Agrupamento de Escolas da Pedrulla — 161263.  
Agrupamento de Escolas de Marrazes — 160349.

**Direcção Regional de Educação de Lisboa e Vale do Tejo**

Agrupamento de Escolas da Apelação — 172108.  
Agrupamento de Escolas de Pedro de Santarém — 171773.  
Agrupamento de Escolas de Sacavém e Prior Velho — 172091.  
Agrupamento de Escolas de Vialonga — 170800.  
Agrupamento de Escolas do Bairro Padre Cruz — 171402.  
Agrupamento de Escolas Francisco Arruda — 171372.  
Agrupamento de Escolas Manuel da Maia — 171724.  
Agrupamento de Escolas Pintor Almada Negreiros — 17179.  
Agrupamento de Escolas Piscinas — Olivais — 171682.  
Agrupamento de Escolas Aquilino Ribeiro — 121617.  
Agrupamento de Escolas Cardoso Lopes — 171232.  
Agrupamento de Escolas D. Domingos Jardo — 171608.  
Agrupamento de Escolas da Damaia — 171669.  
Agrupamento de Escolas de Carnaxide-Portela- 171803.  
Agrupamento de Escolas Dr. Azevedo Neves — 172182.  
Agrupamento de Escolas Ferreira de Castro — 171876.  
Agrupamento de Escolas José Cardoso Pires — 170719.  
Agrupamento de Escolas Professor Agostinho da Silva — 171888.  
Agrupamento de Escolas Visconde de Juromenha — 171890.  
Agrupamento de Escolas da Marateca e Poceirão — 121265.  
Agrupamento de Escolas da Trafaria — 170173.  
Agrupamento de Escolas de Miradouro de Alfazina — 171839.  
Agrupamento de Escolas do Monte da Caparica — 170227.  
Agrupamento de Escolas do Vale da Amoreira — 170902.  
Agrupamento de Escolas Ordem de Santiago — 171037.  
ES/3 de Monte da Caparica — 402266.

**Direcção Regional de Educação do Alentejo**

Agrupamento de Escolas de Estremoz — 135574.  
Agrupamento de Escolas de Elvas n.º 1 — 135240.  
Agrupamento de Escolas José Régio — 135320.  
Agrupamento de Escolas de Beja — 135021.  
Agrupamento de Escolas de Sines — 135628.

**Direcção Regional de Educação do Algarve**

Agrupamento de Escolas Dr. Alberto Iria — 145452.  
Agrupamento de Escolas Eng.º Nuno Mergulhão — 145488.

2 — O presente despacho produz efeitos no primeiro dia útil seguinte à sua publicação.

13 de Março de 2009. — A Ministra da Educação, *Maria de Lurdes Reis Rodrigues*.

**Secretaria-Geral**

**Direcção de Serviços de Administração Geral**

**Despacho (extracto) n.º 8066/2009**

Por despacho, n.º 33/2009-SEAP, de 09 de Janeiro de 2009, do Senhor Secretário de Estado da Administração Pública:

Fernando da Silva Romão, Técnico Superior, afecto à Secretaria-Geral do Ministério da Educação, na situação de mobilidade especial, por opção voluntária, autorizado a passar à situação de licença extraordinária, pelo período de 5 (cinco) anos, com efeitos a 20 de Novembro de 2008, nos termos do artigo 32.º da Lei n.º 53/2006, de 7 de Dezembro, com as alterações introduzidas pela Lei n.º 11/2008, de 20 de Fevereiro.

20 de Janeiro de 2009. — A Directora de Serviços, *Maria Isabel Lopes Afonso Pereira Leitão*.

**Direcção Regional de Educação do Norte**

**Agrupamento Vertical de Escolas de Aباção**

**Despacho n.º 8067/2009**

Firmino de Sousa Antunes Lopes, Presidente da Comissão Executiva Instaladora do Agrupamento Vertical de Escolas de Aباção, nos termos do n.º 15 do anexo ao Despacho n.º 7465/2008, de 16 de Dezembro, nomeio Professores Titulares em regime de comissão de serviço para o exercício de funções de avaliadores para o ano lectivo 2008/2009, com efeitos a 5 de Março de 2009, os seguintes docentes:

Nome	Grupo
Carla Alexandra Cibrão Fernandes	240
Carla Agostinha Ribeiro Rocha	420
Duarte Nuno Monteiro Duarte	620
Maria de Fátima Gonçalves Brás Castro	300
Maria José Marques Gonçalves	500

5 de Março de 2009. — O Presidente da Comissão Executiva Instaladora, *Firmino de Sousa Antunes Lopes*.

**Agrupamento Vertical de Escolas de Castelo de Paiva**

**Aviso n.º 5940/2009**

**Abertura de concurso para director**

1 — Nos termos do disposto no artigo 22.º do Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de Abril, e no artigo 5.º da Portaria n.º 604/2008, de 9 de Julho, torna-se público que se encontra aberto concurso para provimento do lugar de Director do Agrupamento Vertical de Escolas de Castelo de Paiva, concelho de Castelo de Paiva, pelo prazo de 10 dias úteis, a contar do dia seguinte ao da publicação do presente aviso no *Diário da República*.

2 — Podem ser opositores a este procedimento concursal os docentes que reúnam os requisitos fixados nos pontos 3 e 4 do artigo 21.º do Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de Abril, e no artigo 2.º da Portaria n.º 604/2008, de 9 de Julho.

3 — A formalização da candidatura é efectuada por requerimento dirigido ao Presidente do Conselho Geral Transitório do Agrupamento Vertical de Escolas de Castelo de Paiva, em modelo próprio, disponibilizado na página electrónica do Agrupamento (<http://moodle.eb23-castelo-paiva.rcts.pt>) e nos Serviços Administrativos da escola sede do Agrupamento.

### 1.3. Despacho Normativo n.º 20/2012 - Diário da República, 2.ª série — N.º 192 — 3 de outubro de 2012, Ministério da Educação: cria o TEIP 3

33344

Diário da República, 2.ª série — N.º 192 — 3 de outubro de 2012

178753599 — Vanda Maria Falcão Carvalho Caixeiro — entre 8 e 9 — 854,77€  
216390966 — Susana Medeiros da Conceição Bento — 5 — 683,13€

19 de setembro de 2012. — A Diretora de Gestão de Recursos Humanos, *Paula Caires da Luz*.

206415924

#### Contrato (extrato) n.º 581/2012

##### Contrato de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado

Nos termos e para os efeitos da alínea b) do n.º 1 e n.º 2 do artigo 37.º da Lei n.º 12-A/2008, de 27 de fevereiro, torna-se público que, entre o Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge, IP, representado pelo Presidente do Conselho Diretivo, Prof. Doutor José Pereira Miguel e o trabalhador a seguir elencado, foi celebrado um contrato de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado, com efeitos a partir do dia 15 de junho de 2012, ficando o mesmo integrado na categoria de assistente da carreira dos técnicos superiores de saúde, ramo de laboratório:

Número de identificação fiscal	Nome	Nível remuneratório	Remuneração base (euros)
170017885	José António Rebelo Costa Grossinho .....	Entre 23 e 24	1 623,22

19 de setembro de 2012. — A Diretora de Gestão de Recursos Humanos, *Paula Caires da Luz*.

206416183

#### Contrato (extrato) n.º 582/2012

##### Contrato de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado

Nos termos e para os efeitos da alínea b) do n.º 1 e n.º 2 do artigo 37.º da Lei n.º 12-A/2008, de 27 de fevereiro, torna-se público que, entre o Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge, IP, representado pelo Presidente do Conselho Diretivo, Prof. Doutor José Pereira Miguel e a trabalhadora a seguir elencada, foi celebrado um contrato de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado, com efeitos a partir do dia 1 de junho de 2012, ficando a mesma integrada na categoria de assistente da carreira dos técnicos superiores de saúde, ramo de genética:

Número de identificação fiscal	Nome	Nível remuneratório	Remuneração base (euros)
205810470	Sónia Isabel Vicente Pedro ...	Entre 23 e 24	1 623,22

19 de setembro de 2012. — A Diretora de Gestão de Recursos Humanos, *Paula Caires da Luz*.

206416223

#### Contrato (extrato) n.º 583/2012

##### Contrato de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado

Nos termos e para os efeitos da alínea b) do n.º 1 e n.º 2 do artigo 37.º da Lei n.º 12-A/2008, de 27 de fevereiro, torna-se público que, entre o Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge, I. P., representado pelo Presidente do Conselho Diretivo, Prof. Doutor José Pereira Miguel e o trabalhador a seguir elencado, foi celebrado um contrato de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado, com efeitos a partir do dia 1 de abril de 2012, ficando o mesmo integrado na categoria de técnico de 2.ª classe da carreira técnica de diagnóstico e terapêutica, profissão de análises clínicas e saúde pública:

Número de Identificação Fiscal — Nome — Nível Remuneratório — Remuneração Base  
199848912 — António dos Santos China — entre 12 e 13 — 1.064,80€

19 de setembro de 2012. — A Diretora de Gestão de Recursos Humanos, *Paula Caires da Luz*.

206416094

## MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

### Gabinete do Secretário de Estado do Ensino e da Administração Escolar

#### Despacho n.º 13011/2012

Em resultado do protocolo assinado entre Portugal e a República Popular de Moçambique, foi criada através do Decreto-Lei n.º 241/99, de 25 de junho, a Escola Portuguesa de Moçambique, Centro de Ensino e Língua Portuguesa.

O referido decreto-lei alterado pelos Decretos-Leis n.ºs 120/2004, de 21 de maio, e 47/2009, de 23 de fevereiro, procedendo este último à sua republicação, estabelece o seu regime organizacional e de funcionamento, enquadrando-os no correspondente regime jurídico.

A estrutura orgânica da Escola integra um conselho de patronos em cuja composição está previsto um representante do Ministério da Educação e Ciência, conforme estabelecido na alínea b) do n.º 1 do artigo 6.º

Considerando a especial relevância que o XIX Governo Constitucional dá ao ensino do português no estrangeiro e, designadamente às escolas portuguesas que se encontram sediadas em território estrangeiro cuja língua oficial é o português;

Considerando a particular importância de que se reveste a Escola Portuguesa de Moçambique, Centro de Ensino e Língua Portuguesa;

Considerando a necessidade de acautelar o regular funcionamento dos seus órgãos e, no caso presente, o Conselho de Patronos, órgão de natureza consultiva a quem compete participar na definição das linhas orientadoras da Escola e nas tomadas de decisão do conselho diretivo;

Determino:  
Ao abrigo da competência prevista no n.º 1.5 do despacho n.º 10134/2012, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 145, de 27 de julho de 2012, e nos termos do artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 241/99, de 25 de junho, na redação dada pelos Decretos-Leis n.ºs 120/2004 de 21 de maio, e 47/2009, de 23 de fevereiro, que o republicou:

1 — Designo como representante do Ministério da Educação e Ciência no conselho de patronos da Escola Portuguesa de Moçambique, Centro de Ensino e Língua Portuguesa a Dr.ª Paula Cristina Marinho Teixeira, diretora dos Serviços de Ensino e das Escolas Portuguesas no Estrangeiro, da Direção-Geral da Administração Escolar.

2 — A presente designação produz efeitos a partir do dia imediato ao da sua publicação.

25 de setembro de 2012. — O Secretário de Estado do Ensino e da Administração Escolar, *João Casanova de Almeida*.

206417066

### Gabinetes do Secretário de Estado do Ensino e da Administração Escolar e da Secretária de Estado do Ensino Básico e Secundário

#### Despacho normativo n.º 20/2012

O presente despacho normativo visa estabelecer condições para a promoção do sucesso educativo de todos os alunos e, em particular, das crianças e dos jovens que se encontram em territórios marcados pela pobreza e exclusão social.

Na sequência da implementação do Programa TEIP2 — Programa dos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária, pretende-se agora alargar a medida e reforçar a autonomia das escolas que, estando integradas em contextos particularmente desafiantes, devem ter possibilidades acrescidas para a implementação de projetos próprios, fortemente alicerçados em evidências e no conhecimento que detêm sobre as realidades locais.

Justifica-se assim a criação de um terceiro programa TEIP3, mais concentrado em torno das ações que as escolas identificaram como promotoras da aprendizagem e do sucesso educativo, de modo a assegurar maior eficiência na gestão dos recursos disponíveis e maior eficácia nos resultados alcançados.

O Programa TEIP3 desenvolve-se a partir do ano letivo de 2012-2013 e deve materializar-se na apresentação e desenvolvimento de planos de melhoria, visando, sem prejuízo da autonomia das escolas que os integram, a prossecução dos seguintes objetivos gerais:

A melhoria da qualidade da aprendizagem traduzida no sucesso educativo dos alunos;

O combate ao abandono escolar e às saídas precoces do sistema educativo;

A criação de condições que favoreçam a orientação educativa e a transição qualificada da escola para a vida ativa;

A progressiva articulação da ação da escola com a dos parceiros dos territórios educativos de intervenção prioritária.

Estes objetivos gerais orientadores do Programa TEIP3 convergem com os objetivos de realização pessoal e comunitária de cada indivíduo previstos no artigo 40.º da Lei de Bases do Sistema Educativo, aprovada pela Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, com as alterações introduzidas pela Lei n.º 115/97, de 19 de setembro, e com as alterações e aditamentos introduzidos pelas Leis n.ºs 49/2005, de 30 de agosto, e 85/2009, de 27 de agosto.

Nestes termos, e tendo ainda presentes os princípios consignados nos artigos 3.º e 4.º do regime jurídico de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de abril, alterado pelo Decreto-Lei n.º 224/2009, de 11 de setembro, e alterado e republicado pelo Decreto-Lei n.º 137/2012, de 22 de abril, determina-se o seguinte:

#### Artigo 1.º

##### Objeto

O presente despacho define normas orientadoras para a constituição de territórios educativos de intervenção prioritária de terceira geração, bem como as regras de elaboração dos contratos-programa ou de autonomia a outorgar entre os estabelecimentos de educação ou de ensino e o Ministério da Educação e Ciência.

#### Artigo 2.º

##### Âmbito

1 — Para os efeitos previstos no presente despacho, integram os territórios educativos de intervenção prioritária, adiante designados por TEIP3, os agrupamentos de escolas ou as escolas não agrupadas com elevado número de alunos em risco de exclusão social e escolar, identificados e selecionados a partir da análise de indicadores de resultados do sistema educativo e de indicadores sociais dos territórios em que as escolas se inserem.

2 — Os agrupamentos de escolas ou escolas não agrupadas que, à data da publicação do presente despacho, integram o Programa TEIP2 mantêm-se no âmbito deste Programa, sem necessidade de qualquer outra formalidade, sem prejuízo de outros agrupamentos que venham a ser incluídos.

#### Artigo 3.º

##### Plano de melhoria

As escolas do agrupamento ou a escola não agrupada integrantes de um TEIP3 definem e implementam um plano de melhoria que, no âmbito do projeto educativo e da autonomia da escola, integram um conjunto diversificado de medidas e ações de intervenção na escola e na comunidade, explicitamente orientadas para:

- A qualidade da aprendizagem e dos resultados escolares dos alunos;
- A redução do abandono, absentismo e indisciplina dos alunos;
- A transição da escola para a vida ativa;
- Intervenção da escola como agente educativo e cultural central na vida das comunidades em que se insere.

#### Artigo 4.º

##### Parcerias

Na elaboração dos planos de melhoria, a que se refere o artigo anterior, devem ser ponderadas as circunstâncias e interesses específicos da comunidade e contempladas as intervenções de vários parceiros, designadamente associações de pais, autarquias locais, serviços descentralizados do Estado, incluindo centros de emprego e de formação profissional, centros de saúde, serviços de ação social, empresas, comissões de proteção de menores, instituições de solidariedade e associações culturais, recreativas e desportivas, entre outras.

#### Artigo 5.º

##### Contratualização

1 — Tendo por base um plano de melhoria orientado para a prossecução dos objetivos, definidos no artigo 3.º, os agrupamentos de escolas ou escolas não agrupadas podem estabelecer com os serviços competentes do Ministério da Educação e Ciência:

a) Contratos-programa, nas situações em que os respetivos projetos educativos e apoios a atribuir aconselhem algum apoio e acompanhamento particular da escola na sua concretização;

b) Contratos de autonomia, nas situações em que existem evidências de resultados e boas práticas consolidadas que favoreçam a concessão de apoios orientados para um maior grau de autonomia da escola.

2 — Os contratos-programa têm em vista, designadamente, a realização dos seguintes objetivos:

- Enquadrar a concessão dos apoios específicos na vertente pedagógica e financeira para a execução do projeto educativo;
- Fazer acompanhar a concessão dos apoios de uma avaliação completa dos custos associados à planificação e execução dos projetos.

3 — Os contratos de autonomia têm em vista, designadamente, a realização dos seguintes objetivos:

- Apoiar projetos educativos que visem ampliar a autonomia pedagógica, curricular, administrativa e financeira das escolas e agrupamentos de escolas envolvidos;
- Proporcionar apoios e condições específicas às escolas e enquadrar essa concessão através da avaliação dos custos e dos resultados.

4 — Os contratos-programa e de autonomia devem privilegiar mecanismos de diferenciação positiva no acesso das escolas envolvidas aos recursos e aos meios disponibilizados pelas políticas gerais do sistema de ensino.

5 — Os contratos de autonomia têm por referência, além do previsto no presente diploma, o enquadramento e os requisitos normativos inerentes à celebração dos contratos de autonomia definidos em regulamentação própria.

6 — Os contratos de autonomia celebrados com agrupamentos de escolas ou escolas não agrupadas integradas em territórios educativos de intervenção prioritária devem ainda fazer referência expressa a esta situação, e conferem-lhes, para efeitos da candidatura e atribuição de apoios no âmbito do Programa Operacional Potencial Humano (POPH), tratamento idêntico aos das escolas outorgantes de contratos-programa.

#### Artigo 6.º

##### Acesso ao Programa

Integram o Programa TEIP3 os agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas que acedam ao convite da Direção-Geral de Educação (DGE), formulado com base na análise dos indicadores de desempenho e características sociais do meio envolvente da escola.

#### Artigo 7.º

##### Coordenação do Programa

1 — Cabe à DGE assegurar a coordenação do Programa, devendo esta, no âmbito das suas atribuições:

- Convitar os agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas a integrarem o Programa TEIP3;
- Apoiar na identificação das necessidades, definição de objetivos e metas;
- Selecionar os agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas em função da análise dos respetivos planos de melhoria;
- Negociar e definir os termos dos contratos-programa a outorgar com os agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas e acompanhar a sua execução;
- Monitorizar a execução dos planos de melhoria aprovados, designadamente através da análise dos relatórios semestrais e anuais;
- Decidir da manutenção dos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas no Programa TEIP3;
- Proceder à avaliação interna do Programa TEIP3, produzindo um relatório anual que contenha recomendações para a sua melhoria;
- Propor ações de formação que possam vir a ser incluídas no plano de formação anual das escolas ou nos programas de formação do Ministério da Educação e Ciência.

2 — A coordenação dos contratos de autonomia, previstos no presente diploma, compete à DGE e à DGAE e processa-se nos termos das alíneas previstas no número anterior.

#### Artigo 8.º

##### Critérios de análise dos planos de melhoria

Na análise dos planos de melhoria, a DGE tem em conta:

- A fundamentação da pertinência, relevância e adequação aos objetivos e critérios definidos no presente despacho;
- As metas de promoção do sucesso educativo, combate ao abandono, ao absentismo e à indisciplina propostas pelos agrupamentos;

33346

Diário da República, 2.ª série — N.º 192 — 3 de outubro de 2012

c) A articulação do plano de melhoria com os programas e políticas de combate ao insucesso e abandono escolares e com as prioridades do POPH.

#### Artigo 9.º

##### Elementos integrantes do contrato-programa

Do contrato-programa a outorgar com os agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas com TEIP3 devem constar, entre outros, os seguintes elementos:

- O plano de melhoria, tal como definido no artigo 3.º do presente despacho;
- Recursos envolvidos e forma de afetação ao projeto;
- Plano de financiamento;
- Atividades a candidatar ao POPH.

#### Artigo 10.º

##### Equipas TEIP3

1 — Para assegurar a coordenação das várias intervenções e possibilitar a articulação em rede é criado em cada TEIP3 uma equipa multidisciplinar, cuja composição deve garantir, de forma equilibrada, a participação:

- Do titular do órgão de direção do agrupamento de escolas ou escola não agrupada, que coordena a equipa;
- Dos coordenadores de departamento em que se inserem as disciplinas ou áreas com maiores índices de insucesso;
- De um responsável pela coordenação do plano, nomeado pelo diretor do agrupamento de escolas ou escola não agrupada;
- De um elemento da equipa de autoavaliação do agrupamento;
- De outros elementos que a direção do agrupamento de escolas ou escola não agrupada entenda associar à equipa.

2 — Nas reuniões da equipa multidisciplinar podem, caso a direção do agrupamento de escolas ou escola não agrupada o considere justificado, participar os peritos externos que acompanham o projeto.

#### Artigo 11.º

##### Acompanhamento e avaliação

1 — O acompanhamento e avaliação dos planos aprovados é um elemento fundamental do modelo de intervenção do Programa TEIP3, sendo matéria da responsabilidade dos agrupamentos de escolas e da coordenação do Programa.

2 — A avaliação referida no número anterior compreende a autoavaliação ou avaliação interna do plano, a realizar pelo agrupamento de escolas segundo o modelo de avaliação adotado e que serve de base à elaboração dos relatórios semestrais e anuais, tendo como referência as metas e os objetivos traçados na candidatura e consolidados com a sua aprovação, podendo a sua implementação implicar o apoio de um perito externo de acompanhamento ao projeto, a contratar pelo agrupamento de escolas ou escola não agrupada.

3 — É da responsabilidade da DGE, de acordo com os objetivos gerais orientadores do Programa TEIP3, a sua avaliação interna.

4 — É da responsabilidade de uma entidade independente, a designar pela Direção-Geral de Educação, a avaliação externa do Programa, que o avalia na sua globalidade.

5 — A avaliação dos contratos de autonomia obedece aos requisitos previstos em legislação própria.

6 — A avaliação realizada nos termos dos números anteriores não dispensa as escolas outorgantes e a administração educativa do cumprimento dos compromissos decorrentes das candidaturas ao POPH.

#### Artigo 12.º

##### Norma revogatória

1 — É revogado o Despacho Normativo n.º 55/2008, de 14 de outubro.

2 — Ficam igualmente revogados todos os demais normativos regulamentares que disponham sobre a matéria regulamentada no presente despacho.

#### Artigo 13.º

##### Vigência

O presente despacho vigora durante o ano letivo de 2012-2013 e seguintes.

25 de setembro de 2012. — O Secretário de Estado do Ensino e da Administração Escolar, *João Casanova de Almeida*. — A Secretária de Estado do Ensino Básico e Secundário, *Isabel Maria Cabrita de Araújo Leite dos Santos Silva*.

206417188

## Secretaria-Geral

### Aviso n.º 13190/2012

Nos termos do disposto no n.º 6 do artigo 12.º da Lei n.º 12-A/2008, de 27 de fevereiro, aplicável por força do n.º 2 do artigo 73.º, alínea c) do n.º 1 do artigo 76.º, do Regime do Contrato de Trabalho em Funções Públicas, aprovado pela Lei n.º 59/2008, de 11 de setembro, em conjugação com o n.º 1 da cláusula 6.ª do Acordo Coletivo de Trabalho n.º 1/2009, publicado no *Diário da República* 2.ª série, n.º 188, de 28 de setembro, e o n.º 1 do artigo 1.º do Regulamento de Extensão n.º 1-A/2010, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 42, de 2 de março, e após homologação da ata do júri constituído para o efeito, torna-se público que o trabalhador abaixo identificado concluiu com sucesso o período experimental, na categoria de técnico superior, em regime de contrato de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado:

Mário Filipe Caeiro Queluz — 18,00 valores

(Não carece de fiscalização prévia do Tribunal de Contas)

17 de setembro de 2012. — A Secretária-Geral-Adjunta, *Isabel Pires Rodrigues*.

206417463

### Aviso (extrato) n.º 13191/2012

Nos termos do disposto na alínea b) do n.º 1 e do n.º 2 do artigo 37.º da Lei n.º 12-A/2008 de 27 de fevereiro, torna-se público que se procedeu à celebração de contrato de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado, com efeitos a 1 de fevereiro de 2012, com a licenciada Glória Filomena Silva Monteiro Lima, que ficou posicionada na 8.ª posição remuneratória, nível 39, da respetiva tabela remuneratória única, na sequência de procedimento concursal comum para preenchimento de um posto de trabalho na carreira/categoria de técnico superior, na modalidade de relação jurídica de emprego público por tempo indeterminado, aberto pelo Aviso n.º 21789/2011, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 211, de 3 de novembro de 2011, cuja lista unitária de ordenação final foi publicada pelo Aviso n.º 1118/2012, no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 18 de 25 de janeiro de 2012.

17 de setembro de 2012. — A Secretária-Geral-Adjunta, *Isabel Pires Rodrigues*.

## Direção-Geral da Administração Escolar

### Declaração de retificação n.º 1268/2012

Nos termos dos n.ºs 1, 2, 3 e 4 do artigo 9.º do despacho normativo n.º 13/2009, de 1 de abril, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 64, de 1 de abril de 2009, declara-se que o despacho n.º 12444/2012, de 10 de setembro, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 185, de 24 de setembro de 2012, saiu com as seguintes inexactidões, que, mediante declaração da entidade emitente, assim se retificam:

Onde se lê:

«Ao abrigo do disposto no artigo 41.º do Código do Procedimento Administrativo, e havendo necessidade de assegurar o normal funcionamento da Direção-Geral da Administração Escolar, designo o Professor Doutor Fernando Jorge Silva Colmenero Fernandes, Subdiretor-Geral, como meu substituto nas minhas ausências, faltas e impedimentos.»

deve ler-se:

«Ao abrigo do disposto no artigo 41.º do Código do Procedimento Administrativo, e havendo necessidade de assegurar o normal funcionamento da Direção-Geral da Administração Escolar, designo o Prof. Doutor Fernando Jorge Silva Colmenero Ferreira, subdiretor-geral, como meu substituto nas minhas ausências, faltas e impedimentos.»

26 de setembro de 2012. — O Diretor-Geral, *Mário Agostinho Alves Pereira*.

206417755

## Direção Regional de Educação do Norte

### Agrupamento Vertical de Escolas Cego do Maio

#### Aviso n.º 13192/2012

Nos termos do n.º 6 do artigo 36.º da Portaria n.º 83-A/2009, 22 de janeiro, torna-se pública a lista unitária de ordenação final homologada



